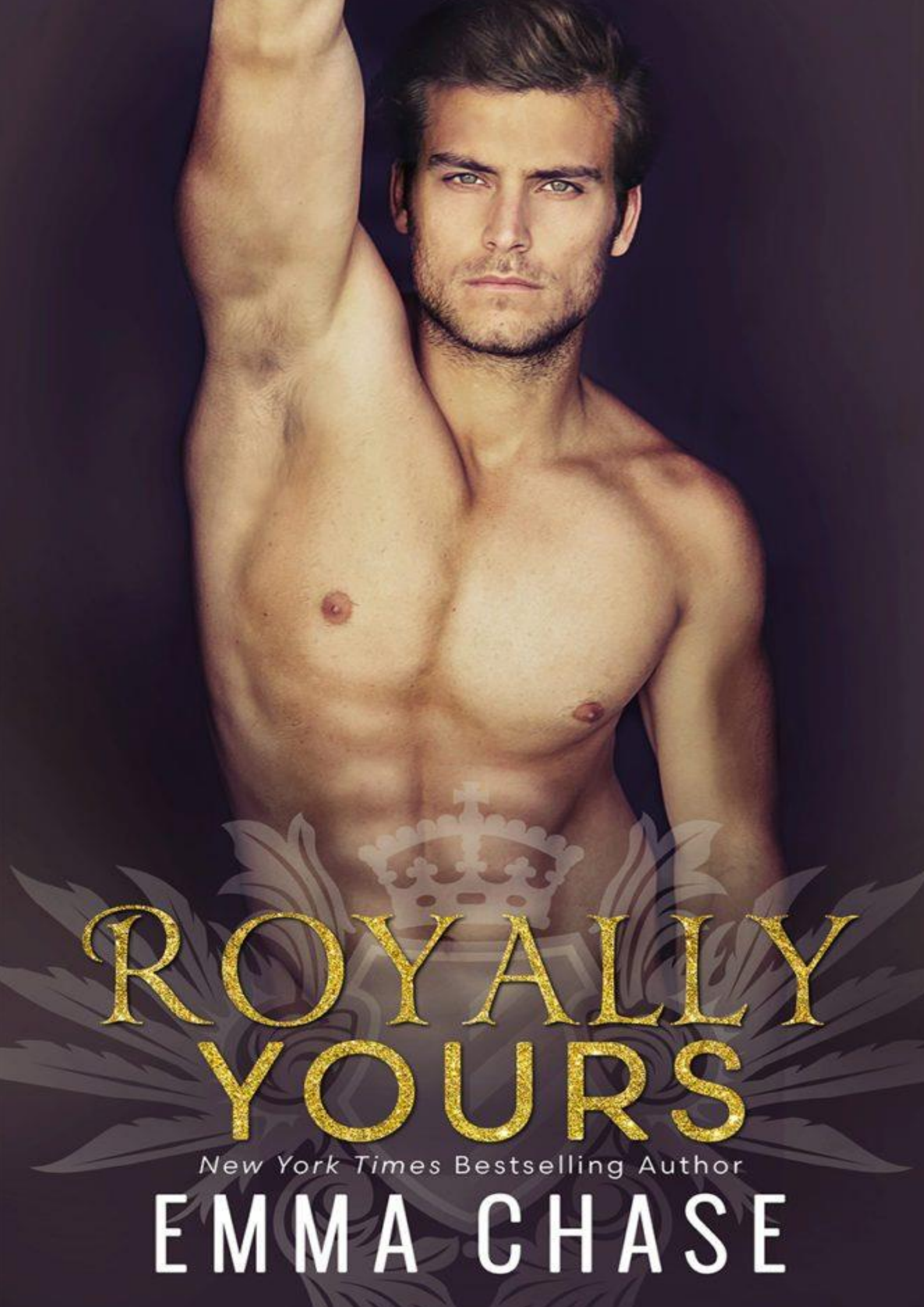

ROYALLY YOURS
New York Times Bestselling Author
EMMA CHASE

Sweet Club Book's



Disponibilização: Eva

Tradução: Lexy, Juzita, Naty, Drika, Keira

Revisão: Thay e Faby

Leitura Final e Formatação: Eva

Fevereiro/2019

ROYALLY YOURS

EMMA CHASE

A Princesa **Lenora Celeste Beatrice Arabella Pembrook** teve uma infância incomum. Ela foi criada para ser uma rainha — a primeira rainha de Wessco.

É muita responsabilidade.

Quando é coroada aos dezenove anos, a bela jovem monarca está preparada para governar. Ela é charmosa, inteligente, confiante e esperta.

O que ela não é ... é casada.

É a prioridade do seu Conselho de Assessoria. É o que o Parlamento está exigindo e o que o povo dela quer.

Lenora não tem vontade de se amarrar a um homem — particularmente alguém que só a quer para sua coroa. Mas sacrifícios devem ser feitos e a realeza deve cumprir seu dever.

Até mesmo rainhas. Especialmente elas.



Anos atrás, **Edward Langdon Richard Dorian Rourke**, afastou-se de seu título e país. Agora ele é um aventureiro — escalando montanhas, explorando selvas, indo onde quiser, quando quiser — até que a devoção familiar o leva para casa.

E uma promessa sagrada o mantém lá.

Para Edward, a pequena rainha arrogante e cautelosa é intrigante, irritante... e totalmente cativante. Querê-la só pode deixá-lo louco — ou se tornar sua maior aventura.



Dentro dos frios muros de pedra do palácio real — a falta de confiança é uma ameaça, as vontades se chocam e um amor inegável e apaixonado mudará o futuro da monarquia para sempre.

Toda dinastia tem um começo. Toda lenda começa com uma história.

Essa é a deles.

SWEET CLUB BOOK'S

PRÓLOGO

Nenhuma mulher nasce rainha, não importa o título ligado ao nome dela no nascimento.

Reis são coroados. Mas rainhas... as rainhas se levantam.

Levantam-se das profundezas da tragédia e do desgosto que sempre parecem segui-las. Elas quebram as cadeias da sociedade e voam através de seus triunfos e alegrias. Elas são forjadas pelo fogo da traição e são moldadas pelo constante e frio choque de vontades.

Ainda assim elas se levantam e então... elas reinam.

Para o bem ou para o mal, na doença e na saúde, até que a morte as separe.

Os vestígios desse reinado são a verdadeira herança dos descendentes. Para a maioria, essa primogenitura é dever, tradição e lealdade.

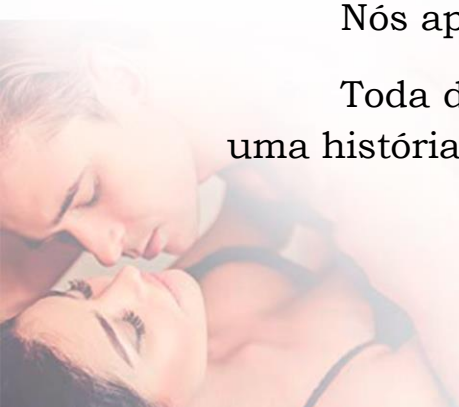
Mas nós dois éramos diferentes. Desde o início e em todos os sentidos.

Paixão que poderia rasgar o mundo inteiro ao nosso redor. Amor que não seria ignorado ou negado. Devoção que duraria além da vida.

Estes seriam nossos legados... nossos dons para aqueles que seguirão nossos passos. Seria marcado em seus ossos e marcado em suas almas.

Nós apenas não sabíamos.

Toda dinastia tem um começo. Toda lenda começa com uma história.



Essa é a nossa.



CAPÍTULO 1

Lenora

Averdeen, 1945

"Você deveria tê-la visto, Alfie. Ela era tão *impressionante*. Mais digna do que qualquer um daqueles inúteis no Parlamento poderia sonhar em ser."

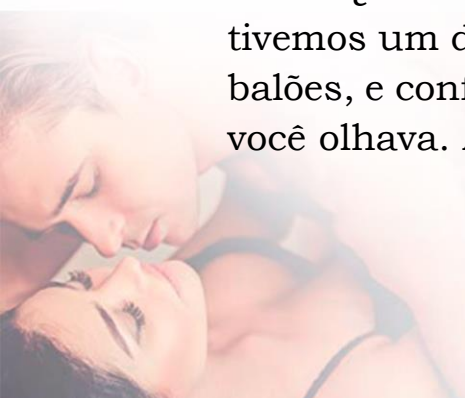
Meu pai, Reginald William Constantine Pembrook, o Rei de Wessco, muitas vezes fala sobre mim como se eu não estivesse perto. Minha mãe chama isso de um hábito lamentável. Mas não me importo, especialmente quando ele está orgulhoso de mim.

"E meus *conselheiros*," ele diz, cuspindo a palavra como uma maldição. "Eles não entendem as pessoas em nada. Malditos idiotas, todos eles."

Os conselheiros do papai falam de mim como se eu não estivesse perto também.

"Oito anos de idade é muito jovem," eles dizem. "Ela vai se humilhar", eles avisaram. "A princesa é apenas uma garota, afinal de contas."

Quando a guerra finalmente terminou no mês passado, tivemos um desfile pela cidade. Havia música e doces, faixas e balões, e confetes dourados flutuando em todos os lugares que você olhava. As multidões acenaram e aplaudiram e deram as



boas-vindas aos homens enquanto marchavam pela rua com seus belos uniformes.

Esta manhã, o restante dos rapazes chegou em casa, mas ninguém aplaudiu.

As gaitas de foles tocavam e um mar de rostos tristes... mães e pais chorosos e irmãos e irmãs... viam os caixões cobertos com bandeiras serem carregados de aviões num desfile que parecia continuar indefinidamente.

Eu queria chorar também. Meu coração parecia como uma bola de chumbo, e meu estômago apertou pelo horror de tudo isso.

Mas eu não demonstrei isso. Mantive meus olhos secos e meu rosto solene. Eu balancei a cabeça e disse a eles que nunca esqueceremos seus bravos garotos. E acho que ao estar lá, minhas palavras, melhoraram... tornaram tudo um pouco menos horrível para eles.

Assim como o pai me disse que seria.

“Estou feliz que funcionou como você queria, Reggie”, Alfie Barrister responde da cadeira de couro junto à lareira.

Alfie é o melhor amigo do pai. Eu gosto muito dele. Ele é grande e redondo e feliz... como um Papai Noel ruivo.

“Há uma chamada para você, Sua Majestade,” um servo diz atrás de mim.

“Vou atendê-la no escritório.”

Ouço a porta da biblioteca logo atrás do pai quando ele sai da sala, mas continuo a olhar pela janela. Do outro lado do tapete de grama verde para a parte de trás do quintal banhado pelo sol, onde um balanço de corda está pendurado em um galho preto espesso de uma árvore que é tão grande como um monstro.

O tipo alegre de monstro.

É a minha parte favorita das visitas a Alfie. Porque, apesar do nosso palácio ter centenas de quartos e corredores intermináveis, e fontes e jardins com flores de todas as cores que você pode imaginar... não há um único balanço pendurado em um galho de árvore em todo o maldito lugar.

Eu não posso dizer em voz alta, mas é bom dizer isso em minha cabeça às vezes.

Alfie se aproxima de mim e olha pela janela também.

"Você gostaria de ir balançar, Chicken?"

Dou um grande sorriso para ele e aceno.

Uns pulinhos depois, Alfie está me empurrando no balanço e parece que estou voando... como se eu fosse um pássaro que pode ir a qualquer lugar... com o sol no meu rosto e o vento no meu cabelo. Meu vestido azul-marinho está enfiado sob minhas pernas para evitar que ele se agite.

"Você pendurou este balanço para si mesmo, Alfie?" Eu pergunto. A prancha de madeira que faz o assento caberia nele.

Ele ri. "Não. É para meus filhos."

Eu viro no assento para olhar para ele. "Você tem filhos?"

"Sim. Dois garotos e uma garotinha."

Eu volto no balanço e contemplo esse desenvolvimento inesperado.

"Eu não acho que gosto de crianças. Eles parecem confusos e indisciplinados."

Não conheço crianças... não oficialmente. Miriam vai para a escola enquanto eu sou ensinada no palácio.



“Mas tenho certeza que gostaria das suas, Alfie.” Olho para cima, examinando o quintal. “Eles estão aqui? Por que não os conheci quando o visitamos?”

“Eles moram na Escócia com a mãe,” explica Alfie.

“Por que a mãe deles mora na Escócia e não está aqui com você?”

Alfie pensa um momento e depois suspira. “Bem... Eu não era um bom marido. Casado com a loja e tudo mais.”

A loja de Alfie, a Barrister’s, é a maior de Wessco. Tem brinquedos, roupas e todo tipo de coisas incríveis. Eu o ouvi dizer ao papai que ele abrirá outra em breve em Londres, e depois que ele acabar de dominar o mundo, ele será legal e deixará papai ficar com a de Wessco.

“Você sente falta deles?” Pergunto.

“Sim.” Alfie acena com a cabeça. “Mas minha esposa é mais feliz na Escócia com sua família. E as crianças pertencem às suas mães.”

Minha mãe é linda, com uma voz suave e longos cabelos castanhos escuros como os meus e olhos que são a cor exata do céu em um dia ensolarado.

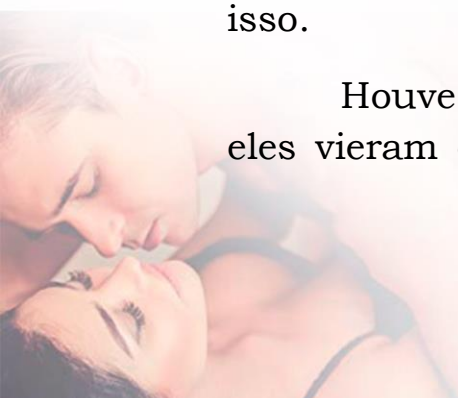
“Eu quase nunca estou com a mamãe,” digo baixinho.

Quando não estou com meus tutores, estou com o papai. Às vezes, quando eles pensam que não posso ouvi-los, a equipe me chama de SSR: Sua Sombra Real.

“Sim, eu sei,” diz Alfie, soando um pouco triste para mim. “Mas você é especial, Chicken.”

Eu sou especial porque um dia serei rainha. Papai disse isso.

Houve dois bebês antes de mim... e um era menino. Mas eles vieram cedo demais, nasceram pequenos demais e não



sobreviveram. Depois que minha irmã mais nova, Miriam, nasceu, minha mãe ficou muito doente e os médicos disseram ao pai que não haveria mais bebês.

E isso significa que eu serei a primeira Rainha Regente que Wessco já teve.

É importante que eu seja boa nisso.

“Por que você me chama de Chicken, Alfie?” Eu me pergunto do alto.

“Porque eu te vi na noite em que você nasceu no Castelo de Ludlow. Eu estava lá na primeira vez que seu pai te abraçou... e era exatamente assim que você parecia. Um Chicken pálido e barulhento sem penas.”

A descrição é perturbadora. Eu franzo a testa.

“Espero que eu não pareça mais um pinto.”

Alfie vai até a frente do balanço, e me observa. Então ele balança a cabeça de um lado para o outro, seus olhos azuis brilhando. “Eh... depende do dia.”

Minha boca cai aberta. “Alll-fie!”

E sua barriga treme no ritmo de sua risada profunda. “É um apelido carinhoso, Lenora. Um carinho. Toda criança deveria ter um.” Ele me dá outro empurrão do lado do balanço. “E acredite ou não, Alteza, você é, de fato, uma criança.”

Alfie se vira para a casa principal, balançando a cabeça. Eu o ouço dizer baixinho: “Deus sabe que alguém tem que te tratar como uma.”



Casa Guthrie, Palácio de Wessco, 1953

A cor da roupa é importante. É a primeira coisa que as pessoas notam em você. Preto é sombrio, branco é virginal, fúcsia muito berrante, pastéis muito femininos. Padrões são importantes também. Bolinhas são muito frívolas, flores muito rasas, listras e mantas podem fazer bem... mas você não deve exagerar.

E para o uso diário... cinza.

De acordo com minha secretária pessoal, a senhorita Crabblesnitch, a cor cinza é a cor perfeita. Nem muito insípido, nem muito ousado, é suave, mas não fraco, atraente, mas não superficial.

Provavelmente vou morrer em um vestido cinza. E essa será a minha roupa fantasma.

Para sempre.

"Aquele hoje, Megan." A Srta. Crabblesnitch aponta para o conjunto na mão esquerda da empregada... um vestido de malha de tweed de manga curta com anáguas bufantes e jaqueta combinando.

Em cinza. Claro.

Depois que estou vestida, eu me sento na penteadeira e Megan começa a arrumar meus longos cabelos em seu coque típico, deixando minha franja varrida para o lado e alguns fios soltos para suavizar o visual.

"Boa tarde, senhoras." Mamãe entra no quarto, elegante e sorridente, usando um vestido de seda azul-escuro esbelto

com um delicado padrão floral branco. Miriam segue atrás dela em verde pálido com uma faixa combinando em seu castanho claro cabelo.

"Obrigada, Megan. Vou terminar aqui," Mamãe diz, tomando o lugar da empregada atrás de mim. A senhorita Crabblesnitch e Megan fazem uma reverência e saem do quarto.

"Nunca corte o seu cabelo, Lenora," mamãe diz enquanto o prende. "É tão bonito."

Mamãe é a única que me chama de linda e doce e uma centena de outras palavras que me fazem sentir prazerosa por dentro. Isso me faz sentir... normal. Ou o que eu imagino que 'Normal' deve ser.

Ela termina o meu cabelo e pega meus olhos no espelho, franzindo o nariz. "A Senhorita Crabblesnitch escolheu cinza novamente?"

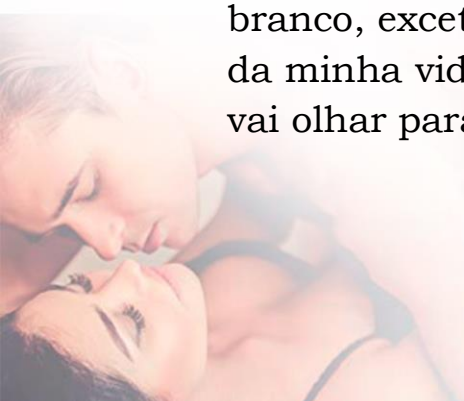
Eu suspiro dramaticamente. "Cinza como o sombrio céu de Wessco... e minha alma."

"Garota atrevida." Mamãe ri. Então ela se vira e olha para o vestido brilhante e esvoaçante pendurado do lado de fora do meu closet. "Pelo menos você será capaz de se misturar hoje à noite no seu baile de aniversário."

Eu me levanto ao lado dela. "Sim, porque o prateado é muito diferente do cinza."

Mamãe pressiona a mão macia na minha bochecha. "Complementa seus olhos. Você será uma visão."

"Eu quero ter um baile preto e branco para o meu aniversário," diz Miriam. "E todo mundo vai usar preto e branco, exceto eu que vou usar um azul. E conhecerei o amor da minha vida e vamos dançar e dançar e dançar. E ninguém vai olhar para Lenora."



Minha irmã de quatorze anos mostra a língua para mim.

Encantadora.

"Você pode ter todos os olhares," digo a ela. "Se ninguém nunca se virar na minha direção novamente, eu ficaria perfeitamente feliz."

Mamãe verifica o relógio. "Venha comigo, querida. Seu pai está lá embaixo e você sabe que ele odeia ficar esperando."

Papai está no pé da escada, coluna reta, mãos cruzadas atrás de suas costas. Ele é muitos anos mais velho que a mamãe, com linhas no rosto e mais branco no cabelo do que marrom. Mas juntos eles são um casal atraente, e quando ele olha para ela, seus olhos azul-acinzentados são brilhantes, como os de um homem muito mais jovem.

Nós não esperamos elogios do Rei, e ele não nos dá nenhum. Nunca foi assim. Mas ele oferece a mãe seu braço, e nós quatro atravessamos o grande foyer de mármore para o carro que nos levará ao almoço do Parlamento para celebrar meu aniversário.

"Lembre-se, Lenora... sem dança hoje à noite," meu pai diz sem se virar.

"Oh, Reggie. É seu décimo sexto aniversário," reclama a mamãe.

"Precisamente. Não terei rumores se espalhando sobre ela com este ou aquele filho de um senhor, porque ela foi vista dançando muito de perto."

Rumores são como um dente em uma marreta... você pode consertá-lo, mas nunca será como antes. O arcebispo de Dingleberry... nem me fale sobre o nome dele... disse isso ao papai uma vez. Ele tem um rosto enrugado e amargo como um pedaço de fruta que ficou ruim, e você pode simplesmente dizer que a sua mãe que nunca o deixou comer doces quando criança.

Mamãe tenta novamente. “Pelo amor de Deus, não estamos em 1.800.”

E meu pai diz uma das coisas mais verdadeiras que eu já ouvi:

“Dentro dessas paredes, ainda estamos.”

O almoço do Parlamento progride exatamente como eu esperaria de uma sala cheia de velhos cujo som favorito no mundo são suas próprias vozes monótonas. Eu olho para o teto ornamentado, pintado como um mural e rezo por um ato de Deus para me salvar do meu tédio. Nada chamativo como um terremoto ou um vulcão, mas talvez uma pequena praga? Sapos seria bom. Eu me contentaria com gafanhotos neste momento.

Mas Deus me abandonou... porque a tarde se arrasta ininterruptamente.

“Verrugas.”

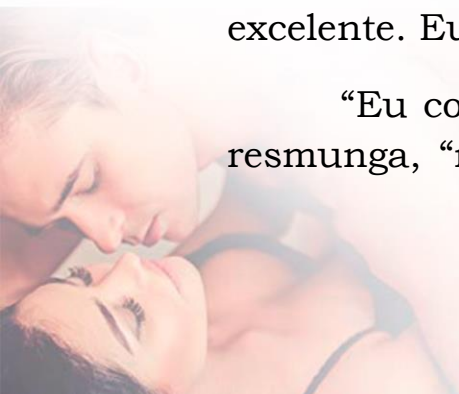
É engraçado como quando você pensa que as coisas não podem piorar, elas sempre fazem.

“Perdão?”

A barba do Marquês de Munster é tão grande que mal consigo distinguir sua boca. Mas posso ver as sobras de seu almoço... pedaços de presunto e queijo pendurados no cabelo cinza e encaracolado como horríveis enfeites de árvore de Natal.

Não me engasgo. Ou faço careta. Meu autocontrole é excelente. Eu deveria me dar uma medalha.

“Eu costumava ser o melhor piloto no Parlamento,” ele resmunga, “mas tive que parar por causa das verrugas nos



meus pés. Brotando como ervas daninhas. Há uma no meu dedão do pé que é tão grande quanto uma uva suculenta."

E meu reflexo de engasgar é posto à prova.

"Você gostaria de ver, Sua Alteza?"

"Ver?" Eu repito, porque... ele realmente não disse isso, ele disse?

"É realmente magnífico, na verdade, medicinalmente falando."

E ele alcança sua bota esquerda.

"Uh, eu..."

"Boa tarde, lorde Munster!"

Miriam, minha irmã favorita no mundo inteiro, pula ao meu lado, enfiando o braço dela no meu. "Receio ter de roubar minha irmã. Conversa de mulher. Você entende."

"Oh, sim, claro." Munster se curva. "Um feliz aniversário para você, Princesa Lenora."

"Obrigada."

Com nossos braços ligados, Miriam e eu nos afastamos.

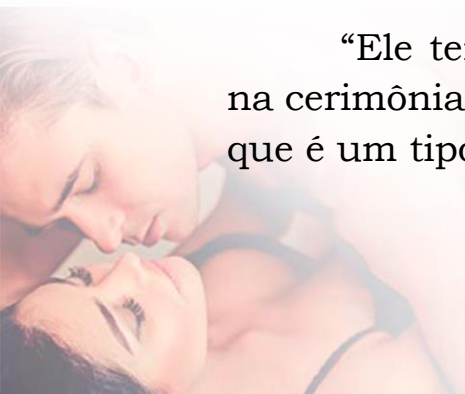
"Você me deve," ela sussurra. "Eu quero usar seu colar de safira no baile hoje à noite."

"Você pode ter o colar e os brincos também. Você os ganhou."

"Ele estava tentando lhe mostrar sua magnífica verruga?"

"Como você sabia?"

"Ele tentou a mesma coisa com Elizabeth Montgomery na cerimônia de cavalaria do seu tio no mês passado! Eu acho que é um tipo bizarro de ritual de acasalamento."



“O que isso significa?” Eu bufo.

“Bem, primeiro ele mostra seu dedo do pé, mas isso é só o começo. A próxima coisa que você sabe é ‘Venha agora, querida, e deixe-me mostrar-lhe *todas as minhas outras partes que têm verrugas!*’” Ela balança as sobrancelhas e eu cubro minha boca, e nós nos acabamos em uma risadinha efervescente.

Às vezes, quando me permito pensar nisso, quase não consigo acreditar em como essa vida é incrivelmente estranha. E olho para a cidade da janela do palácio e me pergunto se é estranha para todos... talvez não da mesma maneira que é para mim, mas estranha, mesmo assim.

Um jovem entra na sala e tenho certeza de que não o vi antes. Ele é pálido, com cabelos grossos, escuros, bem aparados e traços de menino por trás de óculos quadrados de aro preto. Ele atravessa a sala como um cachorrinho entusiasta em um novo pátio... todo ansioso e de olhos arregalados.

“Miriam, quem é esse menino?”

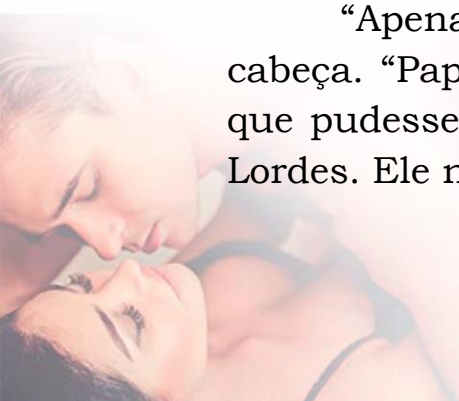
A fofoca é mesquinha, mas no mundo da política é também essencial. Eu tento acompanhar, mas o conhecimento de Miriam me deixa envergonhada. Inferno, ela deixou um espião do MI6 envergonhado.

“Ele é o novo Duque de Anthorp,” ela sussurra de volta.

O Duque de Anthorp é o título da família Rourke... um nome que é tão antigo e prestigiado em Wessco quanto Pembrook.

“Ele é tão jovem.”

“Apenas um ano mais velho que você.” Ela acena com a cabeça. “Papai teve que lhe dar uma dispensa especial para que pudesse assumir o lugar de sua família na Câmara dos Lordes. Ele não te contou?”



Eu sacudo minha cabeça.

E Miriam diz tudo. “Oh, é a parte mais suculenta! O novo duque é na verdade o segundo filho de Rourke. Seu irmão... mais velho por oito anos... teve um desentendimento com o velho duque quando se juntou à guerra contra a vontade do pai. Quando a guerra terminou, o filho mais velho voltou para casa e o duque se ofereceu para reintegrá-lo. Mas ele não queria nada com isso! Ele saiu!”

“Saiu?” Eu não posso imaginar isso... ir embora de sua casa, sua família... seu dever. É tão inconcebível para mim quanto andar no meio da rua sem roupas.

“Aonde ele foi?”

“Qualquer lugar que ele quis.” Miriam suspira. “Dizem que ele viajou por todo o mundo escalando montanhas, explorando florestas e detendo um recorde de mergulho em águas profundas. Ele encontra tesouros.”

“Tesouros?” Os Rourkes têm tanto dinheiro quanto nós.

“Mas é por isso que é tão sonhador! Ele não encontra o tesouro porque precisa... ele faz isso só porque pode. Ele dá para instituições de caridade... dizem que uma vez deu um raro diamante para um menino órfão mendigando na rua. Mudou sua vida.”

Oh... isso é bastante sonhador.

“O velho Duke morreu há alguns meses.” Miriam estala os dedos dela. “Dizem que o mais velho não voltou para o velório, mas os dois irmãos são supostamente muito próximos. E agora o irmão mais novo é o Duque de Anthorp.”

Eu observo o garoto por um momento enquanto ele sorri e conversa com os velhos aglomerados em torno dele... como se estivessem tentando sugar sua juventude através da proximidade. Há uma abertura em sua expressão, um

descuido em sua postura e isso é raro por aqui. Ele parece... gentil. E genuíno.

O Parlamento vai comê-lo vivo.

“Qual é o nome dele?” Eu pergunto.

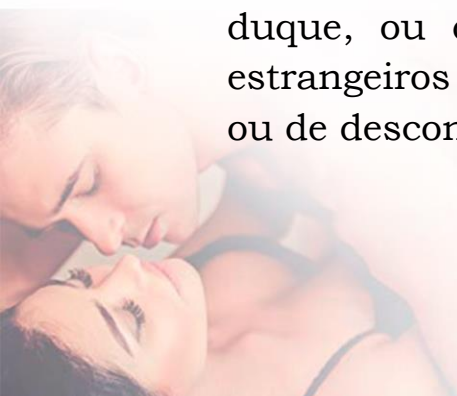
“Thomas”

O meu baile de aniversário está se revelando uma grande melhoria do almoço. Sinto-me luminosa em meu vestido prateado com o cabelo preso em cachos brilhantes em minha cabeça, rodeada por uma tiara de diamantes impecável. E não ouvi a palavra verrugas uma vez sequer.

É um evento extravagante... longas mesas cheias de caviar e champanhe espumante em taças de cristal. Os espelhos dourados nas paredes do salão de baile refletem o borrão de vestidos de dança, joias reluzentes, cartolas e bengalas, e a música ritmada de uma orquestra de vinte peças está em boa forma. Os convidados incluem um ex-presidente americano, membros da realeza de todos os países da Europa e todas as famílias nobres de Wessco.

Eu fico de pé ao lado da parede, ao lado de uma coluna de mármore... meus pés batendo no ritmo da música que não vou dançar.

Ocasionalmente, um simpatizante para e puxa uma conversa... como Elvin Busey, um empresário de meia-idade e bem relacionado que queria me contar tudo sobre seu novo negócio de estofados, caso eu queira investir. De vez em quando, um menino da classe alta passa — o filho de um duque, ou de um conde ou de um dos vários príncipes estrangeiros — cada um com expressões de luxúria, ganância ou de desconforto em seus rostos quando olham para mim.



“Esse vestido é o melhor, Lenora!” Minha prima Calliope me dá dois polegares para cima enquanto passa com sua comitiva.

O hobby de Calliope é escrever histórias de horror detalhadas sobre a terrível morte de todos os membros da família real que se interpõe entre ela e o trono. Incluindo eu.

Essas interações não são genuínas. Não são verdadeiras ou sinceras.

O resto dos convidados tendem a me observar do outro lado da sala, enquanto tentam parecer como se não estivessem. Mas a atenção é tangível e ponderada — algo que você pode sentir. Como se por reflexo, eu fico mais rígida, reta e minhas feições escorregam para dentro dessa máscara ilegível de indiferença.

“Você está se divertindo, querida?” Minha mãe pergunta.

Ela parece uma joia hoje à noite. Seu vestido é de veludo vermelho e há rubis piscando presos por todo o cabelo escuro.

“Sim, estou me divertindo.”

Da mesma forma que um ovo Fabergé deve se divertir enquanto é admirado, em sua caixa de vidro protetora.

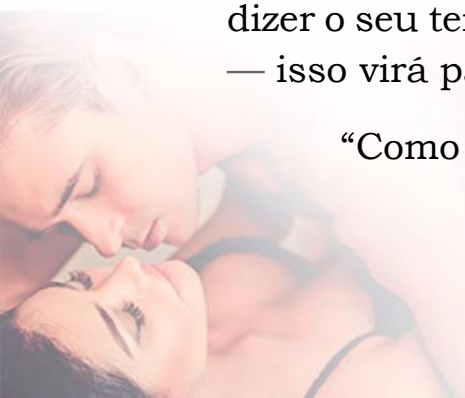
Risos e conversas vêm do grupo de jovens nobres atrás de nós. Mamãe ouve também.

Ela envolve o braço em volta da parte inferior das minhas costas, apertando com uma força gentil. “Sua hora vai chegar, Lenora.”

“Eu sei.” E dou de ombros.

“Não quero dizer quando você se tornar rainha. Quero dizer o seu tempo para o riso... para o amor. Alegria e excitação — isso virá para você também. Estou certa disso.”

“Como você pode ter certeza?”



Há histórias antigas sobre a tia-avó da minha mãe, Portia. Dizem que ela era uma mulher estranha que às vezes tinha sonhos que tinham um jeito engraçado de se tornar realidade.

Ela cobre minha mandíbula com suas mãos. “Porque você, querida garota, é extraordinária em todos os sentidos. Só faz sentido que cada parte da sua vida seja extraordinária também.” Ela beija minha testa. “Estou tão orgulhosa de você... tão orgulhosa de ser sua mãe.”

Eu não gasto muito tempo com a mamãe, não tanto quanto eu gostaria. Mas quando faço, ela sempre consegue fazer isso — afugentar a melancolia tão facilmente quanto uma fada balançando sua varinha.

“Obrigada, mãe.”

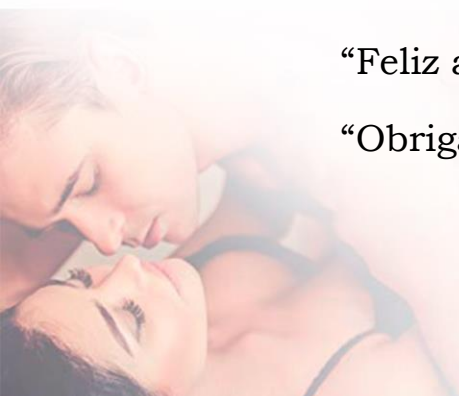
Ela olha por cima do meu ombro e seu sorriso cai como uma bomba. “Oh inferno... o Marquês de Munster tem a Rainha Mãe da Espanha encurralada. Se ele mostrar aquele maldito pé de verruga, acabaremos em uma guerra sangrenta.”

Enquanto minha mãe se afasta para evitar um incidente de ataque internacional, vejo o jovem duque de Anthorp novamente. Ele está duas colunas abaixo, encostado na parede, sua posição quase uma imagem espelhada da minha. E como ele pode muito provavelmente me ver, sua cabeça vira na minha direção — ele aperta os olhos, como se ainda não pudesse me ver bem, apesar dos óculos grossos em seu rosto.

E então ele se encaminha para cá, com as mãos cruzadas atrás das costas. Quando me alcança, ele se inclina na parede ao meu lado, inclinando a cabeça, dando um sorriso inicial.

“Feliz aniversário, princesa Lenora.”

“Obrigada, Duque Anthorp.”



Ele recua. “Por favor, me chame de Thomas. Ou Rourke. Toda vez que ouço o título, procuro por meu pai. Ele era um desgraçado miserável quando estava vivo e não espero que dois meses de morte tenham melhorado sua disposição, então o pensamento dele estar por perto é... perturbador.”

Uma risada se agita na minha garganta. Que coisa estranha e honesta de dizer!

Eu concordo. “O que você está achando do parlamento, Thomas?”

“Desafiador. Ouvi dizer que não há amigos na política — apenas inimigos e homens que você ainda não sabe que são seus inimigos. Estou começando a ver o quanto isso é preciso.” Ele balança a cabeça. “Eu só tenho que descobrir isso. Sou o membro mais jovem do Parlamento — é importante que eu seja bom nisso.”

“Sim, conheço o sentimento.”

Uma onda de simpatia aumenta dentro de mim por ele. É como ver uma corça na floresta, quando você sabe que os lobos estão próximos.

“O truque é guardar suas opiniões,” digo a ele. “Não deixe ninguém saber o que está pensando. Você deve trabalhar na sua cara de pôquer.” E como ele parece tão jovem e sozinho, eu digo, “Eu poderia ajudá-lo com isso. Mostrar as cordas, por assim dizer. Dar-lhe algumas dicas.”

E é como se eu tivesse oferecido a ele o mundo.

“Você faria isso por mim? Isso é muito gentil.” Ele olha para a pista de dança e sua voz baixa. “Não tenho muitos amigos, especialmente aqui na cidade. Sou mais um lobo solitário, sabe? Um rebelde.” Ele encolhe os ombros e me dá um sorriso autodepreciativo. “Bem... um excêntrico pode ser mais preciso. Um patinho feio.”

Sorrio. “Eu também conheço esse sentimento.”

Thomas ajusta seus óculos. “Posso te perguntar uma coisa?”

“Claro.”

“É a sua festa, porque você não está dançando?”

Minha irmã espiã coloca a cabeça para fora de trás da coluna como um esquilo intrometido pulando de uma árvore.

“Ela não é permitida dançar.”

“Por que ela não é permitida?” Thomas pergunta.

“Chicletes,” Miriam explica... muito feliz.

“Sim, claro.” Thomas acena com a cabeça. “Entendo.”

E então a cabeça dele se vira com um balançar.

“Não, espere, eu *não* entendo. O que chiclete tem a ver com isso?”

Sim, é tão ridículo quanto parece.

“Uma dama é como um adorável chiclete,” Miriam tagarela. “Doce e imaculado, mas se você não for cuidadoso, todos os rapazes terão um gostinho.”

“Mas nenhum homem decente,” continuo imitando uma velha rabugenta, “vai querer colocar um chiclete usado em sua boca.”

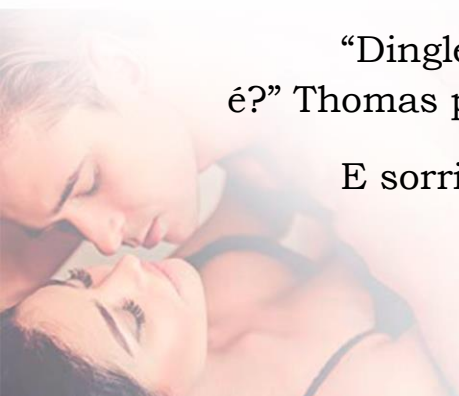
Thomas parece considerar a ideia seriamente.

“Isso é uma carga de idiotices, jamais ouvi isso. Quem disse isso?”

“O arcebispo de Dingleberry,” eu respondo. “Meu pai levou isso diretamente ao coração.”

“Dingleberry, eh? O nome meio que diz tudo, então, não é?” Thomas pisca.

E sorrio alto.



Miriam também, então ela pega o pulso de Thomas. “Agora, Lenora pode não ter permissão para dançar, mas eu tenho. E essa música é uma das minhas favoritas. Vamos dançar, duque.”

Thomas parece surpreso. “Bem, tudo bem.”

E Miriam o arrasta para a pista de dança.

Duas danças depois, eles voltam.

“Nós inventamos um plano!” Minha irmã sussurra-grita.

Oh não.

Já estou balançando a cabeça. “A última vez que você teve um plano, acabei me sentando ao lado do Winky fedido no jantar. Não, muito obrigada.”

Thomas olha para trás e para frente entre nós.

“Winky fedido?”

“O Visconde de Winkerton,” Miriam explica.

“O homem cheira como o rabo de um porco,” acrescento.

Thomas ri.

“Mas isso é totalmente diferente!” Miriam pula na ponta dos pés. “Este plano vai realmente funcionar! Vou criar uma distração — sou boa nisso. E você terá a chance de dançar, Lenora.”

Os suaves olhos verdes de Thomas encontram os meus. “Todo mundo deveria começar a dançar em seu aniversário — chiclete seja amaldiçoado.”

A excitação brota no meu estômago e um desconhecido sorriso malvado curva meus lábios.

“Eu não deveria.”

“É por isso que é divertido,” insiste Thomas.

“Eu não sei...”

“Oh, vamos lá!” Minha tentadora irmã serpente reclama. “Pelo amor de Deus, viva um pouco.”

Eu olho em volta da sala, procurando os olhos curiosos que sempre me seguem, então respiro fundo e aceno com a cabeça. “Tudo certo.”

“Brilhante!” Miriam bate as mãos, depois olha para Thomas. “Espere o sinal.”

Ela corre para o meu pai, puxando o rei para a pista de dança. As lâmpadas das câmeras do fotógrafo do palácio brilham, e você pode praticamente ouvir a sala inteira suspirar com a preciosidade de ver o rei de Wessco dançando com sua filha mais nova.

Thomas está ao meu lado, olhando para a frente, a mão a poucos centímetros da minha. “Espere por isso... espere...”

“Oh não!” Miriam grita, e se todos os olhos não estavam nela e no meu pai antes, estão agora.

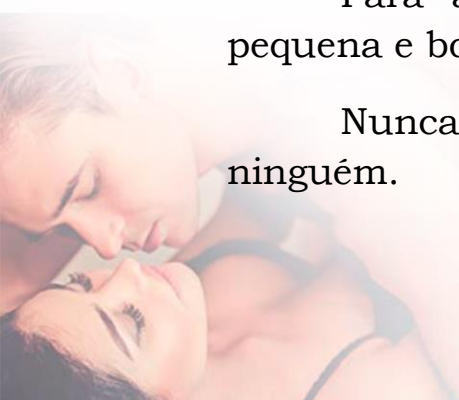
“Agora!” Thomas sussurra, agarrando minha mão e correndo pela porta atrás de nós, enquanto Miriam continua a perder seu amado brinco de safira que era um presente do rei das Bermudas.

A sala em que Thomas e eu entramos é a sala de cor lilás e dourada, que era usada na época dos espartilhos, para todas as senhoras desmaiadas que caíam como moscas. Mas esta noite está vazia.

Thomas espia pela fresta da porta, escutando — e depois de um momento ele sorri. “Está limpo.”

Para a maioria das pessoas, isso seria uma coisa pequena e boba. Mas eu não sou a maioria das pessoas.

Nunca desobedeci meu pai — nunca desobedeci ninguém.



E eu me sinto... viva. Talvez o mais viva que já me senti.

A bela música vem claramente através das paredes — uma melodia divertida e rápida.

Thomas endireita o casaco do smoking e os óculos. Então ele se curva, estendendo a mão. “Posso ter a honra desta dança, Princesa Lenora?”

E pela primeira vez, para alguém que não é meu pai ou uma relação direta, eu respondo: “Eu ficaria encantada.”

Thomas aperta a mão direita, ajeita os braços e descansa a outra mão na minha cintura. E sob o candelabro escuro e dourado dançamos. Nós pulamos e giramos, giramos e embaralhamos. Quase caímos uma vez e Thomas pisa na ponta dos meus pés... mais de uma vez.

“Ai!”

“Desculpa.”

“Ow!”

“Minha culpa, não vai acontecer de novo.”

No momento em que a música termina, minha cabeça parece leve e meu coração dispara. Não de uma maneira romântica e desalinhada, mas mais tola — mais doce — como seria a dança de um querido irmão. “Você não é muito bom em dançar, Thomas.”

Ele sorri, ofegando. “Sim, eu provavelmente deveria ter avisado você. Mas imaginei que dançar mal era melhor que não dançar.”

Ele enfia a mão no bolso e tira um pequeno dispositivo de metal que coloca na boca e respira profundamente. Eu li sobre eles — uma nova maneira de administrar a medicina inalada.



Ele solta o ar devagar, depois encolhe os ombros, explicando: “Asma.”

Eu aceno quando ele desliza o dispositivo de volta no bolso. E quando uma nova música começa, Thomas levanta as sobrancelhas. “Quer ir de novo?”

Concordo e coloco minha mão de volta na sua.

Mas só demos alguns passos quando um grito agudo vem da sala externa. E a música é cortada. E um silêncio ainda sinistro nos cobre como um cobertor.

Thomas e eu nos entreolhamos e corremos para a porta.

Os convidados estão agrupados na pista de dança. Eu abro caminho até o centro e lá, no chão, meu pai embala minha mãe em seus braços.

“Anna, Anna!”

Ela não responde.

Seus olhos estão fechados e seu rosto está imóvel e um fio de sangue vermelho escuro se infiltra do nariz dela.

“Anna...”

Miriam está se enrolando em mim, escondendo o rosto no meu braço. Há um zumbido em meus ouvidos, um oceano inteiro batendo contra o meu cérebro. E é como se eu estivesse debruçada sobre a beira de um penhasco, prestes a mergulhar nas mandíbulas do mar escuro e sem fundo.

Mas então, do outro lado, há uma mão no meu ombro — quente e forte.

Tiro meus olhos dos meus pais e o olhar verde suave de Thomas me pega. Ele segura mais forte — amarrando-me, ancorando-me, deixando-me saber que não estou sozinha, que ele está lá.

E não vai me deixar cair.

CAPÍTULO 2

Lenora

"Sua mãe morreu."

Palavras tão tristes. Palavras terríveis — as palavras mais terríveis que já ouvi.

"Sua mãe morreu."

O rei parece envelhecer dez anos enquanto as diz. E eu assisto quando toda a alegria é arrancada dos olhos dançantes de Miriam.

"Sua mãe morreu."

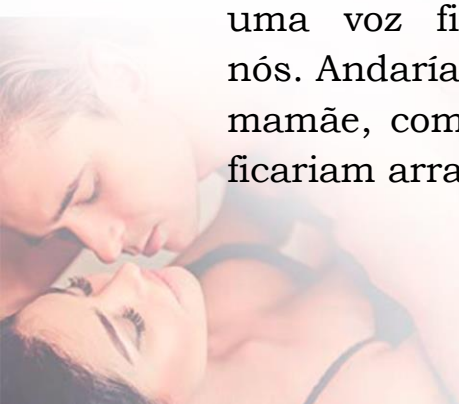
Nada será o mesmo. Nada será tão divertido e maravilhoso como poderia ser. Ninguém nunca me chamaria de doce ou bonita novamente.

Um aneurisma craniano, disse o médico. Uma ocorrência esquisita, ele explicou. Nenhum sinal de aviso, nenhum tratamento que pudesse impedi-lo.

Meu pai é um bom rei, um cavalheiro.

Mas ele não é um homem gentil.

Então no dia após a morte da minha mãe, ele falou com uma voz firme e dura sobre o que era esperado de nós. Andaríamos pelas ruas de Wessco atrás do caixão de mamãe, como é a tradição. Mamãe era amada e as pessoas ficariam arrasadas, e cabia a nós levá-las pelo sofrimento.



Nosso próprio luto seria feito em particular — não em vista das empregadas domésticas, das secretárias ou da segurança — devemos apenas mostrar compostura. Força. Dignidade.

"Sua mãe morreu."

E assim, na manhã do funeral de minha mãe, a empregada preparou o meu banho. E sozinha naquela banheira de porcelana, eu escorreguei debaixo da água e chorei até que não houvesse mais lágrimas dentro de mim.

"Posso te perguntar uma coisa?"

Uma semana depois do funeral da mamãe, fomos a Alfie no fim de semana, e pescamos carpa no grande lago da sua propriedade.

De acordo com o pai, é importante que eu seja habilidosa em todos os tipos de atividades de lazer masculinas — porque é onde os negócios realmente são feitos. Nas mesas de cartas, campos de caça e lagoas de pesca. Ele me teria em um campo de rúgbi se achasse que eu poderia me sair bem.

"Você pode me perguntar qualquer coisa, Lenora."

Meus olhos se movem ao meu lado para Alfie, depois de volta para o meu pai. "É pessoal."

"Continue."

Olho para este homem — meu pai, meu rei, meu mentor — que na maioria das vezes eu sinto que não sei nada.

"Você a amou? A mamãe?"

Ele lança sua linha na água e seus olhos cor de aço — o mesmo tom que o meu — são cobertos por uma nuvem.

“Sei que você se importava com ela, mas você a amou? Verdadeiramente?”

Meu pai tem um jeito de transmitir uma lição sem fazer parecer uma palestra. Sua voz possui um tom sábio, ressonante — como a voz de Deus — que faz você querer seguir e obedecer.

“Sua mãe era uma boa mulher. Graciosa... jubilante. Quando você se senta no trono, todo mundo quer um pedaço de você — um pedaço para o povo, um pedaço para a imprensa, um pedaço para o Parlamento, um pedaço para o seu cônjuge, um pedaço para seus filhos. Eventualmente, você tem que se cortar em pedaços muito pequenos, e você sente como se enganou a todos. Mas sua mãe nunca me importunou.”

Ele vira a cabeça e coloca a mão no meu ombro. “Não será assim para você, Lenora. Alguma parte do seu marido sempre se ressentirá de você.”

“Por quê?”

“Você é uma garota inteligente — diga-me por quê.”

Penso em tudo que sei e tudo que eu vi, e a resposta não é difícil.

“Os homens não gostam de se curvar. Para ninguém. Mas especialmente não para uma mulher — para sua esposa.”

Meu pai bate no meu ombro e acena, depois seu olhar volta para o lago.

“Quando chegar a hora de você se casar, encontraremos um homem bom e ambicioso.”

“Ambicioso?”



“Um homem ambicioso a apreciará pela riqueza e poder que você lhe dá. E como ele vai querer ficar em suas boas graças, sei que ele lhe tratará bem.”

Quando você não consegue pensar em nada inteligente para dizer, o sarcasmo nunca decepciona.

“Ganância, riqueza e poder? Oh caramba — é como um conto de fadas. Eu posso desmaiar.”

Meu pai toca em sua linha de pesca. “Não encha sua cabeça com contos de fadas, criança. Ou pensamentos de amor. Eles não são para nós. Só lhe trarão tristeza.”

Com isso, ele se afasta para o lacaio trocar a isca. Eu olho para as suas costas.

“Ele não respondeu a minha pergunta,” digo a Alfie.

“Claro que sim,” Alfie diz gentilmente. “Ele amava muito sua mãe.”

Eu inclino minha cabeça. “Como você sabe?”

“Seu pai nunca mentiria para você... e ele não lhe disse não.”

“Então por que ele simplesmente não disse sim?”

“Porque o amor é horrível, Chicken. E fantástico. Uma coisa bonita, horrível e bagunçada. Faz você se sentir como se pudesse voar em um dia e rasgar suas tripas no próximo. É complicado.” Alfie encolhe os ombros. “E seu pai quer que você seja simples o máximo que puder. Porque ele sabe que já existe toda uma série de complicações apenas esperando para ser colocada na sua linda cabeça.”



Na manhã seguinte, estou de volta ao palácio e à minha penteadeira, enquanto Megan detém duas roupas para a senhorita Crabblesnitch escolher.

E parece que uma vida se passou. Como se muita coisa mudou.

Como se eu mudei.

Olho para os conjuntos no espelho — uma saia e blusa cinza-claro e um vestido amarelo de mangas curtas com botões na frente. Eu já sei qual a senhorita Crabblesnitch vai escolher.

Há uma velha história sobre Vincent van Gogh comendo tinta amarela. Alguns dizem que ele fez isso porque queria morrer; outros dizem que ele estava tentando levantar o ânimo ao ingerir a cor alegre. Talvez não tenha sido nenhum dos dois. Talvez ele apenas tenha dito 'que diabos' — e fez isso porque queria.

Porque ele podia.

Porque a escolha era dele.

Eu me levanto e me viro para a roupa nos braços de Megan. E aponto para o vestido amarelo. "Eu usarei aquele hoje."

Minha secretária pisca para mim. Então ela levanta o nariz pontudo e ofega. "Princesa Lenora, isso não é..."

"Aquele."

Eu mal reconheço minha própria voz. Ela vem de algum lugar dentro de mim, fria e cortante. E decidida.

Hoje serei amarelo. Amanhã eu serei outra cor.

Mas não serei cinza.

No meio, indecisa.



Não vou flutuar como uma pluma capturada em uma corrente, enquanto outros me puxam na direção que querem e fazem minhas escolhas por mim.

Se quiser dançar, vou dançar. E se eu escolher usar amarelo, então amarelo será.

Porque o que sei agora, o que eu não sabia antes, é que a vida é muito curta, imprevisível demais e cruel demais para qualquer coisa menos.



CAPÍTULO 3

Lenora

Palácio de Wessco, 1955

Foi dito que uma pessoa pode mudar o mundo — e por causa de quem minha família é, sei que isso é verdade. O que eu não sabia era que uma pessoa pode mudar sua vida. Preencher o vazio, os espaços ocos por dentro que você nem sabia que estavam lá.

Foi o que Thomas Rourke fez por mim nos últimos dois anos. Ele se tornou minha rocha e minha diversão. A pessoa que eu sentiria falta a minha vida inteira.

Meu amigo.

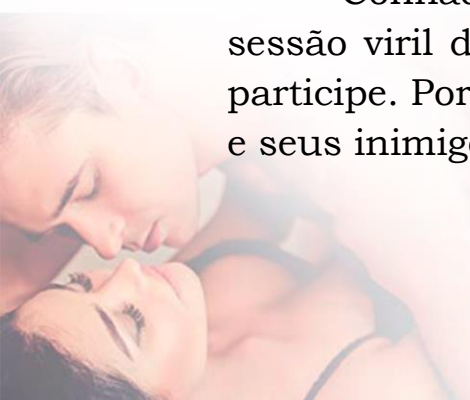
O primeiro e único e muito, muito melhor.

"Aí está você," diz Thomas da varanda da Casa Guthrie. "Eu já estava indo ver você."

Está escuro e tarde, e até os grilos no jardim se aquietaram durante a noite.

"Você perdeu conhaque e charutos."

Conhaque e charutos na biblioteca depois do jantar é a sessão viril dos poderes — e meu pai sempre insiste que eu participe. Por que... política. Mantenha seus amigos próximos e seus inimigos bem na sua bunda. É assim que funciona.



Thomas coloca a mão sobre o coração. “E estou sofrendo por isso, realmente. Eu tive que terminar de ler a legislação comercial para a votação de amanhã. Você já a revisou?”

Eu gemo, como um estudante fazendo provas.

“Não, estava planejando esquecer.”

“Desculpe.” Thomas enfia a mão no bolso do casaco e tira uma garrafa de vidro verde. “Talvez isso a compense?”

Thomas Rourke não é apenas o jovem duque de Anthorp — ele é um menino travesso. Uma influência terrível. E ele me pegou firmemente sob sua asa.

“O que é isso?” Pergunto.

“Uísque irlandês. Uísque irlandês antigo da coleção pessoal do meu pai. O bastardo costumava guardá-lo como ouro. Eu pensei que nós poderíamos abrir juntos.” Ele balança as sobrancelhas. “Alguns cortes farão com que a legislação seja muito mais fácil.”

Eu olho por cima do meu ombro — não há um guarda ou empregada ou uma secretária julgadora espionando à vista.

“Venha então.” Sorrio.

Há um ponto escuro atrás de uma grande árvore, escondido da visão dos guardas na parede do palácio. Thomas e eu sentamos na grama e me estendo debaixo da árvore como se fosse a manhã de Natal, a minha caixa branca secreta. Um momento depois, acendo meu cigarro e inclino a cabeça para trás para soprar uma longa e lânguida corrente de fumaça.

“Se um fotógrafo disparar uma foto sua com um cigarro em seus dedos, seu pai irá trancá-la em seu quarto por um mês.” Ele puxa a rolha com os dentes e toma um gole profundo da garrafa — porque nós somos elegantes assim.

Então ele engasga e gagueja.

Dou uma cheirada na garrafa, então, antes de mudar de ideia, levo-a aos lábios e engulo em seco.

E imediatamente me arrependo da decisão. É como beber fogo. Eu deixo cair meu cigarro e tusso meu esôfago em minhas mãos.

Como uma dama.

“Queima,” grito, e meus olhos lacrimejam.

Thomas pisca. “Isso significa que é bom.”

Há mais bebida — e tosse — e no segundo cigarro, sinto-me leve e maravilhosamente flutuante. Thomas puxa um cachimbo de madeira arqueado, intrincadamente entalhado a mão, do bolso.

“Oh, não, Thomas, não o cachimbo.”

“Eu gosto do cachimbo,” ele murmura em torno do cachimbo. “Isso me faz parecer distinto.”

“Isso faz você se parecer com Sherlock Holmes.”

“Exatamente. Holmes é distinto.”

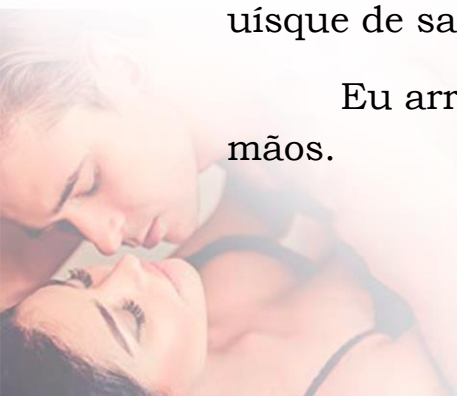
Balanço minha cabeça. “Você continua dizendo essa palavra, eu não acho que você sabe o que isso significa.”

Ele aponta para mim com o cachimbo medonho. “Cale-se. Ou guardarei tudo isso para mim.”

Ele segura um envelope — com uma caligrafia masculina afiada.

Thomas recebe uma carta do seu irmão a cada duas semanas — é a coisa mais emocionante em nossas vidas. E se eu me deixar pensar muito sobre isso, vou me afogar nesse uísque de sabor terrível.

Eu arranco a carta de seus dedos, virando-a em minhas mãos.



"Você já leu?"

Thomas a pega de volta. "Não. Mas se eu não fosse um cavalheiro, teria. Especialmente depois da última que foi tudo sobre os peitos e bundas gostosas da garota egípcia que gostava muito dele."

Maldade é o forte da família Rourke. Mas a de Edward é diferente da do seu irmão.

Mais suja. Mais máscula.

Eu suprimo uma risadinha envergonhada. "Havia duas meninas egípcias. E ele gostou delas também, pelo que me lembro. Ao mesmo tempo."

As cartas de Edward são a mistura perfeita de eloquência, sagacidade e vulgaridade — às vezes ele desenha figuras, e ele é um inferno de artista. Elas são mais interessantes do que qualquer filme e mais divertidas do que o balançar do Elvis Presley que todos os pais americanos estão se perdendo.

Elas são minhas espiadas no mundo exterior. O mundo real. Um mundo de suor e sexo e luta e dança — onde as pessoas andam descalças e comem com as mãos. Um mundo onde a vida não gira em torno de títulos ou etiqueta, e jogos mentais e política.

Thomas abre o envelope e reverentemente desdobra a carta. Ele dá uma tragada no cachimbo — tosse duas vezes porque não deveria estar fumando — e então começa a ler.

"Querido Thomas,

Eu parei na Suécia por alguns dias, para estocar equipamento a caminho de uma expedição de escalada na Groenlândia. Cheguei de trem — peguei um vagão — não é o jeito mais elegante de viajar, mas é rápido e interessante. E há algo de libertador em ter tudo o que você tem no mundo preso



às suas costas em um pacote. Se você tiver a chance, eu recomendo.

Eu conheci uma família de indigentes no trem — uma linda mãe, pai, garotinho e linda garota. Eles compartilharam o jantar comigo e, apesar de suas circunstâncias, pareciam felizes. Contentes. Gratos pela comida em seus estômagos e pelo telhado temporário sobre suas cabeças. O garoto tinha cerca de sete ou oito anos, cabelos escuros e óculos grandes demais, mas próximos o suficiente para ele usar. Ele me lembrou de você. Deixei as poucas centenas de moedas que eu tinha ao lado dele enquanto a família dormia, depois pulei para o meu ponto, enquanto o trem seguia em frente."

Eu nunca vi uma foto de Edward, mas na minha cabeça ele assumiu uma vida própria. Maliciosamente bonito, forte e encantador, ele vive a vida de um *herói-pirata-deus-nórdico*. O tipo de homem que trabalha ao sol, compartilha uma cerveja com um amigo, flerta com a moça mais bonita e consegue resgatar um órfão ou dois de um prédio em chamas antes de terminar o dia.

Edward Rourke é o homem mais excitante que eu nunca conheci.

"Estou escrevendo para você agora de uma encosta tranquila, com uma fogueira e barraca ao meu lado e as luzes do norte sobre minha cabeça. Eu ouvi que a aurora boreal é uma visão impressionante, algo que você tem que ver para acreditar — e Cristo, estavam certos. É como um rio no céu das cores mais magníficas. Redemoinhos de verdes e vermelhos e roxo profundo — todos dançando juntos, uma sinfonia viva de cores. É mágia tornada real, como se eu pudesse alcançá-la e tocá-la. Eu não tenho palavras para fazer justiça. Queria que você estivesse aqui, Thomas. Queria que você pudesse ver isso.

Estarei na Suécia até o final da semana; envie sua resposta para o endereço postal na Groenlândia abaixo. Espero que tudo esteja bem com você, irmãozinho, e estou ansioso para



ouvir de você mais do que posso dizer. Fique longe de problemas — ou, mais precisamente, não seja pego causando problemas. E não faça nada que eu não faria (o que obviamente não é muito).

Seu,

Edward."

Às vezes ele fica em um lugar por algumas semanas ou alguns meses, mas nunca para sempre. Eu vejo os olhos de Thomas brilharem no final da página, antes de seus lábios se curvarem em um sorriso.

"PS — Dê meus cumprimentos a Lenny."

Faíscas quentes e impetuosas de eletricidade se espalham sob minha pele como uma erupção incurável.

Lenny. Essa sou eu. O que Edward me chama em suas cartas, porque Thomas disse a ele que somos amigos. É o nome mais ridículo. Apenas um pouco menos ridículo do que o efeito que tem sobre mim.

"Você está corando, Lenora?" Thomas pergunta.

Eu levanto meu nariz. "Eu não coro. É o seu uísque irlandês idiota subindo à minha cabeça."

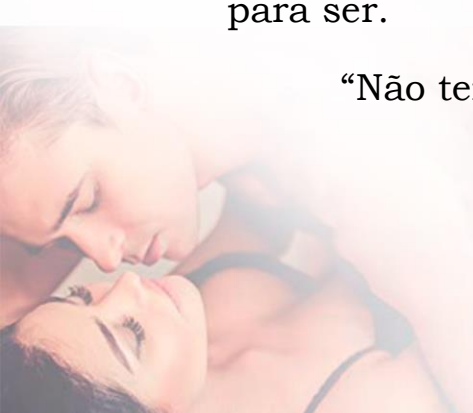
Pego a carta e deito na grama fresca, examinando-a para ter certeza de que Thomas não deixou nada de fora. Então, sutilmente, levo o papel para o nariz e inalo. Há uma sugestão de pinho e madeira recém cortada.

"Você acabou de cheirar a carta do meu irmão?"

Talvez não seja tão sutil depois de tudo.

Eu minto como a política estelar que estou sendo criada para ser.

"Não tenho ideia do que você está falando."



“Você fez! Você cheirou, fungou, princesa mentirosa... você cheirou a carta!”

“Você está maluco.”

O tom de Thomas se transforma em uma provocação monótona.

“Acho que você tem uma queda pelo meu irmão.”

“Acho que o cachimbo está deixando você lento da cabeça.”

“Você acha que ele é de alta classe.”

Eu me recuso a responder; meus lábios estão fechados. Meu tom frio é conhecido por congelar as pessoas até a morte.

“Eu vou dizer a ele.” Ele cutuca. “Vou dizer, 'James Dean não tem nada sobre você, Edward, porque a Princesa Lenora está totalmente na sua.'“

Como uma cobra impressionante, eu levanto e arranco alguns fios de cabelo da sua nuca do pescoço, onde vai doer muito.

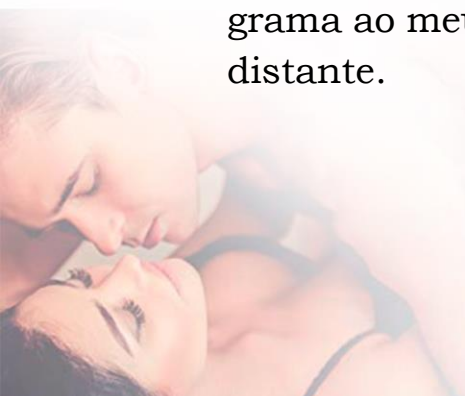
“Ow! Maldito inferno!”

“Vou matá-lo. Eu conheço pessoas. Sou uma princesa no limite, não me empurre.”

“Você não pode me matar, sou o único amigo que você tem.”

Caio de volta na grama, encolhendo os ombros. “Esse é um sacrifício que estou disposta a fazer.”

Rindo, Thomas enfia a carta no bolso, depois se deita na grama ao meu lado, com nossas cabeças a poucos centímetros distante.



“Eu acho que Winston gosta de você,” ele diz suavemente.

Maddox Winston é a mais nova adição à minha equipe de segurança pessoal. Ele é misterioso de um jeito frio e rude. Há rumores de que ele era um assassino notório durante a guerra.

Eu reviro os olhos. “Oh, besteira.”

Thomas olha para mim. “Não, de verdade. A maneira como ele observa você…”

“Ele está na minha equipe de segurança — ele deve me observar.”

Thomas agita a sua cabeça. “Não do jeito que ele faz.”

Eu ignoro esse comentário e olho para o céu. Não há nuvens hoje à noite, apenas mil pontos brilhantes de luz branca. E penso na carta de Edward.

“Você já desejou poder trocar de lugar com Edward? Que você saísse e ele ficasse aqui?”

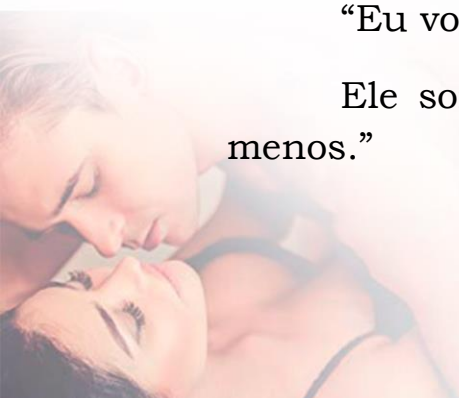
Na penumbra, o rosto de Thomas é tão pálido quanto as estrelas — faz com que pareça o rosto de uma estátua de mármore. Um anjo patife.

“Não. Eu não poderia servir nas forças armadas por causa da asma, mas sempre quis fazer minha parte. Algo mais do que apenas herdar o dinheiro Rourke. O Parlamento é a minha chance de fazer isso. Para fazer a diferença, deixar minha marca. E talvez, se eu fizer bem, alguém em algum lugar se lembre de mim. Acho que gostaria disso… de ser lembrado.”

Eu viro minha cabeça para ele.

“Eu vou lembrar de você.

Ele sorri suavemente. “Bem, isso é uma pessoa, pelo menos.”



“Sou herdeira do trono, bobo. Minha lembrança vale mil plebeus.”

Thomas bufa. “E você? Você já desejou ser Miriam?”

Miriam ficou um pouco revoltada depois que minha mãe morreu. Se eu sou uma infratora de regras agora, ela é uma revolucionária completa. Às vezes ela sai vestindo calças... e sem sutiã. Ontem ela foi pega pela segunda vez este mês com um menino em seu quarto — o filho de um conde de quem somos, na verdade, parentes distantes — uma quarta coisa ou outra, duas vezes distantes. Papai está pronto para empacotar suas coisas e mandá-la para um convento no próximo trem.

“Não, eu não trocaria de lugar com Miriam. Essa vida pode ser sufocante e estúpida, mas um dia eu serei capaz de fazer coisas incríveis, Thomas. Sinto isso em meus ossos. Ser a primeira em tudo é sempre difícil, mas vou fazê-lo. E quando fizer, vou mudar o mundo.”

Inclino minha cabeça para o céu, mas em minha mente, em vez de preto, vejo redemoinhos vibrantes de verde e roxo profundo e vermelho alaranjado ardente.

“Ainda assim... a Aurora boreal... Deve ser incrível.” Posso ouvir a saudade em minha própria voz. O anseio por um pedaço de algo fora dos muros do palácio. Algo novo e selvagem e real.

“Eu adoraria ver isso.”

“Então, foda-se tudo e vá ver.” Thomas se senta e arranca as lâminas de grama do chão. “Como Edward, ele tem uma ideia em sua cabeça, algo que quer fazer — e ele faz isso. Simples assim. Sem hesitação. Sem dúvida.”

Balanço minha cabeça. “Eu sou necessária aqui; Pai nunca deixaria. E mesmo se ele fizesse, não seria como Edward — em uma encosta com uma tenda e uma

fogueira. Haveria imprensa e segurança e servos. Tudo seria um... show de merda."

Thomas ri, mas de uma maneira moderada e simpática.

Eu aceno minha mão — não tenho paciência para auto piedade, mesmo quando é minha.

"Oh, me escute, a pobre princesa. O uísque irlandês me faz sentir lamentável."

Thomas fica em pé, limpa sua calça e me oferece sua mão, puxando-me para cima. "Então é hora de você dormir, Princesa lamentável."

"Eu vou. Depois de fazer minha leitura obrigatória."

O curinga de cabelos escuros levanta a mão para o céu, como se estivesse recitando Shakespeare. "Espelho, espelho na parede, o que é mais chato entre todos eles?"

"Legislação comercial!" Dizemos em uníssono.

Ouvi um novo termo no outro dia em um programa americano de Tv — *nerds*. Tenho quase certeza de que é o que Thomas e eu somos.

Ele me leva até a porta.

"Boa noite, Thomas."

"Sonhos agradáveis, Lenora."

Thomas se curva, depois enfia as mãos nos bolsos e segue pelo caminho, assobiando uma melodia rápida e alegre.



CAPÍTULO 4

Lenora

Palácio de Wessco, 1956

Começa lentamente, de modo sutil, do jeito que as coisas terríveis costumam acontecer. Um vacilo, uma pausa, um semblante de tristeza — meu pai esconde bem, mas eu reparo. E não sou a única — rumores e sussurros enchem o palácio como um fedor de mofo. Há alguns meses, pouco a pouco as reuniões foram adiadas, depois ele perdeu atribuições que tive que frequentar em seu lugar, atrasos em seu cronograma e, por fim, todos os dias permaneceu de cama.

E aqui é onde termina.

Nos quartos reais, na antessala do quarto do rei. Meu tio está aqui — o irmão mais novo do meu pai, o duque de Warwitch. Eles nunca foram especialmente próximos, mas ele está no Conselho de assessoria, por isso está aqui. Alguns dos homens nesta sala têm afeto genuíno por meu pai e conversam facilmente com os que não tem. São os que esperam como abutres, prontos para atacar e reivindicar seu pedaço de carcaça.

Porque é assim que funciona.

"O Rei está morrendo."



Essas palavras foram entregues a mim há dois dias por Alexander Bumblewood, o primeiro-ministro, que era o único homem informado pelos médicos do Rei. Como uma versão mórbida de um jogo de telefone.

E é assim que acontece. O sigilo é primordial. Porque os governos não aceitam as mudanças bem e as monarquias... apesar de todas as nossas regras, leis e tradições... somos horríveis nisso. Historicamente, a mudança trouxe lutas pelo poder — costumavam ter falsas prisões, assassinatos, guerras e cabeças reais rolando.

Estamos melhores agora.

Apenas... exteriormente civilizados. Porém, as motivações ocultas e silenciosas — ambição, medo, ganância — permanecerão enquanto os humanos forem humanos.

Miriam e Alfie saem do quarto do meu pai. O nariz de Alfie está vermelho e ele enxuga os olhos lacrimejantes com um lenço. Ele tenta me dar um sorriso, mas não consegue lidar com isso.

E isso quebra algo dentro de mim — uma pequena fissura no verniz que eu utilizo até a perfeição.

Miriam estremece com grandes soluços ofegantes — abertamente e sem vergonha. Minha irmã sempre foi emocional, usando seu coração na manga para todos verem. Um jovem lacaio a guia da sala com o braço em volta dela. Se eu tivesse em outro momento, deixaria claro que ele está sendo muito ousado, mas estou muito esgotada.

“O Rei está perguntando por você, sua Alteza” diz o primeiro-ministro.

Olho para Thomas ao meu lado e seus gentis olhos verdes me oferecem conforto. *Estou com você*, eles dizem. *Estou contigo.*



E nada disso parece real. É como um sonho nebuloso. Um dia que eu sabia que viria, mas realmente não acreditava que aconteceria.

A sala interna é tão bem equipada quanto qualquer hospital. Os fios do monitor e os tubos para aliviar a dor ficam sob o papai. O médico dele, o médico do Rei, está aqui; ele se curva para mim antes de voltar para uma distância respeitosa.

Se um louva-a-deus e um humano tivessem um bebê, o resultado seria Oscar Pennygrove. Ele é um homem alto e tem os dedos estranhamente longos que dão a impressão de duas aranhas presas às extremidades de seus braços. Ele é o ministro do Interior — uma testemunha oficial para assegurar o país e a Coroa que não há truques ou jogo sujo no nascimento e na morte de qualquer Rei na linha de sucessão. Ele estava no quarto quando eu nasci e também estava no nascimento de Miriam. Ele estava presente nos nascimentos e mortes dos irmãos antes de mim e ele está em silêncio no canto agora, como um daqueles retratos cujos olhos misteriosos se movem quando você o tira.

Coloco minha mão em cima do meu pai.

"É Lenora, pai. Estou aqui."

Lentamente, seus olhos se abrem e um som chocante e úmido vem do seu peito. Seus lábios estão tingidos de azul e rachados, mas sorriem para mim.

"Lenora." Sua voz é esganiçada, tão baixa que me inclino para frente para ouvi-lo. "Eu te amo, minha querida menina."

Você ama?

É o primeiro pensamento que surge em minha cabeça, e embora eu não diga as palavras em voz alta, ele as lê no meu rosto e seu sorriso frágil falha.



"Você não sabia. Eu deveria ter feito mais por você. Havia muito para te ensinar... mas eu tinha que ter feito melhor."

Pego a mão dele na minha, segurando-a gentilmente e fecho. Porque eu vejo agora — entendo. Este homem pode não ter me dado tudo o que eu queria — fazer cócegas e dar abraços, ter muitos risos e empurrar o meu balanço — mas ele passou a vida me dando tudo de que preciso.

E não o deixarei morrer pensando que falhou.

"Não, pai. Não..." Minha garganta se aperta. "Você fez maravilhosamente tudo por mim, eu juro. Eu o deixarei orgulhoso. Vou servir Wessco com dignidade e honra e farei você muito orgulhoso de mim."

Ele aperta minha mão de volta.

E apesar de sua respiração estar entrecortada, ele me diz: "Eu sempre me orgulhei de você. Não sirva... Lenora. *Reine*. Com um aperto de ferro... e com um toque de veludo. Confie... só... em você mesma. E reine."

Concordo com a cabeça e, embora meus olhos estejam cheios, não deixo nenhuma lágrima cair. Eu as seguro para ele. Para provar isso, mesmo agora, especialmente agora... posso ser forte.

Seus olhos se fecham e, por muitos minutos, os únicos sons na sala são os bipes da máquina e a respiração frágil do pai.

Alexander Bumblewood se aproxima de mim. "Você gostaria de voltar para a antessala de espera, Princesa Lenora? Estão tomando chá."

Claro que eles estão. Porque chá conserta tudo.

"Não. Ficarei com ele."



Reis são homens... eles morrem como qualquer outro homem.

E este não morrerá sozinho.

Eu me levanto, inclino e beijo na bochecha áspera e enrugada do pai. Pela primeira e última vez. Então me sento de novo, seguro sua mão e em minha cabeça... falo para ele todas as coisas que não posso dizer na frente do médico, do Primeiro-ministro e o Pennygrove.

Conto a ele sobre Thomas e os problemas que tivemos ao longo dos anos. Eu conto a ele sobre minhas esperanças e sonhos para Wessco — ideias que não compartilhei antes, porque não tinha certeza se ele aprovaria. Digo a ele sobre mim — um lado que ele nunca viu que pode ser bobo e selvagem. Eu digo a ele o quão desesperadamente é difícil às vezes ser eu — muito solitária — e, em seguida, como me sinto tão estúpida por me sentir assim, porque sei que sou a garota mais feliz do mundo. Falo o quanto sou grata por tudo o que ele me deu — seu apoio, atenção e orientação.

Eu digo... adeus.

E ainda assim, nada disso parece real. Não parece que ele se foi.

Nem quando o monitor para de apitar ou quando o médico verifica a respiração e o pulso e não encontra nenhum dos dois. Nem quando a hora é anunciada ou o papel é elaborado ou quando o Ministro do Interior diz ao Primeiro-ministro para certificar formalmente que seu Rei Reginald William Constantine II passou desta vida.

“Sua Majestade...”

Não olho para cima; Eu não me movo.

“Sua Majestade...” Oscar Pennygrove diz novamente.



E é só então que percebo que ele está falando comigo. Pode haver várias altezas reais em uma linhagem, mas só existe uma majestade governante de cada vez.

Pennygrove me oferece sua mão ossuda. Segurp-a enquanto estou de pé e a porta do quarto se abre, entro na sala de espera que está cheia, observando os aristocratas — com os olhos fixos em mim.

A proclamação de Pennygrove é nítida e definitiva.

"O Rei está morto. Vida longa à rainha."

Como seus antepassados antes deles, os senhores respondem em uma voz retumbante.

"Viva a Rainha Lenora!"

E esse é o momento. O momento em que o nevoeiro clareia e as circunstâncias de quem sou — o que eu sou — se tornam tão reais quanto a realidade pode ser.

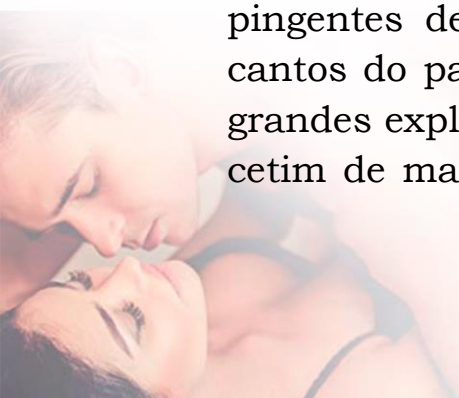
Rainha Lenora

Pronta ou não... aqui vem a coroa.

Dois meses depois

Catedral de São Jorge

O dia da minha coroação é amargamente frio — pingentes de gelo longos e brilhantes pendem de todos os cantos do palácio e as comoções surgem em exalações como grandes explosões brancas. Meu vestido é uma obra-prima de cetim de marfim, comprido nas costas, apertado na cintura,



com a Rosa de Wessco intrinsecamente bordada em filigrana de prata na saia. Meus lábios são vermelhos-rubi, meus cílios com uma camada preta. Diamantes cintilantes — os de minha mãe — estão pendurados em minhas orelhas e o manto de coroação repousa sobre meus ombros, estendendo-se atrás de mim em metros de pele branca imaculada.

Isso me faz sentir como uma caçadora mítica do ártico... uma rainha do inverno. Uma governante da neve e do gelo.

Quando saio da carruagem — a mesma em que meu pai entrou e seu pai antes dele — a sombra da Catedral de São Jorge, os flashes de câmeras saem como fogos de artifício e a multidão interminável se aglomera nas ruas. Eu os ouço, mas não olho para eles. Com a cabeça erguida, subo os degraus de pedra, concentro-me na cerimônia sagrada diante de mim. Haverá grandes celebrações — uma coroação é um evento alegre — mas elas virão mais tarde.

Eu fico no pátio, sozinha, cercada apenas pelo prisma real dos vitrais das janelas. As portas duplas se abrem e os membros da congregação lotada se levantam, enquanto os tambores começam a bater em um profundo ritmo imperial.

É a mesma música que foi tocada quando as realezas marcharam para a guilhotina.

Meus ancestrais gostavam de ironia.

Enquanto estou na porta, sinto um momento de terror, quando parece que meus joelhos desaparecem. Os rostos dos senhores e das senhoras, todos enfeitados com seu melhor traje formal, parecem se transformar em um pesadelo sombrio de duende — seus olhos negros como demônios e seus sorrisos de dentes afiados e ameaçadores.

Fecho meus olhos.

E a voz cadenciada da minha mãe sussurra na minha cabeça.

Respire, minha querida. Só respire.

A voz do meu pai se une a dela — um eco de seu comando final.

Reine.

E meus joelhos retornam, sólidos e com exatidão. Porque fui criada para isso.

Nasci para isso.

Dou meu primeiro passo pelo corredor, ombros para trás, coluna reta. Na minha visão periférica, vejo Thomas, Alfie e Miriam — e sei que estão lá para mim, que eles estão de costas. Mas é só agora que percebo que ninguém jamais estará lá para proteger minha frente novamente. Para me proteger, para pisar diante de mim.

Sempre serei a primeira e solitária — para o resto da minha vida.

Alcanço o altar, onde o arcebispo espera. Subo ao trono, viro para a congregação e a cerimônia começa. O Arcebispo me unge com óleo e diz todas as palavras mágicas em latim. Eu recito meu juramento, meu voto solene. O Lorde Chamberlain me concede o cetro de ouro e a esfera de jóias e o Lorde Chanceler desliza o anel na minha mão direita.

E então tomo meu lugar no trono.

A coroa de São Miguel — a glória das pedras brilhantes e veludo das Joias da Coroa de Wessco — é apresentada pelo decano de Ansaline. O arcebispo ora e, devagar e com reverência, coloca a coroa na minha cabeça.

E espero pela transformação de princesa para a Rainha. A crescente mudança interna que tenho certeza que deve ocorrer quando se eleva ao nível da maior soberana real.

Eu espero e espero um pouco mais.



Então, depois de alguns momentos, eu pisco.

Porque não acontece. Nada acontece.

Não me sinto diferente. Ainda me sinto como eu... eu com uma grande coroa na minha cabeça.

Como uma decepção.

Furtivamente, olho para os bispos e para a multidão que enche os bancos da catedral. Ninguém mais parece notar.

Então continuo.

Regiamente, ando de volta pelo corredor e cada cabeça se curva antes de mim. Do lado de fora da catedral, há mais lampejos e aplausos enquanto aceno, depois desço os degraus e volto para a carruagem que me leva de volta para os portões do palácio. Durante a hora seguinte, sou recebida e felicitada por todos os oficiais do governo e dignatários visitantes. Eu sorrio e aceno com a cabeça e digo as coisas certas — mas ainda assim parece tudo tão decepcionantemente fingido.

Ostentando. Como se fosse uma criança, usando a coroa do papai, que é muito grande para a cabeça dela.

E então é hora de sair para a varanda — a imprensa adora isso.

Enquanto prossigo sozinha, uma brisa gelada passa sobre mim, fazendo cócegas na minha pele com dedos gelados. Descanso minhas mãos na balaustrada de pedra... e olho para baixo.

Há um oceano de rostos, homens, mulheres e crianças — e todos eles estão sorrindo, aplaudindo, acenando e batendo palmas. Dezenas de milhares deles — talvez milhões. Alguns têm lágrimas escorrendo pelo rosto, mas todos têm uma aparência de completa adoração.

Para mim.



Eles estão aqui por mim.

Já vi multidões antes, durante toda a minha vida. Eu conheci o público — mas não assim, nunca gostei disso.

Esta é a minha gente. E pela primeira vez, entendo o que isso significa.

Porque não apenas os vejo — eu os sinto. Sua energia me envolve em seu caloroso abraço. Sua alegria, sua confiança, seu amor... sua aceitação. Sinto isso do topo da minha cabeça até as pontas dos dedos dos pés. Minha alma canta com isso.

É assim que deve ser sobre se apaixonar pela primeira vez — essa sensação de voar sem fôlego. Ou, como deve ser quando segura seu próprio filho e sabe instantaneamente que você vai amá-lo para sempre. Você fará de tudo para manter suas crianças seguras, para fazer o certo por eles, para lhes dar a melhor vida que possam ter.

Lentamente, flocos de neve fofos e brilhantes caem do céu. Em todo lugar e por todos os lados.

É mágico. Como uma bênção.

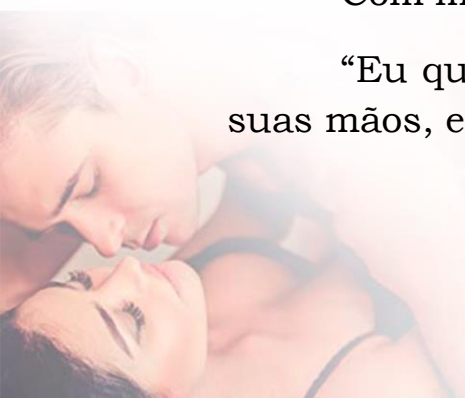
Aceno para as pessoas. “Obrigada! Sim, olá! Obrigada!”

Eles não podem me ouvir, mas quero que eles saibam que eu os ouço. Vejo eles. Eu me importo com eles, enquanto eles se importam comigo... e nunca, nunca os decepcionarei.

É só quando minha visão fica embaçada que percebo que estou chorando. Chorando de alegria e alívio, oprimida por tanta sensação. E ainda aceno. Aceno até meu braço doer, mas não é o suficiente.

Com meu coração galopando, ando de volta para dentro.

“Eu quero ir lá em baixo. Quero falar com eles, apertar suas mãos, estar entre eles.”



Uma dúzia de rostos velhos e desaprovadores olham para mim.

O Lorde Chamberlain se aproxima, limpando a garganta.

“Sua Majestade... não está pronta.”

Um governo é uma máquina com muitas partes móveis. A Coroa é a chave — mas o Parlamento, o Conselho de Assessoria, os Senhores e Secretários de Estado, são as engrenagens. É um ato de equilíbrio, um cabo-de-guerra constante — porque quem controla a chave controla tudo.

“Você quer dizer, que nunca foi feito isso antes, não significa que não possa ser feito.”

“Não é seguro”, ele insiste.

Examino a sala e vejo meu próprio anjo da guarda de cabelos escuros.

“Winston”, eu o chamo, usando minha voz dominante. “Eu desejo descer para ver as pessoas. Você pode me ajudar a fazer isso?”

Ele abaixa a cabeça e dá ao Lorde Chamberlain um tipo de expressão irritada.

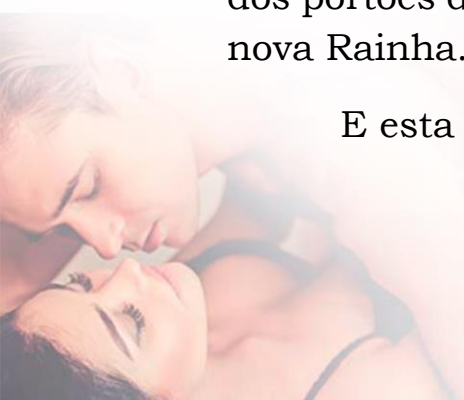
“Se é isso que Sua Majestade deseja, então é isso que será feito. Meus homens e eu a manteremos segura.”

Eu me volto para o Lorde Chamberlain e sorrio docemente.

“Veja agora, não há qualquer problema.”

Ando e passo por deles, Winston e seus homens se aproximam ao meu redor, enquanto desço as escadas e saio dos portões do palácio para deixar as pessoas conhecerem sua nova Rainha.

E esta coroa parece que fica bem depois de tudo.



CAPÍTULO 5

Lenora

Uma pessoa em média desperdiça um terço da sua vida dormindo. Minha tia-avó Matilda me disse isso — ela era uma mulher saltitante e magra que bebia chá preto demais e corria como se estivesse perpetuamente atrasada para algum evento importante que não existia. Eu nunca fui muito de dormir — três ou quatro horas por noite é mais do que suficiente.

A insônia é uma marca de gênio. E insanidade.

Costumo ignorar essa última parte.

No terceiro dia depois da minha coroação, levanto-me especialmente cedo — antes do nascer do sol. Eu me visto com um suéter verde-amarelado e uma saia lápis combinando — com luvas brancas, o broche de pérola da minha avó e meu cabelo retorcido até o ponto do habitual coque. É uma aparência elegante, mas profissional e hoje eu sou toda profissional.

Um pouco mais tarde, depois de um café da manhã leve e lendo todos os três jornais principais, paro o Rolls-Royce na calçada da loja de departamentos da Barrister. Quase metade do meu rosto está coberto por grandes óculos de sol redondos, apesar de estar chuviscando, e eu inclino a cabeça para trás e olho para o imenso edifício de pedra. Ao longo dos anos, Alfie Barrister construiu um grande império. Ele tem cinco lojas



agora em cidades de todo o mundo — com uma sexta abertura em breve em Hong Kong.

Minha equipe de segurança me segue através das portas de vidro reluzente, através do piso de azulejos pretos e brancos brilhantes, no elevador até o topo, onde encontro um homem alegre e ruivo — que é o cara que eu preciso ver.

"Olá, Chicken." Alfie se levanta e se curva por trás de sua mesa gigante de mogno. É uma escrivaninha digna de uma rainha e faço uma anotação mental para encomendar uma nova para mim imediatamente.

"Alfie."

"Chá, Sua Majestade?" Jones, a secretária de Alfie, pergunta.

"Não, estou bem." Aceno minha mão. "Você pode nos deixar."

"Esta é uma surpresa agradável." Depois que pego uma das cadeiras almofadadas em sua mesa, Alfie senta no grande couro atrás dela. "Você veio antes de abrirmos a loja?" Ele pisca. "Eu posso te dar um desconto."

"Sem compras hoje. Mas tenho um pedido — um enorme."

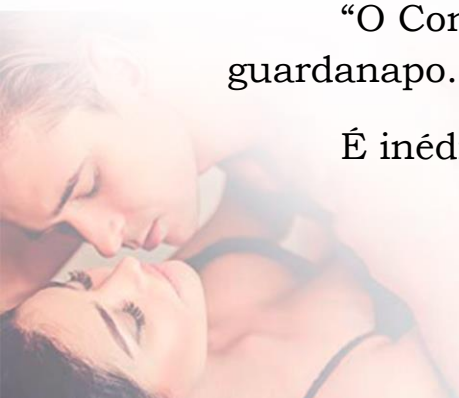
"Pedido atendido imediatamente. Você sabe que eu nunca poderia dizer não a você." Ele leva a xícara de porcelana até os lábios.

E solto a bomba proverbial. "Eu o quero no Conselho de assessoria."

Alfie engasga com o chá.

"O Conselho de assessoria?" Ele esfrega a boca com um guardanapo. "Isso é... inesperado."

É inédito, na verdade, mas isso é apenas semântica.



“É um compromisso em tempo integral, Lenora. Eu não tenho espaço na minha agenda.”

“Faça o espaço. Preciso de você, Alfie.”

Papai disse para confiar apenas em mim e eu faço. Eu confio em mim mesma o suficiente para saber que preciso de homens ao meu redor em que posso confiar.

“Você disse uma vez ao papai que o mundo todo é uma propaganda e somos todos clientes. Você se lembra?”

A lembrança parece que vem sobre o rosto dele, o mesmo semblante de como ele sempre fica quando falamos sobre o meu pai — caloroso, carinhoso e ainda um pouco triste.

“Eu lembro.”

“Preciso do seu senso de negócios e habilidade de marketing, Alfie. Papai costumava dizer que se você tem as pessoas do seu lado, você tem tudo. Eu preciso que você tenha certeza de que minha mensagem, minha visão para o país, vá até o povo.”

Alfie cruza as mãos sobre sua barriga, batendo os polegares.

“Você acha que o Parlamento vai trabalhar contra a sua visão?”

“Não sei o que o Parlamento fará. Eu devo estar preparada para qualquer coisa.”

“Só a nobreza pode servir no Conselho de Assessoria”, ele ressalta.

Alfie tinha o ouvido, a confiança e a amizade de um Rei. Mas não era um aristocrata. Até agora.

Entrego a ele um envelope grande e selado — com uma folha grossa e dobrada de papel dentro que foi inscrito com



escrita elegante preta, minha assinatura e carimbo com o selo dourado da Coroa.

"Você é agora o estimado Conde de Ellington. Parabéns."

Alfie pega o envelope como se pudesse mordê-lo.

"Você pode fazer isso sem a aprovação do Parlamento?"

Dou de ombros. "A terra é minha, os títulos são meus — posso entregá-los da maneira que eu quiser. Se você quiser uma cerimônia oficial, posso organizar uma para você."

"Isso não será necessário."

Observo seu rosto e posso praticamente ver as rodas girando em sua grande cabeça vermelha brilhante. Ser um homem de negócios internacionalmente rico é bom, mas ser um aristocrata com título é um outro nível de sucesso.

De estatura.

Então, faço meu outro pedido.

"Eu também preciso que Cora venha trabalhar para mim, como minha secretária particular."

As sobrancelhas de Alfie se erguem altas e poderosas. "Você está comandando minha agenda e minha única filha?"

Quando os filhos de Alfie terminaram o ensino na Escócia, todos os três vieram morar em Wessco e trabalhar com ele nos negócios da família.

"Você só tem a si mesmo para culpar", digo a ele. "pois está sempre falando sobre suas habilidades organizacionais, sua energia e iniciativa. Eu poderia usar um pouco disso no Palácio."

Tradicionalmente, o secretário particular do Rei tem sido a posição de um homem, mas acho que é hora de uma senhora preencher o papel. E Cora Barrister, com o senso de negócios



e a personalidade jovial do seu pai, é justamente a mulher certa para o trabalho.

Quando Alfie continua hesitando, eu o provoco.

“Não faça tanto empecilho, meu velho. Você ainda tem Albert e Louis — eles continuarão a expansão do seu grande Império de varejo.”

“Quando você começou a me chamar de Velho?” Ele franze a testa.

“Quando você ainda me chamava de Chicken depois que eu tinha idade suficiente para começar a usar sutiã.”

Isso o faz rir.

“Então o que você diz? Está comigo?”

E ele sorri — o mesmo sorriso caloroso e reconfortante que ele me deu toda a minha vida.

“Claro que estou com você. Você tem alguma dúvida?”

Não, mas ainda é bom ouvi-lo dizer isso.

Fico de pé. “Bem-vindo à nobreza, Alfie. Prepare-se — não é tão divertido quanto parece.”

Sua testa se enruga. “Não parece divertido.”

“Exatamente.”

Meu próximo destino está há umas boas quatro horas de carro — não exatamente no meio do nada, mas longe de qualquer lugar que seja considerado a algum lugar. No carro, reviso o último relatório fiscal. Desde o fim da guerra, a receita está em constante declínio e o Parlamento quer aumentar os

impostos. Mas a questão não é que os impostos são muito baixos; é que os empregos são muito escassos.

E você não pode tirar sangue de uma pedra, não importa quantas vezes você a esmague com uma rocha mais pesada e dura.

Deixo o relatório de lado quando passamos pelos portões de ferro forjado e subimos em uma subida sinuosa. A chuva para, uma espessa neblina sobe do chão e um frágil vislumbre de sol espreita das nuvens à medida que a maciça estrutura cinza aparece.

Castelo Anthorp.

É o material dos contos de fadas. Todas as pedras lisas e brilhantes, janelas arqueadas, passarelas flutuantes e torres altas — com o mar verde e zangado batendo contra as pedras abaixo do penhasco de um lado, e quilômetros de floresta selvagem do outro. Eu fui criada entre castelos; eles são tão comuns para mim quanto a roupa de cama... mas este ainda consegue tirar meu fôlego.

Duas bandeiras voam da torre mais alta — o estandarte de Wessco e ligeiramente abaixo, a bandeira da família Rourke, proclamando que o dono da casa, o querido duque de Anthorp, está em residência.

Encontro Thomas pela manhã com os pés em cima de uma poltrona de couro, as mãos enfiadas atrás da cabeça, a camisa branca aberta e o peito exposto em toda a sua glória pálida e reluzente.

E ele não está sozinho.

“Boa tarde, majestade.”

Michael Fitzgibbons inclina sua cabeça ruiva enquanto me cumprimenta. Michael é o terceiro filho de um visconde e é um artista, um pintor. Ele é um jovem lindo — como a estátua de Davi ficaria se viesse à vida e saísse do museu. Ele é o amigo

especial de Thomas. Eles passam o máximo de tempo juntos, quando Thomas está longe de suas obrigações parlamentares.

Michael se senta em sua cadeira e se concentra no tabuleiro de xadrez na mesa entre eles.

“Nós estávamos prestes a almoçar, Lenora”, diz Thomas com uma voz rouca. Seus óculos estão abaixados e seus olhos estão fechados, sua cabeça inclinada para trás. “Você gostaria de se juntar a nós?”

“Isso seria adorável.”

E então meu nariz começa a queimar com um odor — como se algo tivesse se arrastado das fossas de enxofre do inferno e morrido sob a cadeira de Thomas.

“Santo Deus, o que é esse fedor?”

“Pomada de eucalipto”, diz Thomas. “Para esse frio no meu peito que não vai embora. Você se acostuma depois de um tempo.”

Michael desliza a torre pelo tabuleiro. “Sim, depois que as terminações nervosas em suas narinas murcham e morrem.”

Thomas faz o movimento de ‘sacudir’ com o punho. Um gesto que eu nem sabia que existia até que ele me ensinou quando eu tinha dezessete anos. Isso e ‘o dedo’.

Muito purificante.

Thomas abre os braços e balança os dedos na minha direção. “Venha, deixe-me abraçar você. Então todos nós podemos ser grosseiros juntos.”

“Não, obrigada. Você é grosseiro o suficiente por todos nós.”

Michael levanta sua taça de vinho. “Aqui, aqui.”



Apesar do cheiro, desloco os pés de Thomas e sento-me na poltrona, assumindo seu jogo de xadrez com Michael, levando seu bispo a uma posição mais agressiva contra o rei.

“Tenho uma proposta para você, Thomas.”

Ele fica com os olhos abertos. “É uma proposta indecente? Você sabe que essas são as minhas favoritas.”

“Depende da sua definição de indecente. O que você acha de ocupar um lugar no Conselho de Assessoria?”

Ele terá que desistir da cadeira de sua família no Parlamento — essas são as regras — e não somos nada senão defensores das regras. Mas o Conselho é uma posição mais elevada, mais cobiçada e mais poderosa. Se Thomas quer deixar sua marca em Wessco, o Conselho de assessoria é o lugar para fazê-lo.

“Eu acho que os resistentes no Conselho dirão que é o limite da degeneração.” Thomas responde.

“Provavelmente.”

Michael move seu cavaleiro e o levo com minha rainha.

“Eles vão brigar com você”, diz Thomas. “Dirão que sou muito jovem, muito imprudente, não sábio o suficiente.”

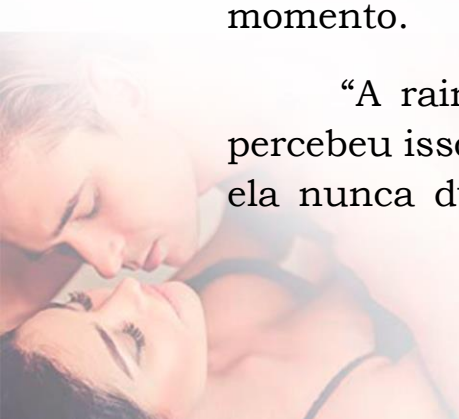
“Altamente provável”, respondo.

Ele bebe do copo de conhaque. “Embora o que me falta em idade, compenso em experiência e uma personalidade bombástica.”

Michael levanta o copo. “De acordo.”

Eu pego uma das peças de xadrez, e a olho por um momento.

“A rainha é a peça mais poderosa do quadro — você percebeu isso? Mas sem seus bispos e cavaleiros ao seu redor, ela nunca dura muito tempo.” Coloco a peça de volta para



baixo. “Eu planejo durar, Thomas. Então não vim aqui para perguntar o que o Conselho pensará. Quero saber o que você pensa.”

Um sorriso se espalha pelos lábios de Thomas.

“Eu acho que as cabeças deles podem realmente explodir. Não será divertido?” Ele levanta o copo. “Conte comigo.”

“Excelente.” Sorrio. Então faço meu último movimento. “Xeque mate.”

O Conselho de Assessoria do Rei é uma instituição tão antiga quanto a monarquia. Há uma sala no canto leste do palácio onde eles se encontram. Onde eles sempre se encontraram desde que o palácio real foi concluído em 1388, cinquenta anos depois de Wessco ter sido fundada por seu primeiro Rei, um ex-general britânico e marido da filha de Robert the Bruce, meu ancestral John William Pembrook.

São mais de quinhentos anos de reuniões... na mesma sala.

Apesar da minha crença de que o Conselho poderia usar um pouco de agitação, eu estaria mentindo se dissesse que não fiquei nem um pouco impressionada com a própria instituição. Eu quero causar uma boa impressão. Estes são os homens que trabalharão lado a lado comigo, que me guiarão pelas minas terrestres políticas e legislativas para transformar em realidade meus sonhos para o meu povo.

Eles estão aqui para me ajudar a fazer o meu trabalho e fazê-lo bem.

Pelo menos, essa é a ideia.



Nas últimas semanas, conversei com Alfie sobre receitas fiscais e pesquisei as legalidades do programa de empregos com Thomas. Tenho relatórios que ditei para Cora. Eu tenho gráficos coloridos e eles são magníficos.

Tenho a cura para todos os males de Wessco. Estou pronta.

Não há janelas na Sala de Reuniões do Conselho — melhor prevenção para as tentativas de assassinato — mas a sala é acentuada em um tom púrpura calmo e profundo, com paisagens agradáveis emolduradas a óleo nas paredes. Há um aparador para as refeições, chá e vinho, e mesmo que a mesa retangular e as cadeiras no centro não pareçam exatamente confortáveis, elas são majestosas.

Há seis senhores no Conselho — oito agora, se contarmos Alfie e Thomas.

Há o meu tio, o duque de Warwitch — uma versão mais jovem e menor do meu pai.

Os gêmeos Tweedle — Bartholomew e Bertram — os Marquês de Kooksbury e Fernshire, respectivamente. No entanto, pelas costas eles são conhecidos como Tweedledum e Tweedledee[1] por causa do seu nome... e por causa da estranha forma de ovo de seus corpos.

Em seguida, há Christopher Alcott, o duque de Sheffield, um distinto ex-embaixador e estudioso altamente respeitado.

Há também o querido Montague Spencer, o homem mais velho do governo e o conde de Radcliffe. Ele é tão velho que ninguém tem uma única lembrança dele quando menino — nem ele mesmo.

[1] Personagens gêmeos do livro Alice no país das maravilhas.

Finalmente, há Elliot Blackburn, o impiedoso e poderoso Marquês de Norfolk, que há rumores de nunca ter sorrido um dia em sua vida.

Atravesso a porta, pronta para o primeiro encontro com o meu Conselho de Assessoria, meus relatórios e cartas confiáveis debaixo do meu braço.

E tudo começa tão bem.

Eles se levantam e se curvam e saúdo-os com um "Bom dia, meus senhores." Então eles se sentam, eu sento e começo com: "Vamos começar."

E é isso. Essa é a parte boa.

Tudo vai direto para o inferno daí.

Porque, em seguida, digo: "Há várias questões que o nosso país enfrenta para que a Coroa e o Parlamento trabalhem juntos para resolver. Mas eu acredito que é muito claro para todos nós aqui qual questão deve ter precedência antes que qualquer outra possa ser tratada."

Todos concordam e eu aceno, todos nós estamos concordando...

Até darmos voz ao que cada um de nós acredita ser a principal prioridade.

Alfie, Thomas e eu dizemos: "Trabalho."

O resto dos trapaceiros deixam escapar: "Casamento."

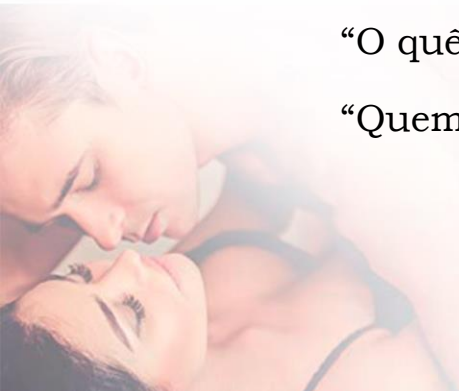
É quando o aceno de cabeça chega ao fim.

E o caos desce.

"Perdão?"

"O quê?"

"Quem?"



“Como, agora?”

“Eh?” Lord Radcliffe enche os ouvidos de todos. “Ela disse trabalho? Trabalho não parece casamento.”

“De quem é o casamento?” Eu pergunto.

“Seu casamento”, responde o duque de Sheffield.

“Eu não vou me casar”, falo.

Isso deixa Tweedledee em um estado de confusão. O primeiro de muitos.

“Mas, mas... claro que você tem que casar!”

“Você deve!” Tweedledum concorda.

“As pessoas estão ansiosas por um grande casamento”, diz meu tio. “É tudo o que eles estão falando nos pubs e cafés e círculos de tricô — que o belo príncipe vai sair ao pôr do sol com nossa adorável e nova Rainha.”

“Eu não tenho vontade de me casar”, digo.

Meu tio se considera um comediante. “Não te culpo. Fui casado duas vezes e ainda não estou interessado nisso. Mas você realmente precisa.”

“É imperativo!” O velho Radcliffe aperta seu punho e grita para que ele possa se ouvir.

“Por que é imperativo?” Thomas pergunta.

O agito de Tweedledee piora.

“Por... po... porque? Nós nunca tivemos uma rainha, muito menos uma rainha solteira! E quanto à tradição e propriedade?”

Tweedledum faz o sinal da cruz.

“O Parlamento deve ter garantias”, explica Sheffield. “Com todo o respeito, Vossa Majestade, eles estão preocupados

por você ser uma mulher. Eles se preocupam que suas ideias podem ser um tanto radicais ou... histéricas. Eles acreditam que um marido iria impedi-la de tais tendências."

"Impedir-me!" Suspiro. "Se o casamento era uma prioridade, por que meu pai não providenciou isso anos atrás?"

Norfolk fala pela primeira vez.

"Porque ele queria que você tivesse uma palavra a dizer na decisão final."

Olho para Alfie para confirmar essa afirmação e com um aceno de cabeça, ele faz.

"Bem, minha palavra é 'não'. Agora, então..."

"Mas quem será sua escolta em visitas de Estado?" Exclama Tweedledee.

"Ou quando os visitantes vierem ao palácio!" Tweedledum acrescenta. "O presidente americano deve nos visitar na próxima primavera. Você não pode ficar no palácio com ele. Sozinha!"

Thomas revira os olhos todo o caminho para o céu.

"Sim, eles estarão em cima um do outro na porra do palácio. E esse Eisenhower parece um astuto, tudo bem."

"Precisamente!" Tweedledum não tem noção de sarcasmo.

"Você tem apenas dezenove anos, Sua Majestade", Sheffield explica calmamente. "E parece ainda mais jovem. Você deve amadurecer seu perfil no cenário internacional, se espera ser levada a sério."

"Elizabeth, a segunda da Inglaterra, era apenas alguns anos mais velha do que eu quando..."



“Elizabeth era uma mulher casada com dois filhos quando se tornou rainha”, interrompe o tio Warwitch. “Para o mundo você é uma jovem garota — uma princesa virgem.”

Norfolk se inclina para frente. “Você é virgem, não é?”

Oh pelo amor de Cristo.

“Eu não vejo como isso é...”

“E ela é bonita!” Radcliffe sacode a cabeça como se fosse uma catástrofe. E tudo minha culpa. “Terrivelmente bonita!”

Norfolk estreita os olhos. “Sim, é pena isso.”

“Se você fosse feia ou mais masculina no rosto, então talvez...” Tweedledum diz.

“Mas não, você deve ser casada.” Meu tio concorda.

“É a única solução” alguém — não sei quem — diz.

“O mais cedo possível.”

“Absolutamente.”

“Nenhuma outra opção.”

“Casada.”

“Casada.”

“Casada!”

A palavra ecoa em minha mente como uma sentença de morte. E todos os meus planos incríveis se espalham em uma nuvem de fumaça. Antes que eu possa me parar, estou de pé e chorando.

“Mas... mas eu tenho gráficos!”

E a sala fica em silêncio.

Eu estava pronta para o Conselho discordar de mim em alguns pontos, ter que lutar pelos lugares de Alfie e

Thomas. Eu estava preparada para eles serem grosseiros, teimosos — eles são velhos e eu tenho lidado com suas atitudes de velhos durante toda a minha vida. Mas não estava esperando por isso. O total desrespeito. A demissão.

Que eles me reduziriam a nada mais do que uma bonita argamassa, para ser usada para reforçar os tijolos das alianças. Só que desta vez é a aliança com o nosso próprio Parlamento.

A decepção é esmagadora.

Alfie olha para mim com pena, e posso dizer que Thomas está ansioso para matá-los em meu nome. E de alguma forma isso torna tudo ainda mais humilhante.

"Com licença, eu... preciso de um momento."

Saio pela porta e desço o corredor até o banheiro. Enxaguo minhas mãos com água gelada e passo um pano úmido no rosto. E então olho para os meus olhos no espelho.

E eu mesma me tornarei aço. Revestida por dentro e por fora. Mesmo que seja só por pouco tempo. Fria, dura, indecente — nada pode ferir o aço; você pode bater o seu punho contra ele mil vezes e tudo o que terá para mostrar é uma mão ferida.

Há uma batida na porta. Quando abro Thomas está no corredor. Ele ajusta os óculos com preocupação. "Você está bem?"

Meus joelhos tremem debaixo da minha saia, mas não é de tristeza.

"Eles acham que sou fraca. Todos eles."

Ele balança a cabeça sombriamente. "Sim."

"Eles pensam que sou apenas uma garota."



Thomas parece envergonhado de toda a espécie masculina.

“Eles pensam.”

Olho em seus olhos.

“Então é hora de mostrar a eles que estão muito, muito errados.” Digo.

Ele olha para mim, e lentamente um brilho surge em seus olhos e um sorriso desliza em seu rosto.

“Tudo certo. Vamos fazer isso.”

Ele gesticula para eu liderar o caminho e segue atrás de mim enquanto ando de volta pela porta.

Todos eles param quando entro. Mas agora sei que é apenas para mostrar a pompa do respeito.

“Por favor, senhores... sentem-se.”

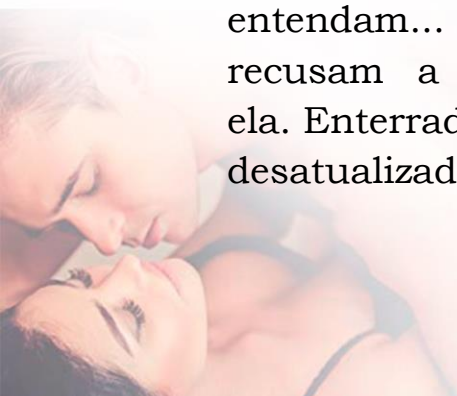
Uma vez sentados, ando pela sala com as mãos cruzadas para trás em minhas costas. Lentamente, como um tubarão que não quer se preocupar com sua presa.

Ou aquele americano Al Capone, com seu taco de beisebol.

“Tomei sua orientação em consideração. Creio que devemos falar claramente nesta sala — todos nós. Há muito a ser feito e não tenho paciência para palavras educadas pelo protocolo.”

Todos concordam — há mais balanços de cabeça e batidas de bengalas e ruídos de juntas na mesa.

“No espírito de franqueza, preciso que vocês entendam... os tempos estão mudando. Aqueles que se recusam a rolar com a mudança são atropelados por ela. Enterrados sob o peso de suas próprias visões desatualizadas.”



Paro em uma extremidade da mesa, virando em direção a eles.

“Posso ser uma nova Rainha, uma jovem Rainha, até uma linda Rainha — mas o fato permanece, eu sou a Rainha. Sua Rainha. Sou tudo que vocês têm, senhores. Sou tudo que o Parlamento tem. Não há príncipe vindo para me conter. O próximo homem neste conselho a trazer o tema do meu casamento com alguém... não ficará por muito tempo neste Conselho. Isso está perfeitamente claro?”

Ninguém nunca foi expulso do Conselho de Assessoria — mas não há nada na lei que o impeça. Seria um constrangimento, um desmascaramento público e um final de carreira... e absolutamente, perfeitamente legal.

Eles olham para mim — alguns com surpresa, talvez choque ou medo, outros com raiva mal disfarçada e ressentimento fervendo em seus rostos.

E olho de volta para eles. Ousando-os a me contradizer. Sentindo o poder do meu nome, minha posição, a história da minha nação e as gerações de reis que vieram antes de mim, que sentou e governou e tomou decisões nesta mesma sala.

Eu não serei intimidada por homens pequenos com opiniões superdimensionadas de si mesmos. Eu não serei intimidada por ninguém.

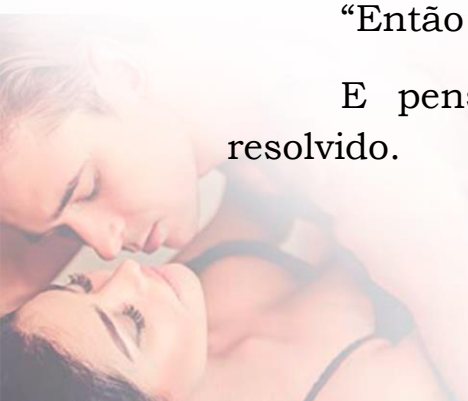
Quando o membro final do Conselho, meu tio Warwitch, abaixa os olhos, volto para a cabeceira da mesa.

“Bom.”

Sento graciosamente e dobro minhas mãos.

“Então vamos começar.”

E pensei que estava feito. Eu pensei que isso foi resolvido.



Acontece que eu também estava muito, muito errada.



CAPÍTULO 6

Lenora

Pelos próximos dois meses, as engrenagens do governo em Wessco param por completo.

“O parlamento não trará essa legislação ao plenário. Eles se recusam a considerar isso.”

“Mas eles devem.”

“Não, eles não devem. E não vão.”

Pior que uma interrupção. Se fôssemos um cavalo de corrida, não estaríamos apenas fora do portão, estaríamos trotando ao contrário na pista.

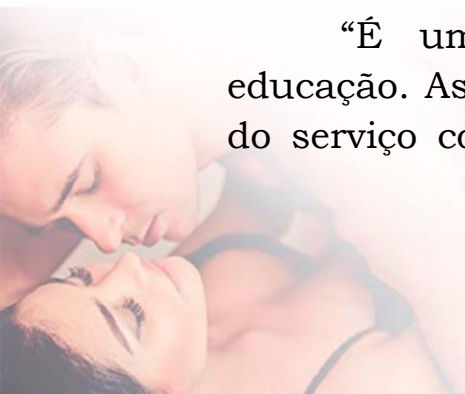
“Tem alguma ideia do que você está pedindo, Sua Majestade?”

E é tudo minha culpa.

“O serviço militar obrigatório será uma mudança drástica em nosso sistema. Mudança requer tempo e vontade...”

Por ter ideias que realmente funcionarão.

“É um programa de empregos! Um programa de educação. As pessoas terão dinheiro em seus bolsos e sairão do serviço com habilidades de emprego no setor privado. A



defesa nacional será fortalecida e a arrecadação de impostos aumentará. Isso não é difícil de entender."

"É um programa sem fim. Você está pedindo às pessoas que mandem seus filhos para a guerra por você, sem qualquer escolha no assunto. No entanto, você não tem filho ou irmão... ou marido para sacrificar."

"Eu queria incluir as mulheres também", respondo. "Dar às damas de Wessco mais oportunidades ocupacionais."

Tweedledee faz o sinal da cruz novamente.

Eu acredito que ele pensa que sou um demônio. Enviado do inferno para afligi-lo. Não ficarei surpresa se um dia ele derramar água benta no meu chá, só para ver se vou derreter.

"Você nem sequer conseguiu uma isenção para os nobres. Não admira que a Câmara dos Lordes se recuse a considerar isso."

Esfrego o latejar entre os meus olhos.

"Nós nos levantamos juntos ou não. Não vou colocar o ônus da defesa apenas na classe baixa. É assim que as revoluções são semeadas."

Eu bato na mesa com minhas unhas, cheia de frustração e energia nervosa.

"Coloque Bumblewood no telefone — quero falar com ele. Não, quero uma reunião cara a cara."

"Você pode se encontrar com ele — não vai adiantar nada. Só uma coisa mudará a opinião do Parlamento." Sheffield levanta uma sobrancelha significativa. "E essa é a lei que não ousamos falar seu nome na Sala do Conselho."



E duas semanas depois, como sempre parece funcionar, as coisas vão de mau...

"A princesa Miriam fugiu."

...para desastroso.

"Com um criado."

Eu vou matá-la.

Não literalmente — mas estaria mentindo se dissesse que não tenho um novo entendimento da inclinação do meu ancestral para o fratricídio.

Aquele maldito criado — aquele do quarto do leito de morte do pai. Eu deveria ter alertado Winston sobre ele.

Desde minha coroação... não, desde a morte do papai, na verdade, eu não vi muito a Miriam. Eu deveria ter ficado mais de olho nela, fazendo dela uma prioridade. Mas ela tem seus próprios deveres e estive muito ocupada.

Eu entrelaço minhas mãos, descansando meus lábios contra elas.

"Onde eles estão?"

"Itália."

"Mande trazê-los de volta imediatamente. Eu posso declarar o casamento inválido. Ela tem dezessete anos e não teve minha permissão."

"As pessoas estão muito felizes por Miriam." Alfie gesticula para os jornais sobre a mesa e as manchetes de celebração em todas as primeiras páginas. "Eles acham que é tudo muito romântico."

"Invalidar o casamento não será uma boa ideia para você politicamente", aconselha Thomas.

"Por que não?"



Ele abre a boca para responder... e hesita.

Norfolk entra para preencher o silêncio.

“Você está ganhando uma reputação muito fria... amarga. Uma Rainha do gelo, Sua Majestade.”

“Eu não sou amarga!” Argumento. “Sou muito agradável, considerando tudo o que tenho que lidar por aqui.”

Norfolk continua. “Se você dissolver o casamento da princesa, você se tornará uma destruidora do amor verdadeiro também.”

Maravilhoso.

“Há outro assunto mais grave que devemos discutir”, diz Christopher Alcott, o Duque de Sheffield.

“Claro que há.” Eu suspiro. “O que é?”

“De acordo com minhas fontes, há murmúrios no Parlamento e em outros cantos sombrios do governo sobre substituir você no trono, Rainha Lenora.”

“Substituir-me por quem?” Eu pergunto irritada.

“Sua irmã.”

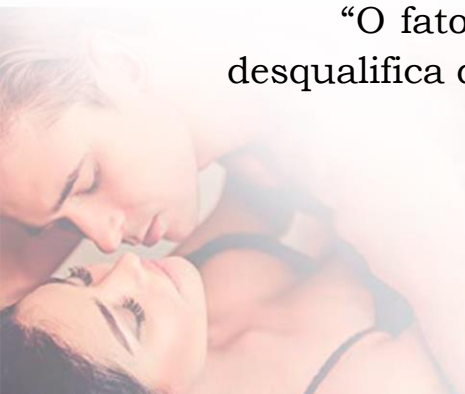
Sorrio. Alto.

“Miriam? No trono? Miriam é...”

“Maleável”, Norfolk fornece, seu rosto sombrio e duro como uma rocha. “Ela seria fácil de controlar. Essas não são características pelas quais você é conhecida, Rainha Lenora.”

“O fato dela ser casada reforçará o caso para ela”, acrescenta tio Warwitch.

“O fato de que ela é casada com um cidadão comum a desqualifica da linha de sucessão”, digo.



"Na verdade," Sheffield levanta o dedo, "isso não é exato. As leis relativas às exigências de virgindade e linhagem real ou uma cidadania natural referem-se apenas à futura esposa do Rei. Não existe tal linguagem na lei referente ao marido da rainha."

Isso assegura alguma coisa. Os homens que escreveram esses requisitos foram os *piores*, absolutamente.

Norfolk continua. "Teoricamente, pode-se argumentar que a princesa Miriam está perfeitamente no seu direito de sentar no trono com um criado como seu marido."

Eu esfrego minhas têmporas. "Você tem que estar brincando."

Norfolk me olha entediado.

"Eu nunca brinco, Sua Majestade. Sobre qualquer coisa."

A frustração passa pelas minhas veias como lava. Eu me levanto e começo a caminhar, querendo explodir. "Isso é traição."

"Sim, Sua Majestade." O velho Radcliffe acena com a cabeça.

Pensei que coisas assim só acontecessem em livros.

Ou... na Inglaterra.

Até mesmo Tweedledee e Tweedledum parecem sombrios.

"Minha vida está em perigo?" Eu pergunto.

"Você é uma monarca", responde Radcliffe em sua voz velha e trêmula. "Sua vida está sempre em perigo. No momento, sua posição é sólida, mas não segura."



“Se a princesa Miriam tiver um filho antes de você se casar, isso pode levar a uma crise constitucional completa”, diz Norfolk.

E isso limita tudo.

Eu me viro para eles, batendo minha mão na mesa. “Isso é um absurdo! Deve haver algo que possamos fazer para anular isso imediatamente.”

“Existe uma coisa.” Meu tio fica de pé parecendo tão agitado quanto eu. “Mas você nos proibiu de discutir isso.”

“Isso não! Você não pode usar essa situação para me encurralar como queria o tempo todo. Eu não serei um peão nesses jogos ridículos que os homens jogam.”

Eu bato meu pé — como uma criança recusando sua hora de dormir.

“Sou a Rainha de Wessco!”

Um leão não precisa contar a ninguém que é um leão... Então, se isso acontecer, você pode apostar que está realmente em apuros.

“Então aja como uma!” Meu tio grita.

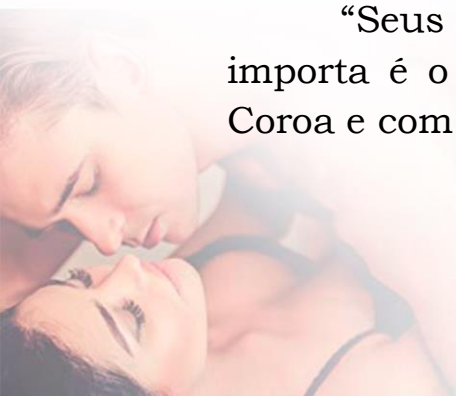
Por um momento nos encaramos, olhos brilhando como o choque de espadas.

“O que você disse para mim?”

Ele balança a cabeça e ajusta seu tom. “Você é minha Rainha, você é filha do meu irmão... mas não é assim que ele criou você.”

“Eu não quero...”

“Seus *desejos* são irrelevantes! A única coisa que importa é o seu *dever* — sua responsabilidade para com a Coroa e com o país.”



A sala está em silêncio, congelada com a tensão gelada... e a verdade fria de suas palavras.

"Seu povo quer um casamento. O Parlamento exige um casamento. Você não é a primeira monarca que foi empurrada pelo corredor e eu juro que você não será a última. Se para conseguir o governo funcionando novamente você deve ser o cordeiro real sacrificado, *então é isso que significa*. Você não usa a coroa para fazer o que *quer* — você a usa para fazer o que deve ser feito. Porque você é a única que pode."

Ele tem razão. Total e completamente. Deus o mande direto para o inferno. Não tenho nada a dizer, nenhuma resposta inteligente que torne isso menos verdade. Evitei fazer o que precisa ser feito o máximo que pude.

E não há como evitar isso.

"Bem! Muito bem!"

Em um sussurro de saias balançando, eu me viro e caminho até a minha cadeira na cabeceira da mesa. Lá, eu respiro profundamente e me sento.

Enquanto todos eles apenas olham para mim. Como idiotas. Como se eu estivesse falando outro idioma.

"Bem?" Minha voz interrompe o silencio. "Eu disse *bem*. Se o casamento é o resgate, então vou pagar." Endireito minhas costas e cruzo as mãos. "Então, quem vocês tem para mim? Vamos ouvir."

Acontece que meu pai havia previsto esse dia. Ele fez uma lista de potenciais maridos adequados. *Uma lista real*. Quem faria uma coisa dessas?

"Figglescunt. O Visconde de Redmere."



Eu olho para Sheffield entediada.

“Não vou casar com alguém chamado Figglescunt.”

“Ele é bem respeitado. Respeitado por ser altamente inteligente.”

“Então ele deveria ter sido inteligente o suficiente para mudar seu nome. Próximo.”

Tweedledee traz a realeza da Grécia. Mas eu os retiro da lista com um aceno de mão.

“Se um dos objetivos deste exercício é elevar minha posição no cenário nacional, então o futuro Príncipe de Wessco e o Consorte Real para a Rainha deve ser um homem *de* Wessco. Nós devemos ser... qual é o termo?” Estalo meus dedos. “Um casal poderoso. Próximo.”

E por aí vai. Por três dias. Nomes são rebatidos como bolas de tênis por cima de uma rede e, em última análise... descartado.

“Lorde Lancaster.”

Muito idiota.

“O Duque de Portchester.”

Feio demais.

“Rupert Haddock, o Duque de Cavanaugh.”

Muito sufocante.

“Senhor Dunspotty.”

Muito baixo na classificação.

“Barão Ivan Von Titebottum.”

Alfie franze o rosto. “Eu já ouvi histórias sobre o homem. Ele é violento. Um sádico.”



“Isso seria um problema para você, Sua Majestade?” Tweedledum pergunta.

“Sim”, respondo, meu tom seco como lenha pronta para acender. “Na verdade, seria.”

“Seymour Gilfoy, o Duque de Barburry.”

“Ele tem idade suficiente para ser pai dela”, objeta Thomas, depois folheia os papéis à sua frente. “Possivelmente avô dela.”

“Se ele ainda é capaz de dar filhos a ela. Isso é tudo o que importa”, meu tio explica.

E é a coisa mais maldita.

Não parece que estamos discutindo sobre mim. Meu futuro. Meu marido. O pai dos meus filhos. É como se meu coração estivesse envolto em gelo espesso e impenetrável. Não sinto nojo, nem ressentimento ou medo.

Eu não sinto nada.

O casamento é apenas mecânico agora. Escolhas calculadas e obrigações reais.

“Não.” Eu balanço minha cabeça. “As pessoas querem um conto de fadas — é isso que devemos lhes dar.”

Sheffield concorda. “Precisamos de um jovem senhor com um nome antigo.”

“Boa sorte com isso.” Thomas bufa. “Os aristocratas em Wessco vivem para sempre. Como se todos eles fizeram acordos com o diabo.”

Alfie olha para Thomas por um tempo maior que o normal.

“*Você* é um jovem senhor com um nome antigo.”



“Sim.” Sorrio. “Pena que eu não posso casar com Thomas.”

E toda a sala fica imóvel.

E quieta.

Alguém sussurra, “Claro.”

E outro. “Por que não pensamos nisso antes?”

Bertram Tweedle ergue as mãos, enquadrando Thomas e eu com os dedos. “Eu já posso vê-los nos guardanapos de chá.”

E o gelo ao redor do meu coração se quebra. O sangue corre pelas minhas orelhas e posso sentir meu pulso convulsionar no meu pescoço. Eu não olho para Thomas — não olho para nenhum deles.

“Bem...” Eu me levanto rapidamente. Minhas palavras são animadas e desconexas, porque a negação não é apenas um rio no Egito. A negação é agora minha melhor amiga.

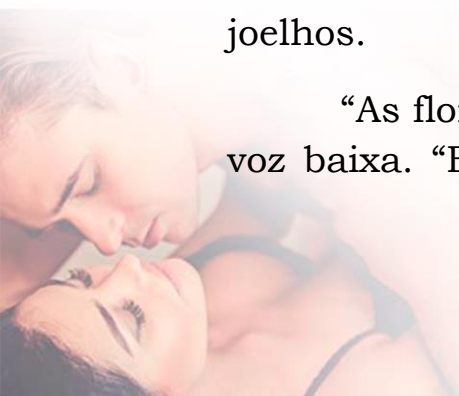
“Acredito que é o suficiente por hoje. Nós vamos retomar amanhã. Reunião adiada, meus senhores.”

E quase tropeço nos meus próprios pés, correndo da sala.

Uma hora depois, ele me encontra no jardim do sul, no banco de mármore branco perto da fonte do querubim que eu sempre achei um pouco malvado.

Thomas se senta ao meu lado, apoiando os cotovelos nos joelhos.

“As flores de cerejeira são as minhas favoritas”, digo em voz baixa. “Elas nunca estão aqui por muito tempo. Apenas



alguns dias até as pétalas começarem a cair. Eu tento apreciá-las o máximo enquanto posso."

Sei que ele está olhando para mim, mas não me viro.

"Houve várias vezes nos últimos meses em que tive que me dividir como seu consultor e seu amigo. As duas opiniões nem sempre concordaram."

"E quem é você agora?"

"Ambos."

Thomas também olha para as flores de cerejeira. E ele suspira.

"Acho que devemos nos casar, Lenora."

Eu aceno devagar. Porque é uma ótima ideia. Faz todo o sentido.

Exceto que não em tudo.

"Preciso ter um filho, Thomas. De preferência mais de um. Nós vamos ter que... dormir juntos e não quero dizer dividir uma cama."

Ele bufa. "Isso me ocorreu, sim."

"E você não acha isso repulsivo?"

Ele aperta os olhos. "Lembre-me novamente, por que eu sou seu amigo?"

Nós dois rimos. Mas a risada de Thomas diminui com uma sucessão de tosses. Quando recupera sua respiração, ele ainda está sorrindo.

"Você sabe o que eu quero dizer", digo a ele.

"Sim. Vejo enormes quantidades de estranheza em nosso futuro."



E então sua voz diminui um tom — um suave sussurro de sinceridade.

"Mas... eu me esforçaria muito todos os dias para te fazer feliz. Isso importaria para mim, Lenora. Eu me preocupo com o fato de isso não interessar a todos os outros."

A beleza dessa declaração me atravessa, fazendo minha garganta apertar. Porque toda a minha vida fui cercada por pessoas preocupadas com minhas decisões, meus planos, minha linha de pensamento, minha opinião sobre *eles*.

Mas meus verdadeiros sentimentos? Eles realmente não ocorrem para eles.

Descanso minha mão no antebraço de Thomas. Porque seus sentimentos também são importantes para mim.

"E quanto a Michael?"

Ele abaixa seu queixo e balança a cabeça. "Eu não tenho ilusões sobre o mundo em que vivemos. O pai dele já está prestes a casá-lo. Michael entenderá."

Sua mão cobre a minha em seu braço, e a aperta.

"Minha mãe se foi; Edward está lá fora em algum lugar. Você já é minha família. Isso apenas tornaria oficial."

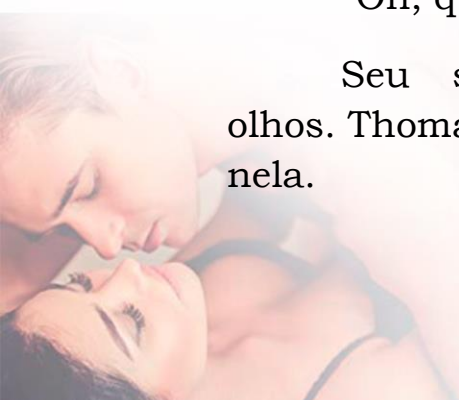
E está tudo ali naqueles suaves olhos verdes. Calor, riso, conforto, confiança... sim... Thomas já é minha família também.

"Então." Ele suspira. "O que você diz? Quer amarrar o nó?"

Lentamente, meus lábios se abrem em um sorriso.

"Oh, que diabos... eu acho que sim."

Seu sorriso é tão brilhante que ilumina seus olhos. Thomas estende a palma da mão — e eu dou um tapa nela.



Definitivamente, 'nerds'.

Nós rimos de nós mesmos até que Thomas começa a tossir novamente. Uma série de espasmos sufocantes como tiros de metralhadora que o deixam ofegante. Ele tira o inalador do bolso, inalando duas vezes.

Eu verifico sua testa, mas sua pele está fria, úmida e não febril. "Você precisa ver o médico. Essa tosse está terrível."

"Eu *estou vendo* um médico", ele chia. "Nada que ele me deu ajudou. Eu me sinto péssimo."

"Bem, veja-o novamente. Nós vamos dizer ao Conselho, mas vamos adiar qualquer anúncio público até que você esteja se sentindo melhor."



CAPÍTULO 7

Lenora

Quando eu era uma menina, não li contos de fadas. Eu conheço as histórias, todo mundo conhece as histórias, mas a leitura real — eu nunca poderia terminá-las. Eram muito cruéis, muito tristes; não importa quão feliz o final possa ser, não iria desfazer a dor que o herói e a heroína tiveram que enfrentar para alcançá-lo. Não equilibraria isso.

Sempre fui uma pessoa prática, uma realista — mesmo quando era criança. Eu vejo as coisas como elas são, não como quero que elas sejam. É por isso que eu deveria saber. Deveria ter visto — estava lá na minha frente o tempo todo.

Mas não vi. Eu não tive um pressentimento.

E isso piorou muito.

Thomas não melhora.

Não no dia seguinte à nossa conversa no jardim ou os dias depois disso. Em uma semana, ele está muito doente para participar das reuniões do conselho. Em duas, ele é internado no hospital para tratamento e exames.



Mas eu não me preocupo, não de verdade. Atravesso meus dias ocupados, com a certeza de que ele estará bem novamente em breve. Que ele estará muito melhor.

Porque ele é o Thomas.

É tão simples quanto isso.

Depois de um mês, quando ele me diz que vai para casa, no Castelo Anthorp, para descansar adequadamente — porque deve ser a aura dos anciões flutuando pelo Parlamento que está o deixando doente — sorrio e concordo com ele. Quando ele promete vencer essa doença e voltar assim que puder, acredito nele.

Porque sou uma idiota.

Minha idiotice continua até o médico chefe do Royal Hastings Hospital vir ao meu escritório para me informar sobre os resultados dos testes de Thomas. Não há direito à privacidade médica aqui — e como soberana, é minha prerrogativa saber a saúde dos homens que servem em meu governo. Normalmente, essa informação seria transmitida para um secretário, um membro da equipe — mas, novamente, esse é o Thomas.

Então o estimado Dr. Nevil está sentado em minha mesa nova e brilhante e explica a situação.

"Carcinomaxx indiferenciado de células grandes. Há uma massa em cada um dos seus pulmões. Inoperável."

E ainda assim, não faz sentido.

"Eu entendo." Aceno, colocando minhas mãos na mesa. "E qual é o tratamento?"

Garota idiota, estúpida, tola e fodida.

O Dr. Nevil direciona os olhos nos meus.

"Não há tratamento, Sua Majestade."



“Eu não... não entendo. Como o Duque vai se recuperar sem tratamento?”

O rosto do médico empalidece com simpatia. E algo mais — uma emoção que não é frequentemente apontada em minha direção, mas eu a reconheço imediatamente.

Pena.

Meu estômago revira e acho que posso vomitar aqui. Porque finalmente, entendo que algo está terrivelmente errado.

“A condição do Duque de Anthorp é terminal.”

Terminal.

A palavra ricocheteia ao redor do meu crânio, antes de afundar no meu cérebro como estilhaços.

“Ele tem vinte anos. Garotos de classe alta, de vinte anos não têm condições *terminais*.”

A voz do Dr. Nevil é gentil, mas certa.

“Às vezes eles têm.”

Eu respiro devagar pelo nariz, para dentro e para fora. Analisando essa informação. Processando e planejando. Pensando como controlar isso, consertá-lo. Como dobrar a situação à minha vontade.

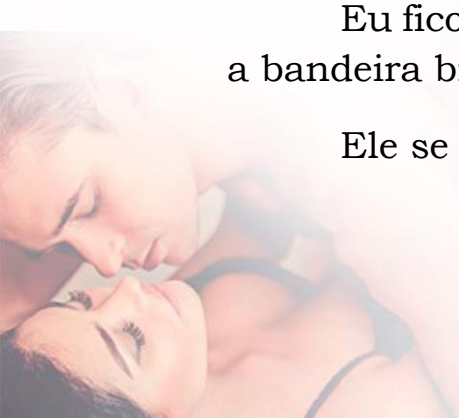
Porque eu sou a Rainha agora e é isso que Rainhas fazem.

“Você está dispensado como médico do Duque. Outro médico será nomeado para cuidar dele. Você pode ir.”

Isso parece chocá-lo. “Posso perguntar por quê?”

Eu fico de pé. “Ninguém entra em uma batalha acenando a bandeira branca e espera vencer, doutor. Bom dia.”

Ele se levanta e se curva, depois sai da sala.



E eu ando atrás da minha mesa, torcendo meus dedos juntos, transbordando de energia e urgência não gastas. Eu chamo Cora no interfone e ela entra na sala enquanto o som ainda permanece no ar.

“Sim, Rainha Lenora?”

“Preciso de especialistas — oncologistas — os melhores do mundo. Faça uma lista. Temos que manter isso longe da imprensa, mas preciso deles aqui imediatamente.”

“Sim, senhora.” Ela escreve.

“Cancele minha agenda, tanto quanto você puder, cancele quaisquer compromissos futuros e arrume minhas malas. Estarei conduzindo todos os negócios do governo do Castelo Anthorp e gostaria de partir o mais breve possível.”

Ela não pergunta por quê; apenas acena com a cabeça. “Quanto tempo você espera ficar no castelo?”

Eu olho pela janela. Há um céu do juízo final acima de nós, com nuvens cinza e nenhum vislumbre da luz do sol a ser encontrada.

“Quanto tempo precisar.”

Tarde da noite, quando chego, encontro Thomas na biblioteca, de pijama azul-claro e um roupão negro, olhando para a lareira de pedra de uma cadeira de couro que parece grande demais para ele. Ele olha para mim na porta, em seguida, seus olhos voltam para o brilho dourado das chamas.

“Você falou com o Dr. Nevil?”

“Falei.”

Ele balança a cabeça, aproximando um copo de líquido âmbar aos lábios.

“Prometa-me que você cuidará de Michael. Isso será difícil para ele.”

“Thomas...”

“E pelo amor de Deus, não me enterre ao lado do meu pai. Eu não me importo onde você me enterrar, desde que não seja lá.”

Corro para a frente, ainda de casaco, e me ajoelho ao lado de sua cadeira. Eu não penso sobre a impropriedade disso — que não deveria me ajoelhar para ninguém. Porque ele é meu amigo mais doce, mais querido e mais verdadeiro, então me ajoelho por ele.

“Eu vou te salvar.”

Não é uma promessa — é um voto solene. Eu juro porque acredito nisso.

O fogo lança sombras dançantes nos óculos de Thomas.

“Lenora...”

“Eu não pude salvar minha mãe, não pude fazer nada pelo pai... mas posso salvar você. Vou usar todos os recursos que tenho. Não vou deixar você morrer, Thomas.” Eu seguro sua mão entre as minhas. “Vou lutar com tudo o que sou. Por favor, lute comigo. Por favor.”

Ele olha para mim por vários instantes, e posso sentir sua afeição, carinho e amor. Eles me envolvem como um cobertor macio e seguro, aquecendo-me por dentro e por fora. Então os cantos de sua boca curvam e pela primeira vez desde que entrei na sala, ele parece o Thomas que conheço.

“Eu lutaria ao seu lado em qualquer dia da semana e duas vezes no domingo. Você é pequena, mas é corajosa. E esse olhar irritado e determinado que você tem no rosto”, ele aponta para mim, “esse aí mesmo — é absolutamente aterrorizante.”



Sorrio baixinho, mesmo quando meus olhos ficam molhados. Eu beijo a parte de trás da mão de Thomas e ele pressiona sua palma na minha bochecha.

E então ele está fazendo votos também.

"Nós vamos resolver isso, Lenora. E aconteça o que acontecer, prometo que tudo vai ficar bem."

Por um tempo, as coisas não ficam significativamente melhores ou piores; é apenas firme enquanto nós seguimos. Os médicos vêm ver Thomas e as consultas estão agendadas. Eu tomo café da manhã com ele todas as manhãs, pressionando-o para manter sua força e comer seu mingau. Às vezes eu imploro docemente para ele comer apenas mais uma colherada, e se isso não funcionar eu digo a ele que vou colocar Winston para segura-lo enquanto enfio na sua garganta.

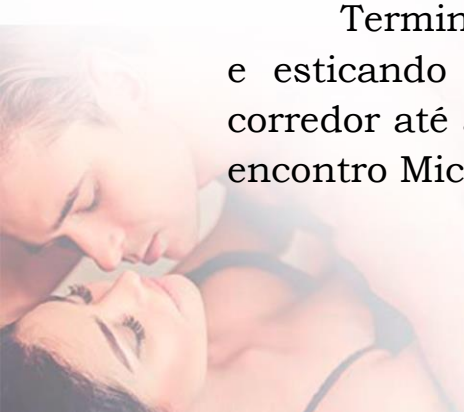
É para isso que os amigos servem.

O resto dos dias estão cheios de telefonemas e notícias, relatórios e legislação, e reuniões aqui no castelo porque os negócios do governo não param para nenhum homem... ou Rainha.

No final de uma tarde, estou em uma ligação com o Primeiro-ministro Bumblewood, que tem a temeridade de perguntar sobre o anúncio de um futuro noivado. *Mentes inquiridoras querem saber*, ele provoca em um tom que tenho certeza que ele acredita ser encantador.

Idiota.

Termino a ligação e recuo da mesa, esfregando os olhos e esticando o nó no meu pescoço. Eu ando pelo grande corredor até as escadas e subo até o quarto de Thomas, onde encontro Michael na sala de estar externa.



“Como ele está?” Eu pergunto.

“Dormindo.” Michael força um sorriso, abrindo a porta atrás dele. Thomas está deitado de costas, pálido e imóvel, no centro da grande cama de dossel. Sua respiração é forçada, apesar dos tubos de oxigênio em seu nariz, e apesar dos meus melhores esforços para levá-lo a comer, ele perdeu peso — seu rosto alegre agora está magro, com maçãs do rosto proeminentes demais.

“Bom. Ele precisa do seu descanso.” Engulo passando o nó na garganta. “Acho que vou dar um passeio — pegar um pouco de ar.”

Michael concorda com a cabeça gentilmente. “Essa é uma boa ideia.”

Depois de vestir minhas roupas de montaria — calça preta justa, camisa branca, jaqueta de equitação preta e botas de couro altas — eu sigo na direção dos estábulos. O ar está frio o suficiente para ver minha respiração e meus pulmões se expandem com o revigoramento gelado cada vez que eu inspiro.

Winston, como sempre, está a poucos passos atrás de mim.

“Eu quero andar sozinha”, digo a ele.

Posso sentir sua carranca na parte de trás da minha cabeça.

“Isso não é...”

Eu paro e giro.

“O perímetro está seguro?”

“Claro.”

“Então ficarei bem. Eu ficarei na propriedade. Não se preocupe tanto, Winston — isso te dará rugas e vou ter que te demitir, porque você vai ser muito feio para olhar.”

Ele não sorri exatamente, mas sua carranca suaviza — como se estivesse sorrindo por dentro.

"Vou tentar o meu melhor, Rainha Lenora. Eu tenho como objetivo agradar."

Nos estábulos, o cavalariço me traz uma gigantesca e furiosa besta marrom, um cavalo chamado Hector. Eu gosto dele imediatamente. Enquanto subo na sela, ele dança com uma energia frenética que precisa ser queimada. Sei exatamente como ele se sente.

No campo gramado além do castelo, eu o solto — deixando ele galopar em direção à floresta tão árduo e rápido quanto aquelas pernas musculosas podem. Minhas bochechas e a ponta do meu nariz ficam dormentes com o frio e eu escondo meu queixo e aproveito a velocidade, o borrão. O barulho das ondas do oceano com o assobio do vento e parece que estou voando... como se eu fosse um pássaro que pode ir a qualquer lugar.

Algum lugar onde não há deveres ou horários ou condições terminais. Há apenas o sol no meu rosto e o vento no meu cabelo.

Uma hora mais tarde, Hector está mais calmo. Eu abaixo minha cabeça por baixo de um galho enquanto nós trotamos através da copa das árvores, até chegarmos a outra clareira. Quando olho para o céu, vejo uma tempestade chegando — uma grande parede inchada de nuvens escuras que já envolveram o sol.

Inclinando-me para a frente, acaricio o pescoço de veludo de Hector. "O que você diz, meu menino? Acha que podemos dar mais uma corrida antes que a chuva nos pegue?"

Ele bufa, puxando as rédeas.

"Eu também acho."



Bato na sua traseira e saímos novamente. Eu fecho meus olhos, para absorver melhor as sensações, e aperto os flancos ondulantes de Hector com minhas coxas e joelhos.

E então eu solto as rédeas e levanto meus braços, as palmas para frente. Tentando pegar o vento em minhas mãos.

É a coisa mais idiota que eu já fiz — mas é incrível.

Parece liberdade.

Por cerca de três segundos.

É quando Hector solta um relincho agudo e indignado. Ele se levanta em suas pernas traseiras e antes que eu possa pegar as rédeas, estou voando — caindo — como Alice em seu interminável buraco de coelho. Antes de aterrissar de bunda na terra fria e dura.

"Ooof!"

A vibração dos cascos trovejantes de Hector no chão embaixo de mim fica cada vez mais fraca. *Traidor*.

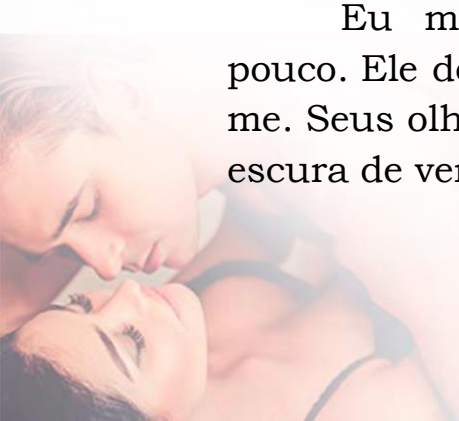
Eu não me movo no começo. Deito de costas respirando, certificando-me de que todos os meus quatro membros ainda estão inteiros. Então abro meus olhos e pisco para o céu escuro. Até algo obscurece minha visão.

Alguém.

É um homem de pé sobre mim, olhando para mim.

Seu cabelo é ondulado e loiro e um pouco longo demais. Cai sobre sua testa, dando-lhe um ar rebelde e imprudente — como um arcanjo que desceu à terra contra as ordens.

Eu me sento devagar, minha cabeça girando um pouco. Ele deixa cair a bolsa no chão e se agacha, avaliando-me. Seus olhos são um verde incomum — uma sombra muito escura de verde-esmeralda — e sua mandíbula é forte, tensa e



coberta com uma barba curta dourada e áspera. Formigamento que nada tem a ver com o ar gelado sobe pelos meus braços.

Quando ele fala, sua voz é profunda, mas refinada, como seda áspera.

“Você está ferida?”

Eu fui educada pelas melhores mentes do mundo.

Falo sete idiomas fluentemente.

E, no entanto, a única resposta que eu posso dizer é, “Huh?”

Brilhante.

Suas sobrancelhas se juntam e sua boca perversa curva — como se ele não pudesse decidir se deveria estar preocupado ou entretido.

“Você bateu com a cabeça?”

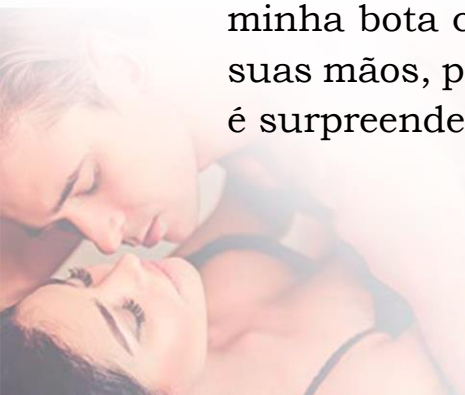
E agora ele pensa que estou em choque — que amável.

“Uh... não, não, acho que estou bem.”

Ele balança a cabeça, levantando-se, todo alto, largo e musculoso sob uma camisa branca com as mangas arregaçadas e calça casual. Ele estende a mão e quando eu aceito, a dele engole a minha. Mas quando fico de pé, uma dor intensa irradia do meu tornozelo.

“Oh!”

Eu tiro meu peso desse lado, pulando, e o homem me guia para sentar em uma grande pedra. Sem pedir permissão, ele agarra meu joelho com uma mão e desliza lentamente minha bota com a outra. Então ele embala meu tornozelo em suas mãos, pressionando aqui e ali com seu polegar, seu toque é surpreendentemente gentil.



“Você pode mexer os dedos dos pés, moça?”

Moça? Eu olho para o rosto dele para ver se está sendo impertinente, mas ele apenas olha de volta para mim, esperando. Porque não tem ideia de quem eu sou. Nenhuma. Para ele, sou apenas um bebê perdido na floresta — como em um daqueles contos de fadas que nunca terminei de ler.

Eu nunca conheci alguém que não soubesse quem eu era — completamente bizarro.

Recuo quando mexo os dedos dos pés.

“Não está quebrado, mas você torceu.” Ele olha para cima e para baixo no campo, então vira os olhos verdes penetrantes de volta para mim. “Parece que terei que te carregar.”

Não coro facilmente. Ou solto risadinhas. E não fico desconcertada.

Eu deixo todo mundo desconcertado.

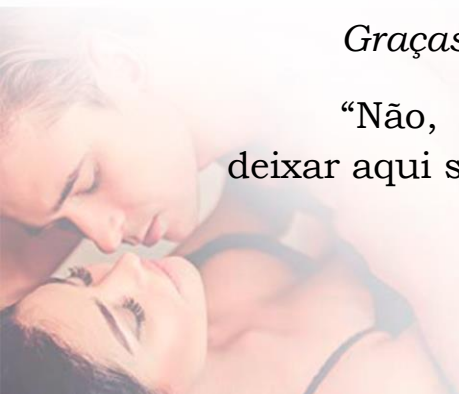
No entanto, o pensamento dele me carregando com esses braços impressionantes faz com que meu interior fique pegajoso e minhas bochechas coradas como se estivessem em chamas.

“Isso não será necessário.” Minha voz está sem fôlego, porque não consigo respirar o suficiente. “Vou esperar aqui e você pode pedir para virem me buscar com a charrete da manutenção.”

Nesse exato momento, uma explosão de trovão irrompe no céu — o tipo que sacode o chão e soa como se o céu estivesse rachando.

Graças a Deus. Muito obrigada.

“Não, essa tempestade será terrível. Não vou te deixar aqui sozinha.”



“Isso é muito gentil, mas estou perfeitamente...”

É uma coisa muito estranha não ser ouvida. Ser ignorada. É assim que a vida cotidiana é para todos os outros?

Eu não gosto disso.

Ele me levanta sem esforço em seus braços, embalando-me contra seu peito. Sua camisa é limpa, algodão macio e cheira a terra e grama fresca. Eu não sei o que devo fazer com minhas mãos, então elas ficam apoiadas no meu colo enquanto ele nos leva para a floresta.

“Era um cavalo infernal que você estava montando.” Sua voz rica tem um toque de provocação nela. “Você pode querer algo menor até ficar melhor nisso.”

“Sou uma excelente amazona.”

O fato de que ele acha que não sou boa me arrepia mais do que deveria.

“Amazonas excelentes geralmente sabem manter as mãos nas rédeas.” Ele pisca.

“Vou tentar lembrar disso”, respondo secamente.

Outra explosão de trovão vem e raios invadem o céu. Ele abaixa a cabeça, inclinando-se para mais perto.

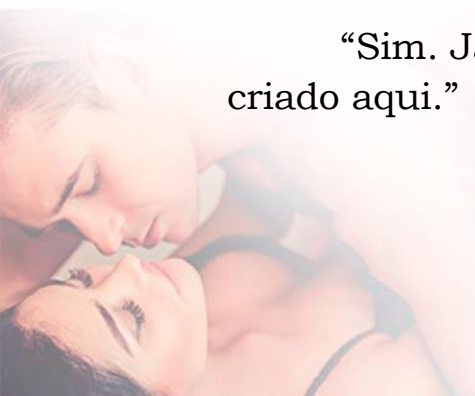
“Você está hospedada no Castelo Anthorp, certo?”

“Sim. O Duque e eu somos bons amigos.”

Há um brilho em seus olhos enquanto ele balança a cabeça, como se eu tivesse dito algo divertido.

“E você?” Pergunto. “Você parece conhecer bem a propriedade.”

“Sim. Já faz algum tempo desde que estive aqui, mas fui criado aqui.”



“Oh?” Eu olho suas roupas, seu cabelo, seu comportamento rude. “Você era... um dos filhos do jardineiro?”

Seus lábios deslizam em um sorriso diabólico e ele definitivamente está rindo de mim agora.

“Não.”

Não há uma chance de elaborar — ou dizer a ele que está sendo rude. Porque o céu se abre e uma torrente de chuva começa a encharcar nós dois.



CAPÍTULO 8

Edward

Depois de anos de pesquisa, cheguei à conclusão incontestável de que nenhuma notícia boa vem em um telegrama. Eles são portadores de más notícias. Precursores de depressão. O equivalente a uma ligação às duas da manhã — quem quer que esteja ligando do outro lado, você pode apostar suas bolas, não terão nada feliz para dizer.

Quando minha mãe morreu, foi um telegrama que contou a mim e a Thomas. Quando a equipe de seis membros de uma expedição fluvial na qual eu estava prestes a entrar foi inesperadamente exterminada por um deslizamento de terra, o telegrama atacou novamente. Quando meu pai morreu, um telegrama me informou — embora não fosse exatamente uma *má* notícia, mas... essa é uma história para outra dia.

A história de hoje é que voltei para casa.

E Cristo, isso aqui não mudou nem um pouco.

Cada árvore, cada pedra é exatamente como eu me lembro. O oceano agitado tem o mesmo tom de azul esverdeado e as ondas batendo contra as rochas batem exatamente no mesmo ritmo.

Como se estivesse sentado, esperando que eu voltasse todo esse tempo.



Quando eu era jovem, isso me irritava. A mesmice. A monotonia. Parecia tão sem sentido. As rígidas expectativas e tradições de um herdeiro de um velho ducado me envolveram como uma corrente de ferro — prendendo-me, tornando impossível respirar.

Mas isso foi naquela época.

Hoje, de pé às margens de Wessco, não parece mais ser assim. Parece como... voltar para casa. A terra pode não ter mudado, mas eu mudei. Uma década longe faz isso com você. Há um conforto na firmeza da paisagem agora — em conhecer cada caminho e trilha da mesma maneira que eu conheço a aparência das minhas próprias mãos. Há uma nostálgica saudade no ar que eu não podia apreciar quando era selvagem e jovem e com fome de imprudência.

Falando de imprudência...

Não é todo dia que você encontra uma garota bonita na floresta, andando livre, braços esticados, cabeça inclinada para o céu como um anjo submisso aguardando o comando do seu mestre.

Só teria sido melhor se ela estivesse nua.

Eu acho que é um bom presságio — um presente de boas vindas de Deus.

Não descobri o nome dela antes do aguaceiro torrencial começar... mas eu pretendo. Posso dizer pelo comportamento dela que é uma dama — talvez a filha de algum membro do Parlamento, ou talvez uma prima do amigo de Thomas, Michael Fitzgibbons.

Mesmo com a água escorrendo pelo rosto e os cabelos presos como um rato afogado em sua cabeça, ela é adorável. Com lábios carnudos, cheios e rosados que inspiram todos os tipos de pensamentos sujos e a pele que cheira a lilases e água da chuva. Ela é quase nada para carregar, mas

pressionada contra mim, ela é macia e cheia em todos os lugares certos.

O Castelo aparece à vista através da chuva. A garota treme levemente do frio e eu a abraço mais forte e ando um pouco mais rápido. Alguns minutos depois, meus passos molhados ecoam pelo chão de pedra e gentilmente coloco meu lindo embrulho na poltrona do saguão. Eu puxo uma tapeçaria horrível que está pendurada na parede por cem anos, envolvendo-a sobre seus ombros e esfregando seus braços. Então me levanto e afasto o cabelo pingando do meu rosto.

E a diversão realmente começa.

Quando uma empregada que não conheço vem da grande sala, olha para a mulher na cadeira e suspira, “Oh, Sua Majestade, você está bem?”

Ao mesmo tempo em que Horatio, o mordomo, vem do outro lado e diz, “Bem-vindo ao lar, Mestre Edward.”

E eu olho para ela e ela olha para mim.

“Edward?”

“Sua Majestade?”

“*Você* é o irmão do Thomas?”

“*Você* é a Rainha?

Quando Thomas me escreveu pela primeira vez sobre sua amiguinha, a Princesa Lenora — ou Lenny como eu a batizei, porque Lenora é um nome de velhinha — eram histórias de uma garota sorridente e animada que brincava com suas desventuras. E essa é a imagem que ficou congelada em minha mente — uma jovem com um gosto pela vida selvagem.

Mas essa criatura — com atraentes olhos cinzentos, um nariz empinado e lábios exuberantes e carnudos, usando

roupas de montaria encharcadas que se agarram a todas as curvas lindas como uma segunda pele — ela não é uma garota.

"Por que você não me disse quem era?" Ela exige, seus olhos brilhando como duas lâminas afiadas.

"Por que *você* não me disse quem era?" Exijo também.

Ela zomba da pergunta como se fosse a coisa mais ridícula que já ouviu.

"A Rainha não *diz* às pessoas que ela é a Rainha."

"Por que não?"

"Porque deveriam saber."

"Como?"

Ela levanta os braços. "Eles simplesmente sabem!"

Foda-se, mas ela é uma coisinha divertida. Muita indignação e fogo em um pacote bem apertado e bem formado. Isso me faz querer sorrir — só para enfurecê-la mais.

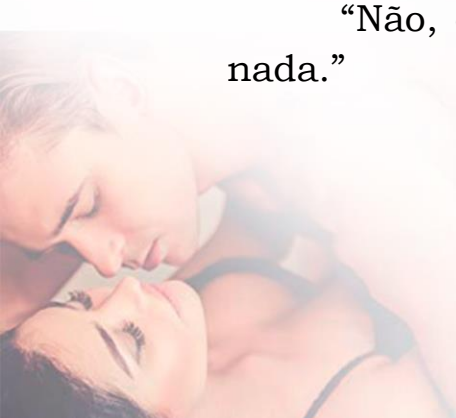
"Isso é ridículo."

"*Você é* ridículo." Ela se levanta da cadeira, em pé. "E rude."

"*Eu sou* rude?" Levanto o polegar por cima do meu ombro. "Eu deixei minha bolsa no bosque por você. Carreguei você por oito quilômetros através da tempestade. A rainha também não diz 'obrigada' quando um homem a ajuda?"

Ela cruza os braços e levanta o nariz, de alguma forma fazendo parecer que está olhando para mim, embora eu seja trinta centímetros mais alto.

"Não, ela não diz. É uma honra me servir, então... de nada."



Bem, olhe só para isso — a rainha tem bolas. Bom para ela. É mais do que posso dizer para a maioria dos aristocratas que conheço.

"Brilhante, vocês já estão se dando bem."

A voz vem de trás de mim — uma voz que conheço tão bem quanto a minha. Eu me viro... e todos os pensamentos de brigar com a Rainha arrogante fogem da minha cabeça.

Porque quando o telegrama de Thomas chegou, no começo, eu disse a mim mesmo que era uma brincadeira. Um pouco de diversão. Apenas o tipo de coisa que ele faria — usar humor negro para me atrair para casa. Mas agora, quando olho para ele, sei que cada palavra era verdadeira.

E é como se o chão se abrisse sob meus pés.

Porque meu irmãozinho está aqui na minha frente, mas ao mesmo tempo... não é ele. Não aquele que lembro, não o que deveria ser. Ele parece um homem velho — um homem jovem e pálido — numa cadeira de rodas. Com um cobertor sobre o colo, sendo empurrado por Michael.

Apenas seus olhos são os mesmos, por trás das lentes com armação grossa e escura que ele usa desde os seis anos. Eles dançam com malícia verde. Com vida.

"Olá, Edward."

Já faz três anos desde que o vi, quando ele e Michael se juntaram a mim nas férias, navegando perto da Jamaica. Três anos atrás. Faz muito tempo.

"Thomas." Eu caio de joelhos e o abraço — abraço-o com força — querendo tanto lhe passar minha força, minha saúde. Para tornar isso melhor, agora que estou aqui, agora que estou em casa.



Ele bate nas minhas costas e me olha nos olhos enquanto eu me endireito. Então ele volta sua atenção sobre meu ombro.

“O que aconteceu, Lenora?”

Há um membro da equipe em cada braço, enquanto ela dá passos doloridos até as escadas.

“Apenas um pequeno contratempo com o cavalo. Eu ficarei bem.” Ela diz, toda cheia de dignidade e compostura controlada. “Vocês dois coloquem a conversa em dia. Não espere por mim para o jantar — jantarei no meu quarto esta noite.”

“Fique deitada”, digo, as palavras naturalmente saindo como uma ordem. “E coloque gelo nesse tornozelo.”

Ela acena com a cabeça rigidamente. Seus olhos se lançam para mim rapidamente, depois para longe — como se ela estivesse tentando não olhar, mas simplesmente não consegue evitar.

Vejo-a ir até virar no canto para o topo das escadas e Thomas toca meu braço. “Lenora requisitou a biblioteca, então vamos ao escritório. Temos muito o que conversar.”

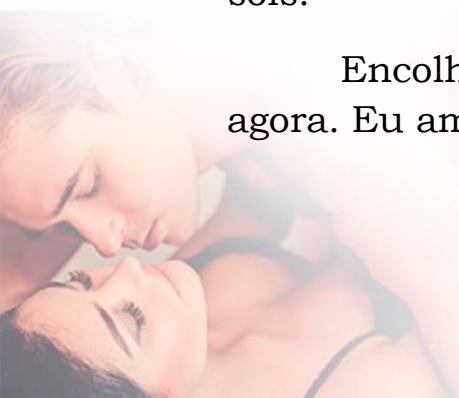
Horatio me traz toalhas e uma muda de roupa. No escritório, Michael nos serve três conhaques e depois se senta ao lado da cadeira de rodas do meu irmão, perto do fogo.

Thomas levanta o copo. “É bom ter você em casa, Edward.”

“É bom estar em casa, irmãozinho.”

“Mentiroso. Você odeia esse lugar com o calor de mil sóis.”

Encolho meus ombros. “Talvez apenas alguns sóis agora. Eu amadureci na minha velhice.”



Meu irmão toma um gole de sua bebida. “Encontrou o que procurava? Seu propósito?”

Ele está falando sobre uma conversa que tivemos quando ele e Michael me visitaram.

Deixei Wessco em busca de aventura e emoção — e para irritar o meu velho bastardo pai. Mas não é por isso que fiquei longe. Eu fiquei longe porque queria mais da vida do que um título e cofres cheios de dinheiro que eu não ganhava. Queria um propósito. Uma razão para ser. Eu estava procurando por isso.

E ainda estou.

“Não”, digo a ele.

“Eu não penso assim”, meu irmão diz. Então ele olha para Michael e alguma comunicação secreta se passa entre eles.

Olho-o novamente — seu corpo frágil e bochechas fundas. E minha voz fica tão melancólica quanto eu me sinto.

“Por que você não me escreveu mais cedo?”

Ele levanta o ombro, tomando um gole de conhaque.

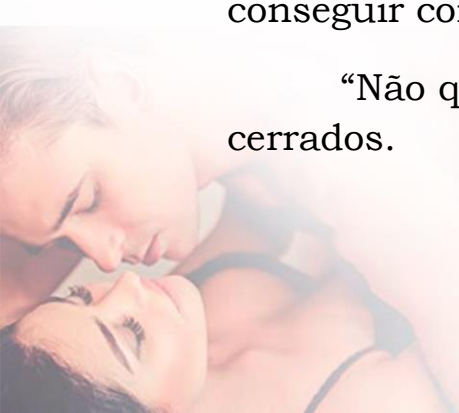
“Não é realmente algo que você coloca em um telegrama. ‘Estou morrendo. Ponto. Venha para casa. Ponto. Espero que você faça isso a tempo. Felicidades’.”

Eu pego o telegrama dobrado do bolso de trás.

“Mas é exatamente isso que você escreveu. Literalmente isso.”

Ele ri. “Bem... Acho que demorei um tempo para conseguir coragem. Aceitar isso.”

“Não quero que você aceite isso”, grunho com os dentes cerrados.



Quero que ele viva. E estou pronto para fazer qualquer coisa para que isso aconteça.

“Eu quero...”

Ele lê meus pensamentos ou minha expressão. Ou ambos.

“Não comece. É câncer de pulmão, Edward. Agressivo. Eu falei com os médicos, especialistas. Não há nada a ser feito.”

“Os médicos não sabem tudo. Existem tratamentos alternativos. Quando eu estava na Índia...”

“Não.” Ele balança a cabeça. “Não vou gastar meus últimos dias sendo arrastado por aí amarrado às suas costas.” Seu tom fica sombrio. Determinado. “Eu quero ir em meus próprios termos, enquanto ainda sou eu mesmo, enquanto ainda tenho uma palavra a dizer. Isso importa para mim.”

“Pelo amor de Deus, Thomas. Deve haver algo que eu possa fazer.”

Ele olha para mim com aquele brilho travesso em seus olhos.

“Bem, agora que você mencionou isso. Existe uma coisa...”

Na manhã seguinte, depois de tomar banho e me barbear, sento-me com Thomas em seu quarto. Ele está vestido, mas ainda está na cama. Nós conversamos por várias horas ontem à noite — sobre muitas coisas, mas sobre uma coisa em particular.



Lenora — a Rainha — entra na sala, sua expressão suave e composta, vestindo calça cinza com um suéter vermelho e um lenço amarrado em volta do pescoço.

“Bom dia.” Eu fico de pé e me inclino, observando-a com cuidado.

Quando você viaja pelo mundo e vive entre culturas diferentes da sua, você se torna observador. Você nota a linguagem corporal e expressões faciais; aprende a ler as pessoas.

“Como está o seu tornozelo?”

Ela encolhe os ombros. “Está bem.”

Eu vi o tornozelo dela ontem — não está nem perto de ficar bem. Já estava inchando na floresta. Deve estar doendo, mas ela não cambaleia nem faz careta mesmo quando anda em sapato de salto.

A pequena Lenny também tem um limiar de dor no céu ou autocontrole feito de ferro.

Ela puxa uma cadeira ao lado da cama de Thomas e pega o mingau na bandeja. “Você precisa comer o seu café da manhã.”

“Há coisas que precisamos falar, Lenora.”

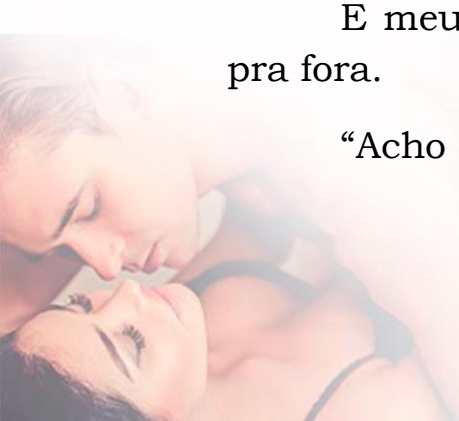
“Thomas...”

Ele levanta a mão, jurando, “Vou comer a tigela inteira depois de conversarmos.”

Ela suspira. “Tudo bem. Sobre o que você queria conversar?”

E meu irmão, sempre diplomático, apenas coloca tudo pra fora.

“Acho que você deveria se casar com Edward.”



Ela faz uma pausa, mas a expressão dela não muda. Ela não ri, nem arfa, nem franze a testa. Seu tom é calmo e reservado.

"Seu irmão? Que adequado."

Seus olhos cinzentos encontram os meus. "Você concordou com isso?"

"Sim."

"Por quê?"

"Ele é meu irmão. Ele pediu. Não vou negar, não agora."

E é a verdade. Mas não é a única verdade. Algo sobre ela me intriga — essa mulher linda e cautelosa, que cavalga selvagemente na floresta quando acha que ninguém está olhando.

Ela se vira para Thomas.

"Nós discutimos isso. Nós concordamos. Eu vou me casar com *você*."

"Você vai me enterrar antes do mês acabar."

Isso provoca um tremor nela.

"Não fale assim."

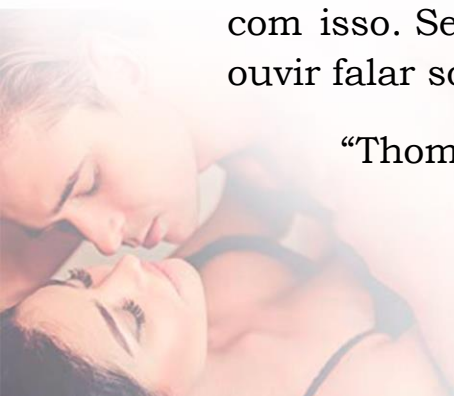
"Por que não? É verdade."

"Eu disse para parar." Lenora fica de pé. "Não vou ouvir."

Thomas cede, fechando a boca e acenando com a cabeça. Mas apenas por um momento.

"Não, você sabe o quê?" Ele bate na xícara de chá com as costas da mão, que explode contra a parede. "Para o inferno com isso. Se eu sou o moribundo, você pode muito bem me ouvir falar sobre isso."

"Thomas..."



“Há verdades desagradáveis com as quais temos que lidar. Que *você* tem que lidar, não pode livrar-se disso, Lenora.” Sua mandíbula está tensa e ele está tão bravo quanto eu já o vi. “Você precisa se casar — isso é um fato. Você precisa se casar antes que sua irmã engravide — outro fato. Quando eu for embora, você estará de volta na mesma situação precária em que estava há dois meses. Então, quem será, hmm? Quem resta a escolher? O sádico, que vai querer te bater um pouco, antes de foder você?”

“Pare com isso...”

“Ou o velho, que eu nem quero saber o que ele usará para ter uma ereção antes de rastejar entre suas pernas.”

Ela não recua; não recua um único centímetro.

“Não seja obsceno.”

As palavras do meu irmão são duras e furiosas. “Se qualquer situação na terra pede obscenidade, é essa aqui.”

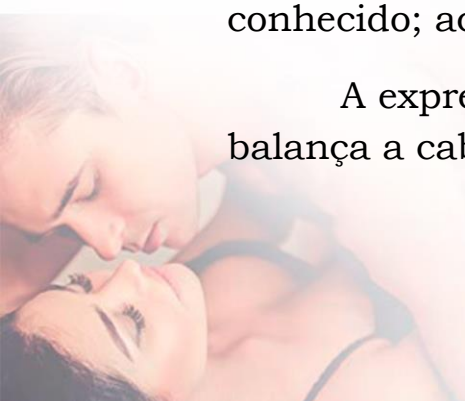
Ele mal termina a frase, quando a tosse começa. Tão forte que percorre seu corpo e dobra suas costas, curvando-o para frente. Eu sirvo um copo com água e dou-lhe um lenço do bolso. Thomas o pressiona contra os lábios e ele sai com sangue. Depois de alguns instantes, ele se acalma.

“Eu pensei que você ficaria satisfeita com a ideia”, ele diz. “Houve um tempo em que lemos as cartas de Edward que você...”

“Não.” Suas bochechas ficam coradas. Seja por vergonha ou raiva, não sei dizer. “Aquela garota se foi.”

Pergunto-me sobre aquela garota — para onde ela fugiu e o que aconteceu para fazê-la ir. Eu gostaria de tê-la conhecido; acho que nós poderíamos ter nos dados bem.

A expressão de Thomas se torna penetrante e triste. Ele balança a cabeça.



“Você não faria isso por mim?”

“O quê?”

“Se você estivesse indo embora para sempre, e soubesse que havia algo que poderia fazer para tornar isso mais fácil para mim, você não o faria?”

“Claro”, Lenora jura, e a sinceridade em sua voz soa clara.

“Então, pelo amor de Deus, considere isso. Se não for por você mesma, então por mim. Então posso ter a paz de saber que não estou abandonando você completamente.”

Começa outra rodada de tosse, essa pior que antes. E é tão difícil vê-lo lutar. Eu só quero que ela concorde — concorde com qualquer coisa, contanto que ele possa ficar tranquilo.

É como se ela lesse minha mente.

“Tudo bem. Tudo bem.” Lenora assente, com o rosto franzido. “Vou considerar isso.”

Thomas descansa de volta nos travesseiros, respirando com dificuldade, mas com falta de ar.

“Obrigado.”

Ela balança a cabeça, dando-me um olhar rápido, depois olha de volta para o meu irmão. “Eu preciso... ficarei fora durante o dia. Voltarei mais tarde.”

Então ela se vai, o clique da porta ecoa em seu rastro.

Minhas sobrancelhas levantam. “Isso foi bem.”

“Ela mudará de ideia. Ela é teimosa, mas lógica; verá a razão nisso. Ela sempre vê.”

Eu observo meu irmão, tentando ver a resposta em seu rosto.

“Você a ama, Thomas?”

Ele nem hesita. “Sim, mas não do jeito que você está pensando. A primeira vez que a vi, soube que ela me pegaria. Que ela era exatamente como eu.”

“Assim como você, como?”

“Solitário.”

E eu me odeio mais do que jamais pensei ser possível. A culpa é sufocante, irrevogável e merecida.

“Mas é pior para ela, Edward. Ela é a pessoa mais solitária do mundo inteiro.”

“Ela é a maldita Rainha! Ela está cercada de pessoas a cada momento de todos os dias.”

“E ainda assim ela não tem ninguém. Ninguém que se importe com ela. Verdadeiramente, não. Ninguém além de mim... e espero, em breve... você.”



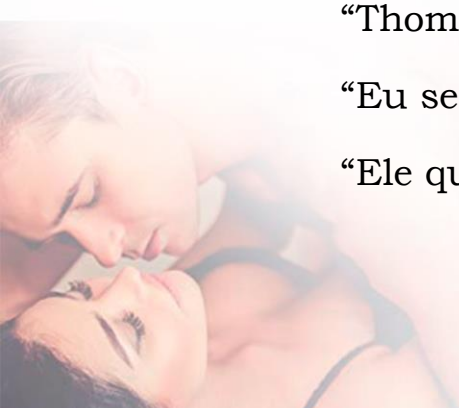


Vou para a propriedade de Alfie em Averdeen. Na parte de trás da casa, para aquela velha árvore grande e o balanço frágil. Eventualmente, quando Alfie sai, ele me encontra lá, minha testa descansando na corda. E as palavras são derramadas, silenciadas e horríveis.

“Thomas está morrendo, Alfie.”

“Eu sei, Chicken. Sinto muito.”

“Ele quer que eu me case com Edward.”



“Edward quem?”

“Edward Rourke.”

“Ninguém viu Edward Rourke por anos. Ele é praticamente uma lenda nos dias de hoje — como William Wallace, o aventureiro desonesto.”

“Ele está no Castelo Anthorp agora. Thomas enviou-lhe um telegrama e — poof — ele chegou em casa, desse jeito.”

Alfie olha para o céu nublado. “Thomas sempre foi inteligente. Edward tem o nome certo, e quando seu irmão morrer, ele terá o título mais uma vez. Ele será um companheiro adequado para você.”

“Eu não o conheço”, argumento duramente.

“Você não conhecerá nenhum deles.”

Minha cabeça se levanta. “Mas eu os conheceria. Suas motivações, seus objetivos... teria informação. Edward é uma lousa em branco para mim. Eu não serei capaz de antecipá-lo.”

“Você quer dizer que não será capaz de controlá-lo.”

“Isso também.” Eu aceno.

Ele ri, balançando a cabeça e sua voz fica suave.

“Você é filha do seu pai.”

E de repente, estou tão cansada. Do peso de tudo — as escolhas e mudanças. Isso é cansativo.

“O que eu faço, Alfie? O que o papai me diria para fazer?”

Ele esfrega o queixo, considerando a questão. “Ele lhe diria para tomar uma decisão, não perder tempo. Ele nunca suportaria perder tempo. Seu pai gostaria que você olhasse para suas opções e fizesse a melhor escolha.”

“E se não houver melhor escolha?”

“Então escolha a menos pior.” Ele olha para mim com carinho. Um olhar paternal. “Se você quer minha opinião, pelo que conheço do homem que ele é, você poderia fazer pior que Edward. Diz muito sobre uma mulher, uma Rainha, o homem que ela escolhe se prender.”

Eu olho para o chão e há uma amargura na minha língua, saboreando minhas palavras.

“E o que Edward Rourke diria sobre mim?”

“Que você é destemida, ousada, imprevisível... talvez um pouco malvada. Na sua posição, essas não são coisas ruins para ser, Lenora.”

“Não...”

Eu não posso discordar.

“Nada mal, afinal.”

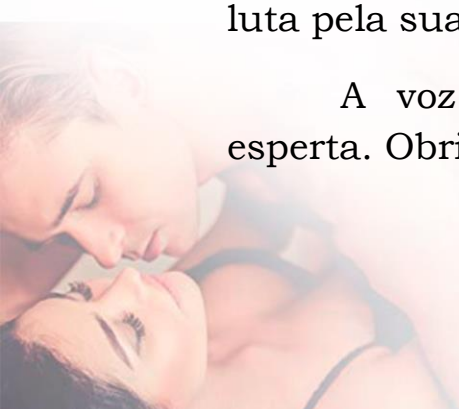
Já está escuro quando volto ao Castelo Anthorp. Eu caminho suavemente no quarto mal iluminado de Thomas e me aproximo da cama onde ele está dormindo, apoiado em travesseiros. Edward se senta ao lado da cama, seguindo cada movimento meu. Eu não olho para ele, mas posso sentir a intensidade do seu olhar. O questionamento.

Coloco minha mão sobre a de Thomas e lentamente ele abre os olhos.

“Eu aceito”, digo a ele.

E parece uma falha. Como aceitar a derrota. Porque esta luta pela sua vida é uma que não podemos vencer.

A voz de Thomas é quase um sussurro. “Garota esperta. Obrigado.”



Só então eu me viro para Edward e encontro o seu olhar diretamente.

“Eu aceito”, digo a ele também, mas parece muito diferente.

É como aceitar um desafio.

Por um momento, seus intensos olhos verdes me seguram possessivamente enquanto espero por sua resposta.

Vem na forma de um aceno nítido e deliberado.

E rápido como isso, o curso da minha vida está definido.



CAPÍTULO 9

Lenora

As coisas acontecem rapidamente depois disso, como se Thomas estivesse apenas se segurando, para esclarecer as coisas. Um médico vem e fica no castelo, monitorando sua condição, preparando um gotejamento intravenoso para tratá-lo da dor. Fico lá tanto quanto posso — deixando de lado tudo, exceto o negócio mais urgente e inevitável. Michael está lá, fazendo tudo o que pode por ele, sussurrando para ele, segurando a mão dele. Na maioria das vezes, Thomas dorme. Ocasionalmente, ele abre os olhos e me dá um sorriso quando consegue.

Nos dá um sorriso.

Edward está sempre lá também, sempre no quarto. Ele faz suas refeições lá; ele descansa na cadeira ao lado da cama — quando descansa. Ele toma banho e veste roupas limpas, mas, por outro motivo, não sai do lado de Thomas.

Uma noite, Thomas abre os olhos e se vira para o irmão. E em voz alta, ele diz, “Não fique triste, Edward. Desta vez serei eu quem vai viajar. Vou tentar escrever e contar tudo sobre isso.”

Edward lhe dá um sorriso — e é um lindo sorriso. Então ele pressiona sua mão contra a bochecha de Thomas, acariciando-o gentilmente.



Não penso no país, no Conselho de Assessoria ou no Parlamento. Eu não penso sobre o 'depois' ou as promessas que fiz. E Edward deve sentir o mesmo. Porque só falamos um com o outro sobre Thomas.

O resto será para outro tempo, outra vida... outro nós.

No início da manhã de sábado, as cortinas pesadas estão fechadas, e Michael finalmente cedeu à exaustão e cochila no sofá da sala de estar. Os olhos de Thomas estão fechados, os lábios movendo-se silenciosamente, a pele pálida de um tom azulado, apesar da máscara de oxigênio que repousa sobre o rosto.

A empregada se move para desligar a luz. E Edward praticamente arranca a cabeça dela.

"Deixe assim!"

Ela assusta, mas depois se recupera, e levanta a bandeja da mesa de cabeceira antes de deixar silenciosamente o quarto. E voltamos a esperar, observando a lenta subida e descida do peito de Thomas.

"Ele não gostava do escuro", Edward diz baixinho. "Quando éramos jovens, antes de eu ir embora, ele entrava no meu quarto à noite porque estava com medo. Ele sempre me pedia para deixar as luzes acesas. E eu deixava."

"Ele não tem mais medo da escuridão", digo a ele, tão silenciosamente quanto.

Ele vira os olhos para mim. "Como você sabe?"

"Há catatumbas embaixo do Palácio de Wessco. Eu vivi lá toda a minha vida, mas nunca pisei nelas. Até o ano passado, quando ele me convenceu a ir explorar. Ele tinha uma lanterna, mas por outro lado era escuro como breu. E ele me contou uma história de fantasma — sobre um homem querendo seu braço de ouro — o tempo todo. Thomas achou hilário... Não dormi por uma semana."

Uma risada vem da garganta de Edward. E quase rio com ele, mesmo quando a memória me faz querer chorar.

“Bom”, ele sussurra.

E nós retomamos nossa vigília.

Edward

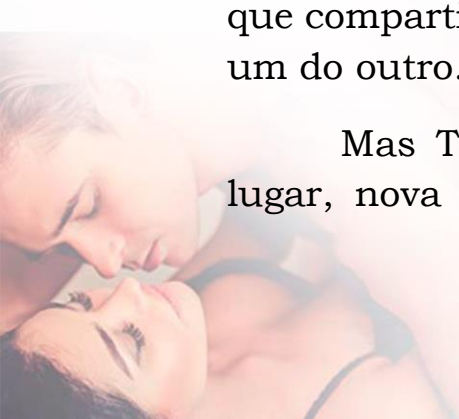
Eu faço a matemática na minha cabeça... principalmente para evitar perder a cabeça. Estive fora por dez anos, onze se você contar a guerra. Escrevi a Thomas uma carta por semana, às vezes mais, às vezes menos — uma média de quatro por mês. Quatro, vezes doze meses por ano, vezes onze.

Quinhentas e vinte e oito cartas, dezenas de milhares de palavras, incontáveis momentos entre meu irmãozinho e eu.

Eu não tenho nenhuma de suas cartas; elas foram queimadas em fogueiras por todo o mundo. Quando você vive em movimento, deve viajar leve, e o sentimentalismo é pesado demais para carregar. Mas eu não preciso delas — já conheço todas as palavras e todas as curvas de todas as letras que ele escreveu, de cor.

Seria um erro pensar que não éramos próximos só porque não morávamos no mesmo lugar. Eu conheço irmãos que compartilharam a mesma cama e não aguentavam a visão um do outro.

Mas Thomas estava comigo o tempo todo. Cada novo lugar, nova experiência, nova memória... Ele estava lá, em



meus pensamentos, eu não podia esperar para compartilhá-los com ele. E eu sei que foi o mesmo para ele. Thomas confessou seus segredos mais profundos para mim naquelas cartas, como se achasse que isso importaria para mim. Como se houvesse alguma coisa no mundo que ele poderia escrever sobre si mesmo que me faria pensar menos dele. Isso não me faria não amá-lo completamente — da mesma forma que ele me amava em troca.

Não existia essa possibilidade e eu disse isso a ele.

Eu sei viver em um lugar onde meu irmão não está. Mas não sei viver em um mundo onde ele não vive.

E enquanto eu me sento aqui ao lado de sua cama e vejo sua vida lentamente se esvair, é como se uma parte de minha alma estivesse escapando com ele. Deixando-me duro e estéril. Como a terra ressequida e rachada sem água. Como o ártico sem o sol.

Eu o observo e penso em quando ele era um garotinho — todo cabeça, óculos e membros curtos e magros.

"Mostre-me, Edward! Mostre-me como chutar a bola como você."

"Posso dormir aqui com você? Você vai manter as sombras longe."

"Quando for para a escola, Edward, você pode me levar com você?"

Sua respiração fica mais lenta, e sei que Lenora e Michael também a veem.

Olho para o rosto dele e ele não está usando os óculos. Eles estão dobrados na mesa de cabeceira porque ele não precisa deles. Porque nunca mais precisará deles.

E é tão errado.

E não há absolutamente *nada* que eu possa fazer.

Exceto sentar e vê-lo ir, e sentir a fúria com a injustiça de tudo isso.

Thomas solta um suspiro profundo e lento — pacífico — mais do que qualquer outro que veio antes. E eu me inclino para frente, esperando, rezando para ele inalar apenas mais uma vez. Para ficar um pouco mais.

Mas isso não acontece.

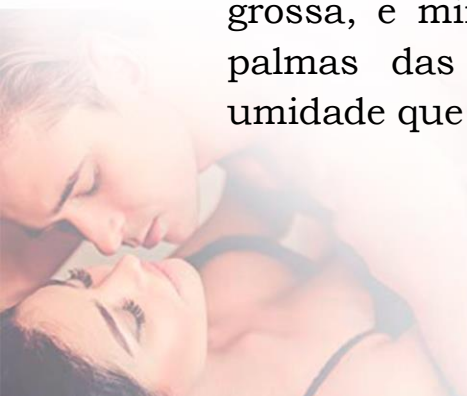
O único som na sala é o clique do relógio no canto — é ensurdecedor contra o silêncio perfeito. O médico avança e verifica se há pulso, batimento cardíaco, com o estetoscópio. Ele levanta delicadamente cada uma das pálpebras de Thomas e mesmo antes de proferir as palavras, o rosto de Michael cai em suas mãos e o silêncio é dominado por seus soluços.

“Ele se foi”, o médico nos diz.

E acabou, simplesmente assim. Mas não me sinto vazio ou esgotado. Meus músculos se contraem com uma raiva que eu nunca conheci. Eu quero destruir alguma coisa. Quero destruir este maldito castelo, pedra por pedra, por nenhuma outra razão além de que ainda está aqui e meu irmão não.

Dou um tapinha nas costas de Michael, tentando canalizar a energia fervilhante em conforto, porque sei que é o que Thomas gostaria.

O médico levanta o lençol e o cobre. E ainda — estupidamente — eu espero que isso se agite com a respiração dele. Quando isso não acontece, quando o algodão branco fica imóvel sobre suas feições, uma onda de decepção esmagadora me pressiona. Lentamente eu fico de pé e me movo para a mesa de cabeceira. Com reverência, pego os óculos de armação grossa, e minha visão fica borrada enquanto o seguro nas palmas das minhas mãos. Eu sufoco a queimadura da umidade que está afogando minha garganta e coloco os óculos



no bolso da minha camisa, acima do meu coração — onde juro que eles ficarão todos os dias pelo resto da minha vida.

"Calma, calma..." Ouço atrás de mim, em uma linda voz feminina. Nada deveria ser tão lindo em um dia tão terrível.

"É melhor assim", diz Lenora a Michael.

Eu giro ao redor, pronto para atacar.

"Melhor para quem?"

Ela olha para mim com olhos arregalados e secos, expressão perfeitamente composta.

"É melhor que ele não sofreu", ela diz.

E mesmo esse raciocínio me enfurece.

Lenora fica de pé. "Vou para a capela e rezar por sua alma eterna." Ela olha para a empregada. "Não devo ser incomodada."

A empregada concorda.

Eu tenho uma reação totalmente diferente.

"Orações? Isso é tudo que você tem? Os últimos dias do meu irmão nesta terra estavam cheios de preocupação por você. Seu bem-estar, seu futuro — e tudo o que você tem para ele são meras orações? Nem uma lágrima? Ou a Rainha não lamenta também? Não sente *nada* por ninguém além de si mesma?"

Ela me observa com tanta emoção quanto pedra.

"Eu não preciso me explicar para você."

"Acho que seu relacionamento com o meu irmão era desequilibrado. Acho que ele cuidou de você muito mais do que se importou com ele."

Seu olhar permanece irritantemente firme. Tão calmo e controlado quanto a superfície de um lago cinzento e imóvel.

“Eu não me importo com o que você acha.”

Ela vira as costas, me dispensando.

“Winston?”

O guarda de cabelos escuros que mal tira os olhos dos passos dela se aproxima.

“Estou aqui, Sua Majestade.”

“Fique com o Duque”, ela diz. “Ele não deveria... Não quero que ele fique sozinho.”

O guarda abaixa a cabeça. “Eu não sairei do lado dele.”

Com os ombros para trás e a cabeça erguida, como se estivesse usando uma coroa invisível, a Rainha deixa o quarto.

Mais tarde, não sei quanto tempo passou, Michael e eu sentamos juntos na grande sala. Bebendo uísque. Muito. E encarando a enorme parede de armamento antigo e de aparência desagradável pendurada nela. A parede da morte.

Nós não falamos, ainda não. Isso virá depois, quando estivermos fortes o suficiente — ou bêbados o suficiente — para realmente formar palavras. Mas quando ouço a porta se abrir e vejo homens caminhando pelo vestíbulo e subindo as escadas rolando uma maca, eu me levanto.

“Quem diabos são eles?”

“Eles são do palácio”, explica Michael. “Thomas deve ser enterrado lá.”

“O quê? Por quê? E você está bem com isso?”

Ele passa as costas da mão pelo nariz. “A Rainha diz que sou bem-vindo a visitar o palácio sempre que eu quiser.”

Então ele encolhe os ombros e se serve de outro copo.

“Não — não, eles podem ir se foder agora mesmo. Temos um lote familiar em nossa terra onde gerações de Rourkes estão enterradas. É o lugar dele.”

Não sei porque eu me importo, é idiota — Thomas não daria a mínima. Talvez seja porque estou me sentindo possessivo e protetor com ele. Ou talvez eu esteja apenas procurando uma briga.

Atravesso o vestíbulo em direção à porta. A empregada — a do andar de cima; Acho que ela veio com Lenora do palácio — intercepta-me, como se estivesse lendo minha mente.

“A Rainha não quer ser incomodada, senhor.”

“Bem, nem sempre conseguimos tudo o que queremos na vida. Se a Rainha ainda não aprendeu isso, fico feliz em instruí-la.”

Eu desvio da empregada, passo pela porta e atravesso o pátio da capela da família, no lado mais ao norte da propriedade, perto do penhasco. Não há segurança vigiando a porta, então eu não faço uma pausa antes de abrir e fechar atrás de mim. O pequeno vestíbulo posterior está encoberto pela escuridão, exceto pela luz fraca e tingida de vermelho que vem do brilho do sol do final da tarde através dos altos vitrais.

Cada casa de adoração tem um cheiro distinto, dependendo da fé e do país. Às vezes tempero ou incenso, às vezes argila ou terra. Aqui, estou envolto no perfume da minha infância — o perfume das velas acesas e a forte flora do lírio do vale. Fecho meus olhos e respiro, e as lembranças que vêm com isso não são exclusivamente desagradáveis.

Meus olhos se abrem quando ouço um som abafado. Eu me movo para as portas duplas que levam à capela e abro uma ligeiramente. E o som é mais alto. Mais claro.

É a dor. Desgosto. Devastação. Cru e inconsolável.

Lenora está inclinada diante do altar, de joelhos, com a coluna curvada, o rosto entre as mãos, chorando tanto que estremece. E os sons que vêm dela — soluços agudos, penetrantes e dolorosos, repetidamente. Eu posso sentir sua angústia, mesmo do outro lado da sala — sua tristeza, sofrimento e perda terrível.

É o mesmo para mim. Esses mesmos sentimentos rasgam meu peito e ecoam em meu coração.

Fecho a porta gentilmente para que ela não ouça. E encosto minhas costas contra a porta e me afundo no chão. Embora ela nunca saiba, fico lá com ela. E a Rainha chora sem parar, por nós dois.



CAPÍTULO 10

Edward

Um mês depois

Palácio de Wessco

"Agora nos diga, Sua Majestade, o que você e o Duque fazem em seu tempo de lazer?"

Esqueci-me dessa parte. A falsidade, a puxação de saco, a etiqueta e o protocolo. Esqueci-me do tédio. As horas de pompa mundana e tradição inútil.

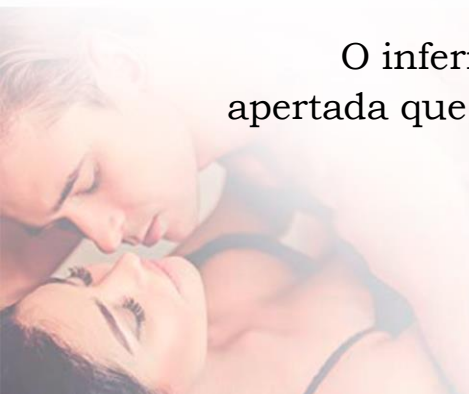
"Nós discutimos literatura, arte e política", a Rainha diz agradavelmente. "Vamos ao museu e damos longas cavalgadas nas propriedades."

É exatamente assim como imagino o inferno. Quentes luzes artificiais, câmeras brilhantes e babacas chorões que se dizem jornalistas fazendo perguntas estúpidas.

"E piqueniques?"

"É claro. Eu amo piqueniques."

O inferno é um terno grosso, coçando e uma gravata tão apertada que poderia me estrangular.



“Agora, para o tópico que os espectadores realmente querem saber: o vestido de casamento.”

E neste momento, espero que isso aconteça.

“Receio que seja um segredo absoluto.” Lenora sorri como uma encantadora profissional.

Ela tem uma dúzia de sorrisos diferentes, o sorriso frustrado e tenso, o sorriso sarcástico acho-que-você-é-um-idiota, o sorriso paciente persuasivo. Todos são lindos, mas nenhum deles é real.

Nenhum deles ilumina os olhos dela.

Bem... Exceto talvez pelo sorriso bonito, perverso e vitorioso, o tipo que um gato usa depois de engolir um rato. Esse é um dos meus favoritos. Quando desliza em seus lábios, não posso evitar imaginar o quão bonita essa boca rosada ficará quando ela engasgar. Ou gemer meu nome.

“E sairá para lua de mel?” O repórter pergunta. “Alguma dica que possa nos dar sobre a localização?”

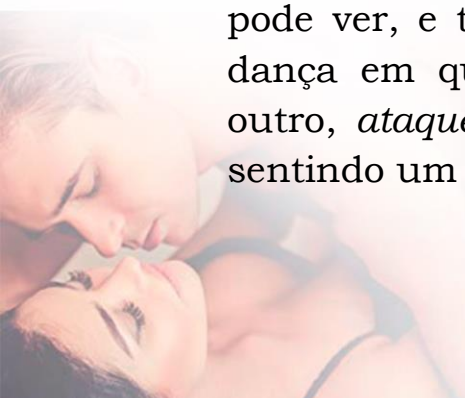
“Há muito trabalho a ser feito para sair por muito tempo, mas teremos uma breve lua de mel após o casamento”, a Rainha responde. “Em algum lugar tropical.”

“Ah, férias na ilha”, O idiota diz. “Que romântico.”

Alcanço e pego a mão de Lenora, entrelaçando nossos dedos, embora saiba que isso pode irritá-la. Tenho que fazer minha parte, afinal.

“*Romântico* é praticamente um dos nossos nomes do meio.”

Ela afunda as unhas na minha mão, onde a câmera não pode ver, e tenho que sufocar uma risada. Porque esta é a dança em que caímos, dois esgrimistas circulando um ao outro, *ataque, defesa, ataque, defesa*. Picando, cutucando e sentindo um ao outro.



“E o que está achando da vida no palácio, Sua Graça?” O repórter pergunta. “Política deve ser muito diferente de escalar montanhas e os mergulhos em alto mar pelos quais você é conhecido.”

“Não tão diferente. Em cada caso, é importante observar o seu passo e ficar atento aos tubarões que estão apenas esperando para atacar.”

Ele concorda. “Parece quase certo que vocês foram unidos pela doença prematura de Lord Thomas, seu querido amigo e seu irmão mais novo.”

Imediatamente, a dor das unhas de Lenora desaparece. E lentamente acaricio a ponta do polegar para frente e para trás sobre o nó dos dedos dela, do jeito que acalmaria um cavalo nervoso.

“A nossa paixão foi um conforto para Thomas, sabendo que teríamos um ao outro depois que ele se fosse”, ela diz. “Somos gratos por algo tão maravilhoso vir de algo tão trágico.”

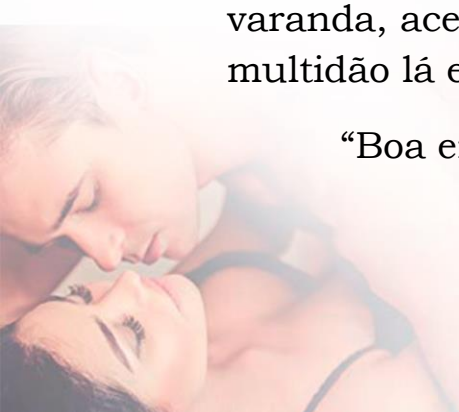
Com esta resposta, a entrevista termina. O jornalista nos dá suas despedidas e mal conseguimos tomar um gole de água antes de um novo se sentar e começar tudo de novo.

Repetir a mesma coisa e esperar por um resultado diferente não é só insanidade. Isso é um inferno também.

“Você é muito boa nisso.”

A última, entrevista número oitenta e sete sobre o noivado real conclui a turnê, e agora somos só nós dois na varanda, acenando e sorrindo como manequins idiotas para a multidão lá embaixo.

“Boa em quê?” Lenora pergunta.



"Mentir."

Ela dá um pequeno encolher de ombros que não perturba o ritmo do seu aceno.

"Prefiro pensar nisso mais como... atuar. E não foi tudo mentira. Realmente gosto de piqueniques."

Olho para a multidão, para a expressão alegre e exultante pelo acenar da mulher ao meu lado.

"Eles te adoram."

Seu rosto suaviza, como uma mãe olhando seu recém-nascido.

"Sim. Eu também gosto muito deles."

Então Lenora olha na direção da minha palma acenando e ondulando, porque é isso que faço agora.

"Você não deveria ter segurado minha mão durante a entrevista. O Palácio desaprova o contato físico entre membros da família real. Já te disse isso."

"Eu não serei submisso. Se quiser segurar a mão da minha noiva, porra, eu irei."

Minha noiva. Ainda não estou acostumado a isso.

Vi em primeira mão como a vida pode mudar, mas isso tem que ser a virada mais maldita de todas.

"O que isso significa, afinal?" Pergunto. "*O Palácio desaprova*? Quem é O Palácio e por que nos preocupamos que eles estão nos desaprovando?"

A testa suave de Lenora franze, como se ela não tivesse considerado isso antes. "O palácio é os conselheiros, os ministros e secretários, às vezes o Parlamento e o primeiro-ministro." Ela balança a cabeça, afastando o pensamento. "De qualquer forma, você também deve parar de xingar. Estamos sendo fotografados, filmados e há leitores de lábios."



“Tantas regras. Toda sua vida é uma lista de deve e não deve.” Abaixo meu braço e me aproximo mais dela, perto o suficiente para cheirar o lilás em seu cabelo. “Você nunca teve o desejo de jogá-los pela janela e apenas fazer o que quer, Lenny?”

“Não, não tive.” Seus lábios abrem e ela parece um pouco nervosa. Sem fôlego. “E já disse, você deveria se dirigir a mim como Rainha Lenora ou Sua Majestade.”

Outro *deveria*.

Pairo sobre ela.

“Mas você não é, é?”

Ela levanta o queixo para me olhar.

“Não sou o que?”

“Minha Majestade”, digo baixinho. Deixo cair os olhos, arrastando-os por cada centímetro dela, todas as suas deliciosas curvas e vales. E ela é gloriosa de se olhar.

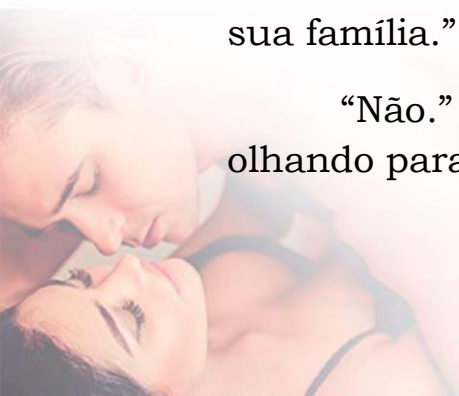
“Pelo menos... ainda não.”

Depois da varanda, tomamos chá no terraço dos fundos com o secretário de imprensa do Palácio, um homem de meia-idade com pele branca como leite, cabelos cor de laranja, uma voz nasalada e o hábito de fungar depois de cada frase que fala.

Tomo meu chá com uma dose de uísque.

“Agora, como estava dizendo, gostaria de agendar uma sessão de fotos, Sua Graça.” *Funga funga*. “Na propriedade da sua família.” *Funga*.

“Não.” Balanço a cabeça. “Não terei outra foto de mim olhando para o horizonte, como um total idiota.”



O secretário olha suas anotações. “Mas precisamos dar à imprensa de respeito algo para contrapor as histórias que circulam nos tabloides.” *Funga.*

“Que histórias?”

Ele me passa uma pasta. “Vários estão relatando que a fortuna de Rourke foi desperdiçada e você está se casando com a rainha apenas por dinheiro e título.” *Funga, funga, funga.*

“Isso é ridículo. Bastardos mentirosos.”

“Você não pode deixar isso te incomodar, Edward”, Lenora diz.

“Não me incomoda; isso me irrita. Há uma diferença.”

O mordomo, Jonathan, anuncia que o secretário de imprensa tem uma ligação, o homem funga suas desculpas pela interrupção, e segue para dentro.

Quando somos apenas nós dois, Lenny passa o dedo pelo cabo da xícara de chá, pensativa. “Minha primeira manchete de primeira página foi o anúncio de que comecei a menstruar.”

Congelo e meus olhos se voltam para os dela.

“Você está brincando.”

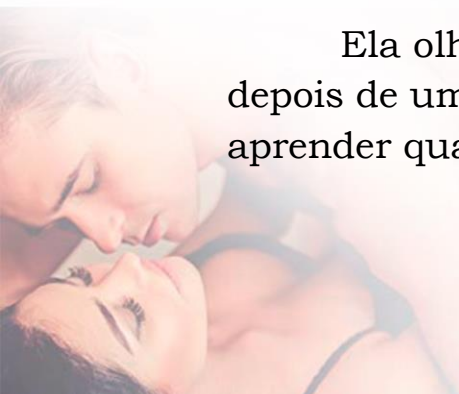
Lenora ergue as mãos como uma bandeira. “Equipe do palácio confirma: Princesa Coroada é Fértil.”

“Cristo, você não está brincando.”

E estou furioso. Por ela. Pela garota inocente e confiante que ela deve ter sido, uma vez.

“Seu pai deveria ter queimado os escritórios do jornal.”

Ela olha para cima, surpresa pela minha resposta. Mas depois de um momento, ela encolhe os ombros. “Você tem que aprender quais manchetes deve prestar atenção, quais podem



causar danos e quais deve fingir que nem estão lá. Se levar tudo a sério, ficará louco. Acredite em mim, eu sei, tive um tio que ficou desse jeito. O irmão da minha mãe, maluco como um lunático."

Gargalho porque Lenny pode ser muito engraçada... Quando não está tentando tanto ser chata.

"Estava querendo perguntar, onde conseguiu isso?" Gesticulo para o diamante do tamanho de um ovo cercado por uma dúzia de rubis vermelho-sangue brilhando no dedo anelar de Lenora.

"O palácio solicitou ao conservador das joias da família Rourke. Foi da sua mãe."

"Estou ciente. Você deve jogá-lo no rio ou enterrá-lo em solo consagrado. Meus pais não suportavam um ao outro."

Especialmente não depois que meu pai pegou minha mãe fodendo o motorista e se livrou dela. Ele nunca foi um sujeito agradável, mas depois disso se esforçou arduamente para tornar todos ao seu redor tão infelizes quanto ele.

Lenora estende a mão, inclinando a cabeça e examinando a joia.

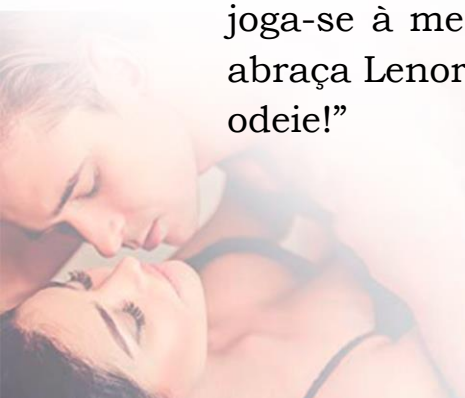
"É tradição a noiva usar as joias da mãe do noivo."

"É azar, é o que é. Darei a você um novo anel."

Se ela vai discutir ou concordar, não sei, porque de repente, as portas duplas para o terraço se abrem como um redemoinho.

Um redemoinho chamado Princesa Miriam.

"A Princesa Pródiga voltou!" Ela anuncia. Em seguida, joga-se à mercê da rainha, literalmente. Ela cai de joelhos e abraça Lenora ao meio, quase subindo em cima dela. "Não me odeie!"



Observo o rosto de Lenora. Ela deixa sua irmã cumprimentá-la por um momento, depois suspira e a abraça, antes de finalmente revirar os olhos.

“Oh, levante-se. Eu não te odeio. Pare de ser dramática.”

Não acho que Miriam saiba ser outra coisa.

Elas se levantam e Lenora segura as mãos de Miriam, examinando o cabelo castanho claro e encaracolado de sua irmãzinha, seu vestido brilhante rosa, seus pulsos brilhantes e orelhas e pescoço que estão carregados de joias, seus esperançosos olhos azuis cor de ovo de robin[2].

“Onde esteve, Miri?”

A jovem princesa dá de ombros e pega uma torta do prato, colocando-a na boca e respondendo.

“Roma, Veneza, você sabe... por aí.”

“E seu marido?” Lenora diz letalmente, com um sorriso para combinar. “O lacaio. Ele está com você? Estive tão ansiosa para encontrá-lo.”

Esse encontro não irá bem para o marido de Miriam.

“Dmitri? Oh, eu o deixei.”

Lenny está confusa.

“Deixou-o onde?”

Miriam pega outra torta. “Tinha certeza que Dmitri era o único, que o amaria para sempre. Foi tão divertido no começo. Mas quando chegamos à Itália, ele ficou tão *chato*! Tudo o que ele queria falar era 'o futuro' e 'filhos'. Não sei o que estava pensando ao casar com ele. Mas está tudo bem agora, já anulei a coisa toda. Bem... quase anulado. Eu estava esperando que

---

2 

pudesse acelerar um pouco as coisas e dar uma palavrinha com o papa?" Miriam abana o dedo. "Ele sempre gostou de você."

Lenora senta de volta na cadeira. "Anulado? Como assim? É assim tão fácil para você?"

Um criado entrega a Miriam uma taça de champanhe, ela bebe, assentindo.

"Você tem alguma ideia do que fez, Miriam? O caos que causou?"

Sua irmã a abraça de novo, como um chimpanzé arrependido.

"Sinto muito por isso." Ela se endireita e gesticula para mim e, em seguida, para sua irmã com o copo. "Mas veja como tudo acabou! Você encontrou seu lindo príncipe... E você encontrou sua rainha de copas, e é como um final de livro de histórias!"

Ela me oferece sua mão então. "É um prazer te conhecer, a propósito, Edward. Lenora e eu ouvimos histórias sobre você quando éramos meninas. Ela pensava que você era encantador!"

Gosto dessa princesa.

"Encantador?" Dou a minha noiva um sorriso de autossatisfação. "Sério, Lenny?"

Lenora franze a testa. "Não. Ela está exagerando. É o que ela faz. E não me chame assim."

"Lenny!" Miriam joga a cabeça para trás, rindo e batendo palmas. "Oh, isso é fabuloso!"

Lenora me encara lançando punhais com os olhos. E sorrio arrogantemente de volta.



Quando Miriam percebe nossas expressões, ela fica séria. “Hum... sim, vejo que ainda não estamos lá. Mas não se preocupe. Tenho fé que vocês vão encontrar o seu feliz para sempre, sei que vão.”

Lenora balança a cabeça com vergonha.

“Você leu muitos contos de fadas, Miriam.”

Miriam dá um beijo no alto da cabeça dela.

“E você, querida irmã, não leu o suficiente.”



CAPÍTULO 11

Lenora

Quebrar regras corre na família Rourke e se já não soubesse disso, fica bastante claro no dia seguinte quando Edward atravessa a porta da Sala do Conselho sem bater.

Como se ele possuísse o lugar.

“Desculpa por interromper.” Ele está ao lado da minha cadeira com uma mochila pendurada no ombro, todo alto, ombros largos e arrogante, e nem um pouco arrependido. “Estou sequestrando a rainha durante o dia.”

Isso é novo. Nunca fui sequestrada antes. Não sei se devo ficar firme e insistir que ele nos deixe voltar ao trabalho ou pegar sua mão e sair correndo pela porta. Isso acontece muito ao redor de Edward. Ele é um homem confuso.

“Mas...” Sheffield começa.

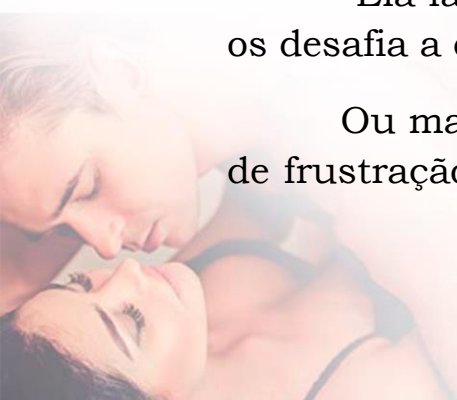
Edward o interrompe.

“Amanhã.”

Norfolk tenta. “Duque Anthorp, precisamos da Ra...”

“Ela fará isso amanhã”, Edward responde de forma que os desafia a discutir.

Ou mais ao ponto, ele *me* confunde. Sinto uma mistura de frustração e fascinação, porque ele quase nunca faz o que



deveria. Ele não é meu amigo como Thomas era... Mas às vezes parece como se poderia ser, como se ele quisesse ser.

Como se quisesse ser muito mais. E nas partes mais trancadas de mim, que nunca mostrei a ninguém... Quero isso também.

Tantos pensamentos, tantos sentimentos novos virando-me de cabeça para baixo.

E pensei que ser rainha era difícil.

Edward tira a decisão das minhas mãos, ele faz muito isso. Ele pega minha mão e antes que perceba estamos passando pela porta. Na saída, ouço os irmãos Tweedle tagarelando como duas tias intrometidas.

"Eles formam um casal maravilhoso, Bertram."

"De fato, Bartholomew. Os guardanapos de chá serão adoráveis."

Oh pelo amor de Deus.

Edward e eu descemos a grande escadaria curva onde Miriam costumava provocar a morte quando era pequena e sua babá não estava prestando atenção. E cada passo que dou em uma daquelas gigantescas nuvens onduladas, é como se meus pés não estivessem sequer tocando o chão.

Então é assim que "cabular aula" parece. Thomas disse que costumava fazer isso muitas vezes quando estava na escola, e ele estava certo.

É brilhante.

"Aonde vamos?" Pergunto a Edward.



Ele abre a mochila e me mostra o que está dentro, um cobertor, comida e uma garrafa de vinho. “Nós vamos montar e, em seguida, um piquenique.” Edward pisca. “Você ama piqueniques.”

Gargalho quando me lembro da resposta a uma das muitas perguntas da entrevista.

“Ah, mas isso é bom”, Edward diz.

“O que é bom?” Olho em volta para ver do que ele está falando. O que fez seus olhos ficarem escuros e sua voz rouca.

Mas ele está apenas me olhando.

Ele acaricia o polegar por minha bochecha.

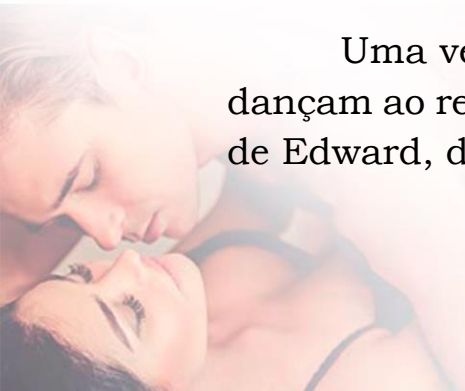
“Esse sorriso. Irei chama-lo... seu sorriso torto e juvenil. Muito, muito bom.”

E bem assim, meus joelhos ficam moles, meu estômago revira e sinto que posso desmaiar. Desmaio de verdade... é realmente fantástico, aliás.

É meio-dia quando chegamos à propriedade real em East Leopold, uma grande mansão de tijolos com jardins impressionantes, carvalhos, pomares de maçãs e acres e acres de terra arborizada. Depois de trocar para roupa de montaria, saímos para os estábulos. Edward escolhe um garanhão preto gigantesco, enquanto opto por uma égua cor de camelo que parece ter uma propensão à velocidade.

Seguranças montam à frente e atrás de nós, longe o suficiente para nos dar privacidade.

Uma vez que ambos estamos montados, nossos cavalos dançam ao redor um do outro, e a luz do sol reflete nos cabelos de Edward, dando-lhe um brilho dourado.



“Você quer correr?” Ele pergunta em tom de provocação.

“Tudo bem. Até a linha das árvores?”

Edward assente. “Mas um justo aviso, Lenny. Não deixarei você ganhar.”

Faço tsk, balançando a cabeça.

“Aviso justo, homem bobo...” Aperto as rédeas e estabeleço meus pés. “Você não vai precisar.”

Acerto os flancos do cavalo com os calcanhares e saio. Voando. Com o sol no meu rosto e o vento no meu cabelo.

Com um galope de cascos que soam como um trovão se aproximando, Edward ganha terreno, chegando ao meu lado. Ele é muito bom. Quero olhá-lo, ver como aquelas mãos grandes seguram as rédeas e o vento bagunça seu cabelo, mas não tiro os olhos do que está bem a minha frente.

Aproximamo-nos rapidamente da linha das árvores, nossos cavalos se inclinando para frente, pescoço-a-pescoço por vários passos. Gotas de sujeira voam atrás de nós e então, quase ao mesmo tempo, passamos pelas árvores.

Mas... Eu atravesso primeiro.

Desacelero meu cavalo e viro para encarar Edward, com risadas em meus pulmões e sorrindo tão largamente que minhas bochechas doem. Dou um tapinha na minha égua e sussurro elogios para ela.

Edward abaixa o queixo, seu olhar brilhando. “Muito bem, moça.”

Dou de ombros, levantando o nariz. “Eu te disse que era uma excelente amazona.”



Andamos lentamente lado a lado, por um caminho rochoso que leva a um fluxo barulhento. O sol brilhante espreita entre os ramos das árvores, fazendo sombras estranhas no chão da floresta.

"O que faz um consorte da rainha exatamente?" Edward pergunta. "Sou apenas o garanhão do reino? O pau para a rainha montar?"

Pensei não ser uma pessoa que corava, mas Edward pode estar me transformando em uma. Minhas bochechas queimam como se houvesse um fogo sob minha pele. Quando o olho, o bastardo está sorrindo.

Defendo a mim e a meu rubor.

"Não me lembro de você soar tão grosseiro em suas cartas."

"Talvez Thomas tenha escondido algumas de você."

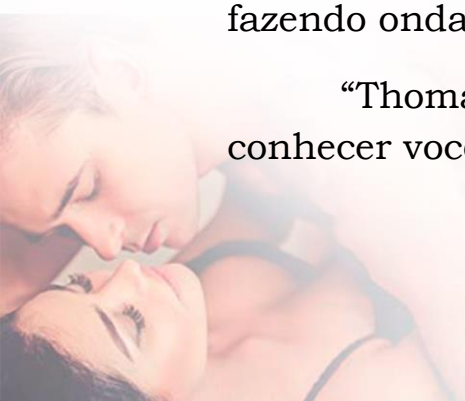
"De qualquer forma." Dou de ombros, endireitando a coluna. "Historicamente, a esposa do rei dedica seu tempo ao trabalho filantrópico. O que o reino precisa e o que está perto do seu coração. Programas sociais, instituições de caridade, esse tipo de coisa."

Calculo sua reação, porque Edward Rourke é homem, robusto e capaz. "Acha que isso está abaixo de você?"

Ele bufa. "Apenas um genuíno idiota acharia altruísmo abaixo dele. Muitos dos lugares que viajei teriam sido varridos da terra sem caridade. A filantropia faz o mundo girar."

Emergimos do dossel da floresta no topo de uma colina. Sem falar, paramos ao mesmo tempo, olhando a beleza da natureza, a maneira como a grama longa balança com o vento, fazendo ondas em um grande mar verde.

"Thomas era solitário," Edward diz baixinho. "Antes de conhecer você."



“Sim, acho que ele era. Acho que parte dele encontrou um espírito parecido nessa parte de mim... e então nenhum de nós estava mais sozinho.”

Edward cerra os olhos contra a luz do sol, balançando a cabeça ligeiramente. “Eu não sabia. Odeio que não sabia disso.” Ele limpa a garganta bruscamente. “Estive pensando, eu gostaria de fazer algo em sua honra. Criar algo permanente. Um clube de meninos. Uma organização que une rapazes que não têm ninguém. E eles não terão que ficar sozinhos também. O que acha disso?”

Meus olhos ficam quentes e molhados, mesmo enquanto sorrio.

“Acho que isso seria ótimo. Thomas ficaria muito satisfeito.”

Mais tarde, sentamos um ao lado do outro debaixo de uma árvore no cobertor, comendo uvas e queijo e bebendo vinho de amora preta. Edward parece ter um prazer estranho ao me ver comer, sinto seu olhar em mim o tempo todo.

“Você se incomodou quando segurei sua mão durante a entrevista?” Edward pergunta. “Não estou falando sobre a desaprovação do Palácio ou o que deveria e não deveria... Estou perguntando a você. Você não gostou?”

Penso por um momento e digo a verdade.

“Eu não desgostei. Mas... não sou uma pessoa carinhosa. Não é como fui criada. Não sei como isso é feito.”

“Posso segurar sua mão agora?”

Meus olhos voltam para ele. “Você quer segurar minha mão?”



“Eu não teria perguntado se não quisesse, Lenora.”

Seu sorriso é sedutor e secreto, como se houvesse uma corrente de pensamentos sujos constantemente passando por sua cabeça.

Ou talvez seja apenas eu projetando, porque ele é o homem mais sedutor que já conheci.

Estendo a mão e ele a embala suavemente em ambas as suas, com reverência, como se fosse algo precioso. Frágil. Então, com a ponta do dedo, ele traça os delicados ossos que correm ao longo das costas, acariciando cada dedo. Ele vira minha mão e toca levemente cada linha de minha palma, lenta e deliberadamente, como se estivesse memorizando-a.

E calor líquido e quente se espalha por minhas pernas, enchendo meu abdômen, subindo pela coluna, até meus membros ficarem lânguidos e meus seios parecerem pesados e formigando.

“Você tem mãos muito bonitas.” Sua voz é profunda e melódica. “Aposto que é bonita em todos os lugares.”

Edward alinha nossas palmas, como duas mãos em oração, e então as dobra juntas e as descansa em cima de sua coxa. E por um tempo nos sentamos, lado a lado, de mãos dadas, desfrutando da calma e da companhia.

“Conte-me uma coisa.” Peço.

“Que tipo de coisa quer que eu conte?”

“Algo sobre sua vida lá fora. Qual o primeiro lugar que foi quando você saiu?”

Ele concorda enquanto se lembra.

“Filipinas. Há uma aldeia de pescadores, os Bajau, seus filhos aprendem a nadar e mergulhar antes que aprendam a andar. Eles são os melhores mergulhadores do mundo, conseguem prender a respiração por mais tempo do que

qualquer outro homem e aprenderam sozinhos, treinaram seus corpos ao longo de anos e anos. O sustento de suas famílias e sua aldeia depende disso."

Eu o observo, ouvindo o som firme de sua voz, como o melhor tipo de contador de histórias para dormir.

"Eu fiquei com eles por... cinco meses."

"Isso é mais do que ficou em qualquer lugar."

"Isso mesmo, foi. Eles me ensinaram a mergulhar. Acabou... que eu tinha talento para isso. E tenho isso para lembrar."

Edward enfia a mão no bolso da camisa e tira algo. Então ele vira a minha mão e deixa cair uma pérola na minha. Uma perolinha perfeita, bonita e translúcida.

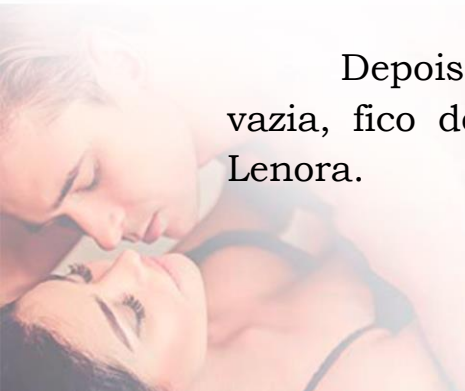
"É linda." Seguro-a na luz do sol, admirando. "E carrega isso o tempo todo? Não fica preocupado em perdê-la?"

"Não tenho muitos pertences que são importantes para mim, este é um deles. Não perco as coisas que me são preciosas", ele diz de forma significativa.

E tremo um pouco, porque acho que seria incrível, ser preciosa para Edward.

Edward

Depois que a comida acaba e a garrafa de vinho está vazia, fico de pé, limpando a calça e estendo a mão para Lenora.



“Venha, então. Vamos lá.”

Vislumbrei-a hoje, a garota sobre quem meu irmão escreveu. Durante nossa corrida, os olhos de Lenora brilhavam como duas estrelas cadentes, suas bochechas estavam vermelhas e sua risada ecoava no ar, tão selvagem, livre e bonita que fez meu peito doer.

E estou empenhado em ver aquela garota novamente.

Lenora se levanta e monta seu cavalo, e depois que coloco o cobertor de volta na mochila, caminho e subo atrás dela.

“O que está fazendo?” Ela pergunta, surpresa.

Contorno-a, pegando as rédeas de suas mãos, e viro o cavalo.

“Quero que faça aquilo de novo”, digo perto do seu ouvido.

“Fazer o que de novo?”

“Feche os olhos, estique os braços e tente pegar o vento. Como naquele dia na floresta. Seja aquela garota novamente.”

Por um momento, seus olhos estão desprotegidos. Inocentes e ansiosos. Ansiando por confiar em alguém... Confiar em mim.

“Acho que aprendi a lição da última vez”, ela diz.

Uma proteção feroz e selvagem se eleva dentro de mim.

“Mas estou aqui agora.” Envolvo o braço em sua cintura, apertado o suficiente para que ela sinta. “Não te deixarei cair.”



CAPÍTULO 12

Lenora

“Estou saindo”, ele diz.

Olho para Edward, em pé, lindo e ereto na frente da minha mesa, seu rosto sério e sombrio. E meu coração despenca. Porque Edward dificilmente é sério ou sombrio.

“Perdão?”

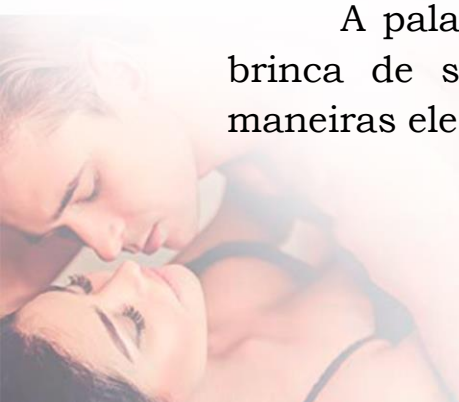
Ele empurra a mão em seu cabelo grosso, puxando um pouco.

“Tenho um compromisso anterior que tenho que atender. De antes.”

Antes dele chegar em casa. Antes de Thomas morrer... Antes de mim. Da vida que ele amava, quando podia ir aonde quisesse, fazer o que quisesse e não havia câmeras ou entrevistas, nem público nem imprensa.

“Um homem com quem trabalhei, Ian Kincaid, ele é o melhor cara. Pensei que ele poderia me substituir, mas não pode. Ele não pode fazer isso sem mim, Lenora. E... dei minha palavra.”

A palavra de Edward é muito importante para ele. Ele brinca de ser um andarilho despreocupado e de muitas maneiras ele é, mas o núcleo dele, seu personagem, a parte do



homem que diz o que quer dizer e faz o que diz, é profundo. E é inabalável.

Engulo. “Onde... Você vai?”

“Indonésia”

“Indonésia?” Repito como um papagaio bobo.

“Há uma mina de ouro...”

“Uma mina de ouro na Indonésia?”

O canto da boca dele torce.

“Nem todo tesouro vem de um baú, Lenny.”

Assinto. “Não, não, claro que não.”

Eu poderia bater o pé. Exigir que ele não vá, ordenar que ele honre seus compromissos com a Coroa antes de qualquer outro. Mas não farei isso com ele. Não irei prendê-lo ou acorrentá-lo, ele será acorrentado o suficiente depois do casamento.

Alguma parte do seu marido sempre se ressentirá de você.

Não farei isso comigo também.

Endireito os papéis na minha mesa e as altas paredes de aço sobem e sobem ao meu redor. Fechando-me, selando. Sinto a máscara descendo por minhas feições. Indiferença e desinteresse. A não reação. A aparência de não sentir nada. É minha arma, minha fantasia... Se ao menos fosse verdade.

“Bem...” Eu me levanto. “Tenha uma boa viagem, então.”

Às vezes acho que Edward pode ver por trás da máscara.

“Venha comigo, Lenora.”

“Venha... o que?”



Ele apoia as mãos na minha mesa, os olhos e a voz intensos e determinados. E perfeitamente sério.

"Eu vou te mostrar tudo. Como explorar a selva, como extrair ouro, é um trabalho sujo, mas aposto que teria talento para isso. Será uma aventura. Nossa aventura."

A ideia disso me chama com uma doçura quase dolorosa. Imaginar-me ir com Edward, deixando tudo para trás e explorando o mundo enquanto seguro sua mão.

É uma linda fantasia. Um pensamento emocionante.

E completamente inviável.

"Edward... isso não é possível para mim. Em absoluto."

Sua mandíbula aperta e ele olha para a janela e assente. Porque ele sabe que estou certa. E é como se uma mão envolvesse meu coração, apertando e apertando.

"Não há telefones no local", ele diz. "Não serei capaz de ligar."

Apenas assinto.

"Minha secretária ajustou minha agenda. Estarei fora algumas semanas... mas voltarei com bastante tempo para o casamento. E para os eventos que levam a isso."

Minha voz é suave, sem vida. "Isso é bom. As pessoas ficariam muito desapontadas se não estivesse aqui para tudo isso."

Ele caminha ao redor da minha mesa até que está tão perto que tenho que inclinar a cabeça para olhar em seus olhos.

"Eu voltarei, Lenora." Ele diz isso numa voz que é forte e clara, como uma promessa. "Sabe disso, não sabe?"

Respiro e exalo com um pequeno sorriso. "Claro que sim."



Mas imagino se será ele todo que retorna. Ou se alguma parte de sua alma estará sempre procurando, olhando pela janela e sonhando com todas as aventuras que perdeu porque se casou comigo.

Coloco a mão sobre a dele e dou um aperto rápido, antes de me afastar.

"Tenho que ir. Tenho uma reunião. Faça uma viagem segura, Edward."

E vou embora.

Já se passaram três semanas desde que Edward partiu, e tento muito não pensar nele. É claro, o *não* pensar nele requer algum esforço. O que me faz pensar mais nele. Desde que foi embora, é como se o mundo tivesse perdido o brilho. As paredes e as salas, o céu e o sol parecem mais escuros, mais opacos, um pouco manchados.

Estamos avançando com a legislação para apresentar ao Parlamento imediatamente após o casamento e estou muito envolvida. Então, passo longas horas e muitos dias trabalhando no meu escritório. Para o país e a coroa.

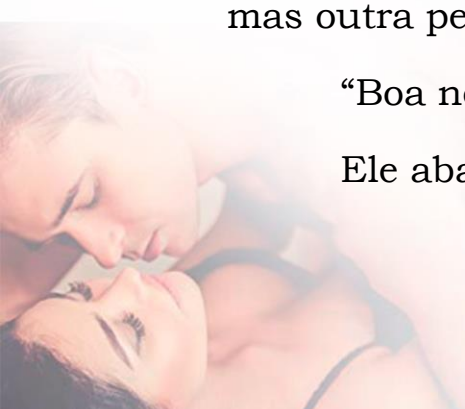
Não estou fazendo isso para me manter ocupada. Pelo menos é o que digo a mim mesma.

Não sou muito convincente.

Fecho a pasta na minha mesa e olho pela janela para o céu negro, sem lua. Meu estômago ronca por eu ter perdido o almoço. Saio para o corredor e Cora não está em sua mesa, mas outra pessoa está lá procurando por ela.

"Boa noite, Alfie."

Ele abaixa a cabeça.



“Como está esta noite, Chicken?”

“Hum... Estou faminta, na verdade.” Olho para o broche de safira e diamante brilhando no corpete do meu vestido azul-claro. “Tão faminta que poderia comer as joias da coroa.”

“Parece que elas seriam difíceis de engolir.” Ele pisca.

“Gostaria de jantar comigo esta noite? O novo cozinheiro dos aposentos privados é fantástico.”

Antes que ele possa responder, Cora vem correndo pelo corredor, seu cabelo vermelho penteado lindamente e sua bolsa na mão.

“Tudo bem, papai. Estou pronta para ir agora.”

Alfie beija a bochecha de Cora com ternura. E observando-os, meu sorriso lentamente se desvanece contra minha vontade. Porque nunca tive isso, essa proximidade fácil e carinho sem esforço. Sempre esteve do outro lado do espelho. E há um vazio dentro de mim que temo que sempre estará.

“Cora e eu vamos naquele lugar novo em Winchester que todo mundo está delirando para jantar. Gostaria de se juntar a nós?” Alfie pergunta.

Olho meus sapatos brilhantes. “Obrigada, mas não.” Ignoro a queimação na minha garganta e o aperto em volta do meu coração.

“Ir a um restaurante sempre causa muita comoção.” Aceno com a mão. “Você não pode me levar a lugar algum.”

Alfie olha para mim de perto.

“Tem certeza, Lenora? Adoraríamos ter você.”

“Não, não. Ficarei bem. Vá em frente agora... xô.”

Cora faz uma rápida reverência. “Boa noite, Sua Majestade.”



“Boa noite.” Sorrio tensamente e me viro para ir embora primeiro.

A caminhada até os aposentos particulares parece mais longa que o normal, os corredores mais vazios, o eco dos passos mais altos. Winston abre a porta e uma empregada me cumprimenta no vestíbulo. Ela diz que Cook servirá o jantar em breve.

“Só uma refeição leve, por favor”, digo a ela. “Não estou com muita fome.”

Dirijo-me à sala vazia e ligo a televisão, só para ter algum barulho. E não penso em Edward novamente. Não imagino onde ele está ou o que está fazendo. Não penso sobre como seria se ele estivesse aqui, como iríamos tomar um drinque antes do jantar e falar sobre os eventos do dia, talvez assistir aquele programa bobo *Honeymooners*[3] que não é engraçado em tudo.

Movo-me para a mesa lateral e me sirvo um xerez[4]. E posso sentir Winston me observando. É estranho, geralmente esqueço que ele está na sala, mas hoje à noite, percebo.

“Você está bem, Rainha Lenora?”

Ele fala. Isso é incomum também.

“Estou bem.”

Depois de um momento, ele fala de novo. Gentilmente persistente.

“É meu trabalho protegê-la de coisas que podem te machucar. Se há algo, eu gostaria de saber para poder lidar com isso.”

[3] The Honeymooners é uma sitcom clássica de televisão americana criada e estrelada por Jackie Gleason, baseada em um desenho de comédia recorrente do mesmo nome que fazia parte de seu programa de variedades.

[4] O xerez é um tipo de vinho fortificado, licoroso, típico da Espanha, envelhecido no sistema de soleira. Seu nome é derivado da região onde é elaborado, Xerez da Fronteira.

Olho para o copo na minha mão.

“Você tomaria uma bebida comigo, Winston?”

Eu deveria estar mortificada por ter pensado a pergunta, muito menos perguntar em voz alta. Minha avó Edwina está revirando em seu túmulo. Mas qual é o maldito ponto de ser a rainha se não pode fazer suas próprias regras pelo menos de vez em quando?

“Seria uma honra.”

Entrego-lhe um copo cheio e gesticulo para ele se sentar no sofá, enquanto tomo a cadeira junto à lareira.

“Fale-me sobre você.”

“Receio que não há muito que contar, senhora. Sou um homem que gosta do seu trabalho.”

Saboreio meu xerez e o líquido aquece minha barriga.

“E sobre sua vida? Sua família?”

“Não sou casado. Eu era órfão antes de me juntar às forças armadas.”

“Deve haver alguém? Um amor, talvez?”

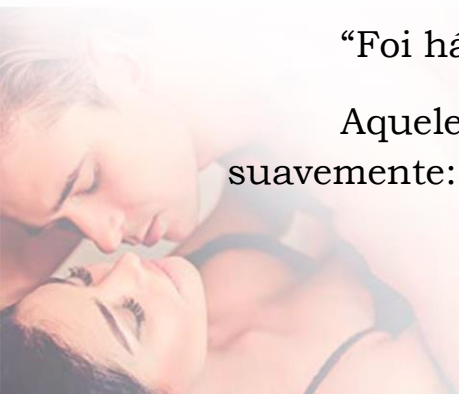
Pela primeira vez, ele olha para baixo e seus olhos brilham com lembranças.

“Havia uma garota quando eu era jovem. Seu nome era Melinda e seu pai era um pescador. Eu me juntei aos militares por ela, para fazer algo de mim mesmo... por nós. Enquanto estava fora em treinamento, ela foi ao barco do pai para ajudar. Houve um acidente no mar e ela se afogou.”

Cubro a boca. “Que trágico... Eu sinto muito.”

“Foi há muito tempo.”

Aqueles olhos brilhantes caem em mim e ele diz suavemente: “Você me lembra dela.”



“É mesmo?”

Ele assente. “Ela era como uma força da natureza. Forte, firme... linda.”

Meus olhos estalam no elogio. Como uma flor patética depois de uma longa seca, gananciosa por qualquer gota de chuva.

“Você acha que sou todas essas coisas?” Pergunto.

Winston exala asperamente.

“Acho que você é... magnífica.”

Ele diz isso com uma admiração sagrada, como alguém sussurra o nome de um santo em oração.

Lembro-me das palavras de Thomas, de muito tempo atrás, quando as coisas eram bobas e simples.

Acho que Winston te deseja.

E olho o homem na minha frente, o homem que daria a vida por mim, não sei se realmente olhei para ele antes. Ele é sombriamente bonito, poderoso, inteligente e dedicado. Desejável de todas as maneiras que um homem deve ser...

Mas não para mim.

Meu pulso não lateja quando olho para ele.

Seus olhos são da cor errada. Cinza azulado... E sonho com esmeralda escura, como grama depois de uma tempestade. Seu sorriso é reto e agradável, não diabólico e irritante. O som de sua voz não me aquece nem faz minha cabeça ficar leve. Ele não diz coisas que roubam meu fôlego e me fazem querer rir, tudo ao mesmo tempo.

Apenas um homem faz isso. Apenas um já fez. E ele é aquele que foi embora.

E sou eu quem o deixou ir.

Coloco meu copo vazio na mesa e me levanto.

“Obrigada pela companhia e pela conversa, Winston. Avise Cook que não vou comer; vou direto para a cama. Nós temos um grande dia amanhã. Boa noite.”

Ele olha para mim por um momento, e então ele assente.

“Durma bem, minha rainha.”

Enquanto ando sozinha com minha solidão para o quarto, as palavras de Alfie ecoam em minha mente.

O amor é horrível, Chicken.

Sim. Paixão também não é nenhum piquenique.

No dia seguinte, a carruagem de vidro e ouro desce pela rua principal da cidade. É uma engenhoca de aparência adorável, e horrível de se montar. *Quente como o saco de um bode*, meu pai costumava dizer, embora como ele veio com essa informação, não tenho ideia.

Mas é tradição. Parte das festividades de verão e celebrações que o público aguarda. O pavimento está cheio de gente, aplaudindo, rindo e segurando cartazes. Normalmente, a temporada culmina com um tremendo baile no Palácio, o Baile de Jubileu de Verão. Este ano, no entanto, não haverá baile.

Haverá um casamento real em vez disso.

Miriam e eu nos sentamos lado a lado na carruagem, acenando através das janelas para a multidão.

“Edward ainda está viajando a negócios?” Ela pergunta.

Foi o que dissemos à imprensa também, para preventivamente explicar sua ausência.



“Sim.”

“Ele esteve longe há muito tempo”, ela lamenta. “Quando voltará?”

“Não tenho certeza. Mais algumas semanas, talvez.”

Então mudo de assunto. “Estou derretendo. Se for pelo caminho da Bruxa Má do Oeste e me desintegrar em uma poça, o trono é todo seu, Miri.”

Essas são as coisas sobre as quais brincamos em nossa família.

“Não, muito obrigada”, ela responde com uma voz sonora, seu sorriso nunca vacila, como as profissionais que somos. “Se tentarem me colar a esse trono, abandonarei o navio mais rápido do que pode dizer abdicação. Você e Edward devem fazer alguns bebês reais rapidamente depois que se casar.”

A menção de Edward e bebês faz meu interior pulsar com uma mistura de esperança hesitante e alegria cautelosa, e a dor quase constante de sentir falta dele.

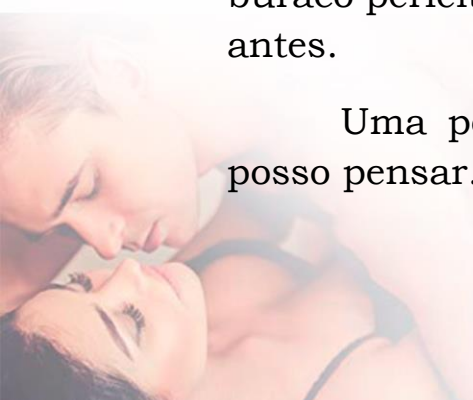
Mas sorrio e continuo. Porque as rainhas fazem muitas coisas, mas acho que fazemos isso com mais frequência que todas as outras.

“Como estamos mesmo relacionadas?” Provoco minha irmã.

“É uma pergunta que me fiz mais vezes do que gostaria de saber.”

Começo a rir, mas o som é interrompido pelo estalo de vidro quebrando. E olho para a janela, olhando através do buraco perfeitamente redondo que está lá agora. Não estava lá antes.

Uma pedra. *Deve ter sido uma pedrinha*, é tudo que posso pensar...



Até que outro estilhaço surge.

E outro.

E os cavalos relincham. E vidro explode ao nosso redor, cacos cintilantes caindo como gotas de chuva afiadas. E a carruagem se agita e treme como se tivesse perdido uma roda.

Então, de repente, Winston está aqui. Na carruagem, puxando eu e Miriam para o chão. Ele nos cobre, espalhando-se em cima de nós, nos pressionando no chão com tanta força que não consigo respirar.

Ele levanta a cabeça e olho seu rosto. Seus lábios estão se movendo, dizendo algo, gritando, mas é como se o mundo inteiro estivesse mergulhado debaixo d'água e não consigo entender as palavras.

Eu me esforço muito para ouvir... E então... Tudo fica preto.

Edward

Isso foi um erro.

Soube no primeiro dia, mas tive que continuar empurrando, tentando. Pensei que poderia vir para esta mina de ouro e voltar para minha antiga vida por um tempo. Pensei que seria fácil, como acender um interruptor de luz.

Pensei errado.



Isso não encaixa mais, nada disso. Não sou o mesmo homem que era quando cheguei a Wessco... Ou quando carreguei uma garota adorável e teimosa pela chuva.

Minhas prioridades mudaram. Eu mudei. Tudo mudou.

Não posso desligá-lo e não quero. Lenora me assombra. Deito acordado à noite na minha tenda pensando no som de sua voz, o cheiro de seu cabelo, a sombra mudando constantemente seus olhos de prata líquida.

Durante o dia, imagino o que ela está fazendo. Se está bem. Se os idiotas no Parlamento estão tratando-a bem. Prometi que nunca a deixaria cair... E então a deixei lá, sozinha.

Ela é a pessoa mais sozinha do mundo inteiro.

Culpa me come, corta através de mim, até meus ossos.

Mas é mais que isso. Mais do que culpa ou obrigação. Há outra coisa, algo que não sei como chamar ainda, um empurrão constante, um puxão urgente do centro do meu peito onde meu coração bate. Um desejo desesperado de retornar para casa.

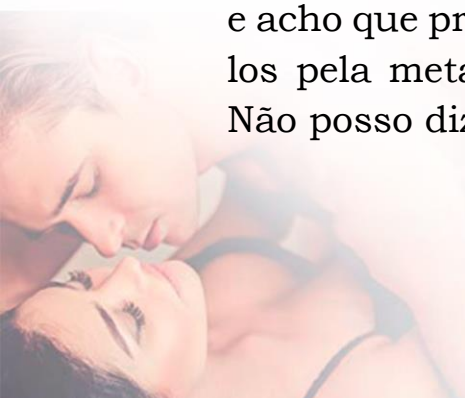
Retornar para ela.

Todos esses anos estive fora procurando, pesquisando onde pertencia e o que deveria fazer. Por meu propósito. E finalmente encontrei; finalmente tenho certeza.

Lenora é o meu propósito. Ela é minha razão.

E tenho que chegar em casa para contar a ela.

Na minha tenda, os três guardas observam enquanto coloco meus pertences na minha bolsa. Eles não falam muito e acho que provavelmente odeiam minha coragem. Por arrastá-los pela metade do mundo, pela selva, suados e miseráveis. Não posso dizer que os culpo.



Fora da tenda, Ian Kincaid chama meu nome. Pego meu chapéu, passo através da corda e olho ao redor. Ele está nas docas, acenando com o braço para mim. E leva um momento para decifrar o que está em sua mão.

Quando faço, meu estômago cai direto para o inferno.

Porque é um telegrama.

Um conselheiro do palácio, Smith alguma coisa ou outra, encontra-me no aeroporto da Indonésia com o avião real, uma atualização e um terno adequado. Não durmo durante o voo de quinze horas. Passei o tempo me torturando, pensando que, se estivesse lá, isso nunca teria acontecido. *Foda-me*.

Lavo-me e faço a barba, e quando deslizo meus braços nas mangas do terno... Não parece mais o inferno. Ele se encaixa agora.

Volto ao palácio e eles me dizem que a rainha está na enfermaria, então corro pelos corredores para chegar lá. Quando abro a porta e finalmente vejo Lenora, inteira, ilesa e ela mesma, a preocupação e a culpa que me amarraram afrouxam seu aperto.

E estou cheio de alívio abençoado. Porque ela está aqui e está bem.

Mas então, enquanto continuo a observá-la através da enfermaria... Começo a sentir algo totalmente diferente. Alguma coisa torcida e feia brota.

Porque ela está numa cadeira, sentada muito perto da cama, conversando com aquele repulsivo Winston. Ele está sem camisa, exceto por uma grande atadura presa no peito e a tipóia segurando seu braço. Eles falam em tons suaves e

familiares, quase íntimos, e então Lenora sorri para ele. E é um sorriso real. O tipo que dança em seus olhos e ilumina todo seu rosto.

E quero atirar no bastardo. Da mesma maneira que eles atiraram no perverso fodido que tentou machucá-la, exatamente onde o encontraram, naquele mesmo dia, num prédio abandonado em frente à rota do desfile.

Entro no quarto. “Bem, isso não é legal?”

Lenora se vira ao som da minha voz e, por um momento, parece feliz em me ver.

“Edward!” Ela se levanta. “Quando voltou?”

Apesar do fusível aceso na minha cabeça, meus olhos a bebem profundamente. Eles sentiram sua falta. “Agora mesmo.”

“Duque Anthorp.” O guarda-costas me cumprimenta, mergulhando a cabeça num arco.

“Winston.” Viro para encará-lo. “Obrigado pelo que fez. Nós estamos...” Olho para Lenora, depois volto novamente. “... para sempre em dívida com você.”

E apesar do ressentimento chiar na minha garganta, as palavras são verdadeiras.

Envolvo o braço nos ombros de Lenora, puxando-a e aconchegando contra mim. “Venha, amor. Diga adeus ao seu amiguinho.”

Ela olha para mim estranhamente, mas depois vira para o guarda. “Bom dia, Winston.”

E guio Lenny para fora do quarto. No corredor, dou um passo para trás e olho-a de cima a baixo de novo, verificando se há ferimentos.

“Você está bem? Verdadeiramente?”

“Sim, estou bem.” Ela balança a cabeça, seu rosto suave. “Miriam, no entanto, provavelmente terá tremores por um mês.” Então, hesitante, ela pergunta: “Como foi sua viagem?”

“Improdutiva.”

“Oh. Isso significa que terá que partir de novo?”

“Possivelmente. Vamos ver.” Dou de ombros.

Não sei por que digo isso, não irei a lugar nenhum. Mas então chego ao problema real... E minha transformação em bunda de cavalo está completa.

“O que foi aquilo?” Meu queixo fica tenso quando o levanto em direção à porta da enfermaria.

Lenora pisca, a imagem mais bonita de pura inocência.

“O que foi aquilo?”

“Você e o guarda. Vocês dois pareciam terrivelmente... Próximos. Ainda mais do que antes que parti. É por isso que me disse que tudo bem ir? Apenas o que diabos está acontecendo por aqui?”

“Você não pode estar falando sério.” Ela olha para a porta e depois de volta para mim, e seus olhos escurecem para a cor de chumbo afiado. “Você partiu, por semanas, e agora está aqui e... Está com ciúmes de Winston?”

“Eu não sinto ciúmes, doce. Mas também não sou bobo.” Tento outra abordagem e aponto para a porta. “Você notou que ele está fodendo sua irmã, não é?”

Lenora engasga, os olhos se arregalando.

“Oh, aparentemente, você não notou.”

Michael e eu os vimos batendo contra uma árvore no jardim alguns dias antes de eu ir embora. Miriam é uma garota independente e não entendi que estavam tirando vantagem dela, então me importei com meu próprio negócio. Mas Lenora



é outra história completamente diferente, ela é todo o meu negócio.

"Você pode perguntar ao Michael se não acredita em mim. Acho que faz sentido, ela é a sobressalente. Ou ele tem feito seu caminho através das fileiras para você agora? É isso que está acontecendo?"

Suas mãos delicadas se fecham em punhos. "A única idiota aqui sou eu. Porque estava feliz que você estava em casa." Ela balança a cabeça. "É um erro que não cometerei novamente."

É a dor em sua voz que rompe a estupidez. Desgosto misturado com decepção.

O que estou fazendo? Que porra estou fazendo?

"Lenny, espere."

"Vá para o inferno."

"Lenora..." Agarro seu braço, mas mal a toco antes que ela grite e seu rosto enrugue com dor. Solto-a, respirando com dificuldade, procurando por como a machuquei.

"O que há de errado com você?"

Ela levanta o queixo teimoso. "Nada."

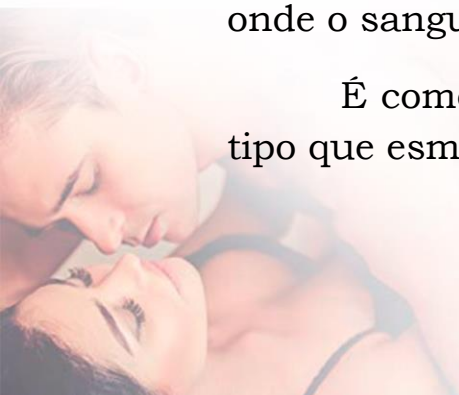
"Não minta para mim."

Ela está movendo seu braço direito. Tão cuidadosamente quanto posso, agarro a manga do suéter de lã.

"Solte!"

E puxo pelo braço. Revelando uma bandagem branca grossa em seu bíceps. Há uma coloração vermelha no centro onde o sangue se infiltrou.

É como se eu tivesse levado uma marretada no peito, o tipo que esmaga seu coração em pedaços.



“Cristo todo-poderoso. Você foi baleada?”

Ela puxa o braço para longe.

“Não é nada. Apenas me arranhou.”

“Por que não fui informado imediatamente?”

Ela desliza o braço de volta através da manga do suéter.

“Achamos melhor manter isso fora da imprensa.”

“Eu não sou a imprensa! Serei seu marido!”

Ela olha para mim, defensivamente feroz. E então joga minhas palavras de volta para mim.

“Mas você não é, pelo menos não ainda.”

Lenora respira e endireita a saia.

“Agora, se você me der licença, tenho um país para comandar.”

Cabeça levantada e costas retas, como uma estátua de pedra em movimento da rainha perfeita, ela vai embora.

Deixando-me a observando ir.

Meu plano é deixar que Lenora se acalme e depois nos aposentos particulares, explicar algumas coisas para ela, discutir isso. E desta vez, tentar não estragar tudo.

Não espero que ela termine com seus deveres tão cedo; o sol está se pondo e o céu é um suave cinza. Então saio pelos jardins para visitar o túmulo de Thomas.

Mas quando chego lá, alguém chegou primeiro.

“Se você estivesse aqui, eu bateria em você!” Lenora caminha em frente à lápide, sacudindo o punho. “E também

não seria um tapinha delicado de garota. Oh não, seria um soco direto nas bolas! Honestamente, Thomas, o que estava pensando? O que é que você fez?"

Ela cai no banco ao lado do túmulo, indignação fluindo dela.

"Ele vai me odiar", ela sussurra entrecortada. "Irei arruinar sua vida e ele nem sabe ainda. Ele está deixando para trás uma vida que amava e não tenho nada a oferecer em troca. Nada que ele valoriza. Um dia ele vai me odiar por isso e quando acontecer, vai me destruir."

Saio das sombras.

"Eu não vou te odiar."

Lenora salta do banco, enxugando as bochechas. "Você não deveria ouvir conversas privadas! É rude."

"Eu sei. Sou um homem muito rude." Dou um passo mais perto. "Mas juro, não vou te odiar."

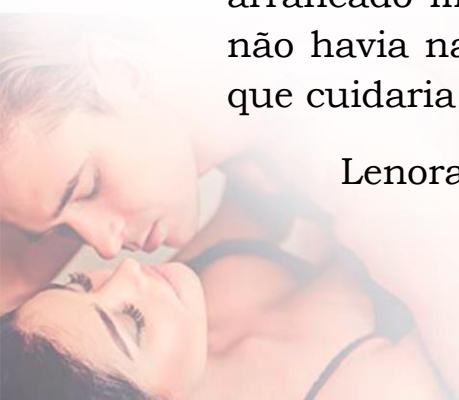
Gesticulo em direção ao banco. "Posso sentar com você?"

Ela olha o banco vazio, depois de volta para mim, com um aceno inseguro. Sento-me, inclinado para frente, apoiando meus cotovelos nos joelhos. Cautelosamente, Lenny se senta ao meu lado.

"Eu estava com raiva quando Thomas morreu", digo a ela suavemente. "Com Deus, o mundo e todo o fodido universo. Mas principalmente estava com raiva de mim mesmo. Porque eu deveria estar aqui."

Olho a lápide dele e ainda está cru, ainda errado. Meus olhos queimam e minha garganta está apertada. "E teria arrancado meus pulmões e os dado a ele para salvá-lo. Mas não havia nada que eu pudesse fazer. Exceto prometer a ele que cuidaria de você, protegeria você... casaria com você."

Lenora olha suas mãos no colo.



“Não quero ser uma obrigação para você. Uma promessa que você tem que manter. O pensamento disso embrulha meu estômago”, ela diz.

Balanço a cabeça. “Mas você não é. É por isso que já estava voltando para você quando o telegrama chegou. Por que não aguentava mais ficar longe. Você é mais que isso para mim agora.”

Seus olhos são duas piscinas redondas de prata à luz do dia.

“Como pode ter certeza?”

“Você tem que confiar em mim, mesmo que seja só um pouco. Você tem que tentar. Sou um homem que sabe o que quer. Sei que te quero, quis desde o começo. E se isso significa aceitar a vida que vem com você... então vale a pena.”

Suas delicadas sobrancelhas se juntam.

“Você não vai sentir falta de tudo? Não vai sentir falta da liberdade, da aventura?”

Gargalho e balanço a cabeça, porque ela ainda não entende. Coloco a mão sobre a dela.

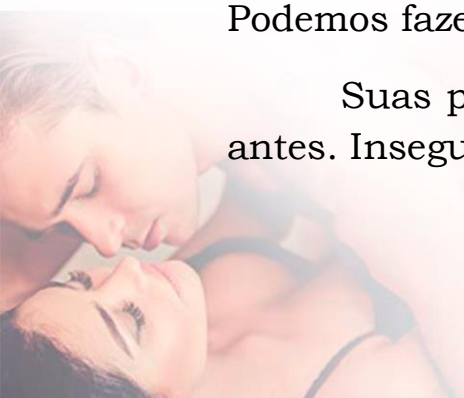
“Construir uma vida com você será minha maior aventura, Lenora.”

Sua respiração prende na garganta.

“Oh... Oh meu.”

“Quero que comecemos de novo”, digo a ela. “Começar de novo e melhor. Nenhum parlamento, títulos, coroas ou arranjos matrimoniais. Vamos ser apenas você e eu, Edward e Lenora, duas pessoas que se encontraram na floresta. Podemos fazer isso?”

Suas palavras são ditas num tom que nunca ouvi dela antes. Inseguro e vulnerável.



“Eu quero; quero isso com você. Só não tenho certeza de como fazer.”

“Então vou começar.” Eu me levanto e estendo a mão para ela. “Olá, sou Edward Langdon Richard Dorian Rourke. Estive em todos os continentes do globo. Toquei o fundo dos oceanos e os topos das montanhas e, em minha opinião de especialista, o melhor lugar em todo o mundo... é bem aqui.”

Lenora olha minha mão e, muito lentamente, estende a mão e coloca a sua pequena na minha, jogando junto.

“É bom conhecer você, Edward.”

Inclino a cabeça.

“O prazer é todo meu.”

Sento no banco e faço um gesto para ela ficar de pé.

“Agora você.”

“Oh, sim, certo.” Ela se levanta, mexendo nas mãos, e sua língua rosa sai, lambendo os lábios. A rainha é adorável quando está nervosa.

“Sou Lenora Celeste Beatrice Arabella Pembrook. Mas pode me chamar de Lenny... contanto que ninguém esteja por perto para te ouvir dizer isso. Sou uma rainha, você sabe, na maioria dos dias... Eu mando.”

Quero aplaudi-la. Bem feito, doce e engraçada garota.

“Nós provavelmente deveríamos dizer algo bom um ao outro agora, um elogio. É o que as pessoas fazem quando se encontram pela primeira vez, sim?”

Lenora assente.

Olho o rosto dela e tento pensar em algo que ela não ouviu mil vezes antes. Algo tão verdadeiro quanto o dia é longo.



“Você é a moça mais bonita que já vi. A primeira vez que te vi, senti como se fosse jogado de um cavalo, você me deixou de quatro. Você é feroz, engraçada e as escolhas que teve que fazer não foram fáceis, mas você continuou. Admiro isso. Admiro você.”

Um sorriso tímido beija seus lábios quando ela toma sua vez.

Seus olhos vagam por meu rosto, minhas bochechas, meu nariz, minha boca. “Não vou te dizer que você é perversamente bonito, mesmo que seja verdade. Acho que já sabe disso. Você é corajoso, ousado e mais honrado do que deixa transparecer. Você me fascina, mesmo quando está apenas sentado lá respirando. Você sempre o fez. Quero te conhecer, Edward. Cada peça e parte que faz você, eu quero conhecer.”

É o melhor elogio que já recebi. Ponto final.

Levanto e lhe ofereço meu braço, como um cavalheiro.

“Aceita dar um passeio comigo no jardim?”

Lenora desliza seu braço pelo meu.

“Isso seria adorável.”

O céu é marinho mais escuro agora. Eu a guio pelo caminho iluminado por lanternas, e o ar é pesado com o cheiro de jasmim e rosa.

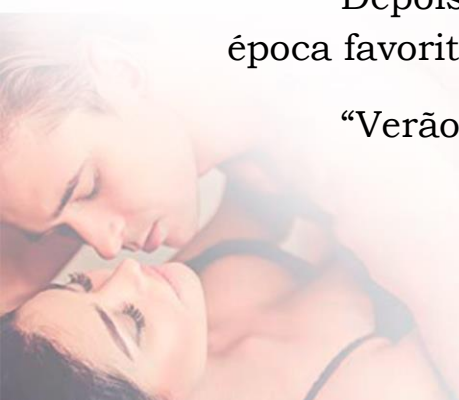
“Qual sua comida favorita?” Pergunto.

“Escondidinho. E a sua?”

“Eu como qualquer coisa.” Dou de ombros.

Depois de um momento, Lenora pergunta: “Qual sua época favorita do ano?”

“Verão. E a sua?”



Ela sorri timidamente. “Inverno.”

Passeamos um pouco mais em silêncio, até eu perguntar: “Cor favorita?”

“Amarelo.” Ela inclina a cabeça para mim. “Você?”

“Eu sou parcial ao cinza.”

Lenny para de repente. E puxa o braço dela do meu.

“Ah não, eu retiro, isso nunca vai funcionar. Definitivamente não.”

Gargalho.

“O que o cinza fez para você?”

Seu sorriso é pequeno e secreto, uma bela fechadura que mal posso esperar para abrir.

“É uma longa história.”

Eu me aproximo e afasto um fio de cabelo solto de seu coque.

“Eu gostaria de ouvir essa história. Vai me contar?”

Nossos olhos se encontram e parece que o chão, o ar e as estrelas mudam ao nosso redor. Tornando-se algo diferente. Algo novo.

“Tudo bem.” Lenora assente.

E eu assinto também.

“Tudo bem.”



CAPÍTULO 13

Edward

Depois da nossa conversa no túmulo de Thomas, as coisas mudaram entre Lenora e eu. Lentamente... e ainda assim, não lentamente em tudo. A proximidade e a intimidade sendo construída, flui mais livremente, mais fácil, como o broto inchado de uma flor cuja hora de florescer finalmente chegou.

Não há como parar e por que diabos alguém iria querer?

Numa tarde, vou ao escritório dela, porque vejo agora que a abordagem direta é melhor com ela. Esquematizando as coisas, discutindo-as completamente, Lenny fica desconfortável quando é pega desprevenida.

E para o que tenho em mente, quero-a muito, muito consciente.

Ela olha por trás da sua mesa quando entro pela porta sem bater.

“Olá.”

Inclino a cabeça. “Olá, Lenny. Você está ocupada?”

“Não muito. Apenas revendo alguns documentos.”

Olho para o relógio na parede e para a janela.

“Não há reuniões agendadas?”



“Não.”

“Excelente.” Assinto, em seguida, enfio minha cabeça do lado de fora da porta para dizer ao guarda: “Não devemos ser incomodados.”

Fecho a porta atrás de mim. E então... Tranco-a.

Aqueles lindos olhos cinzentos brilham muito arregalados e sinto isso bem no meu pau.

Lentamente, como um gato espreitando, aproximo-me de sua escrivaninha, deixando meu olhar vagar por cima de sua blusa de chiffon amarelo claro com o colarinho fofo e bonito.

“Você está muito bonita hoje, Lenora.”

“Obrigada. Você está muito bonito também.”

Ela ri quando percebe o que disse.

Às vezes, esqueço o quão jovem Lenora é. Quão protegida e não mundana. Inexperiente. Mas em momentos como esse, quando o rubor mais fraco mancha suas bochechas e a boca cheia com a qual sonho à noite sorri tão timidamente, ela me lembra.

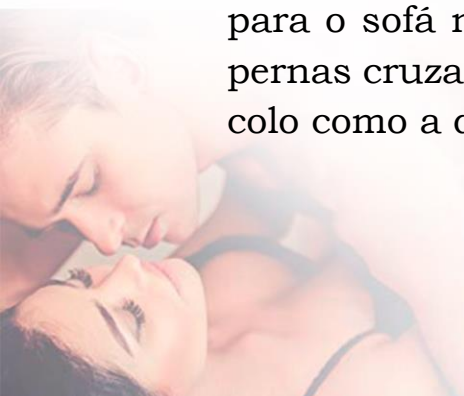
“Estive pensando em algo, quase constantemente, na verdade, e é algo que precisamos discutir.”

Sua cabeça se inclina com curiosidade. Ela se levanta.

“Isso parece sério.”

Minhas bolas doloridas não podem concordar mais.

Sento-me na cadeira almofadada, inclinando-a para trás, observando cada movimento dela, enquanto ela se move para o sofá na minha frente. Lenora senta-se lindamente, as pernas cruzadas nos tornozelos, as mãos descansando em seu colo como a dama graciosa que ela foi criada para ser.



“O que gostaria de discutir, Edward?”

“Foder.”

E ela se encolhe tanto que quase sai do seu assento. Sorrio descaradamente enquanto ela solta sua mais feroz carranca.

“Você deve chamar isso assim?”

“Eu realmente devo, amor.”

“Por quê?”

“Porque gosto da palavra. Gosto do jeito que parece, a especificidade. O calor.”

“Não podemos nos referir a isso como... o ato de casamento?” Ela parece orgulhosa de si mesma por ter pensado nisso.

“Deus, não.”

“Por que não?”

“Porque 'o ato de casamento' soa como algo que seus bisavós fizeram cem anos atrás. E ninguém quer pensar nos velhos vovô e vovó quando falam sobre foder.”

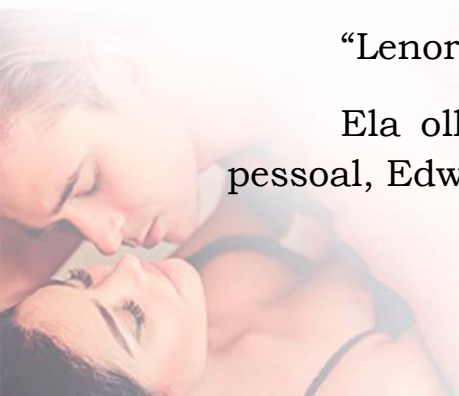
Lenny cobre o rosto com as mãos.

Tenho piedade dela. “Voltaremos aos nomes para as coisas em outra hora. Estamos saindo do assunto. Por enquanto, vamos nos comprometer. Chamaremos isso de... sexo. Ou fazer amor.”

Ela assente, concordando. Mas suas pequenas mãos agora estão juntas com tanta força que os nós dos dedos estão brancos.

“Lenora... você tem medo de fazer amor?”

Ela olha para as mãos. “Esta é uma conversa muito pessoal, Edward.”



Faço minha voz ficar gentil. Calmante. “Eu serei seu marido. Nós vamos pertencer um ao outro em todos os sentidos. Não há nada para se envergonhar. Isso é algo que preciso saber, algo que quero saber.”

Suas mãos relaxam e seus ombros afrouxam, só um pouquinho.

“Não tenho medo de fazer amor. É apenas... não familiar. Realmente não sei como isso é feito corretamente.”

“Você não sabe como isso é feito... você não sabe *como isso é feito*?”

Faço uma representação visual com meus dedos, formando um círculo com uma mão e penetrando com o dedo na outra.

E sou recompensado com um revirar de olhos e uma risada rápida. “Não, claro que conheço as especificidades disso. O Dr. Hatchet explicou.”

Pauso. “Doutor... Hatchet?”

Isso será peculiar, posso dizer.

“Ele era o médico pessoal do rei quando eu tinha doze anos.”

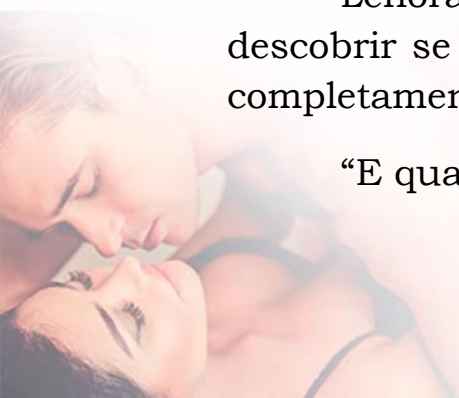
Assinto cautelosamente. “E ele é quem te contou sobre os pássaros e as abelhas?”

“Sim.” Ela engole. “Ele foi muito minucioso. Ele tinha diagramas.”

Assinto novamente. “Claro. Diagramas são sempre úteis.”

Lenora estreita os olhos, como se estivesse tentando descobrir se estou zombando dela. Mantenho minhas feições completamente neutras, mas não é fácil.

“E quantos anos tinha o Dr. Hatchet?” Pergunto.



“Ele era... bem... mais do que alguns anos mais velho que papai. Ele estava totalmente surdo do lado direito e sofria de catarata... e ele continuava esquecendo meu nome. Ele se aposentou no mês seguinte.”

Puta merda.

“Sua mãe não te contou nada?”

Sempre achei que era assim que funcionava com as garotas.

“Depois que falei com o Dr. Hatchet, minha mãe veio me ver.”

“E o que ela disse, então?”

“Ela deu um tapinha no meu ombro e disse que é tudo muito melhor do que parece.”

É quando a risada escapa, não posso evitar.

“Não ria de mim.” Lenora franze a testa.

Levanto as mãos. “Não estou rindo, juro por Deus.”

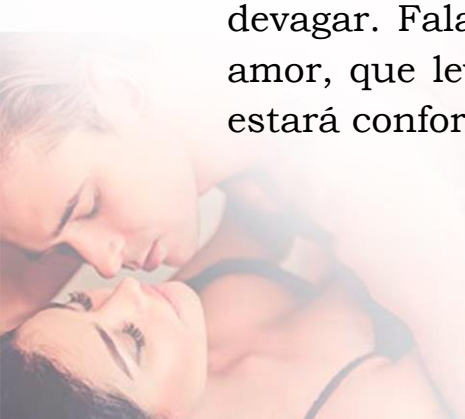
Sua boca franze num pequeno beicinho. “Você está literalmente rindo na minha cara, Edward.”

“Sinto muito.” Esfrego a mão no rosto. “Verdadeiramente. Você apenas... você me pegou de surpresa.”

“Sim, essa sou eu”, ela diz secamente. “Sou cheia de surpresas.”

Depois de um momento, consigo parar de rir. Bato as mãos, pronto para começar a trabalhar.

“Tudo bem, então estou pensando que devemos começar devagar. Falar sobre todas as coisas que vêm antes de fazer amor, que levam a isso. E então iremos praticar, então você estará confortável na noite de núpcias”, explico.



“Como lições? Sempre fui muito boa nas aulas”, ela diz de uma forma tão adorável que posso perder a cabeça.

“Aposto que você era, querida. E estas serão nossas...”

“Aulas de amor”, Lenora finaliza.

“Sim, gosto disso. Aulas de amor.”

Meio que espero que ela pegue um bloco e caneta da sua mesa para tomar notas. Mas ela não faz e isso é provavelmente o melhor se não vou começar a rir de novo.

“Certo. Então... o sexo geralmente começa com os olhos. Olhar, encarar... Querer tanto a outra pessoa que sua pele fica quente com o desejo de tocá-la.”

“Acho que temos essa parte coberta.” Sua voz fica baixa. “Gosto de olhar para você, Edward.”

Meu sorriso é lento e cheio. “Estou feliz em ouvir isso. Você é minha pessoa favorita para olhar também. Depois de olhar, você se move para contato físico. Acariciando um ombro, de mãos dadas.”

“Nós fizemos isso”, ela diz com voz rouca.

“Sim, e você gostou de dar as mãos?”

“Muito.”

Olho nos olhos dela e juro do fundo do meu coração, “Terei certeza que você goste muito de tudo. Eu prometo, menina doce.”

O leve rubor vem novamente, mas seu sorriso é tão terno e grato que rouba a respiração dos meus pulmões.

“O que vem depois de tocar e segurar a mão?” Ela pergunta.

“Beijar.”



Seus olhos vão direto para a minha boca. Ela me olha com uma fome inocente, um desejo puro e inexplorado. E invoca cem imagens na minha mente imunda de todas as maneiras que quero tê-la, levá-la, empurrá-la, puxá-la, montá-la... Todas as maneiras que serei capaz em muito, muito em breve. A virilha da minha calça aperta e estou duro como granito.

"Devemos tentar isso?" Pergunto.

Não respiro enquanto espero a resposta de Lenora. E então ela diz a palavra mais linda de qualquer idioma.

"Sim."

Lenora

Por alguns longos momentos, Edward... Olha para mim. Isso faz meu estômago revirar e minha pele esquentar, exatamente como ele descreveu. Como se estivesse no sol por muito tempo. Corada... Mas em todo lugar.

Parece muito... Safado.

"Você já foi beijada, Lenny?"

"Uma vez. Um príncipe belga me beijou durante um baile. Ele meio que me agarrou e passou a língua na minha boca, como um lagarto."

Edward xinga.

"Eles o derrubaram e você sabe..." Dou de ombros. "Removeram-no do país."



Há um brilho nos olhos de Edward que parece quase perigoso, mas de um jeito bom.

“É isso?”

“Sim. É isso aí.”

Ele se inclina para frente e sua voz é diferente. Mais rouca. Quase hipnótica, uma voz autoritária e sedutora.

“Venha aqui, Lenora.”

Pisco para ele, como uma coruja repentinamente encurralada. “Aqui? Agora? Você quer me beijar agora?”

“Sim. Muito.”

Olho para a janela. “Mas é meio do dia!”

Sim, sim, pareço idiota. Estou ciente.

Assim como Edward. Ele sorri diabolicamente. “Todo tipo de diversão pode acontecer no meio do dia. Aproxime-se e mostrarei a você.”

Minha respiração fica presa na garganta e não sei por que estou tão nervosa. Estive presente durante a negociação de militares tratados com chefes de estado que poderiam ter terminado em guerra, sem pestanejar.

E ainda assim, de alguma forma, isso parece maior. Mais importante.

Eu me levanto. Mas não consigo fazer com que meus pés se movam na direção dele. Pelo menos não rápido o suficiente para Edward. Porque ele também se levanta e caminha na minha direção com aquele passo largo, confiante e solto.

“Posso te contar um segredo?” Sua voz roça sobre mim como o toque de uma pena macia. Calmante e suave.

“Ok.”



Seus olhos vagam por meu rosto, antes de se fixar nos meus lábios.

“Estive obcecado com sua boca desde a primeira vez que te vi.” Sua mão segura meu queixo e o polegar roça meu lábio inferior. “Como a sentiria, qual o sabor. Sonhei com seus lábios, moça.”

Ele envolve o braço em minha parte inferior das costas, puxando para mais perto até que estamos pressionados um contra o outro, coxa a coxa, barriga a barriga, meus seios contra a parede quente e sólida do seu peito.

Uma sensação pulsa através de mim e parece... Maravilhosa.

A palma de Edward desliza, espalhando-se por meu quadril, segurando-me, apertando os dedos. Meu nariz toca o oco de sua garganta e respiro o aroma quente da sua pele, sol, areia e verão.

“Não tenha medo.”

Olho em seus olhos, minha voz um sussurro ofegante.

“Não estou com medo.”

Minha mente finalmente alcança o que meu corpo já sabe. Esses braços fortes... Os braços dele... Sempre me manterão segura.

Edward se inclina e roça seus lábios contra os meus, um toque doce e gentil. E então novamente, mais firme. E ainda de novo, para frente e para trás. Sua boca está quente, seus lábios cheios. E meu coração bate tão rápido que posso senti-lo contra o peito dele.

Levanto meu queixo, alcançando-o. E Edward me beija novamente.

Alegria emocionante, excitação e necessidade ardente e flamejante cantam todos em coro dentro de mim. Os lábios de



Edward engolem o meu inferior, sugando suavemente, e uma raia de calor queima em minha parte inferior da barriga.

Acho que ofego ou talvez gemo. Não sei se estou respirando e não me importo. Tudo que importa é a sensação gloriosa da sua boca na minha.

“Você quer mais?” Edward pergunta contra os meus lábios.

“Sim”, suspiro. “Ensine-me.”

Ele olha para mim, seus olhos verdes escuros, quase pretos de fome.

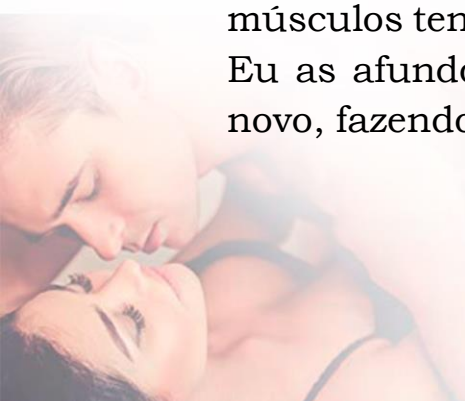
“Abra sua boca para mim. Dê-me sua língua, Lenora.”

Estou assentindo sem pensar, e sua boca desce e a pressão do seu beijo volta novamente. Desta vez abro para ele e sua firme e quente língua mergulha entre meus lábios, acariciando lentamente a minha. E me sinto corajosa e linda... E querida. Acaricio de volta, esfregando minha língua contra a dele, espelhando seus movimentos.

Ele geme forte e profundamente em seu peito. E mesmo com uma coroa na cabeça, nunca me senti tão poderosa. Aquele som. Quero que ele faça esse som novamente. Mais longo e mais baixo.

A carne entre as minhas pernas está latejando agora e meu quadril gira contra ele, por conta própria. Os braços fortes de Edward envolvem minhas costas, levantando-me dos meus pés para que meu rosto esteja acima do seu. E nossos lábios ainda se movem um sobre o outro, nossas bocas pressionam e nossas línguas se agitam e nunca quero que isso acabe.

Minhas mãos envolvem seus ombros, seu pescoço, seus músculos tensos se contraem sob as palmas das minhas mãos. Eu as afundo na seda dourada do cabelo dele e ele geme de novo, fazendo-me sentir mais como uma rainha do que nunca.



Seu peito se expande contra o meu, nós dois respiramos pesadamente. Edward afasta seus lábios dos meus e eles passam para o meu queixo, minha mandíbula até o pescoço. Sinto a úmida lambida decadente da sua língua e a mordida dos seus dentes em minha pele.

Sim...

E suspiro palavras sem sentido, mas Edward entende.

Por favor...

Então estou caindo quando ele se senta no sofá, levando-me com ele. Seus lábios retornam à minha boca e sua mão desliza no meu cabelo, embalando minha cabeça, virando-me como ele me quer. Sinto o toque da palma da sua mão no meu rosto e cubro a dele com a minha, querendo tocá-lo de todas as maneiras possíveis. Querendo estar mais perto, sentindo um puxão no peito do meu coração para o dele.

Meu Edward...

Uma voz sussurra na minha cabeça, é a primeira vez que penso nesse homem com quem vou casar como meu.

Meu.

Que garota de sorte eu sou.

Os lábios de Edward desaceleram e, em seguida, com um beijo final, eles ficam imóveis. E nossas testas apertam uma contra a outra e nos olhamos nos olhos, ofegantes, respirando o mesmo ar.

“Você gostou?” Ele pergunta.

Sorrio alegremente.

“Gostei bastante disto.”

Avanço e Edward se afasta, provocando-me, fazendo-me perseguir seus lábios.



“Quanto?”

“Muito... Quero outra aula.”

Ele ri, então me puxa e começamos tudo de novo.

E é como se algo dentro de mim, uma parte alegre de mim que nem sabia estar dormindo, finalmente foi despertada, com o beijo dele.



CAPÍTULO 14

Lenora

Pelas últimas duas semanas, Edward e eu praticamos nosso beijo. No meu escritório, nos jardins, na biblioteca... Uma vez na capela, Deus salve nossas almas. E a julgar pela reação dele, os gemidos masculinos que minha língua puxa de sua garganta, o jeito que seus dedos me agarram desesperadamente, a maneira como ele se torna grosso e duro e empurra sua excitação contra mim, acho que estou pegando o jeito. Às vezes, combinamos o toque e o beijo, sobre nossas roupas, e é... Incrível. Um novo mundo de sensações e sentimentos.

Tudo com Edward é incrível.

Esta noite, há um jantar no palácio, uma celebração pré-casamento. É um pequeno arranjo, apenas cerca de trezentos convidados. Alfie está lá com seus filhos e Michael também, ele estará servindo como padrinho de Edward. Mas os jantares são o tipo de evento que menos gosto, por causa das regras, do protocolo. Ninguém tem permissão para começar a refeição antes que a rainha dê sua primeira mordida, e quando coloco meu garfo no prato, ninguém é permitido dar uma mordida depois. Então, basicamente, toda a noite é passada com todos os olhos em mim, e todas as tradições e rituais.



E durante coquetéis depois do jantar, política, é claro. Mesmo numa noite destinada a celebrar as próximas núpcias reais, a política reina suprema.

"Respeitosamente peço que reconsidere, Sua Majestade. Todas as nações vizinhas contribuíram com tropas."

Lorde Strathmoore, um marquês espertinho e muito bonito, que nunca conheceu uma guerra da qual não gostava — ou lucrava — discorda da minha recente decisão de rejeitar uma intervenção militar internacional na Malásia. Muitos dos lordes discordam de mim, mas nenhum tão vocalmente quanto Strathmoore.

Bebo meu licor e balanço minha cabeça. "E se todas as nações pularem de uma ponte, você pediria aos garotos de Wessco para segurar seus narizes e pular também? Não. Não acredito que seja nossa batalha para lutar."

Edward fica ao meu lado, seu braço quase roçando a manga do meu vestido de cetim cor de vinho. Do canto do olho, vejo seu queixo afundar um pouco e, embora não tenhamos discutido assuntos internacionais em profundidade, acredito que ele concorda comigo. E valorizo sua opinião, não porque nos casaremos, mas porque ele é inteligente, experiente e um homem mundano.

"Nós seremos motivo de riso."

Dou de ombros. "O maior medo do homem é ser ridicularizado. As mulheres não compartilham dessa preocupação, somos ridicularizadas praticamente todos os dias de nossas vidas."

Edward levanta o copo para mim. "Bem dito, Sua Majestade."

Strathmoore muda o olhar. "Você lutou na guerra, Anthorp. Qual a sua opinião sobre a intervenção militar?"



A voz de Edward é firme e confiante, mas baixa com um tom quase reverente. “Guerra é... surpreendente.”

“Surpreendente?” Strathmoore repete.

“Um homem entra nisso pensando que sabe o que esperar. Armas e bombas, canhões e matança. Mas a verdadeira brutalidade disso, ver a vida se esvair dos olhos de um jovem rapaz, ver homens perdendo seus membros e outros perderem a alma para a barbárie, é surpreendente. Algo que tem que ser experimentado para ser verdadeiramente entendido.”

“Você se tornou um pacifista, então?”

“De modo nenhum. Não tenho objeções em ir à guerra por uma causa justa, uma causa nobre. Mas, como a rainha disse, arriscar a vida de garotos em uma luta que não é nossa, só para mostrar que pode, demonstra mais medo e covardia do que força.”

Mais tarde, quando Strathmoore passou para outra conversa e Edward e eu estamos sozinhos, olho para ele. Deixando meus olhos acariciarem o modo como seu smoking preto se molda à sua forma musculosa, e seu cabelo loiro grosso, agora mais curto do que quando nos conhecemos, mas ainda tem alguns fios caindo sobre a testa, insinuando seu lado selvagem e maroto.

“Você está muito arrojado esta noite, Edward.”

Ontem, Miriam me contou sobre flertar, e compartilhou algumas dicas, então estou dando uma chance.

“E tão bem comportado. Seguindo todos os ‘deverias’ e ‘não deveria’.”

Seus olhos pousam em mim.

“E isso te excita, amor?”



Meu coração dispara um pouco, mas dou-lhe um sorriso ousado.

“Sim.”

Ele leva seu copo aos lábios, sorrindo.

“Anotado.”

Edward está em Guthrie House, a residência anteriormente vazia do príncipe herdeiro ou princesa, desde que chegou ao palácio. Mas depois do jantar, depois de dispensar minha empregada para a noite e entrar no meu quarto, Edward está lá. Recostado na chaise longue de paisley[5], com os braços cruzados atrás da cabeça, as longas e poderosas pernas estendidas.

Eu realmente deveria estar chocada que ele está aqui sem permissão... mas realmente não estou.

“Aquele jantar foi doloroso pra caralho.” Ele solta a gravata e abre os botões da camisa. “Tantos paus enfiados em tantas bundas... a estranheza e o tédio irão me assombrar por dias.”

Cruzo os braços.

“É por isso que entrou no meu quarto? Queixar-se da aborrecida etiqueta do jantar?”

Suavemente, ele se levanta da longue e se aproxima de mim. “Na verdade, entrei no seu quarto por outra razão.”

“Aulas de amor?” Sugiro com uma sobrancelha elevada.

---

5 

Seus olhos vão para os meus lábios. E passo a língua ao longo do inferior, porque aprendi que isso deixa Edward louco. Sua garganta se agita conforme engole em seco.

“Tenho uma lição muito particular em mente para esta noite, mas isso é para mais tarde. Por enquanto, queria saber se quer ver o que realmente é diversão? Eu poderia te mostrar. Quero mostrar.”

Algo sobre a maneira como ele diz isso me faz pensar que não gostarei disso nem um pouco... E amarei ao mesmo tempo.

“O que diz, Lenny?”

Digo sua palavra favorita. “Sim.”

“Por que tenho que soltar o meu cabelo, de novo?” Pergunto a Edward da minha penteadeira.

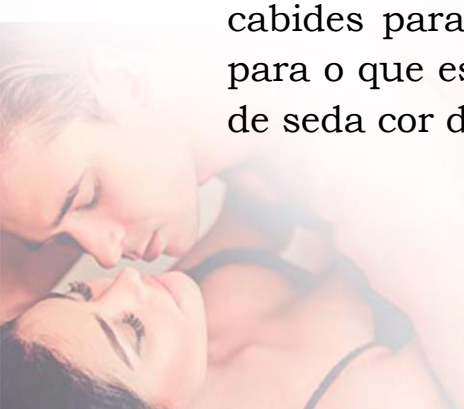
“Você verá”, ele responde do meu vestiário.

Puxo os grampos do meu cabelo e sacudo o coque. Cachos escuros caem pelas minhas costas. Deixo minha franja jogada para a direita e amarro os lados do meu cabelo, deixando o resto longo e cheio quase até a minha cintura. Está preso, mas ainda solto como Edward pediu.

Quando ele me vê na porta do vestiário, congela. E então assobia. “Excepcional.”

E arrepios agradáveis elétricos dançam sobre cada centímetro da minha pele.

Edward volta a passear pelo vestiário, deslizando os cabides para o lado, procurando por uma roupa apropriada para o que essa “diversão” implica. Ele pausa numa camisola de seda cor de pêssego e enfia os dedos na renda elegante.



“Isso é uma surpresa. Imaginei você como uma garota de pijamas de flanela. Ou... pano de saco, para combinar com sua personalidade.” Ele pisca.

Dou a Edward “o dedo”, exatamente como seu irmão me ensinou.

Isso o diverte imensamente.

“Ah, é isso.” Ele levanta uma saia plissada e uma blusa azul royal de mangas curtas com botões na frente e um decote de arco drapeado. É um conjunto informal, algo que usaria no palácio se chegasse o dia em que não tivesse nada para fazer. “Coloque isso.”

“Esta é uma ideia terrível”, lembro Edward.

“Então, você já disse isso.”

Agarro a teia apertada de hera que cobre o canto sul sombreado do muro que cerca a propriedade do palácio e escalo.

“Ridícula. E idiota.”

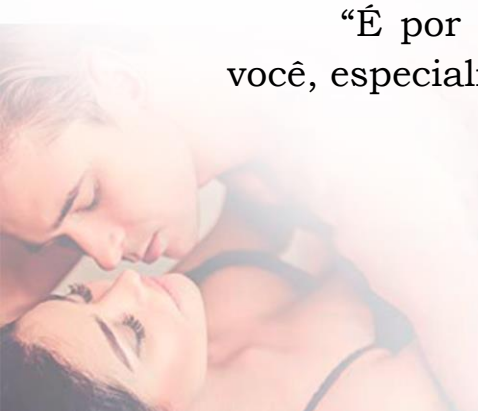
“Você mencionou isso também”, ele diz abaixo de mim, onde está posicionado para me pegar se eu escorregar. “Quase lá.”

“Não entendo porque temos que fugir.”

“Você já fez isso antes?” Edward pergunta.

“Não.”

“É por isso. Todos devem fazer tudo uma vez. Mesmo você, especialmente você.”



Quando chegamos ao topo do muro, sento, esperando, enquanto Edward se levanta, pousando facilmente na calçada do outro lado.

Ele levanta os braços em minha direção. “Pule.”

Cruzo os braços em vez disso. “Por que a segurança não pode vir com a gente?”

“Porque então todo mundo vai saber quem você é, quero que se misture.”

“Eu nunca me *misturei* um dia na minha vida.”

“Isso vai acontecer esta noite. Pule, Lenora.”

Com um bufo, pulo do muro... direto para os braços de Edward. Ele abaixa e pega meus sapatos de onde os jogou mais cedo, deslizando um em cada pé.

“Embora”, ele sorri, “você parece incrivelmente fantástica nessa saia. Eu mencionei isso? Quase mudei todos meus planos quando te vi nela.”

Olho de um lado para o outro na rua escura e deserta. Nem mesmo a lua saiu hoje à noite e o ar está fresco em meus braços nus.

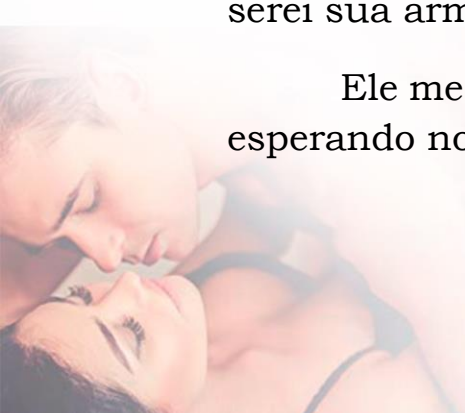
“Como está se sentindo?”

Nunca estive fora dos muros do palácio sem segurança. Nenhuma vez.

“Nua.”

A boca de Edward torce. “Isso seria um tipo inteiramente diferente de diversão.” Suas mãos deslizam subindo e descendo em meus braços, aquecendo-me. “Você não está nua, serei sua armadura hoje à noite.”

Ele me guia até o Cadillac conversível com tampa aberta esperando no meio-fio, mas paro pouco antes de entrar.



Porque de repente as ramificações completas do que estamos fazendo se instalam. Dedos gelados de pânico apertam meus pulmões e é como se eu não pudesse respirar e estou respirando demais ao mesmo tempo.

“Edward... Eu não posso...”

“Lenny, olhe para mim.”

“Muita coisa pode dar errado. Ninguém saberá onde estou. E se houver uma emergência? Um incidente internacional? E se...”

Quentes lábios adoradores engolem minhas palavras. Eles se movem contra os meus com movimentos constantes e suaves, alimentando um prazer calmo no meu íntimo. Braços seguros me engolem, capturam-me e seguram afetuosamente e estou cercada pelo cheiro do verão, o cheiro de Edward.

Ele olha nos meus olhos, beijando minha bochecha. “Pensei em tudo isso. Cuidei disso. Confie em mim, Lenora.”

É difícil. Mais difícil do que imaginei. Deixar ir, colocar minha fé em outra pessoa. Isso vai contra todos os meus instintos, tudo o que aprendi.

Mas por Edward, tentarei. Por ele, eu vou.

“Ok.”

Ele fecha a porta do carro, corre ao redor e desliza atrás do volante.

E nós saímos.



Edward

Lenora fica no pavimento, inclina a cabeça e lê a placa acima da porta.

“A cabra com tesão.”

Estou ao lado dela. “Era um bordel no passado.”

“Você me trouxe para um bordel?”

“*No passado* são as palavras-chave.”

Ela franze a testa. “É um nome terrível para um bordel. Eles se especializaram em fetiches?”

Olho para ela. “Estou surpreso que conhece o termo.”

Ela dá de ombros. “Li coisas.”

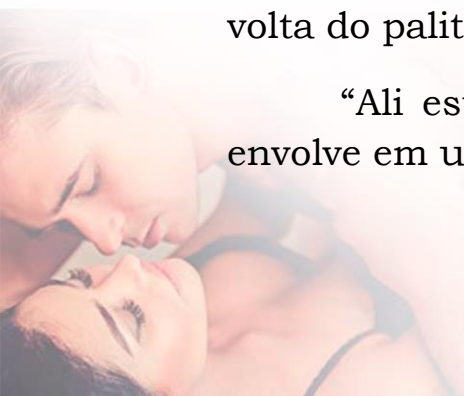
E eu gargalho. “Pode ter sido um nome terrível para um bordel, mas é um nome fantástico para um pub.”

Pego a mão dela e abro a porta e entramos no melhor maldito pub de Wessco, com chão pegajoso, paredes tortas, um teto frágil e um personagem único que é o proprietário chamado Donald Macalister atrás do bar...

“Donald e eu servimos juntos na guerra”, digo a Lenora.

Ele me vê conforme caminhamos até o bar, sorrindo em volta do palito entre seus lábios.

“Ali está ele! Edward!” Ele bagunça meu cabelo e me envolve em um abraço de urso.



“É bom ver você, Donald, bom pra caralho.” Bato em suas costas.

Não senti falta de muitas coisas enquanto estava fora, mas quando senti, era de momentos como este. Uma risada, uma bebida, estar com um velho amigo que me conhece por dentro e por fora. São sempre os momentos mais simples que mais sentimos falta.

“Como está, companheiro?” Ele se endireita, agarrando meus ombros. “Como se eu tivesse que perguntar. Não foi o suficiente que nasceu com uma colher de prata na bunda, agora aquele rosto bonito moveu você para o palácio? Não é de admirar que a Ra...”

E então ele vê Lenora. E fica imóvel com o choque.

Atrás do bar, a esposa de Donald a nota também. “Jesus, Maria e José.”

Donald começa a se curvar.

“Não...” Aviso, porque um arco vai chamar atenção. “Não.”

Ele fica imóvel, o palito caindo de sua boca.

Lenora olha para mim, um pouco perdida.

“Diga oi, amor. Você está aterrorizando o homem.”

Ela acena para ele com os dedos. “Olá, Donald. É um prazer conhecê-lo. Você tem um... estabelecimento muito colorido aqui.”

E o homem de trezentos e cinquenta quilos e um metro e oitenta e cinco... Apenas olha. Aceno a mão na frente do seu rosto. Ele nem sequer pisca. Lenny o enfeitiçou.

“Tudo bem então.” Pego os olhos da esposa de Donald. “Duas cervejas, por favor, Mary. E uma vida de sigilo.”



Isso tira Donald do transe. Ele nos serve duas Guinnesses e as desliza pelo bar até mim. Então olha Lenny nos olhos.

“Venha a qualquer hora que quiser, sua... uh... Senhora. Desfrute de uma bebida ou de uma dança, o que faz e diz aqui nunca sairá desta sala.” Ele bate no bar. “Você tem a palavra de Donald Macalister sobre isso.”

Com a mão na parte inferior das costas, guio Lenny para uma mesa no canto de trás. Ela toma um gole da sua caneca e uma linha de espuma se agarra ao lábio superior. Quero lamber isso. Mas ela me impede, passando sua língua.

“Ainda se sentindo nua?” Pergunto.

“Não.” Ela sorri, olhando ao redor. “É... legal. Ninguém está olhando para mim. Não me lembro da última vez que ninguém olhou para mim.”

Por um momento, apenas apreciamos nossas bebidas. Mas a banda é boa esta noite. Um quarteto tocando músicas folk rápidas, o tipo de música que implora para ser dançada.

“Gostaria de dançar, moça?” Pergunto.

E Cristo, ela se ilumina para mim, ganha vida bem diante dos meus olhos. Tanta alegria dentro dela só esperando para se soltar.

“Eu adoraria.”

Pego a mão dela e pela próxima hora, nós giramos ao redor da pista de dança. Girando e virando até que seu cabelo está úmido na nuca e nós temos sede por outra cerveja. Compartilhamos uma fatia do doce bolo de Mary, comendo com as mãos e Lenny chupa a ponta dos dedos, deixando-me louco.

A banda começa um novo conjunto com uma melodia mais lenta e letras de amor e perda. Entre vários outros casais,

que não nos prestam atenção, guio minha garota de volta para a pista de dança, tomo-a no círculo de meus braços e a balanço perto. Segurando-a apertada, descansando meus lábios contra o cabelo dela, nossos corpos pressionados e alinhados, uma tortura divina.

Conforme as últimas notas da música ecoam no ar, inclino a cabeça de Lenny e minha boca está na dela num beijo rápido e quente para marcar, memorizar e lembrar este momento.

Então a música triste e lenta é varrida pelo rápido movimento de um violino. Murmúrios de aprovação percorrem a pista de dança e Lenny joga a cabeça para trás e ri, sensual e cheia e linda.

Ela aperta a mão no meu braço dobrado e minha outra mão segura sua cintura... E nossos passos rápidos começam de novo, dançando pelas próximas horas.

Felicidade deixa a rainha boba. Animada. Sem reservas. Ela assobia a viagem inteira de volta ao palácio e ri quando voltamos para o muro sem sermos detectados. De volta ao mundo dela, ao nosso mundo.

Enquanto andamos pelo silencioso palácio de mãos dadas, um empregado ocasional dá a Lenny olhares estranhos. Muito provavelmente por causa de suas roupas, a mudança no penteado, ou poderia ser o brilho em suas bochechas e o sorriso de tirar o fôlego que não saiu de seus lábios.

Quando chegamos ao quarto, ela gira num círculo no centro. “Isso foi incrível!” O cabelo de Lenora se espalha atrás dela. “Não foi incrível?”

“Incrível”, murmuro, sem tirar os olhos dela.

“Estou curiosa sobre uma coisa”, ela diz.

“O que é?”

“Você disse antes que pensou em minhas preocupações sobre uma emergência, que cuidou disso. O que fez?”

“Ah.” Aceno. “Dei a sua irmã um envelope com nossa localização dentro e instruções para que fosse aberto em caso de uma catástrofe.”

Lenny me olha boquiaberto. “Você confiou em Miriam com isso?”

“Sua irmã não é tão sem noção quanto finge. Ela é na verdade, inteligente o suficiente para fazer todos acreditarem que ela é ignorante, então ninguém espera nada dela.”

“Humm... teoria interessante.”

“Sou um homem interessante.”

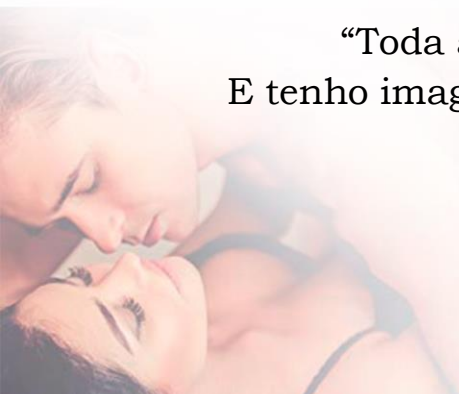
Algo nas palavras ou a maneira como as digo chama a atenção de Lenora. Ela se move em minha direção em passos lentos e deliberados, estende a mão, sentindo a barba em meu queixo e depois me beija. É a primeira vez que ela assume o controle, inicia um beijo. Movo a boca com a dela, deixando-a liderar, disposto a seguir onde quer que ela vá.

Ela balança para trás nos calcanhares, olhando para mim, sua voz suave e rápida, como se quisesse dizer as palavras antes de mudar de ideia. “Posso te dizer uma coisa, Edward?”

Belisco seu queixo. “Qualquer coisa. Não há errado entre nós, Lenora.”

Ela assente e engole uma respiração.

“Toda a dança e cerveja, fez-me sentir muito... corajosa. E tenho imaginado... pensado... Quero te ver. Você inteiro. Por



baixo das suas roupas. Quero olhar o homem com quem vou casar. Você vai mostrá-lo para mim?"

Há muito nela, meu peito aperta com isso. Tantos lados secretos e camadas para despir e descobrir. Partes que acho que ela está descobrindo sobre si mesma, partes que podemos passar nossas vidas descobrindo juntos.

Sem hesitar, agarro a parte de trás da minha camisa e a tiro sobre a cabeça, deixando-a cair no chão. Sinto seus olhos em mim, tão quentes e pesados quanto uma carícia. Seu olhar percorre os músculos dos meus braços, meus ombros, o meu peito. Seus olhos caem para baixo, traçando cada crista do meu abdômen e descendo pelo caminho de pelo que leva ainda mais baixo.

Minhas mãos trabalham a fivela da minha calça. E ela ainda assiste. Empurro para baixo, não sou exatamente o tipo tímido, saio dela e seus lindos olhos brilham enquanto meu pau duro e grosso balança contra minha barriga, estendendo-se para ela. Querendo-a.

Lenora olha, tão curiosa e inocente que me faz palpitar. Sua voz é ofegante.

"É sempre assim?"

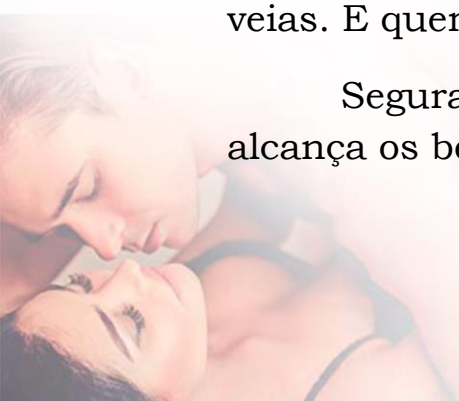
"Ao seu redor? Sempre."

Seus olhos roçam minhas pernas... Então, lentamente, volta para cima novamente. Vendo tudo, não perdendo nada.

"Minha experiência é limitada", ela diz, "mas não consigo imaginar Deus fazendo outro homem tão perfeitamente formado quanto você."

Orgulho masculino puro e primitivo pulsa em minhas veias. E quero tê-la, conquistá-la, reivindicá-la e mantê-la.

Segurando meus olhos, Lenora dá um passo para trás e alcança os botões de sua blusa.



“Você não precisa.” As palavras raspam minha garganta. “Eu quero que você... porra, você não tem ideia do quanto quero que... mas só se realmente quiser. Não há pressa, temos todo o tempo do mundo.”

Seus olhos estão claros com desafio, ousados com bravura... Mas as pontas das orelhas dela brilham rosa quente, e sei que isso não é fácil para ela.

Ainda assim, ela levanta o queixo e abre a blusa, deslizando-a pelos braços até o chão. Ela alcança atrás das costas e, em um momento, o sutiã de cetim cai fora, e minha respiração para ao ver seus seios pálidos, perfeitos e com mamilos rosados que foram feitos para serem sugados.

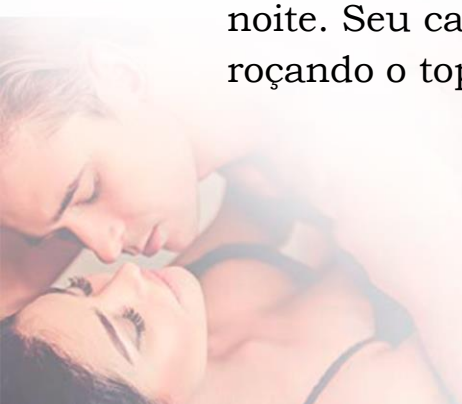
Eu não me movo. Não respiro. Não digo nada que possa perturbá-la ou dar-lhe uma pausa. Porque agora que começou, estou desesperado para vê-la inteira.

A saia vai em seguida, ela a desliza passando pela curva dos seus quadris, descendo por suas pequenas pernas bem torneadas, deixando-a apenas em delicadas ligas de renda, meias brancas opacas e calcinha de cetim.

Sem um som, Lenora abaixa a cabeça, desencaixa suas ligas e enrola as meias em cada perna. Então ela também tira a calcinha. E eu como ela, devoro cada centímetro com meus olhos gananciosos.

Ela fica diante de mim, nua e incrivelmente bonita. Como algo de um sonho, uma fantasia, seios fartos, cintura pequena e elegante e um arbusto de cachos muito escuros entre as pernas.

Respiro fundo e lentamente a circulo. Não toco, não ouso, se o fizer, estaremos pulando um monte de aulas hoje à noite. Seu cabelo flui em redemoinhos de mogno pelas costas, roçando o topo dos firmes globos perfeitos da sua bunda.



As coisas que eu poderia fazer com ela. As coisas que farei.

“Você é extraordinária.” Pressiono um único beijo em sua têmpora. Então fecho os olhos, respiro fundo e recupero meu controle.

Eu me movo, de pé na frente dela, minha voz voltando, forte e firme.

“Eu tinha uma aula em mente para esta noite. Palavras, os nomes das coisas.”

Suas sobrancelhas franzem. “Os nomes das coisas?”

Envolvo meu punho em volta do meu pau e o acaricio com força.

“Os nomes das coisas.”

Suas bochechas ficam vermelhas, mas ela consegue revirar os olhos prateados. “Não sou uma idiota, Edward. Sei o nome das coisas.”

“Dr. Hatchet novamente?”

“Bem... Sim, na maior parte, mas...”

“E que nomes o bom doutor te ensinou?”

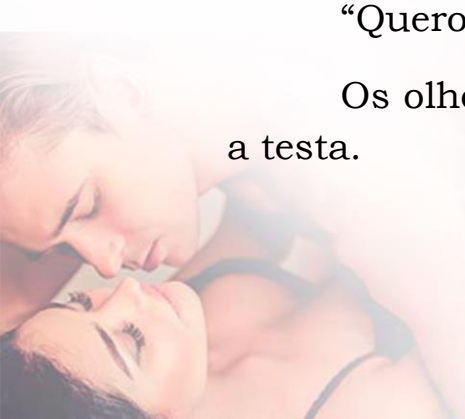
“Todas as palavras adequadas, é claro.” Seus olhos deslizam para baixo e cresço ainda mais sob o olhar dela. “Pênis, vagina, auréola...”

“Não.” Balanço minha cabeça. “Não. Essas não são as palavras que quero ouvir dos seus lábios perfeitos e cheios.”

Ela estreita os olhos. “Bem, o que você quer?”

“Quero ouvir você dizer *pau*.”

Os olhos de Lenora brilham para os meus. E ela franze a testa.



“Essas são palavras baratas. Palavras vulgares.”

“São palavras reais. Palavras sexys. Palavras sensuais que as pessoas reais usam nos espasmos da paixão, foda, luxúria e amor. Se não pode dizer isso, querida, não tem como chegar perto.”

Lenora ergue o queixo e solta um suspiro estremecido. E então ela me olha bem nos olhos, deslumbrante em sua teimosia, e aquela linda boca me dá exatamente o que quero.

“Pau.”

E é sublime, porra. Tão bom que poderia gozar com três bombeadas de sua mão bonita.

“Pau.” Digo isso como uma ordem.

“Pau.” O meu pau contrai com o som do seu nome em sua voz adorável e alegre.

Suas pupilas estão dilatadas e seus mamilos são dois pontos tensos e rosados implorando pela minha boca. Lambo os lábios e digo entre os dentes.

“Buceta.”

Um fantasma de um sorriso puxa o canto de seus lábios.

“Buceta.”

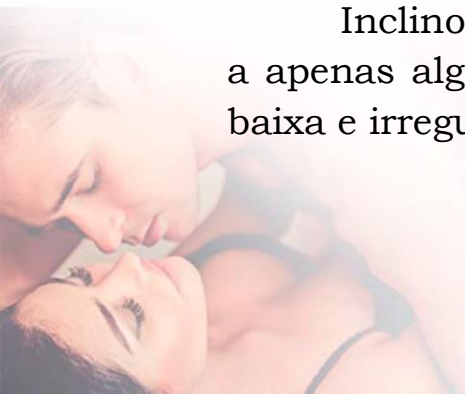
Instintivamente, meus olhos caem para a dela... E minha boca enche d’água.

“Doce, molhada, buceta.”

Ela será, não há dúvida em minha mente.

“Doce, molhada, buceta.”

Inclino-me para mais perto, então nossos narizes estão a apenas alguns centímetros de distância. E minha voz está baixa e irregular agora, imunda.



“Buceta.”

“Odeio você.”

E eu gargalho. Porque isso, agora, aqui... *Ela*... Nada nunca foi tão bom na minha vida.

“Diga, Lenny”, digo a ela suavemente, quase implorando. Passo meu dedo por sua clavícula, sentindo o pulsar do seu coração batendo. “Diga isso para mim e te darei um beijo.”

Ela inala lentamente, os seios subindo, seus mamilos apenas roçando os cabelos no meu peito. E Cristo, ela parece tão deliciosa que quero atacá-la. Quero estendê-la, enganchar uma perna por cima do ombro e empurrar nela forte e rápido, bem aqui no maldito chão. Quero bombear nela por horas, até que sua voz esteja rouca de prazer e sua buceta tão cheia, que vou derramar fora dela.

E então quero levá-la de novo, de todas as maneiras que sei. Foder aqueles lábios carnudos, descer por sua garganta, de costas, de joelhos, ensina-la a cavalgar até que ela arranhe minhas costas com as unhas, porque isso parece tão... bom... porra.

Mas não farei nada disso. Não essa noite. Porque tem que ser lento. Tem que ser certo.

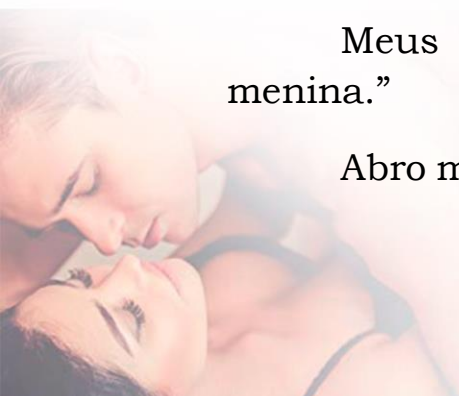
Por ela... tem que ser perfeito.

Seus olhos brilham com ousadia agora. Com desafio. Porque recuar não está no vocabulário da minha Lenny. Ela se levanta na ponta dos pés, trazendo sua boca tão perto da minha que posso sentir a doçura em sua respiração. Seu tom é sensual, provocador, acentuando todas as consoantes.

“Buceta.”

Meus olhos se fecham com felicidade. “Humm... boa menina.”

Abro meus olhos e lentamente me ajoelho na frente dela.



Ela olha para mim, tentadoramente desnorteada.

“O que está fazendo?”

Sorrio para ela. “Eu te prometi um beijo. Vou dar a você.”

Eu a seguro pelos quadris, inclino-me para frente e envolvo sua buceta num beijo profundo e de boca aberta. Meus lábios chupam suavemente, e minha língua acaricia lentamente subindo e descendo entre suas dobras.

“Ohh!”

Ela tem um gosto mais doce do que imaginei. O cheiro de seus cachos aqui é floral também, fresco e limpo, lilases na neve. A buceta mais macia e bonita, e poderia ficar aqui de joelhos para ela a noite toda.

“Edward...” Ela se levanta na ponta dos pés, antes de se acomodar na minha boca lambendo e golpeando num longo gemido. “Eu... ohhh...”

“Você gosta, querida?” Pergunto contra sua pele quente e úmida.

“Sim...” Sua respiração sopra de sua boca. “Você gosta disso?”

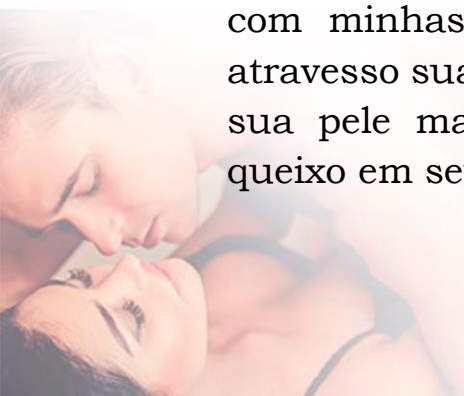
Olho para cima para que ela possa ver a verdade em meus olhos.

“Sim... muito.”

Ela morde o lábio inferior. “Você tem certeza?”

Beijo sua coxa, seu quadril. “Deixe-me mostrar o quanto gosto disso.”

Eu a guio até a chaise longue, deito-a e abro seus joelhos com minhas mãos. Beijo suas coxas pálidas e macias e atravesso sua cintura minúscula, gemendo com a sensação de sua pele macia embaixo dos meus lábios. Descanso meu queixo em seu osso pélvico e sorrio para seus olhos cinzentos.



“Posso te contar outro segredo, Lenny?”

“Ok?”

“Sonhei com esses lábios também.”

Então abaixo a cabeça e adoro minha rainha.

Lenora

Isto não é normal. É uma coisa depravada que ele aprendeu enquanto viajava. Um pecado, é bom demais para não ser pecado. Um dos grandes, tenho certeza, mortal. E isso faz sentido, porque meu coração bate tanto e minha respiração é tão curta que sinto que posso morrer.

E não poderia me importar menos.

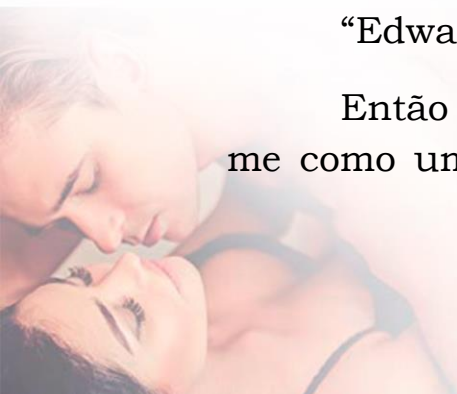
Apenas a visão da cabeça loira de Edward entre as minhas pernas me faz chorar com necessidade. Com paixão. Meus gemidos enchem o quarto em uma voz que não soa nada como eu. Minhas costas se curvam e minhas mãos acariciam o cabelo de Edward e seus ombros lisos e tensos, precisando sentir sua pele.

“Jesus...” Sorrio com a sensação quente e escorregadia de sua boca molhada e em movimento.

Edward olha para mim com o diabo em seus olhos.

“Edward.”

Então ele abaixa a cabeça e toma seu tempo, tocando-me como um violino, fazendo longos e vagarosos dedilhares



com a língua e pressionando beijos de boca aberta contra a minha pele. Ele agarra meus joelhos, abrindo mais minhas pernas e arrastando a língua para cima e para baixo através dos meus lábios molhados. E então ele me golpeia com a língua, empurra para dentro em impulsos firmes e grossos. É perverso, indecente e incrível.

Levanto meu queixo e gemo alto para o teto. Porque tudo é muito... Em toda parte. Construindo, surgindo, sim, um ataque brutal e bonito.

E então sua língua é substituída pela pressão firme do seu dedo deslizando para dentro e fora de mim. Meus músculos se apertam em torno dele sem pensar, querendo mantê-lo, mantê-lo dentro, porque ele é tão gostoso lá dentro.

"Porra", Edward geme, o quente arquejo de sua respiração acariciando minha coxa. "Eu sabia. Sabia que seria assim apertada."

Ele beija minha pele macia, beliscando com os dentes e arranhando com a barba por fazer. "Lenora, você se toca, satisfaz-se? No chuveiro, no banho, na cama?"

E nem mesmo me importo mais, não há modéstia nem timidez, nem segredos. É como Edward disse... Não há errado.

"Sim."

Ele pega minha mão, beijando as pontas dos meus dedos, sugando-os em sua boca, molhando-os com sua língua. "Mostre-me como faz. O movimento... o ritmo... mostre-me, amor."

Não seguir seu comando nem é considerado. Deslizo dois dedos por minha... Buceta... Na junção, espalhando meus lábios e sem vergonha esfregando meu clitóris em círculos firmes e lentos. E é sempre bom, mas nunca assim. Isso é prazer líquido e bendito.



Edward rosna meu nome e está em mim novamente. Sinto o calor úmido de sua boca em meus dedos enquanto ele me lambe, banqueteia-se comigo, como a primeira refeição de um homem faminto. Como se ele quisesse me consumir... E eu permito. Meus dedos se movem mais rápido e meus quadris se levantam. E empurro descaradamente na boca de Edward.

Suas mãos deslizam debaixo de mim, apertando e amassando minha bunda, antes de me levantar para seus lábios implacáveis. Ele empurra meus dedos escorregadios de lado com o queixo, e sua língua, sua língua gloriosa, assume o controle, pressionando-se contra mim, arrastando para frente e para trás sobre meu clitóris em perfeitos círculos sensuais. Construindo e construindo, e sim...

Minhas unhas cravam na almofada da chaise, procurando algo para segurar. Minha cabeça se inclina e grito quando puro e penetrante prazer me atravessa. Minha visão fica branca e é como se estivesse voando, subindo, rodando. A sensação das mãos fortes de Edward e de sua boca faz isso continuar, prolongando a profunda felicidade sensual.

Lentamente, afundo de volta em mim mesma, respirando suspiros acelerados. Edward salpica beijos suaves na minha pélvis e barriga, antes de olhar para mim. E quero me perder em seus olhos de esmeralda. Eu poderia. Poderia desaparecer para sempre nele e ser insaciavelmente feliz.

Eu o alcanço, tocando sua testa, sua bochecha real.

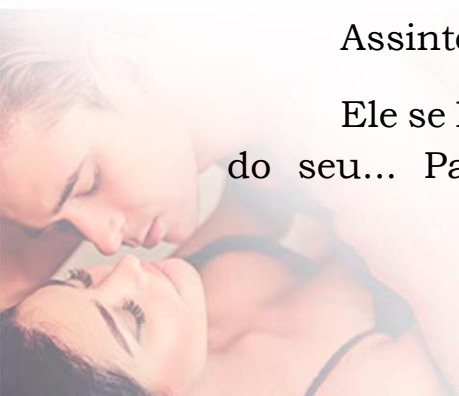
E imploro. “Mostre-me como fazer isso com você. Fazer você se sentir como eu me sinto.”

Ele flexiona sua mandíbula e seus olhos ficam escuros.

“Você tem certeza?”

Assinto. “Tenho.”

Ele se levanta e fica de pé ao lado da cadeira, o eixo rígido do seu... Pau... Sobressaindo, gotejando fluido na ponta.



Edward desliza os dedos entre as minhas pernas, juntando minha umidade e levando sua mão à sua ereção, cobrindo-a, acariciando. Ele pega minha mão e a envolve em volta do seu... Pau. É quente contra a palma da minha mão, suave como seda e rígido como aço.

Ele é muito grosso, grande demais para meus dedos circularem ao redor, mas pelo assobio prazeroso que sai por entre seus dentes cerrados, isso não parece importar. Ele move minha mão por baixo da sua e estamos bombeando juntos em longos e apertados golpes.

“Mais forte.” Ele geme. “Agarre mais forte.”

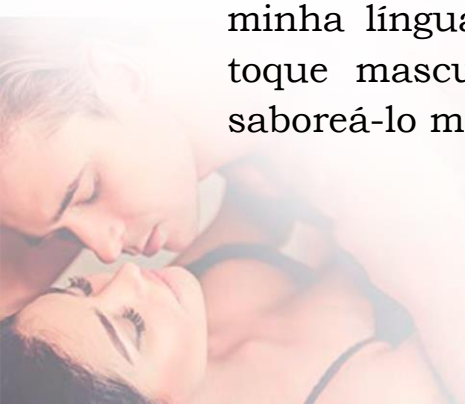
Quando aperto com mais força, ele solta minha mão, deixando-me em meus próprios propósitos. Levo minha outra mão entre suas pernas, segurando seus testículos pesados, espalmando a delicada pele lá.

“Sim...” Edward grunhe.

E seu rosto... Seu rosto é lindo... Contorcido em gratificação faminta e crescente. E quero mais. Mais gemidos e grunhidos, quero torcer aqueles sons de seus pulmões. Então, sem pensar, inclino-me para frente e pego a ponta dele entre meus lábios.

Ele grita, batendo a almofada atrás da minha cabeça violentamente, curvando sua espinha, inclinando-se sobre mim, seus quadris golpeando em estocadas rasas. E é incrível. Edward nem sequer está me tocando e posso sentir a sensação doce e deliciosa entre as minhas pernas pulsando para a vida. Construindo e construindo tudo de novo.

Ele segura a parte de trás da minha cabeça, gentilmente, empurrando para frente, alimentando-me mais dele. Passo minha língua ao longo do seu comprimento, saboreando o toque masculino da sua pele, chupando com força para saboreá-lo mais. E há tanto poder nisso. Fui criada no poder,



para mantê-lo, manejá-lo, mas esse poder íntimo é algo novo e milagroso.

Humilhante e inebriante ao mesmo tempo.

Este homem gigante, que poderia me quebrar com as mãos nuas, está acima de mim, mas está totalmente à minha mercê.

Suplicando de uma maneira que me faz gemer com ele.

“É isso aí, menina doce... pegue... pegue isso, assim mesmo.”

E eu faço. Deleito-me em toma-lo.

Edward recua, de repente, para fora da minha boca, ele se afasta rapidamente acima de mim, em seguida, com um longo e profundo gemido, seu sêmen espesso e quente pulsa dele, salpicando meu peito, meus seios, meus mamilos.

Quando acaba, ele agarra meu cabelo e puxa meu rosto para cima, mergulhando a língua entre meus lábios com uma força furiosa e desesperada, mesmo enquanto seu peito se levanta para recuperar o fôlego. Depois de um momento, sua língua desacelera gentilmente e seus dedos acariciam meu rosto com ternura. Ele cai de joelhos, beijando minha testa, minhas bochechas, antes de descansar a testa na minha coxa.

“Cristo todo-poderoso...”

Passo meus dedos pelos cabelos dele. Mas então, algo me ocorre e minha mão fica imóvel.

“Hmph.”

Edward acaricia meu joelho suavemente. “O que é?”

Franzo a testa profundamente.

“Dr. Hatchet definitivamente deixou algumas partes de fora.”



E Edward ri, um estrondo alegre e masculino direto do seu peito.

“Deus, você me deleita pra caralho, Lenora. Nada na terra irá me deleitar tanto quanto você.”



CAPÍTULO 15

Lenora

Preparar-se para um casamento real é como preparar-se para a guerra — tudo deve ser coordenado, encenado, executado com perfeição. O palácio pode ter uma equipe de centenas de pessoas, mas assim como há ordens que só podem ser dadas por um general, há responsabilidades que só podem ser realizadas pela noiva e pelo noivo. Responsáveis de entreter almoços e cafés, convites que devem ser personalizados, proclamações que devem ser planejadas, compromissos de provas de roupas que devem ser mantidos e milhares de bilhetes de agradecimento assinados à mão.

Desprezo notas de agradecimento. Se pudesse, iria banilas do maldito país, apenas para me poupar do problema. Pode-se sonhar...

As próximas duas semanas passam como um borrão de dias cheios de deveres. Edward e eu nos vemos, é claro, mas parece que compartilhamos mais olhares saudosos pelos lugares do que um tempo de verdade juntos.

E então, de repente, o Dia D está aqui.

Ou mais certo... a noite antes do Dia D. Edward e eu estamos no palácio, mas poderíamos estar em países separados. Ele vai passar a noite com os parentes masculinos e lordes que têm um papel no casamento. Eles estão na

biblioteca particular em um lado do palácio, enquanto estou presa com minhas tias muito esquisitas, primas e outras parentes femininas na sala de música do outro lado.

Os homens têm charutos, bebida e provavelmente filmes de despedida de solteiro... Enquanto nós, senhoras, temos chá, bolinhos e a apresentação particular de uma renomada cantora de ópera.

Mas tradição é tradição. E isso é quem somos — então isso é quem devemos ser.

Quando a cantora de ópera conclui sua última música, o céu está preto pela lua estar coberta por nuvens pesadas. Todas nós aplaudimos gentilmente.

E agora começa a parte de conversação da noite, entorpecidamente educada e sem sentido.

“Onde você e o príncipe Edward vão passar a lua de mel, Sua Majestade?” Matilda, esposa do meu tio Warwitch, pergunta.

Edward recebeu seu novo título na semana passada — Príncipe de Wessco — numa cerimônia que ele teria perdido se tivesse seguido sua vontade. Mas ele compareceu porque era esperado.

Ele participou por mim.

“Saint Augustine. Uma pequena ilha privada na costa holandesa.”

Há um clarão branco no céu do lado de fora da grande janela arqueada. Um relâmpago.

“E tem todas as roupas íntimas prontas para seu novo marido desfrutar?” Minha prima Calliope — aquela que contou uma história “fictícia” sobre a morte de uma jovem rainha por um bolo de casamento envenenado mais cedo — pergunta.



“A equipe está cuidando das malas”, é minha resposta sem resposta — um truque que aprendi com meu pai.

Porque a resposta é sim. Quis uma lingerie delicada e bonita, mas também quis coisas que devem ser rasgadas, despedaçadas. Artigos que quebrariam o autocontrole de Edward — que o faria se sentir selvagem, como ele faz comigo.

Quando precisei de conselhos sobre como escolher essas coisas, tive certeza de para quem ir. E quando o fiz, Miriam me abraçou e exclamou: “Eu sabia que você era minha irmã!”

Mas não vou contar isso a nenhuma dessas mulheres. Porque elas não são minhas amigas — a maioria eu mal conheço e aquelas que conheço, não gosto nada.

A explosão de um trovão sacode a janela, virando minha cabeça novamente.

E percebo que há outro lugar — um lugar infinitamente melhor — em que eu poderia estar agora.

Levanto-me da cadeira. “Eu tenho que ir.”

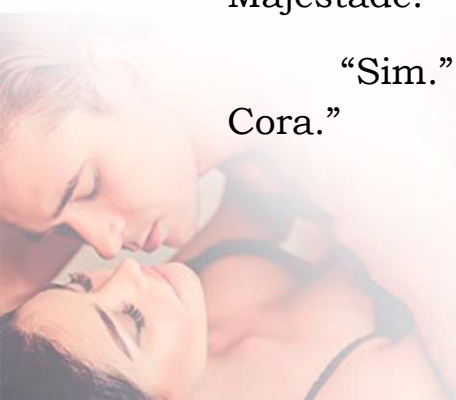
Do outro lado da sala, minha irmã desesperadamente fala as palavras sem emitir som, *Leve-me com você*. E então ela pisca para um garçom, limpando as bebidas da mesa.

“Ir para onde?” Pergunta Lady Dorchester — a fofoqueira mais notória da aristocracia de Wessco.

“Eu... Ah—”

“Negócios urgentes do governo.” Cora Barrister vem em meu socorro. “Acabamos de receber a ligação. Muito urgente. A rainha deve ir.” Ela se vira para mim, um olhar conhecedor em seus brilhantes olhos azuis. “Você deve ir imediatamente, Sua Majestade.”

“Sim.” Pego a mão de Cora, apertando-a. “Obrigada, Cora.”



Outro trovão soa do lado de fora da janela novamente.

“Até amanhã, senhoras.”

Cada uma delas abaixa a cabeça para mim enquanto vou para a porta. No vestíbulo exterior, tiro os sapatos, pego-os... E corro. Corro pelos corredores do palácio e não paro de correr até chegar do outro lado. Na biblioteca.

Não bato — eu não preciso. Há um guarda do lado de fora e eu sou a maldita Rainha, então ele abre a porta para mim. A biblioteca está repleta de vozes e fumaça grossa. É tão grossa, que Edward me vê antes de eu localizá-lo.

“Lenora?”

Isso chama a atenção dos homens da sala diretamente para mim. Todos se curvam e param imediatamente de falar. Automaticamente, minhas costas se endireitam e meu rosto fica neutro.

“Perdoem a interrupção. Há um assunto sobre o qual devo falar com o príncipe Edward.”

Edward segue-me para o corredor.

“Deixe-nos”, digo ao guarda.

“Qual é o problema, Lenny?” Ele segura o meu queixo. “Você está corada.”

Olho para a porta da biblioteca. “Você está... Divertindo-se?”

“Nem um pouco. Se tiver que passar mais cinco minutos conversando com esses punheteiros pomposos, vou subir, pegar a arma histórica do seu tio-avô Ethelbert da parede e atirar em todos.”

Eu concordo, rindo. “Tem algo que quero te mostrar. Mas devemos nos apressar ou perderemos.”



Edward faz um gesto para eu esperar e volta para a sala. “Senhores, há um negócio urgente do casamento que precisa da minha atenção. Mas... O bar está abastecido e os charutos são abundantes, por favor, continuem e divirtam-se. Boa noite.”

Ele volta para o corredor de braços abertos. “Sou todo seu.”

Pego sua mão. “Venha, então.”

E nós dois corremos. Levo-o pelo corredor de retratos, onde dezenas dos meus antepassados nos vigiam e depois passamos pela Suíte Capella — o lugar onde eu e minha irmã nascemos. Finalmente, chegamos à estreita porta branca no final do Corredor Eggshell — em homenagem ao papel de parede que tem a aparência de cascas de ovo rachadas.

“Onde vamos, Lenny?” Edward pergunta.

“Você verá.”

Atrás da porta há uma escadaria sinuosa com paredes estreitas de tijolos e nenhuma janela. E levo Edward para cima e para cima e para cima, até que finalmente... Estamos lá. Saímos pela outra porta no topo, direto para o telhado do Palácio de Wessco. Ainda não começou a chover, mas a brisa é fria e as nuvens estão baixas. Giro num círculo vertiginoso diante dele, o ar crepitando com eletricidade e estática ao nosso redor.

Então, segurando a mão de Edward, aponto para o céu um pouco mais longe de onde estamos. “Veja... Lá.”

E como se eu ordenasse, o relâmpago brilha numa linha irregular de branco brilhante contra o céu escuro como breu. Outro vem apenas segundos depois — tingindo as nuvens de roxo escuro. E depois outro, e outro em tons de laranja e rosa. Porque o palácio é tão alto que cada raio é visível a quilômetros de distância. É um show de luzes — fogos de

artifício da natureza. Alguns segundos depois, o trovão soa tão alto que sinto-o em meus ossos.

Edward sorri para o céu. “É lindo. Surpreendente.”

“Eu costumava vir aqui quando era pequena. Quando eu... Bem... Quando estava sozinha. Eu observava o raio e sentia o trovão tremer e sabia que haveriam outros, vendo e sentindo a mesma coisa. E isso me fazia sentir — menos só.”

Ele se vira para mim, suas feições tensas e os olhos brilhantes — ardendo de emoção.

“Você foi a primeira pessoa em quem pensei quando vi a tempestade”, digo a ele em cima de outro trovão. A vibração atinge nossos pés. “A primeira pessoa com quem eu quis compartilhar... A única pessoa. Queria que soubesse disso.”

Ele segura o meu rosto e inclina a boca para a minha. Posso sentir o desejo em sua língua — sentir sua necessidade, seu desejo por mim, a cada pressão de seus lábios. As cerdas da barba de Edward fazem cócegas no meu rosto enquanto nossas bocas se movem e se fundem. O beijo é quente e apressado, e depois com a próxima grande explosão de trovão... O beijo fica muito, muito molhado.

A chuva cai sobre nós, grudando nossas roupas à pele, encharcando nossos cabelos, corpos e lábios fundidos.

Edward pressiona a testa na minha e água escorre em pequenos riachos por sua bochecha.

“Venha para o meu quarto.”

Eu concordo, porque iria a qualquer lugar com Edward.

É uma mudança tão grande de quem eu era apenas alguns meses atrás. E, no entanto, segui-lo parece a coisa mais certa que já fiz.



Corremos pela chuva até a Guthrie House. No hall de entrada, não esperamos que a equipe nos traga toalhas, em vez disso, vamos até o quarto de Edward.

Tento limpar a água do rosto e braços com as mãos.

“Você está sempre me deixando molhada.”

Edward vem por trás de mim, com uma toalha nas mãos, rindo, “Eu realmente pareço ter esse efeito em você.”

Ele esfrega a toalha sobre meus braços e pescoço, acariciando meu cabelo pingando. Sinto sua boca contra minha orelha, e tremo com a promessa em sua voz.

“Precisamos tirar você dessas roupas.”

Olho de volta para ele por cima do meu ombro. “Os botões estão nas costas. Você me ajuda?”

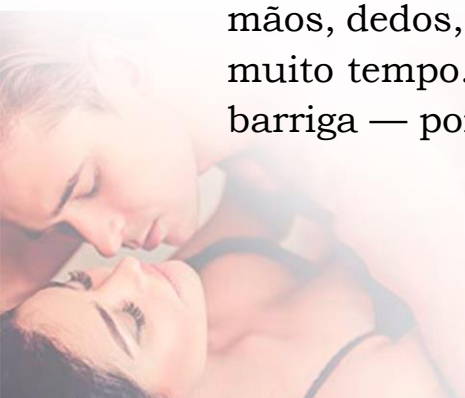
Ele sorri, fazendo meus joelhos enfraquecerem. Lentamente, ele abre os botões do meu vestido verde-menta, um por um. “É uma honra servir minha Rainha.”

Sua voz é tão suave e indecente que não posso dizer se ele está brincando.

Quando saio do vestido, Edward sacode-o e pendura no encosto da cadeira para secar. Ele é muito menos cuidadoso com suas roupas — a camisa acaba numa pilha molhada no chão, antes de se juntar a calça.

E Edward está nu e eu estou praticamente nua, mas não há timidez. Nem constrangimento ou ansiedade.

Olho a ereção impressionante e dura entre suas pernas... E não tenho vergonha de querer isso. Desejar isso. Desesperadamente. Quero tocar seu pau com minhas mãos, dedos, boca e língua — tocá-lo em todos os lugares e por muito tempo. O pensamento cria uma dor latejante na minha barriga — porque anseio sentir o toque dele em troca.



É como Edward disse... Nós vamos pertencer um ao outro.

Mas acho que já pertencemos.

“Há algo que quero te mostrar”, diz Edward.

Mas ele não se move, e nem eu. Olhamo-nos, como se estivéssemos lendo a mente um do outro. Porque a próxima coisa que sei, é que estamos unidos, braços enrolados um no outro.

Edward dobra seu pescoço, beijando-me furiosamente, avidamente.

“Porra, eu senti sua falta.”

Provo a água da chuva em seus lábios.

“Eu penso em você toda noite”, confesso entre beijos.

“Eu também”, diz Edward. “Se pensar mais em você, vou machucar meu pau de tanto masturbar.”

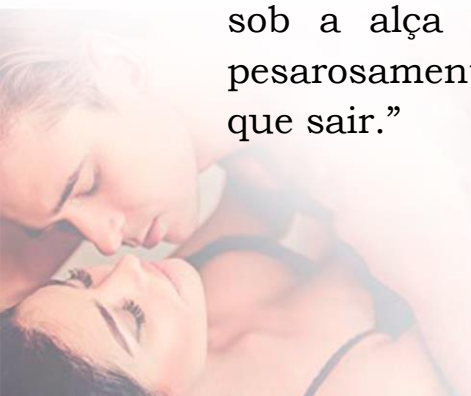
Tremo em seus braços, rindo descontroladamente.

“Não é engraçado. Não estou brincando”, Edward insiste, guiando-me em direção à cama — um perigoso brilho predatório em seus olhos. “É um assunto muito sério.”

Ele me coloca na cama. Estou de joelhos, no nível de seus olhos, meus braços em seus ombros e lentamente nossa risada desaparece.

Edward olha para baixo entre nós e suspira enquanto traça a cintura da minha calcinha de seda preta. “Eu gosto dessa.”

Sua mão desliza por minha cintura, deslizando um dedo sob a alça do sutiã. “Mas isso...” Ele balança a cabeça pesarosamente e estala a língua. “Esta monstruosidade tem que sair.”



Ele faz um trabalho rápido no fecho e desliza o cetim por meus braços, jogando-o por cima do ombro. E então ele olha para meus seios, como se estivesse hipnotizado. Ele segura um na grande mão — esfregando o mamilo.

Minha cabeça rola. “Como se chama essa lição?” Gemo.

Ele lambe os lábios. “Esta lição se chama, seus peitos são lindos e se eu não colocar minha boca neles agora, vou enlouquecer.”

E então ele está me beijando, subindo na cama comigo, deitando-me e deslizando em cima de mim. E o peso dele — a sensação do seu peito forte e bronzeado me pressionando — é elétrica. Celestial.

Edward beija o meu pescoço, depois desce por minha clavícula. Ele toma o meu peito na boca — seus lábios fechando em volta do mamilo com um gemido. E então não consigo ouvir nada, exceto o som dos meus próprios suspiros e meu coração acelerado.

“Oh... oh... sim... Por favor...”

A sensação da boca de Edward e sua língua molhada, rouba todos os meus sentidos. Ele lambe um caminho até o outro seio — segurando e beliscando o primeiro conforme lambe e suga o mamilo.

Sinto a ponta dura do seu pau — quente e grande — entre minhas pernas. Pressionando contra mim. Deslizando para cima e para baixo contra a fenda apertada da minha abertura — separados apenas por uma fina tira de seda.

“Edward—?”

“Nós não vamos.” Ele beija meus seios, mordiscando ao redor deles. “Está tudo bem, Lenny. Ainda não — eu prometo.” Sua respiração é quente e mentolada no meu rosto enquanto ele se apoia nos cotovelos e acaricia o meu cabelo, olhando-me com carinho em seus olhos.

“Confie em mim.”

Cubro a mão dele com a minha e passo minha perna ao redor dele — puxando-o para mais perto.

“Sim. Eu confio em você.”

E meu corpo fica solto e relaxado com essa confiança. Edward move seu quadril, empurrando para cima — ele não me penetra, mas sua ereção desliza para cima e para baixo contra minha calcinha, entre meus lábios inferiores. Estou escorregadia e quente pelo atrito, deslizamento, fricção molhada. Seu quadril recua, em seguida, empurra de volta, e a cabeça dura do seu pau desliza para frente e para trás diretamente sobre meu clitóris, acendendo um pico de prazer quente que me rasga. Eu formigo em todos os lugares e me queimo por mais.

“Oh... Oh...”

Edward sustenta meu olhar enquanto seu quadril se move de novo e de novo. “Sim?”

“Sim”, suspiro. “Oh, sim...”

“Você quer parar?”

“Não”, eu ofego.

Seu pau duro atinge aquele ponto novamente, e minhas costas arqueiam e meus músculos tensionam — desejando se aproximar. Ter mais.

“Não pare, Edward.” Minha voz está lamentando, sem vergonha.

Edward deixa cair a testa no travesseiro ao meu lado e, enquanto seu quadril se move mais selvagem — mais forte -, sua respiração é ofegante contra meu pescoço.



Ele agarra minha bunda, puxando-me contra ele — dando-me mais, levando-me mais longe, mais alto. “Mova-se comigo, amor. Sim... Desse jeito.”

Meus braços se agarram a ele e meu quadril gira — combinando com seus impulsos. Edward vira a cabeça, inclinando a boca sobre a minha, sugando minha língua. E a bela sensação está aumentando, enchendo-me. Como se eu pudesse explodir com felicidade.

E então o faço. E Edward me segue. Sinto seu sêmen quente em minha barriga e seus grunhidos no meu ouvido.

“Porra, porra... Porra...”

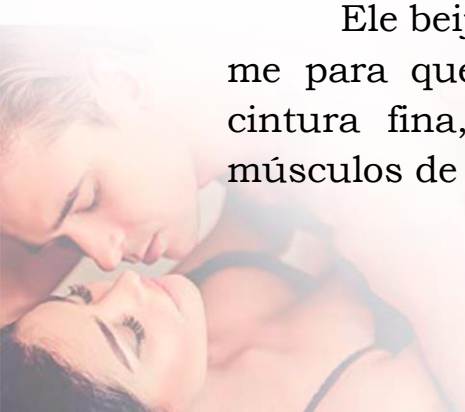
Os sons carnais masculinos de sua libertação alimentam os meus e eu gemo em seu ombro, pressionando meus dentes contra sua pele enquanto o prazer pulsante me invade — e eu fico tensa e dura debaixo dele. Nós dois estamos recebendo e dando e sentindo o arrebatamento do momento juntos.

Mais tarde, depois que Edward pegou um pano do banheiro e nos limpou, e nos deitamos numa pilha de membros emaranhados em sua cama, ele pressiona os lábios na minha testa.

“Não é por isso que te trouxe ao meu quarto, eu juro.” Ele pensa em suas palavras e depois reformula. “Bem... Não é a única razão.”

Eu sorrio. “Sim, você disse que queria me mostrar algo.”

Ele beija minha testa, depois se levanta da cama. Sento-me para que possa vê-lo atravessar o quarto. Admiro sua cintura fina, a saliência dura de sua bunda e como os músculos de suas costas ondulam enquanto ele se move.



Houve um tempo em que pensei que Deus havia me abandonado. Mas olhando a perfeição nua desse homem, percebo... Eu devo ser a pessoa favorita de Deus.

Puxo o cobertor sobre os ombros e me desloco para sentar ao lado da cama, meus pés pendurados para fora. Edward abre a gaveta superior, tira algo e volta para mim, agachando-se.

Seu cabelo cai em seus olhos, e seu sorriso o faz parecer jovem, infantil e muito bonito. “Dê-me sua mão.”

Estendo a mão e ele retira o anel — o anel de sua mãe — do meu dedo.

Então ele se levanta e o joga pela janela.

“Edward!”

“Não discuta comigo sobre isso. Esse anel é amaldiçoado.”

Ele volta para mim e desta vez ele não se agacha.

Ele se ajoelha.

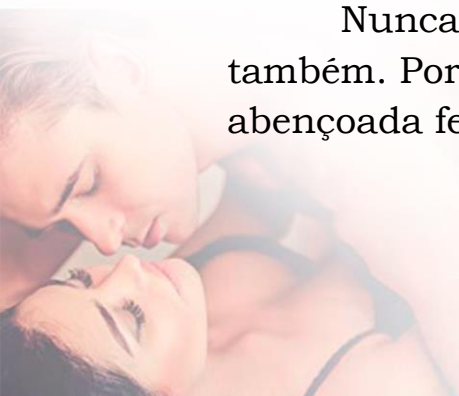
Edward abre a caixa e dentro dela há um anel — uma pérola perfeita cercada por pequenos diamantes brilhantes numa faixa dourada.

“Edward!” Suspiro. “Esta é sua pérola?”

“Não.” Ele balança a cabeça. “É sua pérola agora.”

Ele tira o anel da caixa, segurando-o entre os dedos. Sua voz é rouca e seus olhos são tenros. “Quer casar comigo, Lenora? Será minha esposa e me deixará ser seu marido? Não porque seu reino exige, mas porque você quer?”

Nunca fui chorona, mas parece que isso está mudando também. Porque lágrimas enchem meus olhos e felicidade abençoada fecha minha garganta.



“Sim, vou me casar com você, Edward, porque eu quero. E porque acho que o meu título favorito será em breve que eu sou Sua.”

Ele desliza o anel no meu dedo e solta um grito de alegria. Gargalho quando ele me levanta, envolvendo minhas pernas em sua cintura e tomando sua boca num beijo profundo e doce que continua e continua.

E é perfeito. Um momento de felicidade pura e perfeita. Do tipo que você lembra e aprecia por toda a vida.

Mas esses momentos de pura felicidade são muito parecidos com as flores de cerejeira que Thomas e eu uma vez admiramos no jardim. Eles são tão lindos quando vêm, mas tem que aproveitá-los enquanto pode... porque eles não duram para sempre.



CAPÍTULO 16

Edward

"Está nervoso?" Pergunta Michael Fitzgibbons, no vestíbulo atrás do altar na Catedral de St. George. Nos últimos meses, ele e eu nos tornamos muito próximos — bons amigos — e não há mais ninguém que possa imaginar pedir para ficar ao meu lado como meu padrinho.

Eu bufo. "Não."

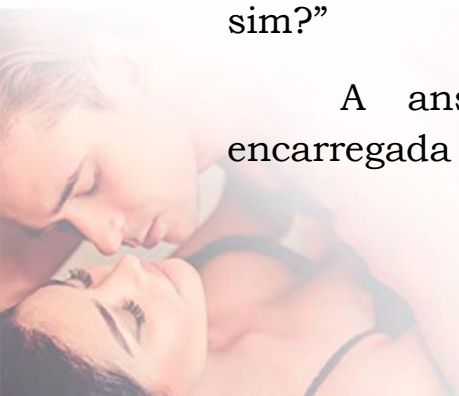
"A maioria dos noivos geralmente fica apavorado no dia do casamento", diz ele. "E isso é maior do que a maioria dos casamentos."

Espio pela porta — celebridades, realeza e empresários de todas as faixas enchem os bancos. Os cinegrafistas estão posicionados no camarote do coral para transmitir todos os momentos ao público sedento. Lá fora na calçada, você não consegue nem passar pelas multidões esperando por um vislumbre dela... De nós... Querendo fazer parte deste dia.

"Só quero acabar com isso. Fazer com que ela seja minha, oficialmente."

Michael sorri maliciosamente. "A Rainha é protetora, sim?"

A ansiosa secretária de eventos do palácio, a encarregada de todo esse espetáculo, entra correndo. "A



Rainha chegou lá fora. Em seus lugares, por favor, Príncipe Edward, Lorde Michael."

Bato nas costas de Michael. "Ela certamente é."

Permaneço no altar, com meu uniforme militar oficial, coluna reta, braços cruzados atrás das costas, a imagem perfeita de um príncipe dos contos de fadas. A música começa — as notas tristes de um piano primeiro, depois gaitas de fole, depois cordas e trompetes... Todos aumentando e soando juntos, numa crescente interpretação da marcha nupcial.

A igreja fica em pé e as portas duplas abrem, e lá no centro... Lá está ela.

Vestida em cetim branco-neve e renda, apertado na cintura, longo nas costas, elegante nos ombros e braços... Ela brilha como um anjo caído do céu. Há um véu de renda sobre seu rosto, então não posso ver seus traços, mas a tiara em sua cabeça — uma de esmeraldas e diamantes que foi encomendada apenas para esse dia — pisca e reluz enquanto ela anda. Sozinha.

Porque ela não está sendo dada. Ela está se dando.

Conforme ela desliza pelo corredor até mim, pressiono a mão no bolso da minha camisa, sentindo a dureza dos óculos do meu irmão, e envio minhas palavras sussurradas ao espaço.

Obrigado Thomas.

Obrigado por nos unir. Por ver como meu destino poderia ser antes que eu o fizesse.

Fui feito para isso... Para ela. Para estimá-la, protegê-la e desafiá-la, guiá-la e segui-la — ser o homem que ela precisa, para que possa ser a mulher, a rainha, que sempre foi destinada a ser.

Finalmente, ela chega ao meu lado, de frente para mim.

Lentamente, levanto seu véu, revelando o brilho de diamante dos seus olhos, a tonalidade rosa da bochecha, a porcelana delicada do seu nariz minúsculo, e o suave inchaço dos lábios rosados. Minha voz é baixa, então só ela pode ouvir meu sussurro de êxtase arrebatador.

"Querido Deus, Lenny... Você tira o meu fôlego."

Seu sorriso de resposta é adorável e encantador.

Ofereço meu braço e ela apoia o seu coberto de renda nele, viramos para o altar e caminhamos juntos para o arcebispo. A catedral está lotada de milhares de convidados — o casamento é televisionado, então há milhões assistindo — mas quando chega a hora dos votos, é só ela e eu... Lenora e Edward. Juntos neste momento.

Cercados pelo brilho da luz das velas e o doce aroma dos lírios, olhamos nos olhos um do outro e prometemos nossas vidas — nós mesmos — um ao outro.

"Eu, Edward Langdon Richard Dorian Rourke, aceito você, Lenora..."

"*Eu, Lenora Celeste Beatrice Arabella Pembrook, aceito você, Edward...*"

"... para ser minha esposa."

"... para ser meu marido "

"para ter..."

"*e manter...*"

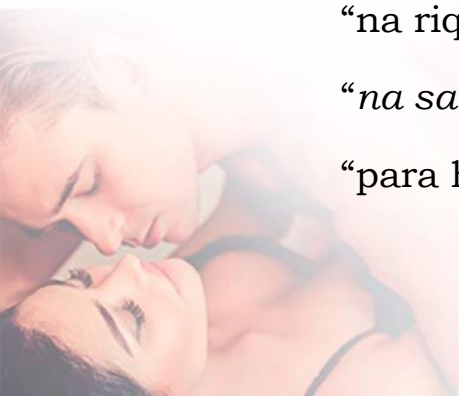
"deste dia em diante..."

"*para melhor ou pior...*"

"na riqueza, na pobreza..."

"*na saúde e na doença...*"

"para honrar e respeitar..."



"para honrar e respeitar..."

"Até que a morte nos separe."

"Até que a morte nos separe."

Nós deslizamos alianças simples de ouro nos dedos um do outro, e é como se as palavras, o juramento, a promessa, estivessem sendo marcados nas profundezas de nossas almas.

"Tudo o que sou é seu..."

"Tudo o que sou é seu..."

"Tudo que tenho, eu te dou..."

"Tudo que tenho, eu te dou..."

"Com meu corpo, eu te honro..."

"Com meu corpo, eu te honro..."

"dentro das leis sagradas do homem..."

"e em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo."

"Amém."

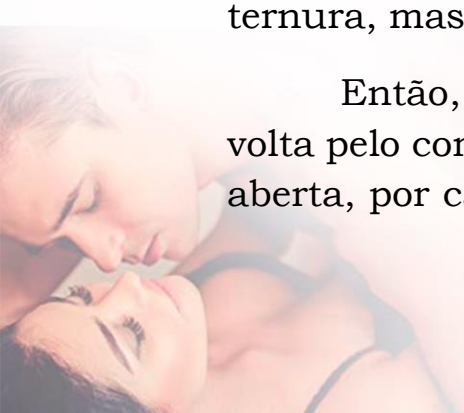
"Amém."

O arcebispo pigarreia, e sua voz ecoa pela catedral enquanto proclama, "Agora, eu declaro, então, que vocês são marido e esposa. Pode beijar a noiva."

Eu posso... E realmente preciso. Não posso esperar outro maldito segundo.

Envolvo o braço em sua cintura e puxo-a para perto. Seguro sua bochecha, inclino a cabeça e beijo minha linda esposa. Nossos lábios se movem juntos com paixão e ternura, mas mais do que isso — com alegria.

Então, ao som do aplauso de todos, caminhamos de volta pelo corredor. A segurança não nos queria na carruagem aberta, por causa do atentado anterior à vida de Lenora, mas



ela não quis ouvir. Ela insistiu. As pessoas vão querer nos ver, celebrar conosco, ela disse.

E quando minha garota teimosa decide, é inútil resistir.

Então pego sua mão e a conduzo pelos degraus de pedra da catedral, através de uma chuva de pétalas brancas. Eu a ajudo a subir na carruagem de cerejeira e subo atrás. Juntos, percorremos as ruas em direção à recepção no palácio, acenando para o nosso povo, que está radiante por nós.

E dessa vez... não me importo de acenar um pouquinho.

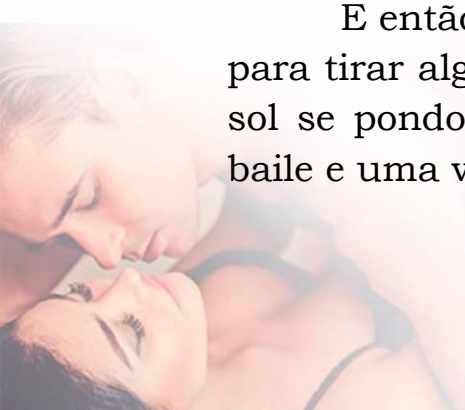
Lenora

Quase toda a primeira metade da recepção do meu casamento com Edward é gasta tirando fotos. Fotografias oficiais, fotos privadas, retratos, fotos exclusivas para a imprensa, fotos de nós juntos, fotos sozinhos, fotos com a festa de casamento completa e partes da festa de casamento... Fotos com os pajens e as daminhas. O casamento de uma rainha é um evento único na vida, uma ocasião histórica, então é de se esperar.

As fotos são um trabalho de tempo integral da realeza.

Finalmente, Edward e eu temos permissão para irmos à festa. Nós dançamos, bebemos vinho e alimentamos um ao outro com bolo. E as câmeras ainda capturam cada momento.

E então sou levada para longe dele — uma última vez — para tirar algumas fotos na varanda, com meu vestido com o sol se pondo atrás de mim. Volto para o magnífico salão de baile e uma voz vem da minha direita.



“Você parece muito feliz, Chicken.”

Ando até lá, onde ele se apoia contra a grande coluna redonda de mármore.

“Eu estou, Alfie. Se todos os casamentos arranjados terminam assim, todo nobre deveria ter um.”

Ele ri e o homem maravilhoso e alegre que foi uma constante na minha vida, percorre seu olhar azul cintilante sobre mim.

“Ele ficaria orgulhoso de você... por tantas razões.”

Minha garganta aperta e meus olhos ardem de emoção.

“Você já superou tudo o que ele esperava de você.”

Coloco a mão em seu ombro, apertando-o.

“Obrigada, querido Alfie.”

Ando pelo salão de baile, acenando para os convidados e retornando seus bons votos — procurando por meu novo marido.

Meu marido.

Como no mundo isso aconteceu? Só as palavras na minha cabeça fazem meus braços e pernas bambearem e meu estômago tremer com desejo fervente.

Edward é muito diferente de mim em grandes funções. Meu pai teria dito que ele é bom em “manter uma plateia”. Ele é confiante, jovial — um anfitrião divertido e conversador fácil. O tipo que nunca tem um momento estranho.



É por isso que não penso nada quando o vejo conversando com uma mulher loira, alta e atraente do outro lado. Nunca a vi antes, mas quando me aproximo, vejo que ela parece ser um pouco mais velha que eu... Exceto que há um ar de sofisticação nela. De experiência.

E então ouço suas vozes.

“Nós podemos nos esgueirar agora — sou rápida, mas talentosa; você não vai se arrepender.”

“Você está se constrangendo. E está latindo para a árvore errada.”

“Talvez não por muito tempo. Dizem que a Rainha é tão fria quanto...”

A voz áspera de Edward sufoca sua resposta. “Nem mais uma maldita palavra.”

Um fogo surge, bem perto do meu coração. Talvez seja porque nunca tive esse tipo de felicidade, então nunca pensei sobre o que faria para protegê-la. Para mantê-la. Acontece que eu farei muito.

Eles me notam — ela me nota e se curva.

“Sua Majestade. Está -”

“Não venha com 'Sua Majestade' para mim — quem diabos pensa que é? Ou, mais importante, quem diabos você pensa que eu sou?”

Seus olhos percorrem a sala, cheios de mortificação.

“Acha que pode entrar aqui — no meu palácio, no meu casamento — e se jogar no meu marido bem debaixo do meu nariz? Que sou o tipo de mulher que deixará isso sem resposta?”



Eu não silvo, porque não sou uma cobra ou um gato — minhas palavras são cuidadosas, calculadas e completamente comedidas, porque sou uma rainha.

Agarro seu pulso, apertando-o. “Tente pegar o que é meu novamente e vou queimar tudo que você ama até o chão. E depois... Queimarei *você* até o chão. Agora, saia.”

Viro-me, dispensando-a enquanto ela foge. E é quando vejo que posso ter falado mais alto do que percebi. Porque estão todos — dignitários, o primeiro-ministro, o Arcebispo, o Conselho de Assessoria — olhando para mim e julgando por suas expressões, todos ouviram.

Cruzo meus braços e levanto o nariz.

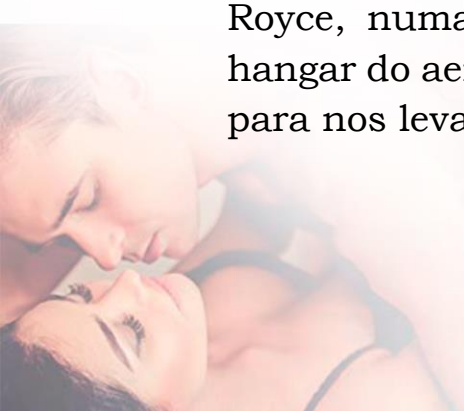
“Eu não lamento isso. Nem um pouco.”

Edward ri... E me aquece até os dedos dos pés. Então ele me pega nos braços e me beija — profundo e sensual — inclinando-me para trás. E isso chama a atenção de todo o salão. Há suspiros, vários murmúrios de aprovação e mais de um flash de câmera.

É simplesmente como um filme.

Ou um conto de fadas.

Perto do fim da recepção, troco para uma roupa de viagem marfim com filigranas de ouro, com luvas e chapéu combinando, e Edward troca seu uniforme por uma camisa e um blazer azul marinho, sem gravata. Nós nos despedimos da multidão nos portões do palácio e entramos em um Rolls-Royce, numa explosão de flashes de câmera. Chegamos ao hangar do aeroporto, onde o jato particular da realeza aguarda para nos levar para nossa ilha de lua-de-mel.



Uma vez que estamos ocupando os assentos de couro macio, é como se meus membros pesassem cinquenta quilos e minhas pálpebras desistissem completamente.

Eu bocejo grandemente.

“Foi um longo dia”, Edward diz, brincando com a rede no meu chapéu.

“Foi”, concordo, apesar de ser tecnicamente apenas oito da noite. “Um dia longo e adorável.”

Ele beija minha testa e gentilmente apoia minha cabeça em seu ombro. “Durma agora. Tenho planos para você — para uma noite ainda mais longa e mais bonita, e quero que esteja descansada.”

Tudo esquenta — minhas bochechas, meu estômago, meu coração. E esse é o último pensamento que tenho, antes que um sono sem sonhos me engula inteira.

“Acorde, Lenora”, uma voz melódica chama, puxando-me para a consciência. Então fica indecente com uma proposta. “Abra os olhos, Lenny, vou te beijar.”

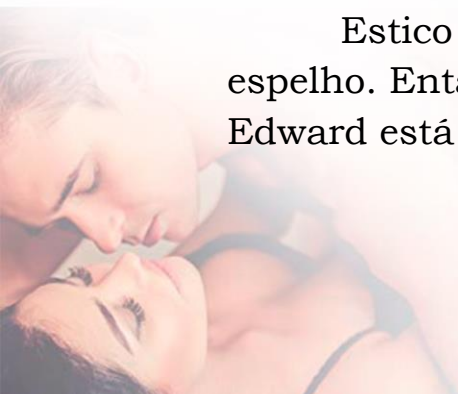
Meus olhos abrem imediatamente.

Sorrindo como o diabo que ele é, Edward roça meus lábios e arqueia as sobrancelhas. “Vou te dar um beijo adequado depois. Nós aterrissamos — o carro está esperando.”

“Oh. Que horas são?”

“Pouco mais de uma da manhã.”

Estico os braços e verifico meu cabelo e maquiagem no espelho. Então me levanto e entro no casaco longo e fofo que Edward está segurando para mim.



“Coloque”, diz ele. Ele também usa um.

“Que diabos?”

É quando a porta da cabine abre e um redemoinho de ar gelado entra. Pisco quando olho para fora da porta — para o céu escuro e gigantescos montes brancos de neve que nos cercam.

Talvez eu ainda esteja dormindo.

“Isso... Não parece a Ilha de Saint Augustine.”

Edward concorda com a cabeça. “Houve uma mudança de planos.”

“Onde estamos?”

“É uma surpresa. Você verá.”

E algo no jeito que ele diz isso faz meu estômago revirar de excitação. Coloco o casaco e Edward gesticula em direção à porta do avião.

“Estou atrás de você, Sua Majestade.”

O carro está aquecido quando entramos, com uma garrafa térmica de chocolate quente nos esperando. Tiramos nossos casacos e dirigimos por cerca de uma hora, em estradas sinuosas ladeadas por grandes árvores altas e nevadas.

Edward puxa um lenço de seda preto do bolso e o levanta.

“Estamos quase lá. Quero que coloque isso.”

Arqueio uma sobrancelha. “Pervertido.”

Edward me contou tudo sobre “perversão” algumas noites atrás. Muito intrigante.

Seus lábios soltam uma risada, então ele envolve o lenço em meus olhos, bloqueando completamente minha visão. Momentos depois, o carro para. Sinto o forte vento nas

minhas pernas quando a porta é aberta, e a grande e quente mão de Edward envolve a minha enquanto ele me guia para fora do carro.

"Não me deixe cair", digo a ele.

"Nunca", ele sussurra, contra meu ouvido, antes de me pegar em seus braços. Envolvo as mãos no pescoço de Edward enquanto ele me carrega.

É só mais tarde que percebo que através de todas as surpresas e mudanças de planos de Edward, os lenços de seda pervertidos e sua mania de me carregar por aí... Eu nunca hesitei. Nunca questionei ou me preocupei que ele permitiria que eu fosse magoada ou envergonhada.

Nunca duvidei dele, nem por um momento.

A temperatura muda novamente, e embora não possa ver, ouço uma porta fechar atrás de nós e sei que estamos dentro. Sou posta de pé e o casaco é retirado.

Edward desamarra o lenço e o desliza dos meus olhos.

E minha respiração sai com pressa.

Porque é um quarto, mas o teto é curvado, em cúpula — e a parede inteira à minha frente é feita de vidro transparente.

Estamos numa encosta coberta por neve e uma densa floresta. Mas acima de nós, o céu é preto... Com exceção de um rio das cores mais magníficas. Redemoinhos de verde, vermelho e roxo profundo — todos dançando juntos. Como Edward chamou isso em sua carta, há muito tempo atrás? *Uma sinfonia viva de cores.*

Aurora boreal.

"Estamos na Finlândia", Edward diz atrás de mim. "Aqui é North House. Há cabanas menores e mais simples no final da colina para alugar, mas você não precisa se preocupar — comprei todas elas também. Vou fazer uma fogueira para você,

do lado de fora, se quiser. Somos apenas nós agora. Apenas você e eu."

E é tudo... Muito. Uma inundação de sentimentos corre por mim, afogando-me, e coloco minha mão sobre a boca, mas não posso impedir. Eu explodo em lágrimas.

Edward me toma em seus braços, segurando-me enquanto estremeço com soluços.

"Não chore, Lenny."

E tento explicar, para fazê-lo entender.

"Nunca pensei que teria isso."

Ele inclina minha cabeça para trás, enxugando minhas lágrimas. "A aurora boreal?"

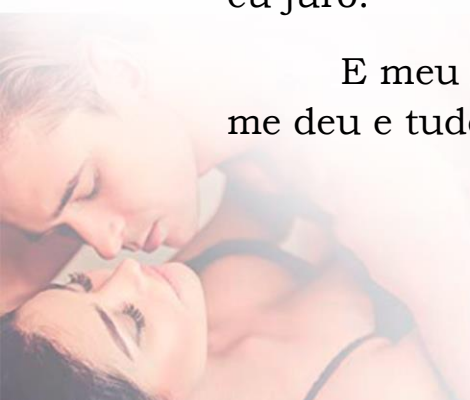
"Você." Aperto sua camisa e encaro seus lindos olhos. "Nunca pensei que teria você. Nunca nem me permiti esperar por você ou sonhar e, de alguma forma, aqui está. Você mudou minha vida inteira, Edward. Você me mudou e eu não poderia fazer isso sozinha."

Ele sorri gentilmente e acaricia meu rosto. "Sim, você poderia."

"Mas não seria eu, não quem sou agora. Eu seria outra versão mais vazia." Outra lágrima cai e outra, e minha voz quebra. "Você é minha alegria e meu coração... Você é minha casa... E eu estaria perdida sem você."

Ele segura meu rosto nas mãos e suas palavras são baixas e fortes. "Você nunca estará perdida. Estarei sempre com você. Os votos estavam errados. Quando a morte chegar, ela poderá ter meu corpo... Mas minha alma ficará com você, eu juro."

E meu coração está tão cheio, tão cheio de tudo que ele me deu e tudo que sinto por ele.



Edward

Devagar, devagar, devagar...

É um mantra em minha mente, um lembrete. Uma restrição.

Porque, meu Deus, como eu a quero. Nem nos meus dias mais selvagens e egoístas de adolescente quis ter uma mulher como quero tê-la.

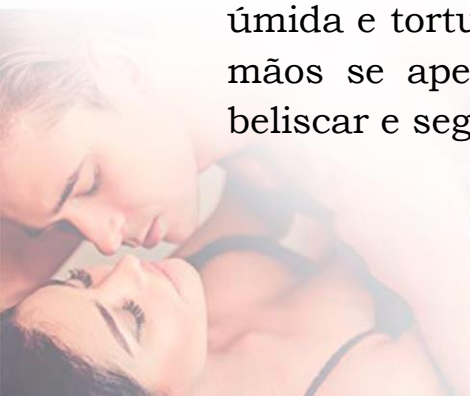
Selvagem e forte, preguiçoso e longo.

Beijo seus lábios macios, toco seu rosto, e me movo para a cama. E Lenny olha para mim, seus olhos redondos e prateados como a lua, e ela pega minha camisa, abrindo os botões um de cada vez. Ela pode ser a inocente, a inexperiente, mas quando tira minha camisa e passa as mãos pela pele bronzeada do meu peito... E segue essas mãos com beijos de veludo... Sou eu quem está tremendo.

Posso não ser um rei, mas aqui, agora — ela me faz sentir como um.

Mais do que um rei — seu herói, seu marido, seu escravo hipnotizado, seu amante voraz — é tudo a mesma coisa agora. Tudo embrulhado junto.

A boca de Lenora percorre meu abdômen e sua língua úmida e torturante traça os sulcos do meu abdômen. Minhas mãos se apertam ao lado — ansiando por agarrar, puxar, beliscar e segurar.



Mas deixo que ela faça o que quer — deixo que ela explore e prove até que seu doce coração esteja contente.

Ela morde o lábio e faz uma pausa no meu umbigo, de repente insegura.

Mas então minha pequena Rainha se levanta para a ocasião... E afunda em seus adoráveis joelhos só para mim.

E, porra, meu pau dói com a visão.

Minha calça está aberta e o cinto cai com um silvo de couro. Então rapidamente, como se ela simplesmente não pudesse esperar, Lenny puxa minha calça pelo quadril, liberando minha carne quente e dura como pedra. Saio da piscina de tecido em meus tornozelos e sinto sua respiração ofegante contra minhas coxas.

Ela segura meu pau nas mãos delicadas e toca firmemente no eixo, assim como eu ensinei. Lenora molha os lábios, abre a boca e me toma na fantasticamente molhada e escaldante caverna de sua boca, onde ela me adora com uma forte sucção.

Minha cabeça revira e meus olhos fecham e não posso mais vê-la, ou gozarei em sua língua.

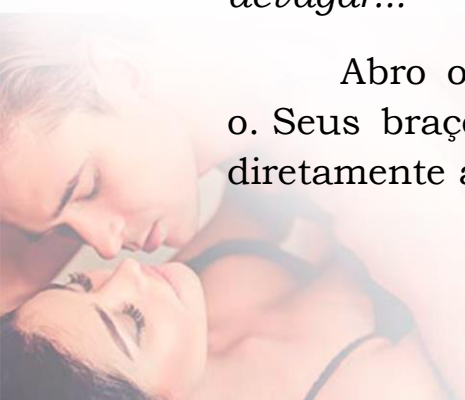
Ela geme ao meu redor — eu ouço e sinto.

E meu controle se estende num fio tênue e fino.

Agarro seus braços e puxo-a para cima — mais forte do que deveria. Eu a beijo até que ela não pode respirar, não consegue pensar — sugando os lábios de veludo, roçando-os com os dentes, dominando-a com o impulso da minha língua.

E meu coração pulsa nos ouvidos, *devagar, devagar, devagar...*

Abro os botões de pérola do blazer de Lenora e tiro-o. Seus braços são ágeis e longos. Delicados. Eu os levanto diretamente acima da cabeça enquanto respiro fundo. Encaro



seus olhos e deixo que ela veja o desejo nu e cru nos meus. Como eu a adoro — quão abençoado sou por ela ser minha.

Deslizo as mãos por seus braços nus. Então desço por seus lados, acariciando a pele pálida dos seios com meus polegares.

A saia sai em seguida. Fico de joelhos e deslizo-a por suas pernas, deixando Lenora apenas com uma combinação fina de cetim marfim. Beijo seu abdômen no meu caminho para cima, o vale perfumado de lilases entre seus seios de seda. Minhas mãos grandes deslizam em suas coxas, puxando a combinação sobre sua cabeça, então ela está nua para meus olhos... Para o meu Coração.

Então, um por um, puxo os grampos do seu cabelo — removendo o chapéu e desfazendo o coque até que o cabelo cai solto como uma cortina escura, ondulada e selvagem. Ele acentua seus traços — deixa sua pele mais pálida, as maçãs do rosto mais salientes, os olhos cinzentos mais brilhantes.

E é tudo para mim. Sou o único homem que vai vê-la assim.

Sorrio com toda a ternura que tenho, enquanto a puxo contra mim, nossa pele quente deslizando. Eu a levanto para que seus seios encontrem meus lábios, envolvendo a boca em torno do mamilo — atingindo-o forte e rápido com minha língua, chupando e chupando os pontos duros até que sua voz aguda clama meu nome por misericórdia.

Uma mão agarra meu cabelo, e a outra puxa meu rosto para o dela. “Faça amor comigo, Edward.” Ela olha para o teto, depois de volta para meus olhos. “Faça amor comigo sob este céu mágico.”

Giro e deito Lenora na cama. Sua boca cor-de-rosa está entreaberta e ofegante e seu cabelo desgrenhado emoldurando-a. E ela se abre para mim como uma flor —



braços esticados, joelhos abertos — desinibida, sem vergonha, perfeita e minha.

Fico em cima do seu corpo, apoio suas pernas em meus ombros e depois me banqueteio. Lambendo e provando entre suas pernas, deixando sua buceta molhada e apertada, fazendo-a gemer e ofegar meu nome — minha noiva, minha esposa, minha linda menina.

"Edward... Edward..." Ela geme, puxando com força os fios do meu cabelo.

Beijo a parte interna da sua panturrilha, subindo entre suas pernas, e roço a cabeça larga em forma de sino do meu pau em seu calor molhado e escorregadio.

Subindo e descendo percorro sua abertura de novo e de novo, parando, mas não entrando.

O quadril de Lenny se ergue — desejando, implorando.

"É isso que quer?" Eu sussurro.

Ela se contorce debaixo de mim, os olhos bêbados de prazer, luxúria e necessidade.

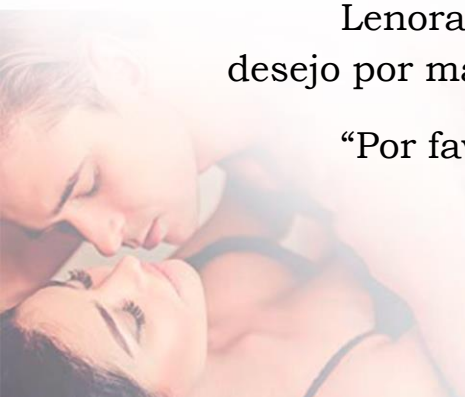
"Sim..."

Abro-a mais, envolvo suas pernas em minha cintura. Minha palma desliza pelo centro liso de seu abdômen, massageando seus seios, acariciando os mamilos, depois voltando para baixo. Roço seu pequeno clitóris com as pontas dos dedos de uma mão, e deslizo dois dedos em sua buceta com a outra.

E movo-me devagar, bombeando dentro enquanto ela ofega e geme.

Lenora levanta o queixo, o rosto torcido de paixão e desejo por mais.

"Por favor, por favor, por favor, por favor..."



Deslizo meus dedos fora dela e seguro meu pau, deslizando novamente para sua abertura quente e escorregadia.

“Sim... Sim... Edward...” Ela entoa.

Pressiono entrando nela, apenas a cabeça.

Devagar, devagar, devagar.

Seus músculos resistem, mas sua umidade facilita o caminho. Quero amaldiçoar pela sensação — o aconchego quente que faz minha visão ficar escura. Mas não. Este momento é muito precioso para essas palavras.

“Lenora, olhe para mim”, digo.

Quando seus olhos encontram os meus, seguro seu quadril e empurro atravessando sua virgindade, afundando totalmente nas profundezas do seu calor úmido e emocionante.

Ela arqueia as costas e grita.

Por um momento, não me movo... Mas quando o faço, é direto em seus braços. Deito em cima dela, pairando sobre ela, tão profundamente quanto posso estar. Encaro seus lindos olhos e afasto o seu cabelo úmido e sinto a carícia de suas mãos em meus braços e costas.

“Tudo bem?” Pergunto.

“Sim”, ela balança a cabeça. “Sim...”

E então, eu me movo. Movo o quadril em círculos lentos e rasos — beijando-a, amando-a com minha boca — aumentando o prazer, querendo dar-lhe êxtase... Dar-lhe o mundo inteiro.

Minha parte inferior da pelve toca em seu clitóris a cada movimento do meu quadril.

De novo, de novo e de novo.



O peito de Lenora sobe e desce, mais forte, mais rápido, e o calor surge de volta em seus olhos.

“É isso, amor”, elogio. “É isso aí...”

E Cristo, a sensação dela — é mais do que sonhei na minha mais molhada fantasia. Cada nervo dos seus músculos está escorregadio, apertado e pulsando.

Chupo a pele macia do seu pescoço, respirando com dificuldade. E seus gemidos enchem meus ouvidos. Mais alto e mais forte a cada movimento do meu quadril. Sons fantásticos e carnais que fazem minhas bolas apertarem e o meu pau inchar.

Sons de luxúria, amor e vida.

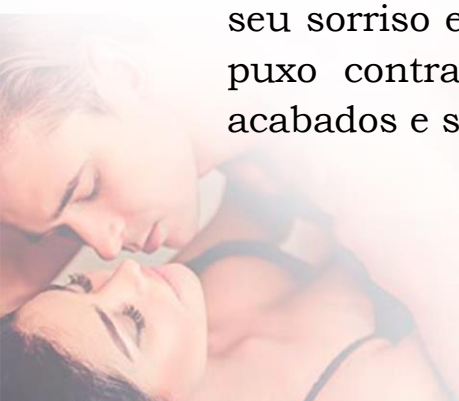
“Edward! Edward, Edward...”

Ela agarra meus ombros desesperadamente e seus calcanhares pressionam contra a minha bunda. Beijo sua boca profunda e longamente, bebendo os sons de seus lábios, mantendo-os dentro, mantendo-os para mim.

Sinto quando ela goza. Está no aperto pulsante da sua linda buceta, no soluço longo e quebrado do seu gemido, no aperto dos seus braços que me embalam ternamente, mesmo quando ela encontra o êxtase.

Um calor elétrico corre por minha coluna. Meu quadril empurra descontroladamente, rudemente, e gemo impotente contra seu ombro enquanto meu pau empurra, enchendo-a, gozando forte dentro dela.

Depois, levanto a cabeça e encaro os olhos de Lenora, beijando-a gentilmente e afastando seu cabelo do rosto. Não pergunto se ela está bem, porque sei que está — vejo isso em seu sorriso e na lágrima que escorre por sua bochecha. Eu a puxo contra mim, para meus braços, ambos sem ossos, acabados e saciados.



CAPÍTULO 17

Lenora

Levanto-me da cadeira, coloco as mãos sobre a mesa e me dirijo ao Conselho de Assessoria.

"Então deixe-me ver se entendi. O Parlamento não consideraria minha legislação até que eu fosse uma mulher casada. Porque queriam uma rainha que fosse uma esposa tradicional e garantias de que um marido iria me "controlar". E agora que casei e estou casada há quase quatro semanas, eles se recusam a considerar a legislação porque estão alegando que estou sendo controlada pelo pau do meu marido?"

O queixo do meu tio cai.

Radcliffe pode estar à beira de um ataque cardíaco.

E Tweedledum ofega em indignação. "Sua Majestade!"

"Oh, coragem, Tweedle!" Bato na mesa. "Eu preciso de você. Preciso de todos vocês. Porque temos que enviar uma mensagem alta e clara de que, apesar do pau do príncipe Edward certamente ser magnífico o suficiente para fazer o trabalho, a Rainha não é controlada por ninguém. Menos ainda pelo Parlamento. Então é melhor eles levantarem as bundas e fazerem seus malditos trabalhos!"

O conselho me encara em estado de choque.



Exceto por Alfie e Edward. Eles estão tentando muito não rir. E falhando miseravelmente.

Edward não é um membro oficial do Conselho de Assessoria, mas desde que retornamos da Finlândia ele tem vindo às reuniões e depois discutimos as questões em particular. Compartilhar meus pensamentos com ele e ouvir suas opiniões é muito útil.

Agora não é um desses momentos.

“Príncipe Edward, Lorde Ellington...” Franzo a testa.

Os olhos de Edward brilham com humor. Porque por algum motivo, ele adora me irritar.

“Apesar de estar feliz que me achem tão divertida, vocês têm alguma coisa útil para adicionar à discussão além de hilaridade?”

Alfie balança a cabeça, o rosto vermelho e soltando uma risada.

Edward se inclina para trás na cadeira, braços cruzados e boca curvada — olhando para mim com uma arrogância linda que me faz querer beija-lo o tempo todo.

“Na verdade, eu tenho, Majestade.”

“Por favor, ilumine-nos, então.”

“Você não precisa enviar uma mensagem. O que precisa... É de uma boa pá.”

“Uma pá?” Pergunto. “Não estou acompanhando.”

“Eles são políticos”, explica ele. “Desenterre o suficiente da sujeira deles, e vão fazer qualquer coisa que quiser.”

Sujeira. Hmmm.

Lentamente, eu concordo.

“Isso soa muito... Eficiente.”

Edward

Na semana seguinte, dez dos líderes mais influentes do Parlamento se encontram no grande escritório dos fundos, a pedido da Rainha. Ela usa um vestido cor-de-rosa enfeitado com preto que a envolve perfeitamente e saltos pretos com pequenos laços e tão afiados que ela poderia acertar alguém no coração. Mas é o olhar dela que mais gosto. Antecipação, excitação, vingança e vitória.

Ela é como uma pequena e elegante arma de prata — bonita, mas letal. É uma combinação inebriante.

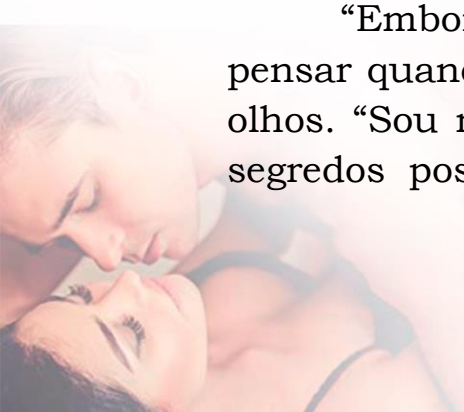
“Bom dia, meus senhores.” Lenora cruza as mãos na frente e sorri docemente. Eu me inclino contra a parede... Apenas observando-a.

“Por favor, observem os arquivos à sua frente. Há informações delicadas que chegaram ao nosso conhecimento sobre cada um de vocês. Queríamos que soubessem que estamos cientes dessa informação... E que temos documentação para provar. Para sua própria proteção, é claro.”

Eles abrem os arquivos. Alguns parecem realmente perto de borrar as calças.

Lenora toca seu lábio, franzindo a testa, preocupada.

“Embora o problema é... Que eu costumo falar sem pensar quando estou chateada.” Ela olha cada um deles nos olhos. “Sou mulher afinal de contas. Não há como dizer que segredos posso contar — ou para quem — quando estou



completamente esgotada. Pode ser a imprensa, as autoridades... suas *esposas*."

Lentamente ela caminha na frente deles, deixando-os pensarem um pouco.

"Minha sugestão para cada um de vocês é não me chatear. Votar na próxima assembleia de uma maneira que me agrade. Em resumo... Não me encham o saco. Para sua proteção, é claro."

Então ela volta a sorrir. E é meio aterrorizante.

"Além disso -"

"Tem um *além disso*?" Stinky Winky objeta.

Minha cruel garota sorri. "*Há*, Lorde Winkerton — e não me interrompa novamente. Como estava dizendo... Além disso, decidi que a obrigatoriedade do programa de serviço militar incluirá todos os cidadãos de Wessco — homens *e* mulheres."

E os velhos perdem a cabeça — resmungando e gritando.

"Isso é um ultraje!" Lorde Plutorch grita.

"É uma afronta à feminilidade!" Conde Malmunch treme de indignação.

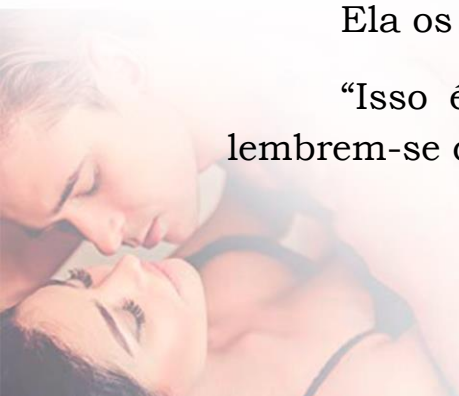
"Pelo amor de Deus, é o melhor para o país", eu digo.

Lenora não aceita uma gota da merda deles.

"Não terei metade dos meus súditos sob o punho de outro. Não enquanto eu for Rainha. Esta lei irá abrir uma série de habilidades e oportunidades para as mulheres que os homens sempre desfrutaram exclusivamente. É um passo em direção à igualdade."

Ela os encara por baixo.

"Isso é tudo por hoje. Votem bem, meus senhores. E lembrem-se desses arquivos... Sei que eu vou."



Ela se vira, pega meu braço, e juntos saímos pela porta.

Escolto a Rainha para o seu escritório. Rapidamente. Querendo jogá-la por cima do meu ombro e carregá-la como um Neandertal de volta para sua caverna.

Bato a porta do escritório atrás de nós e tranco-a — e então nos atacamos, torcendo, membros se agarrando, mãos se amassando, bocas adorando e respirações ofegantes.

Eu a levanto na mesa e fico entre suas pernas bem abertas.

“Você foi incrível”, digo, e a beijo com força e por muito tempo, invadindo sua boca com minha língua.

Então puxo seu vestido rosa por cima da cabeça e o jogo no chão. Dando-me uma visão de seus seios intocados, escondidos apenas pelo sutiã, calcinhas de renda e ligas que quero rasgar com os dentes.

“Foi incrível”, ela suspira, beijando meu peito, meu queixo — qualquer lugar que ela possa alcançar.

“Estou tão orgulhoso de você.” Abaixo a cabeça, beijando seus seios, sugando seus mamilos rosados. “Você nem corou quando disse *pau* para o Conselho de Assessoria. Duas vezes.”

Agarrando seus braços, levanto Lenny e giro-a. Beijando seu pescoço e costas, apoio as mãos sobre a mesa, curvando-a.

Puxo minha calça e rasgo sua calcinha de renda... Gemendo quando roço meu pau por sua buceta e sinto quão molhada e quente ela já está.



“Terei que usar palavras mais pervertidas para te fazer corar.”

Ela ri como uma megera, olhando-me por cima do ombro — os olhos prateados arregalados e curiosos.

“Há palavras mais pervertidas?”

Sorrindo, seguro-a firmemente pelo quadril e empurro em sua buceta apertada e sedosa que foi feita para eu foder.

“Sempre”, falo rouco contra seu cabelo. “Há sempre algo mais pervertido, amor.”

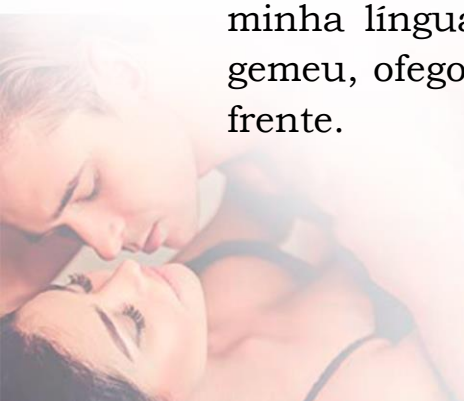
Dois meses depois

Palácio de Wessco

Enquanto os americanos nos Estados Unidos têm seu Dia de Ação de Graças, aqui em Wessco, temos o Autumn Pass em meados de outubro. É parte festival da colheita, parte celebração patriótica — para comemorar o banquete após a batalha final que rendeu a Wessco sua independência.

Há festas e feiras, os bancos fecham e os portões do palácio são abertos, e o monarca faz um discurso barulhento de uma plataforma no pátio da frente que é transmitida ao vivo.

Ontem à noite, Lenora praticou seu discurso comigo... Enquanto minha cabeça estava enterrada entre suas coxas e minha língua fazia seu melhor trabalho para distraí-la. Ela gemeu, ofegou e gritou — mas soube o discurso de trás para frente.



Mas agora, o pátio está lotado de gente e Lenny está na plataforma, parecendo horrivelmente pálida. Uma brisa poderia acabar com ela.

Pego Winston pelo braço. “Algo está errado com ela. Vou levá-la para dentro — tenha certeza de que o caminho esteja livre.”

Ele balança a cabeça e subo as escadas para o lado da Rainha.

“E nós gostaríamos de...” Ela fecha os olhos e até seus cílios parecem pálidos.

Eu me inclino e falo no microfone. “Agradecer a cada um de vocês por saírem hoje e aproveitar a celebração do outono! Feliz Autumn Pass a todos!”

Há uma onda de aplausos e Lenny descansa a cabeça no meu braço. Viro para a entrada lateral do palácio e ela sussurra fracamente: “Por favor, leve-me para dentro.”

Mantenho o braço em volta dela, esfregando círculos lentos e guiando-a para a porta. “Com calma, amor. Eu te peguei.”

E realmente peguei — meu aperto é firme e forte. Mas não importa.

Porque assim que chegamos à porta, os joelhos de Lenora cedem e seus olhos reviram. Eu a pego antes que caia, mas ela desmaia em meus braços.

“Lenora.”

O medo é frio e brutal. Ele para seu coração, congela seu sangue e lhe diz que nunca estará quente novamente. Ele sobe do estômago e se aloja na garganta.

“Chame o médico agora! Lenora!”



Não sei quanto tempo fico de fora da enfermaria enquanto o médico está com ela, mas parece como a porra de dias. Os outros estão aqui — conselheiros e secretários e aquele primeiro-ministro idiota, Bumblewood.

Não falo com eles — não falo nada. Eu sento e ando... E rezo.

Porque penso em Thomas e quão rápido ele ficou doente, quão rápido ele foi embora. E na minha cabeça, continuo a vê-lo, em sua cama, com o lençol ainda sobre o rosto. Não se mexendo ou respirando. Desaparecendo.

Esfrego as mãos nas órbitas dos olhos, tentando afastar a imagem do meu cérebro. Mas ela fica firme.

Finalmente, o médico surge... E vai direto para o primeiro-ministro.

Meus passos longos chegam até ele primeiro, bloqueando o caminho.

“Diga a ele uma palavra sobre a condição da minha esposa antes de me falar e vou arrancar sua língua e estrangulá-lo com ela.”

O médico fecha a boca. E concorda com a cabeça.

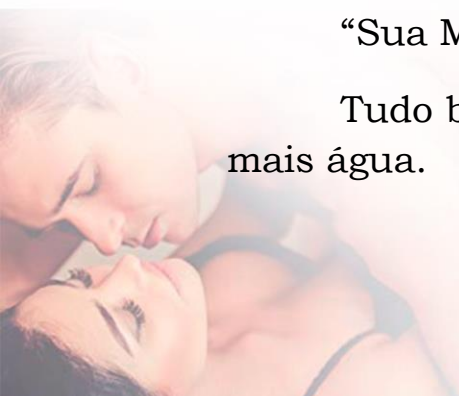
Eu o guio até o canto, longe do bando de abutres.

“O que há de errado? Ela está doente? Ela vai se recuperar? Do que ela precisa?”

Seu sorriso é furiosamente calmo.

“Sua Majestade está desidratada.”

Tudo bem — água. Não é tão ruim. Lenny precisa beber mais água.



“E exausta”, diz o médico.

Porra, isso é culpa minha. Claro que ela está exausta. Ela tem um bastardo insaciável como marido que a mantém acordada a noite toda, fazendo tudo na cama, menos dormir.

“E ela está um pouco anêmica”, acrescenta o médico.

Ferro. Ela precisa de ferro — carne vermelha tem ferro.

“Dei a ela alguns suplementos e ordens para descansar.”

Concordo com a cabeça e olho pela janela, procurando o melhor local para o gado que pretendo comprar imediatamente pastar.

“A Rainha Lenora está esperando, príncipe Edward.”

Meu cérebro para de repente. E o mundo inteiro congela no tempo. Por um momento não me movo; não tenho certeza que respiro.

“Esperando? Quer dizer um bebê? Ela terá um bebê?” Aponto para mim mesmo. “Nosso bebê?”

O velho sorri mais, rindo e concordando com a cabeça.

“Não hoje, mas sim, ela terá. Parabéns.”

Santo inferno. Não deveria ser um choque, não com a maneira que estive com ela, mas ainda é. Gargalho — estupidamente tonto e orgulhoso pra caralho.

“Obrigado, doutor.”

Aperto sua mão e bato nas costas dele, embora nunca tenha gostado do imbecil. Mas gosto dele agora porque me deu a melhor notícia que já ouvi em toda a vida.

Gosto de todo mundo agora. Mas gosto mais de Lenny.



Então corro para vê-la o mais rápido que posso. E eu a levanto da cama — coloco no colo — e beijo em plena luz do dia minha esposa grávida.



CAPÍTULO 18

Lenora

Eu achava que entendia o instinto maternal — a base, o impulso primordial de proteger seu futuro, seu legado. É o que senti pelo público no primeiro dia em que usei a coroa. Quis cuidar deles, prover, vê-los crescerem fortes e tornarem-se tudo que sei que eles podem ser.

Ainda me sinto desse jeito. Mas essas emoções são apenas uma sombra do que sinto pela criança crescendo dentro de mim. Os primeiros meses foram... Enjoados e desgastantes. Edward esfregava minhas costas enquanto eu vomitava num saco no banco de trás do carro, e então eu tinha que lavar minha boca e negociar com algum líder estrangeiro. Foi a miséria perfeita.

Mas agora, no quarto mês o enjoo se foi e quando pressiono minha mão na firme elevação do meu abdômen... É milagroso. Tenho desejos por comida — uma fome insaciável que me arrasta até a cozinha à meia-noite, para a grande diversão de Edward — à procura dos biscoitos cremosos caseiros de Cook e Marmite[6], comendo direto do pote.

Mas há outros desejos também. O desejo de tornar Wessco próspera e pacífica me atravessa com uma nova intensidade. Porque não faço isso apenas para meu povo; faço

[6] Um dos produtos alimentares britânicos mais populares. Muito forte, é empregado como uma pasta para untar torradas com sabor de chocolate belga.



por essa criança e qualquer outra que venha depois. Eles herdarão de mim tudo o que fizermos neste país — e estou determinada a repassar apenas o melhor.

Embora tenhamos anunciado a novidade para o público, não pareço muito grávida. Por insistência do meu conselheiro, o palácio contratou estilistas para me vestir — que sabem exatamente como esconder a protuberância crescente com o padrão certo, casaco, cinto. Para que eu não pareça estranha ou vulnerável. Ou fraca.

Hoje é um vestido riscadinho azul marinho e branco, estilo camisa e cardigan de lã, para minha reunião com o Conselho de Assessoria.

"Quem quer entrar no negócio de cassino?" Pergunto a eles.

E, com exceção de Alfie, pelos olhares em seus rostos, a resposta é nenhum deles. Chatos malditos.

Eu levanto, batendo as mãos. "Tenho informações de fonte segura que as salas de jogo ilícitas é a nova moda entre a aristocracia. Devem ter ouvido rumores sobre elas."

Edward é minha fonte segura — e ele ouviu sobre isso do seu amigo Donald Macalister. Aparentemente, os senhores e damas de Wessco se vestem com seus melhores vestidos e joias e máscaras de bailes para esconderem as identidades — e participam de festas onde bebem champanhe e apostam milhares e milhares de dólares nas mesas.

Edward escapou do palácio e participou ele mesmo de um dos eventos, algumas noites atrás. Ele não me deixou ir dessa vez — é muito perigoso, ele disse.

Porque o jogo é ilegal.

Mas vou mudar isso.



“A próxima legislação que quero apresentar ao Parlamento é legalizar o jogo.”

E lá vai Tweedledum com o sinal da cruz.

“Pensem nisso, meus senhores. Nós poderíamos nos tornar o próximo destino turístico mais desejado.”

“Como Mônaco?” Meu tio diz.

“Exatamente! E haverá taxas de licenciamento, taxas regulatórias, empregos, receita fiscal... As possibilidades são infinitas.”

Sheffield, Radcliffe e os Tweedles parecem começar a gostar da ideia. Mas Lorde Norfolk está tão frio quanto gelo.

“Absolutamente não. É pecado. É imoral.”

“Há muitas atividades que são consideradas imorais; nós não proibimos todas elas”, digo.

“Você estará contribuindo para a degradação do nosso país”, argumenta ele.

“Bobagem!” Respondo, esfregando meu abdômen distraidamente. “Está acontecendo de qualquer maneira — bem debaixo dos nossos narizes. Regulamentando, evitamos a exploração e o governo receberá seu pedaço do bolo.”

Ele aponta o dedo para mim. “Eu não apoio!”

Edward levanta, sua voz dura e pesada como uma marreta.

“A Rainha não precisa do seu apoio, Norfolk. Ela terá sua obediência. Se não pode dar isso, você se afastará e encontraremos um homem que possa.”

“Nós, Príncipe Edward?” Insulta Norfolk. “Você agora fala pela rainha?”



Eu não hesito, não recuo... É a coisa mais fácil do mundo dizer. Porque é verdade. “Ele fala por mim. Pensamos juntos em todas as coisas. Sua palavra é tão boa quanto a minha.”

Os olhos de Edward se voltam para mim — surpresos.

Porque isso é... Uma grande coisa. É significativo. Poderoso. Isso importa. Edward sabe, e o conselho também, assim como eu. Dando a Edward o poder de falar por mim, estou entregando um pedaço meu a ele. Compartilhando minha autoridade tão livremente quanto compartilho meus pensamentos e corpo.

Mas não é difícil, soltar essas rédeas. Porque Edward nunca vai me deixar cair.

Alguns dias depois, sentamos no sofá do meu escritório — juntos, mas estamos trabalhando. Viro para ele e digo o que está na minha cabeça.

“Quero fazer uma nova posição no Conselho de Assessoria para você. Quero que você seja o meu Primeiro Conselheiro. Como se sente sobre isso?”

Seus olhos se estreitam, enquanto ele considera. “Por que quer fazer isso?”

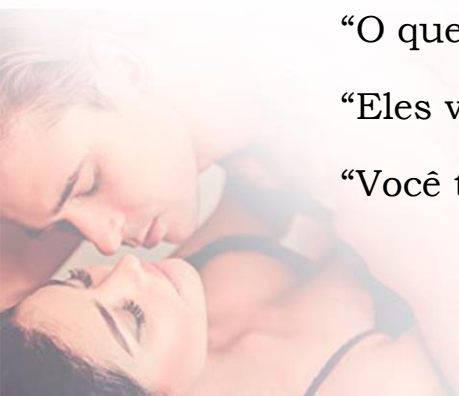
“Porque é verdade. Você é a primeira pessoa a quem vou pedir conselhos, cuja opinião eu mais confio... Se o título se encaixa, você deveria usá-lo.”

Uma carranca aparece em seus lábios.

“O que é?” Pergunto.

“Eles vão dizer que tenho influência sobre você.”

“Você tem.”



“Sim, mas... Você é a Rainha. E estou perfeitamente contente em ser o marido da Rainha. Não quero ser a razão para você ser diminuída aos olhos de ninguém.”

E é por isso que sou a mulher mais sortuda do mundo. Por que quero que ele tenha a posição, o título... Porque quero que todos lhe deem o respeito que ele merece, o respeito que ele conquistou... Sendo tudo o que é.

Pego a mão de Edward. “Vamos fazer isso acontecer. Nós vamos mostrar a eles que compartilhamos esta vida e sou uma Rainha mais forte por causa disso. Por sua causa, por nossa causa. E... Se eles ainda pensarem o contrário, não dou a mínima. Contanto que não possam nos machucar, Edward, eu não me importo.”

Ele pondera. E então sorri.

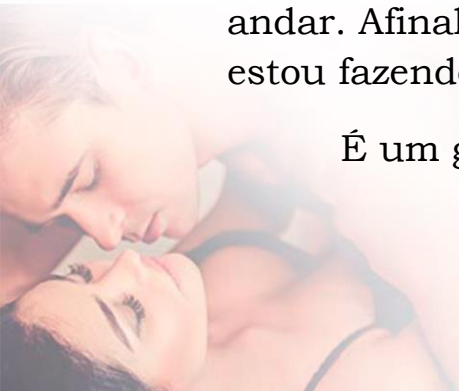
“Você tem certeza que não é só por causa do meu pau magnífico? Sou excelente em mantê-lo em você.”

O riso borbulha na minha garganta, mas o seguro. E olho para ele cara a cara. “Hmmm... Sim, você está certo. Provavelmente é só isso, no final das contas.”

Edward me faz cócegas — impiedosamente. E eu o ataco de volta; ele é sensível debaixo dos braços. Nós rolamos e nossos papéis caem do sofá e finalmente caímos também. E Edward me coloca em cima dele, então meus joelhos montam sua cintura e terminamos o dia fazendo amor doce e risonho bem ali no chão do meu escritório.

Com sete meses de gravidez, é seguro dizer que parei de andar. Afinal, nenhuma pessoa racional pode descrever o que estou fazendo enquanto ando.

É um gingado. Como um pinguim. Um pinguim rainha.



Edward acha adorável. Homem louco. Ele me pede para andar pelo nosso quarto à noite — como alguns homens pedem a suas esposas para fazerem um "striptease" — só para que ele possa me observar, com calor nos olhos e aquele sorriso excitante nos lábios.

Estou bamboleando pelo corredor do palácio agora, com meu querido marido ao meu lado, a caminho do Parlamento. Para que eu possa assinar a lei que passou na semana passada em ambas as Casas, que legaliza o jogo em Wessco.

Até que o arcebispo de Dingleberry nos intercepta.

"Boa tarde, Rainha Lenora, Príncipe Edward." Ele abaixa a cabeça.

"Arcebispo." Edward acena por nós dois.

"Sua Majestade, tenho desejado falar com você sobre a Princesa Miriam. O Santo Padre está muito preocupado com o comportamento dela. Ele espera que possa falar com ela, levá-la à razão."

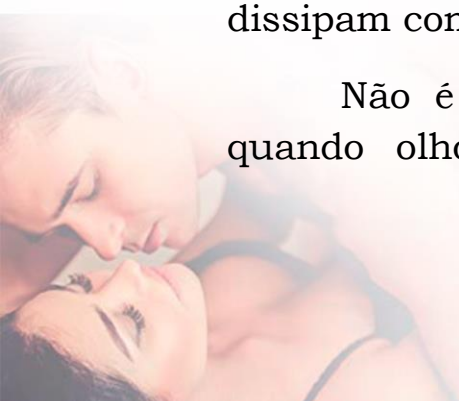
Miri está apaixonada. Novamente. Por um açougueiro... Ou é um padeiro?

O que quer que tenha acontecido entre ela e Winston há uns meses atrás foi breve e sem sentido — como é o seu padrão, aparentemente. Esta é a quarta... Não, a quinta vez que ela está apaixonada — quase me esqueci do jovem duque da Espanha que ainda envia flores todo santo dia.

Minha irmã está apaixonada pela ideia do amor. A pressa e o redemoinho disso.

Mas não é real. Seus sentimentos por esses homens se dissipam como neblina pela manhã.

Não é a mesma emoção que pulsa através de mim quando olho para o meu Edward. Se ele perdesse sua



aparência, seu charme ou a voz indecente e provocante, minha devoção por ele não vacilaria. Eu ainda iria querer estar perto dele, com ele, cuidando-o o tempo todo. E sei lá no fundo, onde o conhecimento é automático e instintivo, que ele sente o mesmo por mim.

Mas as aventuras do coração de Miriam são inofensivas. Elas não machucam ninguém. E as pessoas adoram suas travessuras — elas seguem sua vida amorosa como uma dramática novela da tarde da vida real. Tudo o que precisam é de alguém tendo amnésia e a comparação está lá.

E talvez, se ela continuar com isso... Um dia encontrará um amor genuíno. Realmente desejo isso para ela.

"A Princesa Miriam é uma mulher adulta agora", digo ao Arcebispo. "Ela faz suas escolhas e, francamente, tenho assuntos mais importantes para resolver."

Edward e eu tentamos ir embora, mas a voz dele nos impede.

Novamente.

"Ela está se comportando como uma mulher rebelde e devassa. O Papa está considerando excomungá-la."

Isso me para. E lentamente, viro para ele, abaixando a voz.

"Eu entendo." Bato meus dedos juntos. "A Princesa Miriam é independente e piedosa; essas são boas qualidades para uma princesa ter. Nem sempre concordo com suas escolhas ou pontos de vista — mas para ser franca, não consigo aguentar os *seus* pontos de vista ao longo dos anos, e mesmo assim você ainda está aqui."

Minhas palavras são cortadas e frias e muito, muito finais.



“Então, se o Papa se mexer para excomungar minha irmã ou publicamente a envergonhar de alguma forma, tenha certeza de dizer a ele que estou perfeitamente disposta a seguir o exemplo do primo Henry e começar nossa própria maldita igreja.”

O arcebispo ofega, e se o homem tivesse pérolas, estaria segurando-as.

“E vou fazer de Miriam a líder dela.”

A boca de Edward se torce em um sorriso. “Igreja Wessco para Mulheres Rebeldes Devassas. Fica bom.”

“De fato.” Concordo.

Eu me dirijo ao Arcebispo. “Se o Santo Padre quer perder um país inteiro de católicos, essa é sua prerrogativa, mas de um chefe de estado para outro, eu não recomendaria. Tenha certeza que ele compreenda. Agora estamos entendidos, Arcebispo?”

Amo o olhar de tormento no rosto de um homem poderoso pela manhã.

“Sim, sua Majestade.”

“Muito bom.”

Meu marido me oferece seu braço e sua risada de aprovação e juntos caminhamos... E bamboleamos para longe.



Edward

É depois de dez da noite, quando volto ao palácio, depois de um jantar em homenagem ao visitante primeiro-ministro canadense. Eu fui sozinho, como participei de todas as funções neste mês — o último mês da gravidez de Lenny. Ela se sente muito deselegante e desconfortável para ficar vestida com roupas formais e sair para grandes eventos. É um trabalho triste sem ela, mas é o meu trabalho como o Príncipe de Wessco... E meu dever como marido de Lenora.

Passo pela porta do nosso quarto, puxando minha gravata — ansioso para tirar essas roupas e ter minha esposa me dando boas-vindas ao lar.

“Boa noite, amor”, digo a ela. “Como foi sua noite?”

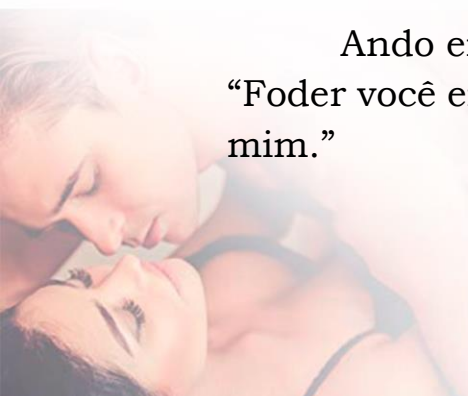
“Corriqueira.” Ela está sentada na penteadeira, escovando o cabelo. “Não tire a roupa. Eu preferiria que dormisse no seu quarto hoje.”

Paro de desabotoar minha camisa e a encaro. Porque não importa a declaração ridícula — a voz dela, a posição de sua boca, o jeito que ela nem sequer me olha... Está tudo errado.

“Este *é* o meu quarto.”

“Não, não é. Seu quarto fica do outro lado da área de estar; você só nunca o usou até agora.”

Ando em direção a ela, olhando seu rosto mais de perto. “Foder você em quartos separados será difícil, até mesmo para mim.”



Ela recua.

“O que há de errado com você, Lenny?” Ela estava bem — melhor do que bem — quando saí. Feliz. “O que aconteceu?”

Ela fica de pé, esfregando a saliência maciça da barriga sobre a camisola azul. “Estou desconfortável e não durmo bem e só quero ficar sozinha. Você não pode fazer isso por mim?”

Seus olhos estão vazios. Tão sem vida quanto a voz.

“Eu não posso, na verdade.”

“Você quer dizer que não vai.”

“Correto, querida, eu absolutamente não vou. Não até me dizer o que diabos está passando nessa sua cabeça para causar isso.”

Abaixo meu queixo, tentando ver seus olhos. “O que é?”

Seus olhos fecham e a respiração acelera. Mas então suas feições endurecem, ficam vazias... E lá vem.

“Winston veio me avisar... Mostrar algumas fotos que serão publicadas nos jornais ainda esta semana.”

“Que tipo de fotos?”

“Fotos suas.”

Ela se move para a escrivaninha, pegando uma pilha de meia dúzia de fotos em preto e branco. Ela as segura, longe de seu corpo... Como se fossem tóxicas.

Eu as folheio — uma por uma. E uma bola fria de raiva se acumula no meu estômago, ficando mais espessa, maior, a cada imagem.

São fotos granulosas de mim num canto escuro de um restaurante, segurando a mão de uma jovem mulher loira. Do ângulo, parece que estamos olhando nos olhos um do



outro. Eu as atiro na mesa, onde elas se espalham e voam para o chão.

E encaro minha esposa. “Você gostaria de uma explicação?”

“Acho que mereço uma”, ela solta.

“O nome dela é Daniella. Ela é a noiva de Colin Penderson, o homem com quem estou trabalhando para localizar instalações para o clube masculino que estou criando em homenagem a Thomas.” Eu aponto para a fotografia. “Nós três nos encontramos para um jantar de trabalho. Eu estava apertando a mão dela — é por isso que estou tocando-a. E se olhar aqui”, aponto meu dedo no canto de uma foto — você verá os botões do casaco de Colin, porque ele não está no quadro, mas está bem ali.”

A expressão de Lenny quase não muda. “Isso é uma... História muito completa, Edward. Uma explicação perfeitamente lógica.”

“E você não acredita em uma palavra.”

Ela dá de ombros. “Não disse isso.”

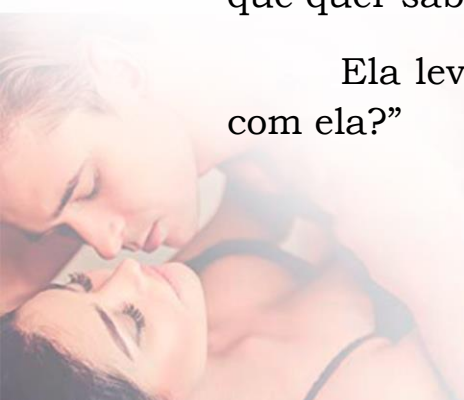
“O que exatamente está dizendo, Lenora? Você acha que estou fodendo com ela — é isso?”

Aqueles olhos prateados afiados me cortam até o osso.

“Não é como se fosse o primeiro. Todos os reis de Wessco tiveram amantes e todos os príncipes, suas prostitutas. Houve até rumores sobre meu pai, embora eu não acredite que tenham chegado aos ouvidos de mamãe.”

“Não dou a mínima para príncipes ou reis. Se há algo que quer saber, pare de dar voltas e pergunte.”

Ela levanta o queixo e endireita a coluna. “Você estava com ela?”



"Eu estava *com ela*?" Repito, sarcasticamente. Zombando. "Que maneira reservada de se expressar. Tão digna, tão pura. É onde estamos novamente? De volta às palavras educadas e adequadas para as coisas?"

Bato meu punho na mesa e a luminária cai, batendo no chão.

"Aceito qualquer coisa de você, Lenny. Aceito sua frustração, sua raiva, sua suspeita — inferno, eu até aceito seu maldito ódio — mas o que não vou aceitar, *nunca*, é sua indiferença. Então não use essa maldita máscara comigo."

Contorno a mesa, olhando para ela, cara a cara. "Agora vamos tentar de novo. Pergunte-me o que quer saber. As palavras estão bem nos seus lábios — você pode prová-las, não pode? Pergunte, porra."

E Lenora não me decepciona.

"Você mentiu para mim? Você está mentindo para mim agora?" Ela se aproxima, sua voz subindo a cada palavra. "Você a encontrou? Você a beijou? Ela tocou em você?" Ela me empurra com as mãos. "Você fodeu com ela?" E bate no meu peito com seus punhos. "Você fez isso? Você fez?"

Eu agarro seus pulsos, prendendo-os entre nós. "Não. *Nunca*." A palavra sai de mim por entre os dentes cerrados. "Acha que eu faria isso com você? Que destruiria meus votos, trairia nosso filho... Machucaria você assim? É isso que pensa que sou?"

Seu olhar desliza para o chão, mas agarro seu queixo, forçando seus olhos nos meus.

"Olhe para mim. Se esse é o tipo de homem que acha que sou, então que porra temos feito todos esses meses?"



E ela procura meu rosto, seus olhos brilhando como dois diamantes quebrados. Sua boca abre e fecha, então, finalmente, as palavras suaves e estranguladas saem.

"Não acho que você seja esse tipo de homem."

Eu a solto, recuando.

Ela olha as fotos e uma por uma, as lágrimas caem por suas bochechas. "Mas ela é muito bonita. E eu estou -"

"*Você* é linda." Seguro seu rosto em ambas as mãos, gentilmente agora, acariciando suas bochechas e enxugando as lágrimas com meus polegares. "Cristo, você é tudo que vejo. Você não sabe disso? Mesmo quando não está comigo... Você é tudo que eu posso ver."

Seu rosto desmorona, soltando um soluço. E eu a puxo para meus braços, pressionando-a contra o meu peito.

"Eu sei, eu sei disso", ela chora. "Desculpe."

"Shhh..." Acaricio seu cabelo, balançando-a.

Suas mãos agarram minha camisa. "Sinto muito, Edward. Eu só... Não sei o que está acontecendo. Estou tão cansada e há tanta coisa..."

"Eu sei, eu sei."

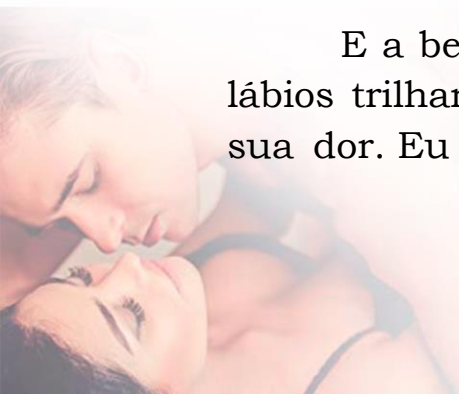
Tanta responsabilidade, tanto para fazer, tanto peso, tanta preocupação. Nunca termina.

"E sinto que estou perdendo a cabeça. Eu -"

Inclino a cabeça e tapo sua boca com a minha. Seus lábios estão macios e inchados de chorar.

"Está tudo bem. Está tudo bem agora." Eu a acalmo.

E a beijo de novo e de novo até ela se acomodar. Meus lábios trilham seu rosto, engolindo suas lágrimas e bebendo sua dor. Eu acaricio sua língua com a minha, seguro seus



seios, massageando os montes sensíveis, acariciando seus mamilos, tirando gemidos dela.

Eu a levo para a cama e tiro suas roupas lentamente. Arrasto minha boca e mãos, sobre cada centímetro de sua pele suave, até que ela se contorce, e nada existe no mundo, exceto o que faço com ela. Entre beijos e gemidos, prometo e sussurro que ela é minha linda menina, minha adorável moça, minha querida, minha única... Meu tudo.

Porque ela é.

Deitamos de lado, peito nas costas, e faço amor com ela com movimentos gentis e suaves por trás. Lenora estende o braço para mim, sua mão no meu quadril e coxa — empurrando-me para frente, pedindo-me para lhe dar mais.

E eu o faço. Cristo, eu faço.

Deslizo os braços sob ela e através de seus seios, segurando seus ombros, balançando dentro dela, até que o prazer nos domina e gozamos ao mesmo tempo — ela, com um grito perfeito de lamúria e eu, com um gemido rouco.

Observo Lenora enquanto ela dorme, com minha mão em seu abdômen, sentindo a vida se mover dentro dela — a vida que criamos juntos. Seus doces lábios se separam e sua respiração estremece num soluço, lembrando-me da dor que a puxou para baixo antes. Afasto as cobertas, coloco minha calça e uma camisa meio abotoada e deixo Lenny confortável. Então ando pelos corredores, até os aposentos da guarda.

Quando entro, os homens correm dos sofás e cadeiras para se levantarem e curvarem. Meus olhos vão apenas para um homem.

“Preciso de uma palavra”, digo a Winston suavemente.

Ele me segue pelo corredor até uma sala vazia.

“Feche a porta”, ordeno e ele a fecha. Então fico na sua frente, os punhos cerrados ao meu lado, os pés afastados.

“Agora, neste momento, não sou um príncipe e você não é um guarda. Somos apenas homens — falando como homens — está entendido?’

Seu rosto e tom são impassíveis. “Sim, entendo.”

“Bom.”

E então esmurro o bastardo. Libertando minha raiva e frustração, socando-o com punhos duros como pedras.

“Seu filho da puta!”

Ele não aceita simplesmente. Ele bloqueia e soca, nós chutamos e batemos, derrubamos uma mesa e socamos um enorme buraco na parede. No final nós dois estamos sangrando, mas giro — e o pressiono contra a parede com meu antebraço na sua traqueia.

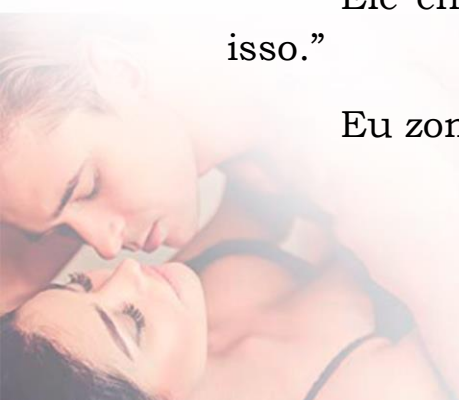
Eu me inclino em seu rosto para que não haja dúvidas sobre mim.

“Encha a cabeça dela com essa merda de novo e vou te matar. Faça-a chorar novamente... E eu vou te matar devagar.” Pressiono contra sua garganta mais forte, minha voz mais alta. “Você nunca vai tê-la. Ela pertence a mim — ela é minha. Quando eu estiver morto e enterrado ela ainda será minha.”

Deixo as palavras afundarem, e então o solto.

Ele engole o ar, a mão na garganta, ofegando, “Não é isso.”

Eu zombo, afastando-me.



"Queria que ela visse essas fotos em público?" Ele grita. "Na frente de um repórter? Queria que uma jornalista a pegasse desprevenida e mostrasse a ela — agora — quando ela está a dias de ter o bebê? Essa é sua ideia de como eu deveria protegê-la?"

Ele sacode a cabeça.

"Não, não, eu farei meu trabalho corretamente. Irei protege-la como precisa ser protegida — verdadeiramente — ela e todos os que pertencem a ela. Não vou parar. Se quiser me matar por isso um dia, é bem-vindo a tentar."

Limpo o sangue no meu lábio com as costas da mão e aponto para ele. "Se acontecer de novo — traga isso para nós, juntos. Não quando ela está sozinha — nunca quando ela estiver sozinha. Você me ouviu?"

Ele pensa, depois me olha nos olhos e concorda com a cabeça. "Sim. Tudo bem, eu concordo."

Alguns dias depois, depois que a bile no meu estômago teve tempo de se acomodar e as palavras não parecem tão amargas, deito na cama com Lenora. Estamos nus — como gosto — com sua cabeça no meu ombro, seus seios pesados contra meu peito e seu abdômen inchado entre nós empurrando meu lado, minha mão subindo e descendo pela curva de sua coluna.

"Quero que Winston seja o chefe da segurança do palácio. Quero-o no comando de tudo. Programas secretos, assegurando os terrenos do palácio, viagens ao exterior — ele deve ter todos os recursos que precisa."

Lenora me olha. "Você odeia Winston."

Meu braço a puxa para mais perto. “Eu o odeio porque ele é apaixonado por você.”

Ela fica quieta por um tempo, traçando meu abdômen com a ponta do dedo.

Então ela suspira. “Edward -”

“Não importa. Ele é o melhor em seu trabalho. Ele é completamente devotado a você e à coroa. Ele vai te proteger a todo custo e estará lá para ter certeza de que você está segura quando eu não puder.” Eu descanso a mão sobre seu abdômen quente e duro. “Vocês dois.”

Seu olhar desliza por meu rosto. “É difícil para você? Não ser aquele que nos protege o tempo todo?”

“Sou um homem — é claro que é difícil para mim.” Eu corro a mão através do seu cabelo comprido, enrolando uma mecha ao redor do meu dedo. “Quero ser tudo para você, sempre. Mas isso não é quem somos. Que tipo de homem eu seria — que tipo de marido, ou pai, ou príncipe — se deixar meu orgulho te colocar em risco?”

“Não o homem que você é”, ela diz suavemente.

“Não, não é o homem que sou.”

Lenny pega minha mão e com os lábios que ainda sonho, ela dá beijos na ponta de cada dedo e então no centro da minha palma.

“Você é tudo para mim, Edward. Sempre. Nunca duvide disso.”



CAPÍTULO 19

Lenora

A esta altura, três dias depois da data do parto, tudo é desconfortável, o tempo todo — com um bebê pequeno literalmente sentado em meus órgãos internos. Então, quando a dor vem, são pontadas lentas e sutis no começo — um aperto fazendo pressão — não reconheço que dor é.

Mas continua vindo, mais consistente, mais ritmicamente e mais forte a cada vez — tornando-se uma dor afiada, comprimida, com cólicas... como se meu útero fosse uma laranja sendo espremida.

Edward e eu estamos andando pelo jardim, aproveitando a brisa de um dia ensolarado de verão, quando uma dor mais forte ainda me atinge.

"Ai!"

Eu me inclino, segurando o braço de Edward. Ele me abraça, sua mão nas minhas costas, segurando e não me deixando cair.

Quando a dor passa e me endireito, estou encharcada da cintura para baixo — na bainha do vestido xadrez, em minhas pernas e sapatos.



“Bem... Acho que é isso, então.” Edward levanta as sobrancelhas para o líquido claro que ainda escorre. “Está na hora.”

Ansiedade borbulha no meu estômago e aperto a mão dele.

“Está na hora.”

Quando chegamos do lado de fora do Salão Capella, tudo está em movimento — pessoas entrando e saindo — excitação pairando no ar. Oscar Pennygrove entra pelas portas do salão e a mandíbula de Edward fica rígida.

“Por que Pennygrove pode entrar e eu não?”

“Porque é assim que se faz. É a maneira como sempre foi feito.”

A realeza nasce em palácios e castelos. É assim que funciona. Especialmente a realeza que é herdeira do trono. Terei um médico, enfermeiras e tratamento de alto nível, mas não terei Edward. Os homens ficam do lado de fora.

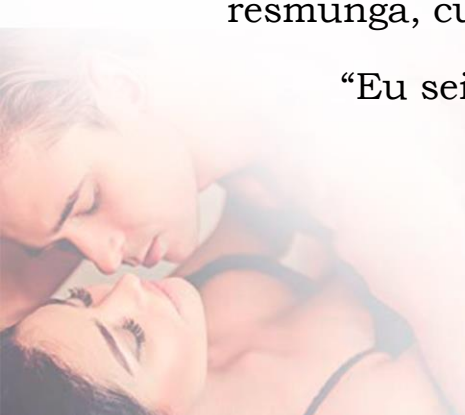
Ame ou deixe-as, estas são nossas tradições — uma parte de quem somos, de quem meu filho será.

Posso desafiar o Parlamento e o Palácio, discutir com meu Conselho de Assessoria — mas o que não farei é brincar com as tradições que afetam a forma de como meu filho pode ser visto pelo público ou pela Coroa. É um barco que não vou detonar.

Este bebê será o líder do nosso país, um herdeiro do meu trono e este nascimento será pelo livro. O livro real.

“O que sempre foi feito é estúpido pra caralho”, Edward resmunga, cutucando o tapete com a ponta da bota.

“Eu sei, mas ainda...”



Seguro seu queixo, acalmando a fera bonita e infeliz, trazendo seus olhos para os meus.

“A próxima vez que te ver, terei um presente para você — um novo príncipe ou princesa.”

Seus lábios se abrem naquele sorriso bonito e infantil.

“Sim.”

A enfermeira-chefe, uma mulher com um rosto severo como um cão husky — porque eles sempre parecem assim— faz um gesto para a porta dupla do salão. “Venha comigo, Majestade. Nós cuidaremos de tudo.”

Um momentâneo medo me atinge como um raio e acho que Edward vê isso. Mas o salão está cheio de pessoas — assistentes, guardas e equipe médica — sendo assim, ele não pode me segurar do jeito que sei que quer. Do jeito que eu quero que ele faça.

Em vez disso, ele dá um beijo firme e demorado na minha testa e aponta para o banco de couro no corredor. “Estarei esperando, bem ali.”

“Não, não — você vai ficar entediado. Vá jogar squash ou polo ou... junte-se a um jogo de cartas com Michael.”

Ele olha nos meus olhos. “Estarei aqui.”

Dou um sorriso e aperto sua mão uma última vez. E então a solto.



Edward

Não me preocupo nas primeiras quatro horas. Nem às oito horas ou até às doze. Sei o suficiente sobre partos para entender que alguns nascimentos — especialmente os primeiros — podem levar tempo. Os criados trazem comida e bebida para mim. Miriam, Alfie, Michael e Cora aparecem com frequência, esperando notícias. O Primeiro Ministro impede alguns membros do Parlamento, assim como Sheffield e os irmãos Tweedle — à procura de atualizações.

Às dezesseis horas, fico inquieto.

Às vinte horas, estou preocupado.

Às vinte e quatro horas, começo a me desesperar. Mas as enfermeiras entram e saem das portas duplas — acenando com a cabeça e sorrindo que a rainha está bem, o bebê está bem, tudo está bem e as coisas estão indo bem.

Então vinte e oito horas passam.

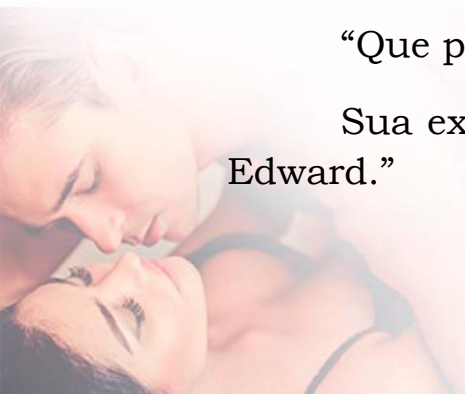
E mais trinta e duas horas.

Trinta e seis. E as enfermeiras param de sair.

Trinta e oito horas depois que Lenny entrou naquele quarto, uma finalmente surge. E libero o medo doentio que está me corroendo como ácido.

“Que porra está acontecendo aí?”

Sua expressão é tensa. “É um trabalho difícil, príncipe Edward.”



“O que isso significa?”

“O médico está fazendo tudo o que pode.”

Minhas mãos se fecham em punho e quero derrubar as paredes.

“Mas o que isso significa?”

E depois o mundo para — quando um grito penetrante e doloroso passa pelas portas duplas fechadas. O tipo que penetra em você e torce seu estômago... Cava em seu intestino e agarra sua alma.

“Edward!”

Meus pés correm em direção às portas.

“Alteza, você não deve...”

E corro passando por elas.

“Santo Cristo”

Não parece um quarto no palácio — é tudo branco e metal agora. As paredes estão cobertas por lençóis esterilizados; as enfermeiras e o médico estão vestidos de branco, seus rostos obscurecidos por trás de máscaras e tocas. Há uma luz forte, um monitor cardíaco, máquinas, um armário de aço e bandejas de instrumentos afiados de aço inoxidável. Pennygrove está no canto, coberta de branco — esperando, observando em silêncio.

Lenora está deitada numa mesa no centro, pernas levantadas e travadas com estribos nos tornozelos. Há um lençol branco abaixo sobre ela, e uma cortina em sua cintura, escondendo sua visão do médico e a metade inferior de seu próprio corpo. O ar é asfixiante — sufocando com o cheiro acobreado de sangue e com a forte onda de medo.

“Edward”, Lenora soluça, tentando me alcançar.

Vou até ela, pego sua mão e me agacho perto. Toco e acaricio seu cabelo. “Estou aqui, estou aqui, estou bem aqui. Estou aqui com você.”

Seu lábio está coberto de sangue seco, onde ela o mordeu. E a pequena e insignificante ferida me destrói. Seu rosto é uma bagunça de dor e lágrimas — seus olhos cheios delas, as bochechas molhadas, as respirações entrando e saindo com suspiros estremecidos e gaguejantes.

“Eles querem... Eles querem me anestesiar... E não quero ficar sozinha.”

Minha visão queima e embaça porque ela está sofrendo muito. E está com medo.

“Você não está sozinha, Lenora. Estou bem aqui, bem aqui com você.” Não consigo parar de tocá-la. Quero protegê-la com meu corpo, rastejar até a mesa e a segurar até que ela esteja calma. Quero pegá-la e tirar daqui — levá-la para longe, onde nada disso pode chegar perto ou a machucar.

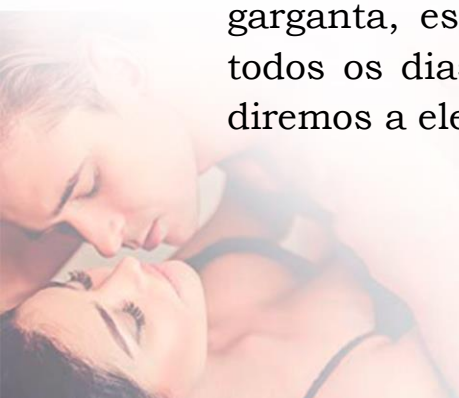
“Tudo será muito mais fácil quando estiver dormindo, Majestade. Mais agradável.” A voz sem forma do médico vem de trás da cortina.

“O bebê, Edward.” Lenora aperta minha mão. “Prometa-me que vai amá-lo.”

Acaricio seu rosto. “Claro que vou. Prometo. Eu já o amo.”

“E deve dizer a ele.” Sua voz quebra. “Você tem que dizer todos os dias. Isso é muito importante. Ele ficará tão triste se não souber.”

Parece que um pouco de areia está obstruindo minha garganta, estrangulando. “Eu vou, eu juro, vou dizer a ele todos os dias.” Beijo sua mão, os nós dos seus dedos. “Nós diremos a ele juntos.”



Ela fecha os olhos e respira fundo, expandindo lentamente os pulmões. A umidade se agarra a seus cílios como gotas grandes de chuva, mas quando os abre novamente, ela se acalma.

Resignada.

O tipo de renúncia quando não se sabe o que está por vir, mas já aceita, seja o que for.

Ela pressiona a mão no meu rosto. “Amo você, meu Edward. Eu te amei todo esse tempo. Estava com medo... mas não estou mais.”

Tentei mostrar a Lenora tudo o que ela significa para mim—trabalhei nisso, porque as ações sempre significam mais do que palavras. E dei a ela as palavras — palavras doces, palavras sinceras, palavras sexys... Mas nunca dei essas palavras. Não sabia que importavam tanto para ela.

“Lenora, eu...”

Mas a enfermeira já colocou a máscara em seu rosto e Lenny está tão esgotada que apaga num piscar de olhos.

“Ela está fora, doutor”, diz a enfermeira.

Sua voz muda para comandos. Pedidos urgentes.

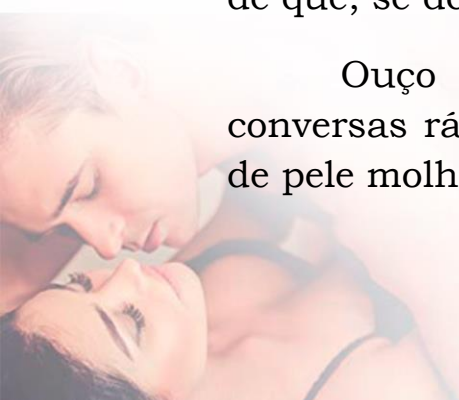
“Sucção.”

“Braçadeira.”

“Pinça.”

Não largo a mão dela. E não paro de olhá-la. Seu tom de pele é horrível... Seus lábios estão cor de giz. Observo-a respirar porque tenho uma grande e penetrante preocupação de que, se desviar o olhar, ela possa parar.

Ouço o zumbido de suas vozes, um zumbido de conversas rápidas das enfermeiras e do médico. E um estalo de pele molhada atinge o ar.



E depois... Um choro de bebê. É alto, cheio de vigor e absolutamente furioso.

“Wessco tem um novo príncipe”, diz o médico.

Há umidade em meus olhos, no meu rosto e nem me importo o suficiente para enxugar. Aproximo-me dela sussurrando. “É um menino, Lenny. É um menino. Nós temos um filho.”

Ela não responde. Nem se move.

E só agora percebo que algo está errado nesta sala. No ar. Um novo príncipe saudável acaba de nascer, mas não há alegria. Os olhos da enfermeira por cima da máscara estão arregalados e alertas. Há tensão, apreensão... Mas sem colaboração.

Lentamente, levanto e olho a cortina abaixo da cintura de Lenora.

E os ossos do meu peito se contraem e desmoronam se desfazendo como pó.

Já estive em guerra. Vi homens morrerem porque perderam muito sangue e o que Lenora está perdendo agora... É muito, demais. Ele encharca a mesa embaixo dela e há poças no chão. O médico está debruçado entre as pernas, trabalhando com movimentos rápidos, a enfermeira entrega os instrumentos na palma da mão enluvada — mas nada que ele faça diminui a velocidade.

“Ela está com hemorragia?”

“Você precisa sair desta sala”, responde o médico, sem levantar os olhos.

Uma enfermeira pega meu braço. “Venha comigo, Alteza. Você pode segurar o Príncipe no quarto ao lado.”

Empurro meu braço para longe, colocando força e autoridade em minha voz.

“O que está acontecendo?”

“Vá com seu filho, príncipe Edward.”

“Não vou a lugar nenhum até que me diga o que está acontecendo com ela!”

“A rainha está perdendo muito sangue”, diz o médico, ainda focado em seu trabalho. “Seu útero não está se contraindo; pode haver uma ruptura. Se o sangramento não for interrompido, tenho que operar e não posso fazer isso com você aqui — então saia!”

“Por favor, Alteza...” Uma enfermeira me acalma. “Deixe-o ajudá-la. Venha agora. Nesta direção.”

E não luto. Deixo-os me levarem. Porque não estou lá de qualquer maneira. Estou em outro lugar.

Estou na floresta ao redor do Castelo Anthorp, observando uma linda garota num cavalo tentando pegar o vento.

Estou no foyer, com uma risada a observando levantar a sobrancelha e cruzar os braços... Já completamente encantado.

Estou segurando sua mão num cobertor.

Beijando-a no seu escritório.

Não estou com medo.

Estou ajoelhado para ela em seu quarto.

Vejo o relâmpago em seus olhos em cima de um telhado.

Estou dando a ela um anel, esperando no altar... Amando-a sob um céu mágico.

“Edward? O que aconteceu?”

Alfie Barrister's com uma voz preocupada me chama de volta. Olho em volta das paredes escuras do corredor do lado



de fora do Salão Capela, onde estou sentado num banco ao lado de Michael. Miriam está aqui também, ao lado de Alfie.

"Edward?" Michael insiste.

"Houve... complicações." Digo. "O médico está resolvendo."

Olho para as minhas mãos, mas não as vejo. Vejo apenas os erros, os arrependimentos, repetindo-se como uma silenciosa bobina de filme.

"Eu fui cruel com ela quando Thomas morreu. Eu... As coisas que disse... Que ela não se importava. Por que eu disse isso?"

"Edward..."

Minha voz é uma sombra distante. "E fui embora. Eu a deixei por semanas."

"Edward."

"Todo esse tempo, todos esses dias, nunca os recuperarei agora. Eu jamais..."

"Edward!" Miriam aperta minhas mãos, tirando-me desse devaneio, levando meus olhos para os dela. "Ela é forte. Nossa garota é forte. Você tem que confiar nisso."

Uma enfermeira se aproxima, parando atrás de Miriam e fala comigo. "Gostaria de segurar o bebê, Alteza?"

"Não, ainda não. Eu vou... Vou segurá-lo quando a mãe dele o abraçar."

"Vou me sentar com o bebê." Miriam fica de pé. "Lenora não gostaria que ele ficasse sozinho."

Ela segue a enfermeira até a próxima sala, mas a porta está aberta e posso ouvir enquanto ela fala com meu filho.



“Olá, pequeno príncipe. Sou sua tia Miriam. Vamos nos divertir muito — vou ensinar-lhe todas as coisas que não deveria saber.” O som de emoção aumenta em sua garganta enquanto sua voz entope e embarga. “Sua mãe tem contado os dias para conhecê-lo. Ela está apenas... Ela acabou de se atrasar um pouco. Assim... você e eu sentaremos aqui e a esperaremos.”

E é isso que fazemos. Cada um de nós. Nas próximas horas, esperamos.

Ela parece uma princesa de conto de fadas sob um feitiço. Como a Branca de Neve, depois que mordeu a maçã e caiu em um sono profundo — com seus cabelos escuros, pele pálida, cílios grossos, camisola de prata e lábios que recuperaram um pouco do seu tom rosado.

O médico foi capaz de parar o sangramento a tempo. Lenora precisou de três transfusões para compensar o sangue que perdeu, mas não precisou operar. Eles a levaram para uma sala adjacente para recuperação — uma sala mais adequada — com cortinas de veludo, móveis antigos e uma cama dossel com lençóis de cetim e vários travesseiros. E agora ela dorme, sob efeito da anestesia, da perda de sangue e do trauma do nascimento.

Sento ao lado dela — como seu príncipe encantado. Observo e a espero acordar. Minha garota teimosa leva tempo para isso, claro.

Mas, eventualmente, ela suspira profundamente e abre os olhos brilhantes, piscando para o teto. Sua cabeça vira para mim e antes que ela faça um som, beijo sua mão e lhe dou as palavras.



“Eu te amo, Lenora. Eu te amei todo esse tempo e vou te amar todo o tempo depois disso. E você saberá disso todos os dias. Todo dia.”

Seus lábios se abrem num sorriso deslumbrante. E a voz dela é suave e solene. “Eu te amo, Edward. E prometo dizer a você todos os dias. Todo dia.”

E então a mão dela se move para o estômago e ela olha para baixo. “O bebê?”

“É um menino.” Sorrio, meu corpo todo finalmente afundando na euforia.

“Um menino?” Ela ri com alegria. “Nós temos um menino?”

Eu concordo. “Quer que eu mande trazê-lo para você?”

“Oh sim, por favor.”

Chamo a enfermeira e apoio Lenny com uma dúzia de travesseiros. E eles o trazem, envolto num cobertor azul e fofo e o colocam em seus braços.

E ela o olha com tanto prazer, com tão puro e devotado amor, que é difícil respirar. Lenora dá um tapinha na cama ao lado dela e sento, envolvendo o braço em suas costas, apertando-a.

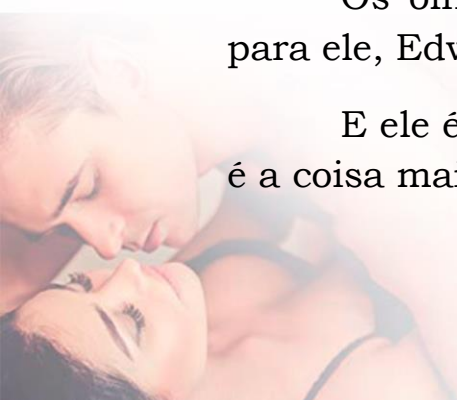
E juntos, olhamos para nosso menino — seu nariz precioso e boca minúscula perfeita, sobrancelhas delicadas e sua pequena bochecha que é muito macia para ser de verdade.

“Ele tem suas mãos”, ela diz.

“Ele tem o seu queixo”, noto.

Os olhos de Lenora são brilhantes e molhados. “Olhe para ele, Edward. Ele é tão lindo.”

E ele é — já estive em tantos lugares nesse mundo e ele é a coisa mais linda que já vi.



Ela inclina o rosto para mim. “Então... como vai nomear seu filho?”

“Quer que eu o nomeie?”

“Sim. Ele receberá seu título de mim, será um Pembrook, mas o resto... Você deve escolher.”

Olho-o e depois para Lenora e meu coração fica apertado pela devoção que tenho por eles. “Eu pensei... Gostaria muito de chamá-lo de Thomas.”

Os olhos de Lenny se enchem de lágrimas e toco sua bochecha.

“Mas não quero te deixar triste.”

Ela balança a cabeça e lágrimas escorrem mesmo quando sorri.

“Não, não estou triste, juro. É perfeito. Nosso Thomas... É completamente perfeito.”



CAPÍTULO 20

Lenora

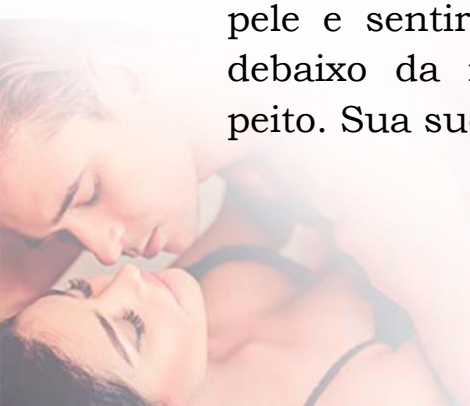
Três semanas depois

Há um relógio na parede do berçário decorado com imagens entalhadas de Humpty Dumpty e o gato e o rato de Hickory Dickory Dock, e a vaca que pula sobre a lua. O tique-taque dele é como um calmante metrônomo... mas não o escuto. Não de verdade.

Porque quando estou amamentando meu bebê e gentilmente balançando com ele na cadeira de balanço, todo o resto desaparece. Meus conselheiros alertaram contra eu mesma amamentar o Thomas. *"Você não terá tempo",* eles disseram. *"Muito pesado",* avisaram. *"Indecoroso",* criticaram. *"Você é uma rainha, não uma vaca leiteira."*

Mas uma das vantagens de ser a Rainha é que de vez em quando, consegue fazer suas próprias malditas regras — e essa é uma que eu estou fazendo e mantendo.

Passo o dedo sobre os fios escuros de cetim do cabelo de Thomas, hipnotizada. Gosto da sensação de segurá-lo pele a pele e sentir o baque de seu pequeno batimento cardíaco debaixo da minha palma quando coloco a mão em seu peito. Sua sucção diminui e seus olhos fecham.



Posso olhá-lo por horas, aquecendo-me na maravilha de todos os seus suspiros e respirações.

Achava que entendia como seria, achava que sabia, mas a maternidade é como Edward descreveu a guerra — surpreendente. Algo que tem que ser experimentado para ser verdadeiramente entendido. A profundidade do meu amor por Thomas me surpreende. Isso me faz sentir invencível e... Apavorada.

Porque não há nada — *nada* — que eu não faria por esse garoto.

Segurá-lo é como segurar meu coração inteiro na mão, mas ele é mais precioso. E, no entanto, ao mesmo tempo, há paz. Uma garantia calma e perfeita de que estou exatamente onde deveria, fazendo exatamente o que sempre pretendi fazer.

Há três certezas na minha vida, três coisas que conheço no fundo da alma: nasci para ser rainha, nasci para ser a esposa de Edward e agora, nasci para ser a mãe de Thomas.

E pelo resto dos meus dias, se nunca conhecer mais nada, isso será o suficiente.

"É hora de ir, amor."

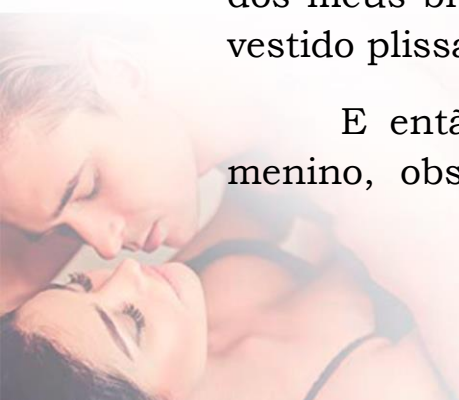
Levanto os olhos ao som da voz de Edward e vejo a ternura suave que está sempre em seus olhos quando ele nos observa.

Deslizo meu mamilo da boca de Thomas, seco-me com um pano e coloco meu seio no sutiã.

"Já? Perdi a noção do tempo."

"Você sempre perde." Edward sorri, levantando Thomas dos meus braços, para que eu possa abotoar o topo do meu vestido plissado azul claro.

E então assisto. Porque ver Edward segurar o nosso menino, observando-o pressionar um beijo suave em sua



pequena testa — atinge uma parte profunda e primária de mim — e não há nada na terra que possa ser mais sexy.

Ele põe Thomas em seu berço de marfim, aciona o celular e sons suaves começam a tocar. Então Edward vira para mim, ajustando minha gola e chapéu branco antes de me entregar as luvas curtas.

E ele se inclina e me beija com seus lábios firmes e quentes. Roço meu nariz contra o dele, respirando o cheiro de sol, verão e amor.

“Você está perfeita.” Ele diz.

Endireito sua gravata listrada cor de vinho e estendo a mão para escovar os ombros largos de seu terno cinza escuro.

“Você está perfeito também.” Digo de volta.

Edward me oferece o braço e passamos pela enfermeira em nosso caminho para fora do berçário.

“Voltaremos em cerca de duas horas” Edward diz.

Ela abaixa a cabeça. “Sim, Alteza, Majestade.”

Descemos a escadaria curva através do grande saguão de mármore, do lado de fora está o carro que nos levará à cerimônia de encerramento anual do Parlamento. Os conselheiros seguem seu próprio calendário de trabalho com um intervalo de um mês entre a sessão final e a primeira sessão oficial.

Um dos deveres do monarca é começar e terminar o ano parlamentar com uma bênção e um brinde de vinho. Possivelmente, vários brindes se as coisas correrem bem.

É como fazemos.

E assim, com Edward logo atrás do meu ombro direito, fico sob aquele familiar teto pintado de murais, enquanto as

Casas do Parlamento e os Senhores do Conselho de Assessoria ficam de pé e me encaram. Todos os amigos e inimigos que fiz ao longo do meu reinado até agora — aliados e inimigos que, tenho certeza, trocarão de lugar e depois voltarão com o passar do tempo — porque é assim que a realeza, a política e o governo funcionam.

Seguro meu copo na mão. “Foi um ano de mudanças, desafios e bênçãos incríveis e inesperadas.” Digo a eles, minha voz soando com clareza e confiança.

Olho rapidamente de volta para Edward, encontrando seus olhos, em seguida, encaro a frente novamente.

“Wessco tem um novo Príncipe e um novo herdeiro e juntos estamos em terreno sólido e seguro quando voltamos nossos olhos para o futuro.”

Olho os rostos desses homens velhos, tão focados em suas maneiras teimosas. Esse é meu Parlamento.

Uma mistura de orgulho e alegria surge no meu peito quando reconheço suas expressões. Os mesmos semblantes que usavam quando olhavam para meu pai ano após ano. Alguns deles olham para mim com apoio e amizade, alguns com ressentimento ou aborrecimento, mas todos eles — *todos eles* — com respeito.

Por mim. Finalmente. Sua rainha.

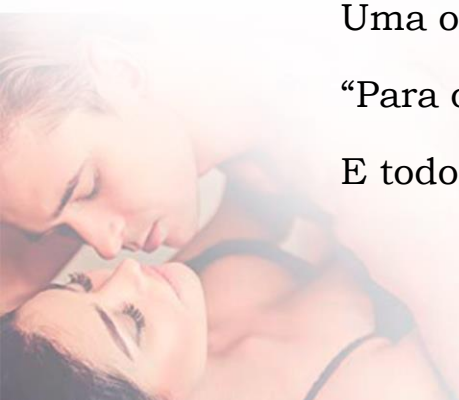
“Nós faremos coisas incríveis, meus senhores... Posso sentir nos meus ossos. Estou ansiosa para trabalhar com vocês no próximo ano e todos os anos que virão depois.”

Levanto minha taça de vinho. “Para o bem e a glória de Wessco.”

Uma onda de braços levanta suas taças em resposta.

“Para o bem e a glória de Wessco.”

E todos bebemos.



Meu marido se aproxima e seu olhar verde-escuro cintila em mim um momento antes de virar para a plateia e erguer o copo.

E sua voz rica ressoa pela sala. “Vida longa à Rainha.”

“Viva longa a Rainha!” Os Senhores do reino repetem e bebemos um pouco mais.

Edward pode ter dito “Viva longa a Rainha”, mas o que ouço entre suas palavras, em seu tom e na maneira como ele olha para mim é... *Eu te amo*.

Ele me dá uma piscadela indecente. E bato minha taça na dele.

“Saúde.”

Um mês depois

Em uma tarde, Edward e eu estamos na mesa de jantar nos aposentos privados do palácio, desfrutando de um almoço juntos.

“Miriam enviou uma carta”, digo a ele, segurando um envelope com a escrita familiar e confusa da minha irmã.

Edward limpa a boca com o guardanapo. “Ela está gostando da Grécia?”

Miriam casou. Novamente. No mês passado com um príncipe grego, quarto no trono. Não tenho ideia se vai durar e francamente não acho que dure. Mas ela parece feliz, e por enquanto, isso é suficiente.



Mostro-lhe uma fotografia de Miriam e seu marido em uma linda praia de areia, com ondas claras atrás deles. “Por enquanto, tudo bem.”

E é quando um rapaz de cabelos escuros entra na nossa sala de jantar. É uma coisa incomum de acontecer, mas ele parece inofensivo — jovem, talvez uns treze anos — com um gorro de jornaleiro na cabeça e as mãos nos bolsos... E um semblante infeliz no rosto. Ele observa as pinturas nas paredes e o intrincado gesso no teto com uma boa olhada e andando preguiçosamente.

“E quem você poderia ser?” Edward pergunta.

“Sou Fergus, príncipe Edward.” Ele se inclina para nós. “Rainha Lenora. É uma honra conhecê-la.”

Levanto uma sobrancelha para o garoto de aparência desagradável.

“Olá, Fergus. Como acabou na nossa sala de jantar?”

“Meu pai é Jonathon, o mordomo do andar de cima. Ele me fez vir com ele para começar a me treinar. Espero ganhar um lugar na casa quando o pequeno príncipe Thomas tiver seu o lugar.”

“Quantos anos tem, meu menino?” Pergunto.

“Tenho dez, mas vou fazer onze no verão.”

“Apenas dez? Mas essa carranca te faz parecer mais velho. Você não acha que é um pouco jovem para ser tão mal-humorado?”

O rapaz encolhe os ombros. “Não estou irritado... Essa é apenas a minha expressão facial, Majestade. Deus me deu apenas uma — não posso fazer nada sobre isso.”

“Como o treinamento de mordomo está indo?” Edward pergunta.

A equipe do palácio considera a maior honra servir a família real.

Fergus encolhe os ombros novamente. “Poderia ser pior.”

Apesar da disposição descontente, há algo muito genuíno sobre sua atitude. Honesto e real. Isso ainda é uma mercadoria rara por aqui.

O pai de Fergus, no entanto, não parece apreciar esses atributos.

“Fergus!” Jonathon resmunga enquanto passa pela porta da cozinha. “Eu te disse para ficar na cozinha, menino idiota!” Ele vira para nós e com um tom muito mais ponderado, diz: “Minhas mais profundas desculpas, Majestade e Alteza, por ele perturbar vossa refeição.”

Edward levanta a mão. “Está tudo bem. Deixe-o ficar.”

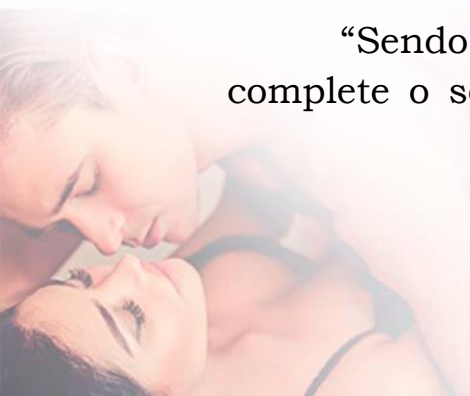
Jonathon abaixa a cabeça, depois assume seu lugar ao longo da parede. E Edward pergunta ao jovem e rabugento Gus. “Como trataria meu filho se fosse um membro de sua equipe?”

“Bem... Eu me certificaria de que ele tivesse tudo de que precisasse — esse é o trabalho de um bom servo. Mas eu gostaria de tratá-lo como um cara normal, tanto quanto possível. Pelo que vejo, ele terá o mundo inteiro clamando para beijar sua bunda — perdoe minha franqueza, rainha Lenora. Pode ser bom que um pequeno príncipe seja tratado como um de nós, normais, de vez em quando... mesmo que seja apenas dentro de sua própria casa.”

Meu marido sorri para mim. “Eu gosto dele.”

E aceno de volta, de acordo.

“Sendo assim, rapaz”, Edward diz. “Cuide do seu pai e complete o seu treinamento e quando atingir a maioridade,



farei de você o mordomo de Guthrie.” Ele bate na mesa. “Isso é uma promessa. O que acha?”

Fergus leva alguns momentos para pensar sobre isso. Então ele balança a cabeça, cospe na palma da mão e a estende.

“Eu aceito sua oferta, príncipe Edward.”

Edward cospe em sua própria mão, então ele e Fergus — o futuro rabugento mordomo do príncipe herdeiro de Wessco — apertam as mãos.

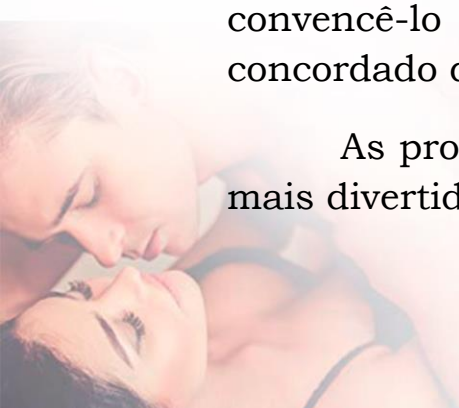
Três meses depois

O sol está se pondo quando entro no salão da frente e olho a tela de pintura de Michael. “Oh, isso está indo bem. Muito bem, Michael.”

“Pareço com um idiota de cavalo”, Edward resmunga do outro lado da tela. Ele posa para o retrato numa cadeira de couro, usando um colete de risca cinza perfeitamente ajustado e calças com uma gravata azul escura e os punhos de sua camisa branca enrolados um pouco. Ele está inclinado para trás, seus braços fortes cruzados com um sorriso nos lábios. Bem... Um sorriso quando seus lábios não estão muito ocupados reclamando.

Ele odiou a ideia desde o início. Precisei subornã-lo com todos os tipos de promessas indecentes e chocantes para convencê-lo a concordar... Embora suspeite que ele teria concordado de qualquer maneira.

As promessas indecentes e chocantes apenas tornaram mais divertido.



“Pare de fazer beicinho! Você parece devastadoramente bonito”, digo de volta.

“Tenho uma nova palavra imunda para você, Lenora — corrompido. É exatamente como me sinto.”

Reviro os olhos e balanço a cabeça. “Este retrato será pendurado logo atrás da mesa no meu escritório, para que eu possa olhar para o meu magnífico marido sempre que quiser.”

“Isso me lembra.” Michael coloca o pincel para baixo. “O retrato que pediu está pronto, Edward.”

Ele caminha até nós quando Michael tira algo do bolso. É um medalhão oval feito de ouro — do tamanho de meio dólar. Meu marido abre e dentro está uma pequena pintura. De mim. Meu cabelo está solto, emoldurando meu rosto em ondas escuras, enquanto olho para trás por cima do meu ombro com olhos brilhantes. Eu pareço eufórica.

Pareço... Linda.

Edward assobia. “Excelente.” Ele bate no braço de Michael. “É perfeito, companheiro. Obrigado.”

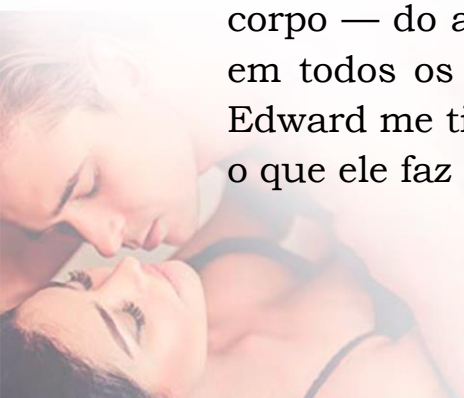
“Como fez isso?” Pergunto a Michael, mas Edward responde.

“Foi uma foto, antes de fazerem o cabelo no dia do casamento — uma das centenas e centenas de fotos que foram tiradas.”

“Eu lembro.” Sorrio.

“O palácio ia descartar, mas salvei e passei para Michael para que pudesse pintar para mim.”

Formigamentos quentes, arrepios tenros, ardem em meu corpo — do alto da cabeça até as pontas dos dedos dos pés e em todos os lugares entre os dois. É como me sinto quando Edward me tira do chão... E de certa forma, isso é exatamente o que ele faz agora. Mas com palavras em vez de seus braços.



"O que fará com isso?"

Ele se aproxima e me beija, rápido, mas suave. "A mesma coisa que faço com todas as coisas que são preciosas para mim." Ele bate no bolso da camisa da frente. "Mantenho perto."

E um ano depois, Edward adiciona uma mecha do cabelo escuro de Thomas ao medalhão.

Edward

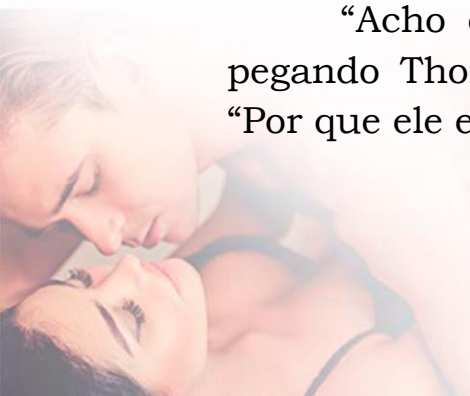
Naquela noite, Thomas está no centro da nossa cama, balançando os braços e chutando as perninhas. Não consigo parar o sorriso que vem aos meus lábios enquanto o vejo. Ou o sentimento de ternura possessiva que percorre meu peito enquanto olho para Lenora sentada na cama com ele.

Ela sorri para nosso doce garoto, encantada com cada movimento seu. "Às vezes não posso acreditar que ele é nosso."

Seu cabelo está solto e longo; nós dois estamos prontos para dormir. Lenora deu a Thomas sua última alimentação e a enfermeira da noite virá buscá-lo em breve, para colocá-lo para dormir durante a noite. Mas essas horas calmas e tranquilas antes disso fazem parte do nosso tempo com ele.

Tempo de todos nós juntos.

"Acho que entendo mais meu pai agora", diz Lenny, pegando Thomas e embalando-o em seus delicados braços. "Por que ele era assim quando estava comigo."



Sento ao lado dela na cama, massageando suavemente sua nuca.

“O que quer dizer?”

“Ele era mais velho quando nasci. Ele sabia que só tinha dez, talvez vinte anos comigo — para me ensinar todas as coisas que eu precisava saber. Acho que isso é por que ele me tratou mais como uma protegida do que como filha.” Ela passa a ponta do dedo na bochecha redonda de Thomas. “Se soubesse que meu tempo com ele seria tão curto, eu poderia ser dura também. Porque gostaria que ele fosse forte, como aço, para que ninguém pudesse machucá-lo. Então não poderiam dobrá-lo ou quebrá-lo. Esta vida, Edward — é tão fácil de ser quebrada.”

A pequena boca de Thomas se abre num bocejo. Lenny beija sua bochecha, depois inclina a cabeça no meu ombro, olhando para ele, com sua voz melancólica.

“Mas somos jovens. Teremos anos e anos e anos com Thomas. Nós seremos fortes para ele e o protegeremos. Ele irá para a escola e terá amigos. E vai correr, brincar e rir...”

“E ele vai balançar”, termino por ela.

Quando ela me olha, acaricio sua bochecha com o polegar. “Terei balanços pendurados em todos os cantos dos jardins para que você e nosso menino possam balançar a qualquer momento que queiram.”

Ela sorri suavemente. “Acho que meus dias de balanço ficaram no passado, Edward.”

“Não se eu tiver algo a dizer sobre isso.” Pressiono um beijo em seus lábios bonitos e envolvo o braço ao seu redor. “Eles estão apenas começando, Lenny.”



EPÍLOGO

Edward

Dois anos depois

Sentamos num cobertor xadrez amarelo, com uma cesta de piquenique cheia e uma garrafa de champanhe gelada, cortesia de Cook, esperando nas proximidades. Estou no meu calção de banho e Lenora em um maiô de bolinhas vermelhas que provoca vislumbres de todas as melhores partes. A segurança está aqui, mas longe o suficiente para não parecer que estão realmente aqui.

Parece que somos só nós.

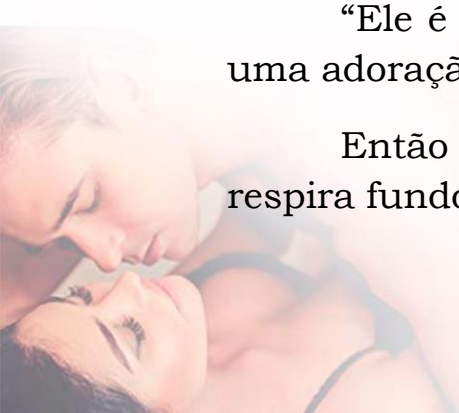
Nossa família.

Thomas corre ao longo da costa, perseguindo as ondas, com a babá sempre por perto. O ar é quente, mas a água é fria — embora ele não se importe. Nosso pequeno príncipe brinca muito, balança alto, ri alto e nada como um peixe.

Ouço a babá soltar um suspiro e virar a tempo de ver Thomas entrando no oceano. Gargalho e Lenora também.

“Ele é total e completamente um menino”, ela diz, com uma adoração divertida.

Então ela fecha os olhos, inclina o rosto para o sol e respira fundo, um sorriso satisfeito em seus lábios. Ela parece



pacífica. Feliz. Completamente amada e isso parece fantástico nela. Meu peito aperta com a minha felicidade — e orgulho — porque gosto de pensar que tenho algo a ver com isso.

"Uma moeda por seus pensamentos?"

Lenny vira o sorriso para mim e é ofuscante. Então, ela olha o cume em direção ao castelo Anthorp, para a floresta, depois para a praia, rochas e as ondas quebrando.

"Este é o meu lugar favorito no mundo inteiro."

Ela diz com um suspiro quase reverente.

Descanso meu cotovelo ao lado dela. Perto o suficiente para sentir o calor em sua pele aquecida pelo sol e sentir o cheiro dos lilases em seu cabelo.

"Este lugar antigo? Por quê?"

"Feche seus olhos."

Quando não cumpro imediatamente, ela coloca as mãos sobre os meus olhos e belisco seu polegar com os dentes.

"Vá em frente", ela ri roucamente.

E bem ali com o riso de Thomas... é o meu som favorito.

"Feche seus olhos."

Quando faço, ela me diz "Agora ouça."

Faço o que me é dito por alguns segundos, então abro um olho, encontrando seu olhar suave.

"Não ouço nada."

"Exatamente. Nada além de ondas, pássaros e as árvores balançando. Sem pessoas ou obrigações, sem câmeras ou imprensa. Nada por quilômetros... mas há espaço. Posso pensar aqui, posso respirar aqui, consigo ser eu mesma aqui."



Ela levanta a mão e aperta com ternura meu queixo. “Eu não quero nada mais do que estar com você e Thomas a cada momento, em todos os dias, para sempre.”

Pego sua mão e beijo a palma.

“Eu te amo. Mas, novamente, amo todos os seus eus. Não pense que serei capaz de escolher um favorito.”

“*Todos* os eus?”

Beijo o nariz dela.

“Todos.”

Lenora fica em dúvida.

“E quanto ao eu que é teimoso?”

“Adorável.”

“Mandona?”

“Incrivelmente sexy.”

“E o eu quando estou com raiva?”

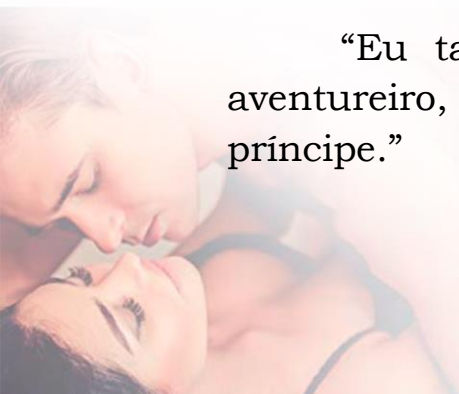
“Ainda mais sexy. Faz com que eu queira colocar essa sua boca para melhor uso e encontrar o sofá ou a parede mais próxima para resolver toda essa fúria apaixonada.”

Ela ri de novo — e a puxo para mais perto, então estamos ambos de lado, encarando um ao outro, a poucos centímetros. Minha voz é áspera e quente, como a areia abaixo de nós.

“E quando você está feliz... Maldição... Não consigo tirar meus olhos de você.”

Ela inclina a cabeça, olhando-me.

“Eu também amo todos os seus eus, Edward. Meu aventureiro, meu protetor, meu maravilhoso, belo e perverso príncipe.”



“Bom ouvir isso.”

Minha mão percorre sua coxa, através do quadril, deslizando até a pele de sua barriga. Meu polegar corre para frente e para trás, devagar, logo abaixo do seio. E estou prestes a beijá-la —quando um monstro de areia molhado de dois anos de idade se lança sobre o cobertor entre nós.

“Mamãe, papai — olhem!”

Ele segura uma pequena concha em sua mão rechonchuda — e Lenora e eu reagimos como se ele tivesse encontrado ouro.

“Bom achado, rapaz!”

“Isso é maravilhoso, querido!”

Os grandes olhos verde-acinzentados de Thomas saltam entre nós.

“Nadar? Vamos nadar!”

Aceno e o pego com uma mão e puxo Lenny do cobertor com a outra mão. E nós três mergulhamos, nadamos e encontramos tesouros de conchas até o sol se pôr.

Tarde da noite, um movimento na cama me acorda. Abro os olhos para ver minha Lenora saindo de debaixo das cobertas e indo até a janela. Por um momento apenas a olho — o cabelo flui solto pelas costas em espirais escuras e brilhantes. Ela é banhada pela luz do luar prateado — ela brilha em sua camisola que beija sua pele pálida e perfeita com um brilho indecente. Ela é celestial — uma criatura celeste e um espírito tentador, tudo em um — e ela me tira o fôlego.



Saio da cama e fico atrás dela na janela, envolvendo os braços em sua cintura e pressionando um beijo suave em seu ombro.

“Você está bem, amor?”

Ela se inclina contra meu peito nu.

“Eu tive um sonho.”

“Humm... Foi o tipo em que estamos nus?”

A vibração de sua risada passa entre nós.

“Não, não esse tipo de sonho.”

“Que pena.” Descanso meus lábios contra sua têmpora. “Fale-me sobre isso de qualquer maneira.”

A voz de Lenora fica aérea, distante, como se ela ainda estivesse sonhando.

“Eu estava num jardim tomando chá e ao meu redor havia risos, amor e felicidade. Eu podia sentir no ar, como o calor do sol. E havia crianças... Muitas delas. Havia uma menina doce com belos olhos azuis escuros e eles a chamavam de Anna. E havia um garotinho bonito chamado Langdon e outro chamado Edward... E ele tinha seu cabelo.”

“Esses são bons nomes para bons rapazes.”

“E havia outra garota — uma pequena, mas ela era corajosa. Ela imitava cada movimento que eu fazia.” Lenora ri. “Até o jeito que segurava minha xícara de chá.”

Ela balança a cabeça ligeiramente, com sua voz suave. “E parecia, não exatamente como se fossem nossos, mas ainda assim... Como se pertencessem a nós. A você e a mim, Edward.”

Lenora vira nos meus braços, os olhos redondos e prateados ao luar enquanto me olha.



“Acha que isso é bobo?”

Passo as costas da mão em sua bochecha, apenas para sentir sua suavidade.

“Não, não acho bobo, doce menina. Acho que é um lindo sonho. Um lindo destino. Acho que o riso e a felicidade e todos aqueles lindos garotinhos serão nossa dinastia. Eles serão as alegrias que deixaremos para trás.”

Inclino a cabeça e pressiono os lábios em seu pescoço de seda, falando as palavras contra sua pele.

“O meu e o seu, para sempre e sempre.”

Suas mãos roçam meus braços, meus ombros, depois meu pescoço.

“O meu e o seu, para sempre e sempre”, ela sussurra, pressionando seu corpo contra o meu, inclinando-se para o meu toque.

Minha esposa, meu amor, minha rainha... Minha vida. Eu a beijo profundamente — nossas línguas dançam e nossos gemidos se misturam. E então a pego em meus braços.

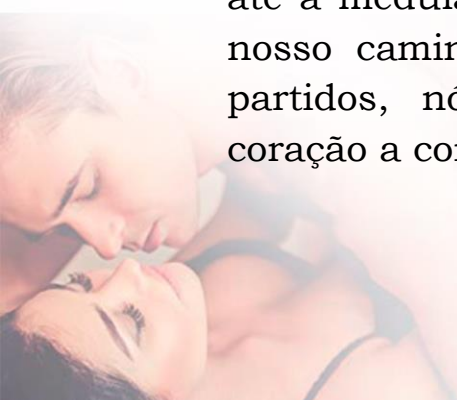
“Vamos começar com as crianças, imediatamente.”

Lenny joga a cabeça para trás e ri enquanto a levo para a cama.

“Que ideia maravilhosa...”

Ela acaricia meu queixo com beijos indo até minha boca. Então ela pressiona seus lábios nos meus com toda a doçura, paixão e ternura que tem para dar.

A vida pode ser uma fera cruel e imprevisível — mas sei até a medula dos meus ossos que o que quer que surja em nosso caminho, sejam quais forem as alegrias e corações partidos, nós os enfrentaremos juntos. De mãos dadas, coração a coração, lado a lado, Lenora e Edward.



E quando nossos corpos forem poeira no chão e nossas almas forem unidas em qualquer que seja a vida após esta, a lenda de nossa história e o eco de nosso amor viverão para sempre.



